PÔSTERES: METALLICA | PRETTY MAIDS

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ESPECIAL

ANOS 90

120 DISCOS MARCANTES COMENTADOS

A Revolução de Estilos

OS **FESTIVAIS** E **SHOWS** NO BRASIL

A FORÇA DA **MTV BRASIL**

OS ANOS DE **OURO** DO **CD**

A ERA DOS **EXTREMOS** (DEATH E BLACK METAL)

GRUNGE: A HERANÇA DE **SEATTLE**

A DÉCADA DO **METAL MELÓDICO**

O **METAL** NAS **RÁDIOS**

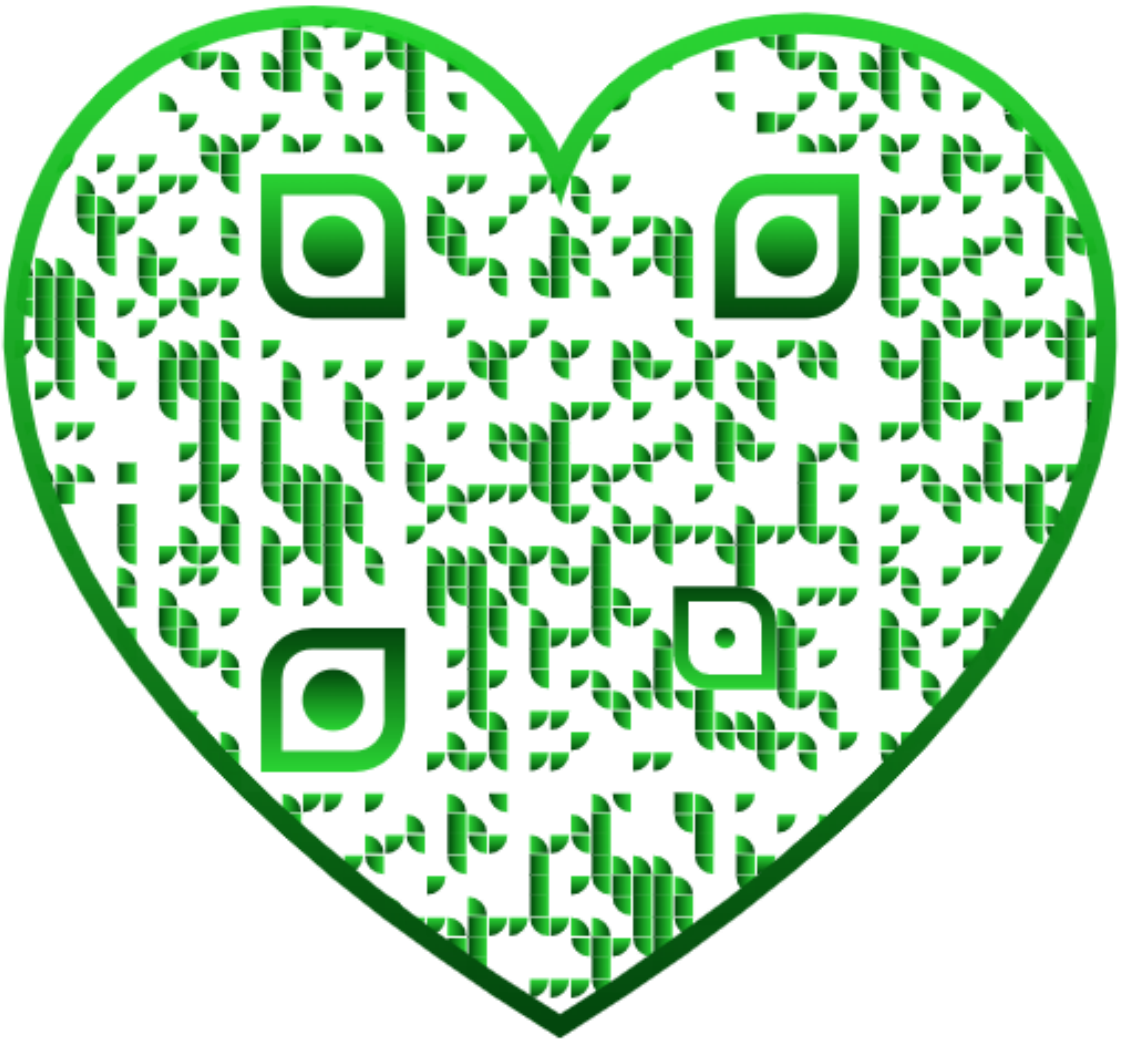
O IMPACTO DO **PANTERA** NA CENA

DREAM THEATER E O PROG METAL

O TRIBUTO A **FREDDIE MERCURY**

SEPULTURA, ORGULHO BRASILEIRO

E MUITO MAIS!



TOP LINK MUSIC: TURNÊS 2020

06 DE MARÇO DE 2020 (SEXTA) - TOM BRASIL - SÃO PAULO/SP - WWW.SYMPLA.COM.BR

18 DE ABRIL DE 2020 (SÁBADO) - TOM BRASIL - SÃO PAULO/SP - WWW.SYMPLA.COM.BR

01 DE MAIO DE 2020 (SEXTA) - TROPICAL BUTANTÃ - SÃO PAULO/SP - WWW.TICKETBRASIL.COM.BR

10 DE MAIO DE 2020 (DOMINGO) - TROPICAL BUTANTÃ - SÃO PAULO/SP - WWW.TICKETBRASIL.COM.BR

2ª PARTE DA TURNÊ DE DESPEDIDA - MARÇO

ROCKING ALL MY DREAMS

PAULO BARON ROJO

A HISTÓRIA DO MEXICANO QUE RODOU O MUNDO PRODUZINDO OS MELHORES SHOWS DE ROCK DA ATUALIDADE

COMPRE JÁ: WWW.TOPLINKMUSIC.COM/HOTSITE

@TOPLINKMUSIC
/TOPLINKMUSICOFICIAL

arte: www.jduartedesign.com

TOP LINK MUSIC
APRESENTA
TURNÊ DE DESPEDIDA
UFO
10 DE MAIO DE 2020 (DOMINGO)
LOCAL: TROPICAL BUTANTÃ - SÃO PAULO/SP
VENDA DE INGRESSOS: GALERIA DO ROCK: LOJAS CONSULADO DO ROCK E LONDON CALLING
E BILHETERIAS DO TROPICAL. ONLINE: WWW.TICKETBRASIL.COM.BR
arte: www.jduartedesign.com
RÁDIO & TV CORSÁRIO
www.radiocorsario.com
TROPICAL
TROPICAL BUTANTÃ
AV. VALDEMAR FERREIRA 93
A 200M DO METRÔ BUTANTÃ
@TOPLINKMUSIC
/TOPLINKMUSICOFICIAL

ÍNDICE

06 **CENÁRIO**

12 **ROADIE MAIL**

14 **ESPECIAL ANOS 90**

- 14 Introdução
- 16 Discos comentados - Parte 1
- 38 Festivais e shows no Brasil
- 42 Discos comentados - Parte 2
- 56 A força da MTV Brasil
- 58 Discos comentados - Parte 3
- 64 Os anos de ouro do CD
- 66 A era dos extremos

68 **RELEASES**

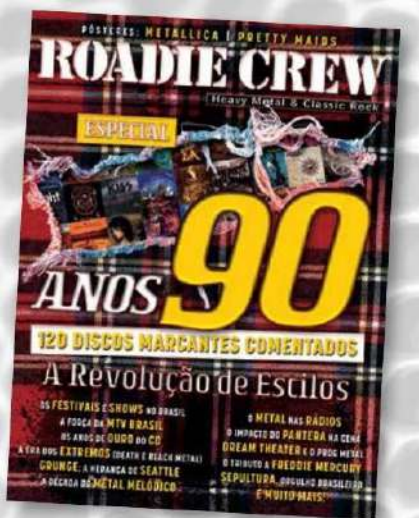
74 **ESPECIAL ANOS 90 (sequência)**

- 74 CENA NO BRASIL - ANOS 90
- 82 GRUNGE: a herança de Seattle
- 83 A década do metal melódico
- 84 Bruce Dickinson, Rob Halford e Ronnie James Dio: altos e baixos
- 86 Metal nas rádios
- 88 A Expomusic
- 90 O impacto do Pantera na cena
- 92 Dream Theater e o prog metal
- 93 O tributo a Freddie Mercury
- 94 Viper, Andre Matos e Angra
- 95 Sepultura, orgulho brasileiro

96 **COLUNISTAS**

It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood / A Look At Metal / Campo de Batalha

98 Revistas e publicações dos anos 90



CARTA DO EDITOR

ANOS 1990: METAL SE MANTÉM FIRME NO MAINSTREAM

Na década de 1980 o heavy metal já tinha atingido uma grandiosidade tal que a venda de discos se contava aos milhões e os shows das principais bandas se tornaram megaeventos, lotando estádios e grandes arenas pelo mundo todo. Os anos 1990 deram continuidade a essa expansão de popularidade abrindo espaço para o crescimento incontrolável de grandes festivais, alguns deles memoráveis, como o Monsters of Rock (Inglaterra, a partir de 1980, e sucedido pelo Download Festival), Dynamo Open Air (Holanda, iniciado em 1986) e o Wacken Open Air (Alemanha, que teve sua primeira edição em 1990). Isso para citar apenas alguns dos classificados entre os maiores, e que são dedicados especificamente ao rock realmente pesado.

Em 1991 o *Black Album* do Metallica atingiu a posição #1 em vendas pelo chart da Billboard, e o Pantera, em 1994, foi festejado como o primeiro grupo de metal extremo a chegar também ao primeiro lugar na mesma Billboard com o álbum *Far Beyond Driven*. Quantidade de peças vendidas já foi uma das formas de se medir o sucesso de produções musicais, mas isso não tem muita importância para quem faz sua arte com paixão. Mesmo com as mudanças ocorridas no mercado fonográfico a partir do século XXI, e já com o predomínio da tecnologia digital na comercialização da música como produto, a quantidade de bandas que fazem rock/metal só aumentou. Ainda vemos astros com muitos anos de vida e de profissão, vários com mais de 70 anos nas costas, vibrando com seu trabalho e rodando o mundo para levar alegria para os fãs de todas as idades. E a cada dia aparecem novas bandas, cujos componentes não se preocupam se vão chegar ao porte dos grandes nomes que os inspiraram a fazer música de qualidade.

Nós, que convivemos neste cenário do rock e heavy metal, temos consciência de que a atração por essa arte transcende o simples gosto por um gênero musical. É o tipo de música feita com extrema competência por pessoas que amam o que fazem. Mais que isso, sabem que há uma legião de apaixonados por essa música e que vão valorizar para sempre esse trabalho que não tem prazo de validade especificado. Cada obra lançada jamais se deteriora, você pode ouvir a vida inteira e ela não se desgasta.

Considerando a importância desse tipo de música para mim, e para a grande maioria das pessoas com as quais me relaciono, é impossível deixar de fazer um desabafo com relação a uma série de idiotices perpetradas contra o rock por um obscuro sujeito tido como "maestro", cujas opiniões chegaram ao conhecimento público através das mídias sociais.

Não é preciso ser um psiquiatra para diagnosticar a situação da saúde dessa pessoa como um caso escabroso de insanidade mental. Se faz necessário a imediata internação de um maluco desses, antes que ele cometa alguma loucura mais grave do que expor seus delírios em relação ao gênero musical mais democrático, e que é o único difundido e praticado em todos os países do planeta Terra. Dá pra se imaginar as origens do desenvolvimento dessa fantasia mórbida que habita o estreito mundinho que gira dentro da sua cabeça, mas, infelizmente, acho que deve ser algo incurável.

Airton Diniz

ROADIE CRUEW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 250
NOVEMBRO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Amler e Vinicius Neves

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
facebook/twitter: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Rock2You
O Seu Shopping de Rock na Internet
O maior e mais diversificado catálogo de produtos e serviços exclusivamente relacionados a Rock do Brasil!
IT'S ONLY ROCK AND ROLL BUT WE LIKE IT
Moda
Música
Decoração
Gastronomia
Ingressos
Aulas
+ DE 8 MIL PRODUTOS À VENDA
www.rock2you.com.br

HATEFULMURDER:
MOVENDO AS CORRENTES!

Após lançar o álbum de estreia, *No Peace*, em 2014, o Hatefulmurder decidiu ir além, e com a nova vocalista, Angélica Burns, lançou o ótimo *Red Eyes*, um álbum que foi muito além do que todos esperavam. Com o passar dos anos e muitos shows no currículo, a banda está, além de mais sólida do que nunca, ainda com mais vontade de experimentar e levar sua música até o próximo nível. É isso que mostram em *Reborn*, que contou com o apoio dos fãs desde o início de sua concepção. Mas, vamos deixar que Angélica Burns e o guitarrista Renan Campos nos contem essa história...

Renan Campos, Thomás Martin, Angélica Burns e Felipe Modesto contaram com financiamento coletivo para lançar o novo álbum

Da última vez que conversamos, vocês estavam lançando *Red Eyes*. Além da óbvia mudança no patamar musical que aquele álbum representou, que outro legado ele deixou para o Hatefulmurder?

Angélica Burns: *Red Eyes* foi o meu álbum de estreia na banda (antes dele, a banda lançou *No Peace*, em 2014, pela Cogumelo Records, com outro vocalista) e acho que ele veio para consolidar nossa vertente musical. Rodamos 22 estados pelo Brasil, fizemos festivais muito legais e conseguimos fazer nossa música chegar a mais pessoas. Acho que o papel do *Red Eyes* foi trazer essa bagagem necessária, firmar nossa afinidade musical e consolidar o Hatefulmurder na cena.

É parte do caráter musical de vocês mover as correntes, e levar a sua música para uma nova direção em cada movimento. O título do novo álbum, *Reborn*, tem a ver com esse sentimento?

Angélica: Somos pessoas muito diferentes, mas temos em comum a vontade de fazer essa banda acontecer, nunca ficar parados e nunca fazer o mais do mesmo. Para nós, é super importante a sensação de uma evolução contínua. E o título do álbum traz justamente isso. Existe sempre a oportunidade de você renascer, começar de novo a cada disco.

Já na primeira audição é possível perceber que vocês mantiveram a tradição de elevar o nível de sua música. Pensando nisso, quando estão compondo vocês conversam sobre o direcionamento que vão seguir?

Renan Campos: Obrigado! A gente tenta sempre fazer algo novo. Eu procuro compor as músicas ouvindo (literalmente). Acredito que quando você toca algum instrumento, sua audição se volta pra execução na maioria das vezes. Nas composições de *Reborn*, me preocupei em ouvir a música. Sentir o processo como ouvinte. Assim, minha percepção maior era de fã do tipo de som que eu faço.

***Spit Deception* é uma das músicas que melhor mostra a maturidade da banda hoje. Vocês diriam que o tempo extra que passaram juntos em turnês refletiu na sonoridade que encontraram aqui?**

Angélica: Essa também é uma das minhas favoritas. Com certeza, as turnês ajudam muito no entrosamento da banda. Quanto mais tempo juntos, mais entendemos o que cada um pensa, o trejeito de cada um. E isso, sem dúvida, se traduz na hora que a gente pega o instrumento para tocar, pois tudo flui muito mais naturalmente.

Ainda falando sobre *Spit Deception*, a música apresenta como mote principal o equilíbrio entre o extremo e o melódico, com vocais e guitarras preconizando cada elemento, respectivamente.

Renan: A maioria das músicas eu começo na guitarra, a voz fica por último. E nesse disco, em especial, tive uma preocupação maior em trazer mais harmonia para as músicas, deixando, assim, mais espaço para encaixar melodias na própria guitarra – já ciente da forma que a Angélica canta. Sentimos que esse 'contraste' soava muito bem. Mas cada música é uma onda.

Outra das minhas favoritas vem logo na sequência, *Sentimentos Artificiais*, que mescla vocais em português e inglês. A ideia não é inédita, mas devo confessar que foi uma ótima surpresa!

Angélica: Na verdade, essa foi por acidente (risos). Já sabíamos que queríamos colocar uma ou duas músicas em português. Thomás (Martin, baterista) escreveu uma letra toda em português para essa música, mas não estavam funcionando tão bem os versos. Só que o refrão era muito bom. Daí, Renan trouxe a ideia de colocar os versos em inglês e manter só o refrão em português. Hoje ela também é uma das minhas favoritas.

E quanto ao lado hardcore/punk explorado em *Santificado Seja O Meu Ódio*? A influência do crossover thrash já era perceptível antes no som de vocês, mas desta vez ficou latente, se tornou o elemento principal nesta música.

Renan: Essa música eu escrevi sozinho, comecei pela letra já pensando no que seria o instrumental. Sempre curti muito hardcore, até mais do que todo mundo na banda. A ideia da letra é um desabafo pessoal, e fala sobre usar um sentimento ruim – ansiedade, raiva, descontrole, medo – em favor do seu próprio levante. Foi um momento em que estava desanimado com muita coisa na minha vida pessoal, inclusive a banda. Aproveitei o feeling de ser legítimo e escrevi a letra. A música veio na sequência; lendo os versos eu conseguia ter uma ideia de como seriam os riffs. A partir daí, pirei em trabalhar algo mais próximo do thrash/hardcore, com a inserção de elementos eletrônicos em partes pontuais. Levei para Thomás e a gente foi elaborando juntos a parte do arranjo. Acho que conseguimos chegar onde queríamos. Sobre a cena hardcore, eu acho incrível! Temos bandas muito boas, super receptivas com outros gêneros. Adoro as bandas e o fato de não ter esse 'pedigree' que o metal tem, saca? Os caras se unem fazem tudo por conta. Acho realmente admirável. É tudo com menos frescura, mais direto. Adoro isso! É claro, tem seus pontos baixos, como qualquer outra cena. Mas, atualmente, vejo uma união, inclusive devido ao fator político, muito estável e forte. Acho maravilhoso.

Quanto aos elementos eletrônicos/industriais, qual é o segredo para agregá-los sem soar forçado ou descaracterizado?

Renan: A gente ouve de tudo. Então, sempre discutimos sobre isso. Como deveríamos inserir esses elementos, considerados até fora do metal, na nossa música. Mas, de uma forma pontual, ainda somos uma banda de metal (risos). Acho que é importante sentir o que cada música pede e quais recursos podemos utilizar para deixar a experiência mais interessante. E, claro, nos agradando em primeiro lugar. Não sei se existe segredo, mas uma coisa que faço muito é compor as ideias escutando como um ouvinte, não como um instrumentista. É importante diferenciar esse tipo de audição.

Vocês decidiram trabalhar com financiamento coletivo para lançar o álbum. Por que tomaram essa iniciativa e que vantagens/riscos perceberam com ele?

Renan: Sim! Foi uma decisão muito importante. Nos deixou mais responsáveis com nossos objetivos, nos deu uma percepção maior dos fãs da nossa música e nos aproximou dessa galera. Tudo com bastante pé no chão. A gente optou fazer isso por acreditar nessa relação de banda e fã. Encaramos os possíveis riscos, calculamos um valor que fosse bem real e fizemos. Não queríamos ficar atrelados aos planos de selos ou gravadoras, sentimos que essa experiência seria rica, e de fato foi. Conseguimos atingir 133% do valor total. Foi muito positivo. Uma ação para gente se orgulhar para sempre. Mas, é claro, isso não impede de futuramente assinarmos contrato com alguém.

Valtemir Amler

IGNITED:
FORJADO EM PURO AÇO

No atual cenário, garra e força são pré-requisitos básicos para se entrar no mundo da música, especialmente no mundo da música pesada. Formado em Santa Catarina por ex-membros do Herege, o Ignited mostra as qualidades citadas, mas ainda traz uma dose extra de talento e boas ideias para se diferenciar de seus pares. Em seu debut, *Steelbound*, a banda aposta na sonoridade mais tradicional do heavy metal, onde as guitarras e vocais precisam assumir os holofotes, coisa que o fazem com maestria. Com referências que vão de Judas Priest, Iron Maiden e Saxon até Savatage e Sanctuary, *Steelbound* é uma das mais gratas surpresas do ano!

Dalton Castro, Denis Lima, Mauricio Velasco e Sama Benedet: metal clássico na estreia com *Steelbound*

O plano inicial de vocês era entrar em estúdio e registrar duas músicas para um EP, mas depois decidiram caminhar logo para o álbum completo. O que sentiram nelas que os motivou a dar um salto mais audacioso?

Dalton Castro: Esse era o plano inicial e as músicas eram *Ignition* e *Pain*, que devem ter uma dezena de versões demo, com partes diferentes gravadas e editadas no meu home-studio desde outubro de 2016, quando Maurício (Velasco) me enviou por e-mail os grooves principais da bateria. Meses após, acabamos conhecendo Thiago Bianchi, que incendiou a ideia de que se fizéssemos um álbum teríamos um material muito mais interessante e com uma qualidade profissional, partindo desde a análise das ideias durante a pré-produção até a finalização. Eu possuo o hábito de sempre registrar ideias, mesmo que isoladas e aleatórias. Com isso, também existiam outros riffs interessantes e outros que passei a experimentar assim que decidimos pelo disco. Pode-se dizer que houve uma mistura de audácia com determinação.

Vamos falar sobre *Steelbound*. A impressão inicial, causada por *Ignition* já é das melhores, pois exala heavy metal tradicional, trazendo em seu corpo todos os elementos que apreciamos das velhas bandas clássicas.

Maurício Velasco: Desde a primeira audição de *Ignition*, a gente tinha certeza que essa seria a música de abertura, por conta da sua energia, velocidade... Os riffs são muito tradicionais, a bateria e o baixo são bem marcados e o vocal é na cara. Acho que a música de abertura de um disco vai lhe mostrar o caminho que a banda quer levar você. Hoje em dia, da forma que a música vem sendo consumida pelos serviços de streaming, é quase um produto descartável. Então, o artista tem que prender o ouvinte na primeira canção. Despertar a sua curiosidade para continuar ouvindo o disco. Pelas suas palavras, acho que conseguimos atingir esse objetivo.

Aproveitando que falamos sobre a composição, gostaria que falassem um pouco sobre os vocais, que são um destaque em todo o álbum.

Dalton: As vozes foram um trabalho à parte. Tivemos um maior tempo dedicado na definição e experimentação de melodias e nas formas de registrar, com bastante análise. Thiago e Denis passaram horas ajustando cada detalhe dos vocais e nada ficou para trás, inclusive em modificações líricas. Posso dizer que as vozes tiveram uma direção de gravação bastante rigorosa e acredito que isso exigiu que a performance se elevasse.

Quanto às guitarras, é difícil encontrar um único riff que não recorde a razão de sermos fãs de heavy metal. Quando sabem que um riff está pronto, ideal para aparecer na música?

Dalton: Muito obrigado! Quanto à criação, ao tentar um riff pela primeira vez partindo do nada, não é possível saber se já nasceu pronto ou se precisará algumas variações e modificações, pois tudo depende do contexto. O primeiro ponto é que ele não existe sozinho e o groove é quem manda, mesmo que venha a ser executado sozinho, pontualmente, na música. Os momentos em que os riffs são criados são muito importantes, pois a inspiração não é como um botão que ativo quando quiser. Sendo assim, procuro captar as sensações que estão no ar, absorvendo as energias e situações do dia a dia. É como estar aberto às coisas boas tanto quanto às ruins que podem gerar boas músicas. A meu ver só estará ideal quando toda a banda funcionar junto e for divertido de tocar, incluindo a letra de modo coerente ao riff, a levada de bateria, e o mais importante de tudo: a reação das pessoas.

Vocês dizem que suas letras são basicamente elaboradas sobre acontecimentos vivenciados por vocês. Poderiam nos dar alguns exemplos?

Maurício: A letra que melhor define o momento da banda e que mais me identifico é *Ignition*, que fala sobre oportunidade. As oportunidades que surgem em nossas vidas não vêm por acaso, mas, ao mesmo tempo, passam muito rápidas na nossa frente. Simplesmente aparecem e somem, sem aviso prévio. Cabe a nós estarmos preparados para apanhá-las e aproveitá-las. Foi isso que aconteceu conosco. Ficamos quase 10 anos sem tocar juntos, contatos breves, pouco diálogo, morando longe, em estados diferentes. Mas aí, não sei se é coisa do destino, do universo que conspira, ou Kairós, como os gregos chamavam o Deus das oportunidades, resolveu aparecer. Voltamos a conversar do nada, trocamos ideias, as músicas surgiram e tudo se resolveu. A oportunidade surgiu, a ignição foi ligada e nesse momento estamos com os dois pés no acelerador, em busca dos nossos sonhos e não pretendemos pisar no freio tão cedo!

Dalton: Realmente boa parte das letras são momentos trazidos do mundo real para o lado artístico, tais como algumas situações vividas em trabalhos regulares, dificuldades e anseios. Também falamos sobre algumas questões existenciais em *Shining Void* e em *Roaring Gears* entramos um pouco numa ideia fictícia, sendo essa nossa música mais agressiva e que vai além do metal tradicional. A que considero muito importante, *Steelbound*, procura trazer o espírito de união e fortalecimento de todos envolvidos com o rock e com o metal.

Resta saber duas coisas: primeiro, quando veremos vocês apresentando essas músicas no palco? Segunda, quando veremos o sucessor de *Steelbound*?

Maurício: Fizemos nosso primeiro show no último dia 10 de novembro, no Opinião, em Porto Alegre (RS). Tocamos na abertura da 'Redemption Tour', com Noturnall, Edu Falaschi e Mike Portnoy. Uma noite incrível, em um palco clássico, como é o do Bar Opinião, e em um evento muito bem organizado. Agradecemos ao Thiago Bianchi novamente por fazer essa turnê e acreditar no metal nacional – o trabalho que esse cara faz pelas bandas independentes é fantástico! Sobre o sucessor de *Steelbound*, Dalton tem riffs para mais uns dois discos (risos)... Temos algumas ideias na gaveta, mas queremos divulgar *Steelbound* por muito tempo, pois foi lançado em 1º de novembro nas plataformas de streaming. Agradecemos pelo espaço. A gente cresceu lendo essa revista, cara. Gostaria de registrar aqui, também, que se você tem um sonho, corra atrás, lute por ele, que um dia ele vai se realizar. Quando você menos esperar, ele vai acontecer. O nosso sonho era um dia dar uma entrevista para a ROADIE CREW e olha onde estamos. A gente se vê na estrada!

Valtemir Amler

THE SECRET SOCIETY:
A ARQUITETURA DA MELANCOLIA

Fins e recomeços, no fim do dia, tudo na vida gira em torno da sua habilidade em terminar bem um projeto e, então, começar um novo com ainda mais paixão, vigor e qualidade. Sabendo disso, depois do fim do Primal, Guto Diaz (vocal e baixo), Fabiano Cavassin (guitarra) e Orlando Custódio (bateria) voltaram a se encontrar no The Secret Society. "A iniciativa de voltarmos a tocar juntos foi do Orlando, que nos procurou no final de 2016 e, a partir daí, começamos a conversar sobre um novo projeto. Os ensaios tiveram início no começo de 2017 e nossa estreia ao vivo no final do ano", contou Guto Diaz. "Não tínhamos um direcionamento musical definido, tudo foi acontecendo muito naturalmente", ele acrescenta, evidenciando a naturalidade com que a banda transita entre elementos de pós-punk, gothic rock e metal. Com alma gótica, poesia e bom gosto musical e estético, *Rites of Fire* promete ser mais do que uma ótima estreia.

Fabiano Cavassin, Guto Diaz e Orlando Custódio atualmente promovem o debut, *Rites of Fire*

Daniele Duraes

A primeira grande mostra do The Secret Society aconteceu há pouco mais de um ano, com o lançamento do clipe de *The Architecture of Melancholy*. Como foi a recepção dessa música na época?

Guto Diaz: Dos nossos três primeiros registros em estúdio, a escolha da *The Architecture of Melancholy* para ser nosso primeiro videoclipe foi a mais acertada. É uma canção que tem um clima bem melancólico e soturno e mostra bem a proposta da banda. Muitas pessoas dizem que temos essa pegada post punk/goth rock, mas não é nada forçado ou intencional, acabou saindo totalmente natural. Temos uma imensa bagagem musical e influências que vão do punk/hardcore ao thrash metal, passando pelo post punk, o goth rock e o death rock. Nós tivemos um excelente feedback e acredito que muitas pessoas vieram a conhecer e se interessar pela banda depois que assistiram o clipe.

Desde *The Architecture of Melancholy* esperávamos pelo lançamento do álbum do The Secret Society, o que acabou acontecendo este ano. Quanto de *Rites of Fire* já estava pronto naquela época?

Guto: Uma boa parte do *Rites of Fire* foi escrita naquele mesmo período inicial antes de nossa estreia ao vivo, músicas como *Mephistofaustian Transluciferation*, *Beyond the Gates* e a própria faixa-título já estavam sendo tocadas ao vivo por todo ano de 2018. Ao final de 2018 entramos em estúdio para a pré-produção do álbum, gravamos 17 musicas e dessas foram escolhidas 10 para lançarmos – nove entraram no álbum e uma vai ser nosso primeiro single de 2020. O engraçado é que músicas mais antigas, como *At Dawn We Sleep*, *Spirit in the Room* e *The Day of Reckoning*, acabaram ficando de fora do registro, dando lugar a outras compostas mais próximas da pré-produção, como *Memento Mori*, *The Final Cut* e *Chariots of the Gods*. Com as sobras de estúdio, já temos material suficiente para o próximo álbum e devemos iniciar as gravações em março.

Uma das músicas que mais gostei aparece logo de cara: *Mephistofaustian Transluciferation*. Ela foi originalmente composta para ser a faixa de abertura? Aliás, a ordem das músicas é algo em que atentaram?

Guto: A ordem das músicas foi pensada, mas somente após o término das gravações. Inclusive, foi pensado visando uma futura edição em vinil, com o lado A e lado B do álbum. *Mephistofaustian Transluciferation* inicialmente não era pra ser a faixa de abertura, mas após a gravação ela tomou outra proporção e acabou sendo a escolha certa.

***Memento Mori* traz em seu arranjo elementos do metal, e é outra que agrega uma ótima experiência ao ouvinte.**

Guto: Acredito que seja a que mais se aproxima do metal. Na época, lembro que os dois bumbos foram influências do Voivod, mas, mesmo assim, ainda tem muita influência de outros estilos. Liricamente, gosto muito dela e a letra foi inspirada nos livros Bobók, de Dostoievski, e Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. E ainda tem algumas citações de Hamlet, de Shakespeare, no refrão.

Gostaria também que comentasse sobre *Sleeping Over Debris*, e sua aura profundamente melancólica. Mesmo diferente, é uma música que se destaca no álbum, concorda?

Guto: *Sleeping Over Debris* é uma de minhas preferidas! É a mais melancólica, com certeza, mas tem um final pesado e inesperado. O protagonista acorda e descreve o 'sonho mais doloroso que já teve'. A sensação e a dor de estar 'dormindo sob escombros' do fim de um relacionamento, e tentar desvendar o quebra-cabeça que levou a esse fim.

Sabemos que enfrentaram uma situação complicada no início da divulgação do álbum quando, após o show na Horror Expo (SP), estiveram no Chile. Como enfrentaram esta situação complicada que aquele país vive e como foram os outros shows na América Latina, além, claro, de ser abertura para The Sisters of Mercy? O mercado da América Latina respondeu bem ao som de vocês?

Guto: Fizemos o lançamento oficial na Horror Expo, no dia 18 de outubro, e, no dia seguinte, embarcamos para o Chile, onde iríamos fazer a abertura para Tarja. Infelizmente, fomos pegos de surpresa com as manifestações, que tiveram início no dia anterior. Quando chegamos ao aeroporto no dia 19 à noite, Santiago estava um caos, sem transporte público, Uber e com toque de recolher. A produção não teve como mandar nos buscar e tivemos que ficar no aeroporto até 3h da manhã, quando conseguimos pegar um transporte clandestino até o hotel. No caminho, vimos o exército nas ruas e as barricadas ainda em chamas espalhadas pelas avenidas. No dia seguinte, as coisas ficaram ainda piores e as manifestações tomaram outra proporção. Nosso hotel ficava ao lado de uma das principais avenidas de Santiago e pudemos presenciar a movimentação dos manifestantes. A todo o momento passavam homens, tanques e caminhões do exército jogando jatos de água com gás lacrimogêneo para tentar dispersar os manifestantes. Foi muito emblemático no início da turnê *Rites of Fire* termos vivenciado esse momento histórico para o Chile. Já a turnê ao lado do The Sisters Of Mercy foi o ponto alto em nossa carreira. Tivemos uma recepção calorosa em todas as cidades. Fomos muito bem tratados pela banda e pela equipe, e acabamos fazendo amizade com os guitarristas Ben Christo e Dylan. Também viemos a saber, através do tour manager, que Andrew Eldritch tinha elogiado nossa versão de *Cry For Love*, de Iggy Pop, dizendo que é uma de suas músicas prediletas. No Rio de Janeiro, me encontrei com ele no camarim, e ele fez um comentário super positivo sobre a versão. Destaco nessa turnê os shows no Rio de Janeiro e na Cidade do México, que foram os mais intensos, e sinto pelo cancelamento do show em Santiago, pois, mais uma vez, não pudemos apresentar nossos ritos de fogo para os hermanos chilenos.

Valtemir Amler

INFECTOR CELL:
ESPÍRITO DO(A) 'DEMO' REVISITADO

Quando deram seus primeiros passos em 2006, os paulistas do Infector Cell já tinham muito claro o desejo de 'engrossar' o caldo das bandas de thrash/death metal que povoam a nossa cena. Assim, dois anos mais tarde, deram vazão às suas ideias com o lançamento da primeira demo, *Welcome To Brutal Reality*. Daquele momento até hoje, mais de dez anos se passaram, a banda mudou sua formação, assistiu mudanças no cenário, mas a gana e a vontade de fazer música brutal permanecem as mesmas. Assim, nada melhor do que revisitar o seu primeiro esforço e mostrar que o grupo permanece firme e forte em seus ideais. Totalmente regravado, com nova arte gráfica e agora lançado como EP, *Welcome To Brutal Reality* apresenta as novas armas do Infector Cell, que já pensa no próximo passo em estúdio, como nos contou o vocalista Allan Pereira.

Fernando Santos, Giovanni Tolosa, Allan Pereira e Fagner Oliveira: revisitando o passado com o EP *Welcome To Brutal Reality*

Divulgação

Até onde consta, o lançamento original de *Welcome To Brutal Reality* data de 2008, e era uma demo. De lá para cá, o que mudou e o que permanece o mesmo na música do Infector Cell?

Allan Pereira: Sim, o lançamento original foi em 2008, e sinto que estamos mais experientes, buscando evoluir em todos os sentidos. Esses dez anos trouxeram muita bagagem musical para a banda, mas a agressividade das músicas e a revolta nas letras continuam as mesmas.

Aproveitando essa ótima oportunidade, vamos fazer um mergulho na história do Infector Cell. Como era a vida de vocês antes de formarem a banda? O que costumavam ouvir, e quais foram os seus primeiros ídolos?

Allan: Nós todos estávamos na correria de estudar e 'trampar', já víamos exemplos de outras bandas que não haviam evoluído, e juntamos as ideias regadas a álcool (risos). E seguimos nessa batalha até hoje. Já escutávamos muitas daquelas bandas que são nossas grandes influências até hoje, como Slayer, Cannibal Corpse, Napalm Death, Deicide, Sepultura, R.D.P., dentre outros grandes nomes que são referências para a gente até os dias atuais.

Como nasceu o Infector Cell e como foi o processo para escolher o nome da banda, já que ele permanecerá para sempre como o primeiro indicador da sonoridade do grupo?

Allan: O Infector Cell é um projeto de 2006, idealizado pelo guitarrista Fagner Oliveira e o ex-baixista da banda, Guilherme Caetano. No mesmo ano, entrei para a banda como vocalista, e o baterista Vitor também se juntou a nós. Essa foi a formação dos primeiros shows do Infector Cell. Em meados de 2007, trocamos o baterista, com Fernando Santos assumindo as baquetas e, assim, a banda criou a estrutura que resiste atualmente. Quanto ao nome, não tem nenhum grande significado, na época apenas achamos que soou bem (risos).

Como era o cenário musical que encontraram nos primeiros dias? Como fizeram para se encaixar nele?

Allan: O cenário era bem mais difícil do que é hoje, os espaços eram mais restritos, havia menos profissionalismo de todas as partes, falta de estrutura, etc. Mas o Infector Cell sempre seguiu com 'sangue no zóio' e continuou cravando a bandeira na nossa cena underground. Sempre nos mantivemos ativos, seja com material físico – CDs e EPs – ou com clipes, e muita luta nos shows, tanto como banda quanto como público, fortalecendo a cena.

Em 2008, vocês lançaram a demo *Welcome To Brutal Reality*. O que ela representou na época?

Allan: O *WTBR* significa muito para a banda, foi uma das primeiras experiências do Infector Cell em estúdio de gravação, onde vimos todo o corre que é pra lançar, divulgar e etc. E essa demo, além da experiência, abriu muitas portas.

Mais de dez anos depois, vocês revisitaram este material. Por que decidiram regravar *Welcome To Brutal Reality*?

Allan: Decidimos regravá-la para comemorar os dez anos do lançamento oficial do primeiro 'trampo' da banda.

De que forma decidiram abordar o material da demo no novo EP, considerando que aquelas músicas são parte da história da banda?

Allan: Tentamos mexer o mínimo possível na estrutura das músicas e letras, mas agregamos o que os anos de estrada e gravações nos proporcionaram, e procuramos incluir isso no EP. Nós também reformulamos a capa, com um grande trabalho do Márcio Aranha, adicionamos um encarte que na versão oficial não tinha. Contamos com o grande Luiz Carlos Louzada (Vulcano, Hierarchical Punishenent, entre outras bandas) em uma das faixas, e vamos fazer uma divulgação mais ampla nessa celebração do primeiro registro oficial do Infector Cell.

Diferentemente daquele início, vocês contam hoje com o baixista Giovanni Tolosa. Como tem sido o trabalho com ele e o que sentem que ele agrega ao som da banda?

Allan: Giovanni Tolosa já chegou 'a milhão' na banda, com uma rotina de muito shows, com a regravação da demo agendada, com muitos ensaios. Considerando toda a forma da banda agir, ele se adaptou muito rapidamente a esse time de pinguços (risos). Ele é bem versátil e domina o instrumento, e está firme e forte conosco nessa correria.

Vocês diriam que é possível perceber a nova e revigorada identidade musical do Infector Cell neste novo EP? Como definiriam a música de vocês hoje?

Allan: Sim, somos uma banda mais forjada na estrada e bem mais experiente, já com um caminho bem focado em questão do som pesado, mas sem deixar a essência da banda morrer! O nosso som vem da mistura das influências de cada integrante, mas com muita velocidade e peso.

Existem planos para um novo álbum de inéditas? A quantas anda o processo criativo de vocês?

Allan: Sim, vem material brutal por aí! Estamos compondo as músicas do próximo álbum completo de inéditas, já temos alguns sons novos prontos, e mantemos o processo criativo da banda ativo, sempre com algo novo no radar, um riff, uma letra...

E o que podem nos contar sobre os planos futuros, turnês, clipes, merchandise, etc.

Allan: Agora estamos focados na divulgação de *WTBR* estamos fazendo alguns shows em suporte ao EP, e estamos planejando clipes e merchandise completo, com camisa, blusas, bonés, adesivos, e tal; lembramos que o nosso novo EP já se encontram disponível na loja da banda, e também diretamente conosco nos shows do Infector Cell. Agradecemos a todos que sempre nos apoiaram nesses anos todos, e, 'bangers', continuem apoiando a cena, e muito obrigado a toda equipe da revista ROADIE CREW pelo espaço.

Valtemir Amler

DARKTOWER:
(DES)OBEDEÇA O LÍDER

Presente há mais de uma década no cenário extremo nacional, o DarkTower deixou de ser promessa e se tornou um grupo de destaque com seu segundo álbum, *Eight Spears*, de 2016. Ótimas resenhas surgiram de todas as partes, garantindo à banda carioca a sua primeira turnê internacional, experiência que ampliou ainda mais seus horizontes. Agora, em seu terceiro e mais completo álbum, o DarkTower volta a conversar com a ROADIE CREW e explica como funcionou o processo de composição de *Obedientia*.

Rodolfo Ferreira, Raphael Casotto, Flavio Gonçalves, Rafael Morais e Rômulo Grilo, espalhando a palavra do caos em *Obedientia*

Da última vez que conversamos, o DarkTower estava encerrando o ciclo de *Eight Spears*. Olhando para trás, qual foi o legado que aquele álbum deixou para sempre na carreira de vocês?

Raphael Casotto: *Eight Spears* rendeu muitos momentos importantes, culminando com a nossa primeira turnê internacional. Fizemos inúmeros shows pelo Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, Equador e Bolívia, muitas pessoas conheceram a banda através deste álbum. E, também, foi um trabalho de extrema repercussão mundo afora, recebemos muitas avaliações positivas, tanto do público quanto da mídia especializada. Certamente, foi um grande marco em nossa carreira e temos certeza de que *Obedientia* terá um impacto muito maior.

Quando estão compondo, vocês costumam conversar sobre o caminho que pretendem seguir musical e liricamente?

Rodolfo Ferreira: Liricamente, sim. Desde o início, chegamos a um cauteloso consenso acerca dos conceitos que abordaremos em nossos álbuns, o que será escrito e transmitido. Musicalmente falando, todos compõem e trazem ideias, e assim começamos a traçar as conexões e uma sequência lógica entre as faixas. Desta forma, ainda que cada música tenha sua personalidade, inevitavelmente elas possuirão as devidas ligações com a identidade do DarkTower.

Perguntei isso por dois motivos. O primeiro é que, ouvindo *Obedientia*, é fácil notar que existe uma dinâmica muito latente, é perceptível que a banda se esforçou para criar um álbum em que cada música é, de fato, única. Isso deve exigir um grande número de ideias, organizadas de forma a fazer sentido musicalmente. Confere?

Rodolfo: É gratificante ver que as pessoas, mesmo externas ao processo, percebam este detalhe, pois, de fato, ele existe. Trazemos nossas músicas e trabalhamos juntos, para que todas elas façam parte do todo. Além disso, estudamos a melhor forma de sequenciarmos as músicas à feição do álbum, para que esta experiência seja a mais intuitiva e rica possível. Não queremos apenas despejar uma tonelada de riffs e variações. Temos algo a falar e almejamos que a dinâmica musical, mesmo que brutal e odiosa, seja fluída e interessante ao ouvinte.

O outro aspecto que salientei é o lírico. Embora seja difícil encaixar *Obedientia* como um disco propriamente conceitual, ele segue um tema que o percorre em diferentes aspectos. Nos dê uma ideia geral sobre a temática abordada.

Flávio Gonçalves: *Obedientia* é um álbum que versa, por um lado, sobre os complexos aspectos psicossociais do ser humano, a relação de servilismo e ignorância que é imputada aos rebanhos de seguidores de religiões de uma forma geral, alternada aos cânticos onde exaltamos o arrebentar destes grilhões, a exortação da desobediência e a retomada de rédeas do caminho pelo indivíduo, fazendo com que assuma a sua própria plenitude, sem submissão à líderes, mitos ou deidades, numa eterna escalada rumo à auto-emancipação do seu *ethos*.

***God Above Nothing* é um dos destaques, com linhas de guitarra muito variadas e que trazem aquele capricho nos arranjos que mencionamos antes.**

Raphael: *God Above Nothing* possui uma pegada bem extrema, riffs marcantes, um refrão melódico e um solo bem técnico. Quando tive as primeiras ideias para ela, percebi que seria uma das principais do trabalho. Imprimi muitas de minhas principais influências como guitarrista, e como ela seria um dos singles, pensamos em escrever algo que representasse, de modo atemporal, o que achamos do conservadorismo e deste beatismo religioso, ético e moral, que tem assolado o mundo inteiro, passar uma mensagem bem clara e direta sobre o quanto repudiamos tudo isso.

Outra que chama atenção é a faixa-título, que flui em diferentes caminhos da música extrema. Além do black/death metal, que outros gêneros fazem parte do caminho do DarkTower? Como eles se mesclam no caldeirão musical de vocês?

Rodolfo: Todos ouvimos outros estilos musicais além de death e black metal. Particularmente, também escuto diversos gêneros completamente à parte do metal, e acho que isso traz, de certa forma, uma linguagem mais ampla, que tento trazer para a nossa música, ainda que, obviamente, sem destoar do conceito e da identidade do DarkTower. Acredito que isso traz originalidade para sairmos da zona comum, que tantas bandas pecam e acabam percorrendo à exaustão. Além dessas nuances que me influenciam em questão de construção musical, posso afirmar que nossas influências como banda, além do death e do black metal, são bem enraizadas no heavy metal tradicional, de bandas como Judas Priest, Iron Maiden e Mercyful Fate, além de algo do thrash metal.

Com o álbum lançado, existem planos para turnês?

Raphael: Primeiramente estamos trabalhando a divulgação do novo álbum em território nacional. Por sinal, estamos respondendo a essas perguntas dentro de um ônibus a caminho de Recife, onde faremos mais um show. Certamente, planejamos a divulgação de *Obedientia* para fora do Brasil! Estamos analisando convites para alguns países da Europa e um retorno para determinados países da América do Sul. Continuem acompanhando os nossos próximos passos e nossos canais de divulgação.

Valtemir Amler

BRAVEHEART:
VIVENDO UMA NOVA 'LUA DE MEL'

Marcos Camillo, Michael Bahr e Juliano Natal não impõem limites para a música do BraveHeart

Alyson Pugas

"Me lembro que quando James Hetfield criou *Mama Said*, ele não tinha a intenção de utilizá-la no Metallica. Mas o Lars (Ulrich) disse que aquela música era o James, era o Metallica. Utilizo essa filosofia, de não limitar nossa música". O discurso do vocalista e baixista Michael Bahr guiou o BraveHeart. Sob a égide do "southern heavy rock", o líder do grupo de Curitiba (PR) – completado atualmente pelo guitarrista Marcos Camillo e o baterista Juliano Natal – criou obras de heavy/hard e canções mais intimistas de folk/southern. Tudo dependia de sua sensibilidade, daquilo que saía de seu imo e se transformava em acordes e melodias. Após um disco com ares mais acústicos, *Dedicated to my Heart* (2015), ele e o BraveHeart voltaram a atacar com temas mais pesados nos singles *Prisonbreak* (2018) e *Hell Yeah!* (2019). E quais seriam os próximos passos? Quem responde é o próprio Michael Bahr, que relembra alguns episódios de seu 'casamento' com a banda.

O BraveHeart comemorou 25 anos em 2017 partindo para sua primeira turnê pela Europa. O quanto a experiência no Velho Continente incrementou no trabalho da banda?

Michael Bahr: A ideia era ir para os EUA, mas tivemos alguns problemas e mudamos os planos partindo para a Europa. Foi bem interessante vivenciar um novo público. Os europeus são diferenciados, valorizam muito a música autoral. Lá, não precisávamos tocar covers. O que mais nos impressionou foi a estrutura para tocar. Tivemos, por exemplo, um show em Madri bem legal. Conseguimos influenciar a galera que não nos conhecia, e o pessoal pedia bis. Vendemos bastante 'merchan' também (risos).

Vamos falar um pouco sobre a história do grupo. Lá no início, a banda tinha outro nome, Black Aposteme...

Michael: Um nome horrível (risos).

(Risos) Bem, tanto que vocês o alteraram para BraveHeart.

Michael: Pois é. E quando isso ocorreu, em 1998, tinha gente que achou que era por conta do filme (N.T.: "Braveheart", de 1995; no Brasil, "Coração Valente"). E tinha um pessoal que achava que a gente tocava metal melódico, por causa do nome (risos).

A formação da banda também foi alterada, só que várias vezes ao longo dos anos. O curioso é que, em meio a tantos obstáculos superados nesse sentido, vieram conquistas como registros em EPs, singles e discos e shows ao lado de Savatage, Andre Matos e, em 2019, Black Label Society. Como foi para você vivenciar esse turbilhão de distintas emoções?

Michael: É como um casamento. Quando você gosta de uma pessoa, vivencia o lado ruim e o positivo. Quando criei a banda, foi com aquele sentimento louco de fazer rock. Mas depois que vinha algo legal, acontecia algo ruim. Gosto de rock e de estar no palco, isso me faz muito bem como pessoa, e gosto da minha música. Claro que houve momentos em que pensei em desistir, pois sempre tem alguém querendo puxar sua perna. Porém, encontrei pessoas que ajudam a somar. O Marcos Camillo, quando entrou em 2012, foi um 'plus' para mim. Estamos na mesma vibe, o que facilita tudo.

Existe algum período que você considere mais produtivo ou que apontasse para alguma direção mais promissora?

Michael: Acho que teve três momentos. De 2000 a 2002, tivemos uma formação muito legal, que abriu para o Savatage; achei que ali poderíamos engrenar. Outro momento se deu entre 2006 e 2008, época em que fizemos o EP *This House is My Head* (2006). E aponto ainda o momento que começa com a entrada do Marcos. Desde então, temos feito muita coisa, musicalmente falando, e sabendo usufruir de tecnologia, mídias sociais, audiovisual...

O BraveHeart soltou em 2019 o single *Hell Yeah!*, cerca de um ano depois do então último single, *Prisonbreak* (2018). É uma música típica da banda, mas ela parece ter um peso extra. De onde veio a inspiração para letra e música?

Michael: *Prisonbreak* tem a ver com depressão, um período ruim pelo qual passei no final de 2016. Externei esse período por meio de letras. E *Hell Yeah!* possui fragmentos disso ainda, uma vontade de se rasgar por dentro, mas o que fiz foi 'berrar'. Anteriormente tivemos um álbum completamente diferente (*Dedicated to my Heart*, de 2015), uma praia que não tínhamos explorado ainda, com um lado mais intimista, southern e folk. Tem gente que gosta mais do nosso estilo mais lento, mais folk. E tem gente que se familiariza mais com o lado pesado. Não temos uma regra para compor.

O termo southern heavy rock, utilizado para rotular o som do BraveHeart, ainda faz sentido nos dias de hoje?

Michael: Infelizmente as pessoas precisam de rótulos, uma coisa que sempre me incomodou, como ouvinte e músico. Quando se tem um pouco de tudo, a galera fica perdida do mesmo jeito. Mas gosto desse rótulo, porque nos diferencia.

A formação está estabilizada com você, Marcos Camillo e Juliano Natal desde 2018. Este é justamente o trio que gravou *Hell Yeah!* e abriu o show do Black Label Society em 2019. O que podemos esperar para o futuro?

Michael: Este ano foi mesmo legal. Abrimos para o Black Label, tendo o aval do próprio Zakk Wylde, que disse para a gente detonar no palco. Também tivemos uma vitória no concurso de bandas do festival Battle of the Bands do Hard Rock Cafe, em Curitiba. E conseguimos criar músicas novas. A *Hell Yeah!* foi a primeira, e teremos tempo para produzir mais coisas. O que vier na cabeça, estaremos produzindo. Teremos um novo trabalho, que será fazer a trilha sonora de um game. Gostamos de desafios.

Falando da parte audiovisual do BraveHeart, a banda conta com sua produtora, a Murder One Films, que produz os clipes do BraveHeart e de outros grupos. Como vem sendo esse trabalho desempenhado desde 2013, com o clipe para *Cold Mind*?

Michael: Sou professor de cinema e audiovisual em faculdades em Curitiba e vejo o audiovisual como algo importantíssimo. Quando estou produzindo uma música, já começo a pensar no clipe para ela. Para *Hell Yeah!*, pensamos em um vídeo de 360°, além de um lyric vídeo. E hoje mesmo (N.T.: entrevista realizada no dia 21 de outubro), estreamos mais quatro vídeos para a música, sendo um play-through para guitarra, um para baixo, um para bateria e outro para a banda toda. Ou seja, *Hell Yeah!* contou com seis vídeos. Acho que está bom (risos).

Por fim, queria saber de você o que ainda falta para a banda em termos de música, turnês, shows...

Michael: A expressão musical sempre virá. Seria importante para a gente vivenciar turnês no Texas e na Califórnia. E, claro, como sonhar não custa nada, gostaria de abrir um show do Metallica.

Thiago Prata

Roadie M@il

Escreva para o "Roadie Mail" - Roadie Crew
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970 - São Paulo/SP

RUNNING WILD

Salve a todos da revista. Putz, fiquei chateado pela edição 248, por um "crime" que cometeram. Não é possível uma banda como Running Wild não ter uma música sequer comentada nessa edição especial. Os caras fabricam riffs eternos desde os anos 80 e nenhum fora lembrado. Ainda mais quando você vai lendo e se depara com essas bandas de metalcore ou algo parecido, citadas como se tivessem criado algo para posteridade do rock. Mencionar Avenged Sevenfold e nada de Running Wild. "Pelo amor de Deus", é sacrilégio! Isso sem falar de inúmeras outras grandes bandas que deveriam estar na edição. Mas se vocês têm a intenção de fazer uma "parte 2", estão perdoados.

Forte abraço a todos.

Rogério Augusto
Guarulhos/SP

Não só Running Wild, mas uma infinidade de outras bandas, concorda Rogério? Bem, felizmente nós curtimos um estilo musical abrangente, em que elencar apenas 100 riffs se torna pouco para mostrar a grandiosidade do heavy/rock. Mas agora eu fiquei curioso para saber quais riffs você teria listado da banda de Rolf Kasparek, que, por sinal, está lançando um novo EP, *Crossing The Blades*, que conta com o já divulgado cover de *Strutter*, clássico do Kiss. (Ricardo Batalha)

ESPECIAL DE RIFFS

Olá, amigos da ROADIE CREW. É um prazer escrever pela primeira vez, apesar de ser um leitor assíduo desde a edição 100. Não pude deixar de me posicionar sobre a mais nova edição especial da revista, "100 Grandes Riffs", que está sensacional! Aliás, as edições especiais da revista são sempre acima da média e um grande manual ou guia para conhecer cada vez mais sobre todos os estilos e vertentes da música pesada. Especificamente sobre a edição 248, achei 100 riffs muito pouco, poderia ser ao menos 300, já que ficou tanta coisa boa de fora, que imagino que não tenha acontecido em nenhum outro especial. Se eu citasse uma banda qualquer que está na lista com dois ou três riffs, tenho certeza que somente a mesma poderia ter contribuído com tantos outros. Valeu mais uma vez, é sempre uma satisfação a cada mês adquirir a edição da revista já que a qualidade é indiscutível e, como disse anteriormente, é sempre uma grande fonte de conhecimento. Obrigado a toda a equipe, e que venham muitos outros especiais.

Wladinei Lima
Toledo/PR

Salve, Wladinei! Muito obrigado pelos elogios, é sempre gratificante receber esse tipo de retorno dos leitores. E você está certíssimo, deu um trabalhão resumir a história dos riffs a apenas 100 – vou mais longe que você, creio que daria para chegar a 500 com muita facilidade! E já que você gosta de especiais, espero que curta agora o especial sobre os anos 90, marcando as 250 edições da ROADIE CREW. Forte abraço! (Antonio Carlos Monteiro)

SERGUEI

Obrigado pela entrevista com o grande In The Woods, banda que adoro. Parabéns pela justa homenagem a Andre Matos. Só não entendo por que não falaram nada sobre a morte do último hippie brasileiro, Serguei.

José Usuna Dias Alcantara
Jundiaí/SP

Salve José, obrigado pelos elogios! Mas quem disse que esquecemos do grande Serguei? Já estamos preparando um "Eternal Idols" sobre ele. Escreva sempre! (Antonio Carlos Monteiro)

100 RIFFS

Parabéns pela edição com os 100 grandes riffs do Metal. Fiquei escutando cada música selecionada e realmente são riffs de encantar os ouvidos. Nada como um bom riff de guitarra para fazer uma música ser atemporal. Conhecia muitos deles, mas outras músicas me surpreenderam. Curto demais as edições especiais da ROADIE CREW e também as entrevistas. Acho que o Daniel Dutra e o Valtemir Amler são muito bons nas entrevistas e realmente manjam do assunto. Continuem firmes e fortes nessa empreitada de trazer música de qualidade para todos. Obrigado.

Sandro Fullmans
Curitiba/PR

Fala Sandro, tudo certo? Que legal que você curtiu a edição especial dos 100 Riffs, e mais legal ainda que foi conferir cada um deles. A parte mais trabalhosa em um especial como esse é, sem dúvida, escolher as músicas que farão parte da lista. Por mais músicas incríveis que escolhamos, maior é a sensação de que estamos deixando algo muito importante de fora, e inevitavelmente isso acontece. Então, é ótimo saber que você foi até a fonte, e buscou entender as nossas escolhas. No fim, a nossa intenção é exatamente essa, promover música de qualidade. Obrigado por suas palavras, pode ter certeza, continuaremos fortes para trazer sempre o melhor conteúdo. Abraço, escreva sempre! (Valtemir Amler)

MEMÓRIA

"Levou um bom tempo para a gente se recuperar do que aconteceu com Layne (Staley), foi algo devastador. Provavelmente, foi uma das piores experiências da minha vida, uma perda irrecuperável para mim. Mas a verdade é que a morte é parte da vida, todos passaremos por ela, então não foi algo que aconteceu apenas conosco", Jerry Cantrell (guitarra e vocal, Alice in Chains), em entrevista publicada na ed. # 173 (junho, 2013).

roadiemail@roadiecrew.com
/roadiecrewmag
/roadiecrewmag
/roadiecrewmag

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

Envie o "Roadie Mail" (roadiemail@roadiecrew.com) colocando seus dados (nome completo, cidade/estado) e o seu TOP 3. Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
Dr. Sin - *Back Home Again*
Alcest - *Spiritual Instinct*
Venomous - *The Black Embrace*

Ricardo Batalha (Editor Chefe)
Work of Art - *Exhibits*
Slayer - *The Repentless Killogy*
Hellyeah - *Welcome Home*

Leandro de Oliveira (Diretor de Arte)
Pretty Maids - *Undress Your Madness*
Airbourne - *Boneshaker*
Darkseed - *Astral Adventures*

Fábio Thiago Mendes (Leitor)
Slayer - *The Repentless Killogy*
Jinjer - *Macro*
Savatage - *Gutter Ballet*

Augusto Medeiros Pinho (Leitor)
Iron Maiden - *Dance of Death*
Judas Priest - *Painkiller*
Accept - *Balls to the Wall*

Adriano Caruso (Leitor)
Nile - *Vile Nilotic Rites*
Alter Bridge - *Walk The Sky*
Slipknot - *We Are Not Your Kind*

A mescla perfeita entre Metal, Fusion e Jazz.

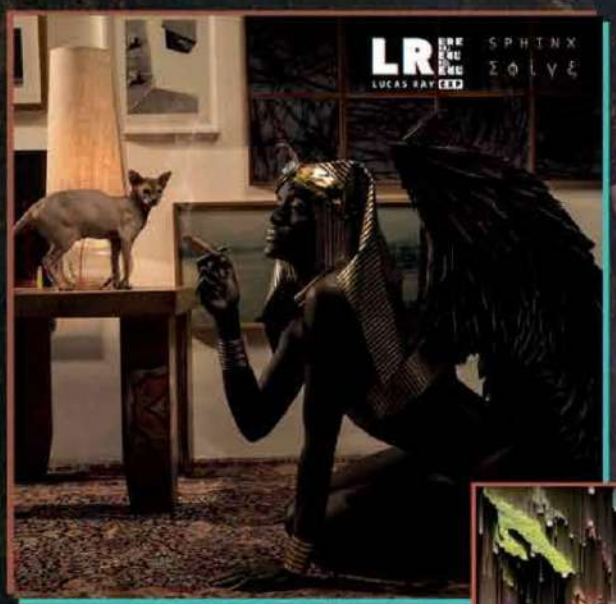
LR

LUCAS RAY EXP

Lucas Ray Exp lançou em 2018, seu primeiro EP "SPHINX" e em 2019, o single "Counting Colors". Material disponível em todas as plataformas digitais.

"SPHINX é uma obra excelente e marca a estreia de ótimas músicas e performances arrasadoras. (Julian Barg/Roadie Metal)

"The title track SPHINX is one of the strongest prog composition this year (2018)".
Blog THE PROG MIND



SPHINX

Counting Colors

https://lucasrayexp.com
https://www.facebook.com/lucasray.lre/
https://www.instagram.com/lucasray.lre/

DEEZER Spotify Google Play iTunes TIDAL amazonmusic

OS COLORIDOS E REVOLUCIONÁRIOS

ANOS 90

Esportes, moda, tecnologia, música: a década de 90 foi marcante em muitas as áreas e trouxe mudanças profundas em vários ramos de atividade

Por Antonio Carlos Monteiro

Você pode falar o que quiser dos anos 90, menos que eles não foram intensos. E coloridos. Muito coloridos. Era um tal de cor de laranja, verde-limão e outros tons berrantes, que o pessoal chamava de neon ou fluorescentes, que às vezes o uso de óculos escuros era praticamente uma questão de saúde...

Mas não foi só de uma paleta de cores escandalosas que viveram os anos 90. Nos esportes, Ayrton Senna ganhou dois de seus títulos nessa década, em 1990 e 1991. Porém, em 1994 morreu no acidente em que as circunstâncias foram uma trágica sucessão de erros primários de quem deveria entender um mínimo de segurança. No futebol, ganhamos o tetracampeonato na Copa do Mundo realizada nos Estados Unidos jogando um futebol pragmático e de pouca beleza. Foi a primeira vez em que um mundial foi decidido nos pênaltis e na mesma noite o pessoal do Sepultura (que assistiu à final no estádio) fez um show com camisa da seleção e cara pintada de verde e amarelo. Porém, para quem era fã do chamado futebol arte, foi nessa década que brilharam craques indiscutíveis como Ronaldo Fenômeno e começaram a despontar outros da mesma categoria, a exemplo de Ronaldinho Gaúcho.

A tecnologia também fez o mundo mudar radicalmente nessa época. Em 1989, último ano da década anterior, o CD já existia, mas pouca gente tinha acesso a ele – os discos continuavam sendo lançados em vinil. O DVD demorou um pouco mais para surgir (1995) e até o início da década quem dava as cartas era o velho VHS. Apesar de já existir nos anos 80, o telefone celular só se popularizou na década seguinte. E a maior das revoluções tecnológicas foi a informática. Foi nos anos 90 que houve a grande transição das máquinas de escrever para os computadores pessoais com editores de texto e a internet tornou o mundo muito menor quando se popularizou, na segunda metade da década. Essas mudanças tiveram impacto profundo no mercado musical, principalmente nos últimos anos, com o advento da distribuição de música através de arquivos digitais.

A mídia dando as cartas

O mercado musical também sofreu grandes modificações nos anos 90. Foi uma década em que o rock como um todo cresceu a olhos vistos, numa sucessão de eventos que se retroalimentaram e levaram o gênero às paradas e ao mainstream. Muito disso se deveu à MTV, que surgiu no início dos anos 80 nos EUA e chegou aqui no final de 1990. A partir de então, passou a ser obrigatório que um disco viesse acompanhado de um ou mais videoclipes – hoje a mesma lógica se aplica, mesmo que por outros motivos, mas o 'start' sem dúvida foi dado pela emissora dos videoclipes. A MTV chegou até a popularizar o formato acústico através da série "Unplugged", que colocava bandas para tocar seus repertórios na base do violão. A série se mostrou tão importante que acabou provocando a volta do Kiss mascarado e com a formação original. Tudo teve início quando a banda gravou seu "Unplugged MTV" e convidou Ace Frehley e Peter Criss para participarem. Daí para os dois voltarem à banda e todos pintarem a cara de novo foi um passo. Aqui no Brasil o "Acústico MTV" também fez enorme sucesso e praticamente todas as bandas de renome participaram da série.

Sepultura

Divulgação

Além da TV, as rádios brasileiras também começaram a dar bastante espaço ao rock em geral e ao heavy metal em especial. Programas e até mesmo emissoras voltadas ao gênero surgiram e mostraram que havia um público fiel e ávido por informações. Do mesmo modo, as bancas de jornal se viram repletas de publicações falando de rock, tratando dos mais variados subgêneros ou mesmo de técnicas e equipamentos.

Revolução de estilos

Em termos de estilo, podemos dizer que os anos 90 foram responsáveis por várias reviravoltas no meio musical. O surgimento do grunge talvez seja a maior delas, que muitos apontam como o responsável pelo declínio do hard rock, mesmo com o gênero já vindo em baixa há algum tempo. Além disso, surgiu o metal melódico, com Helloween à frente e gerando um de seus maiores representantes aqui no Brasil: Angra.

Também se destacou o surgimento do Pantera com seu metal visceral e único, que se tornou um dos favoritos dos bangers. Ao mesmo tempo, o lançamento dos dois volumes do *Use Your Illusion* consolidou o Guns N'Roses como superbanda, garantindo turnês mundiais milionárias e desavenças sem fim...

Voltando ao Brasil, tanto Angra como Sepultura inovaram ao colocar elementos de música brasileira no heavy metal com *Holy Land* e *Roots*, respectivamente. O Sepultura também se viu envolvido numa das maiores polêmicas da década com a saída nada amigável de Max Cavalera. Isso gerou uma discussão praticamente interminável entre os fãs sobre qual Sepultura era melhor, o de Max ou o de seu sucessor, Derrick Green. Por mais tedioso que possa ser, o embate permanece até hoje, mais de vinte anos depois.

Muitos discos nas lojas

Ainda falando de bandas nacionais, o que assistimos foi um salto de qualidade e principalmente de valorização dos grupos brasileiros. Era normal uma banda estrear já por uma grande gravadora, como aconteceu com Angra e Dr. Sin, por exemplo. Mas claro que isso custou muito esforço e trabalho às bandas, como conta Andria Busic sobre o lançamento do álbum de estreia do Dr. Sin: "É uma história muito bonita de três amigos que venderam tudo o que tinham, juntaram força e coragem, fizeram as malas e encararam os EUA. Só sabiam que queriam exatamente aquilo. Fizemos shows em casas pequenas, porém que faziam parte do circuito do rock underground de Nova York. E foi assim que conseguimos um contrato com a Warner International."

Ainda falando em lançamentos, o mercado internacional foi pródigo em lançamentos nos anos 90. Praticamente todas as bandas de ponta soltaram um ou mais discos definitivos, como Aerosmith, o já citado Guns N'Roses, Rolling Stones, Queen, Alice Cooper, Megadeth, Metallica, Immortal, Black Sabbath, Judas Priest e uma infinidade de outras.

Enquanto isso, no palco...

Um fenômeno que começara na década anterior com a primeira edição do Rock in Rio consolidou-se de vez no Brasil nos anos 90. O fim da ditadura e a estabilidade econômica colocou o país na rota dos shows internacionais, com vários festivais acontecendo por aqui, além de artistas que depois de décadas descobriram que um certo país tropical poderia engordar ainda mais suas já obesas contas bancárias. A partir de então, praticamente todos os grupos, de grande, médio e até pequeno porte, começaram a se apresentar com frequência por aqui.

Os anos 90 também viram acontecer grandes mudanças políticas. A queda do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, provocou um efeito dominó que culminou no fim da chamada Cortina de Ferro e na divisão de países como URSS, Tchecoslováquia e Iugoslávia. No meio dessa turbulência aconteceu, no dia 28 de setembro de 1991, o Monsters of Rock Moscou, que reuniu, pela ordem, Pantera, EST (banda russa de heavy metal), Black Crowes, Metallica e AC/DC. O festival foi realizado no campo de aviação Tushino, localizado nos arredores de Moscou, e arrastou uma verdadeira multidão – versões sobre o total de público variam de 500 mil a 1,6 milhão de pessoas. Era o convite para o caos. Ninguém sabia como se portar: nem a plateia, que jamais havia participado de algo daquele vulto, e muito menos a polícia, acostumada ao público comportado dos desfiles militares. O resultado foi um confronto digno de nota. Helicópteros dando rasantes e policiais descendo a borracha sem dó na moçada são cenas que ficaram gravadas em vários vídeos registrados nesse dia. O lado cômico foi quando um dos organizadores subiu ao palco, pegou o microfone e apelou: "Vamos nos acalmar ou teremos que ouvir Neil Diamond até o fim das nossas vidas..." Felizmente para eles, o show aconteceu e ficou marcado na memória de quem assistiu e de quem participou. Phil Anselmo não economizou nas palavras: "Isto é um sonho, é incrível tocar em um show como este!" Menos de três meses depois, em 26 de dezembro do mesmo ano, aconteceu a dissolução oficial da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Por tudo isso, resolvemos comemorar a edição de número 250 da ROADIE CREW com este superespecial sobre os anos 90. Toda a equipe de redatores envolveu-se para produzir artigos e matérias que desenvolvem vários temas que foram citados nesta introdução. Também foram comentados 100 discos internacionais e 20 nacionais lançados nos anos 90 e que marcaram época. Acomode-se e prepare-se: a partir de agora você vai começar uma verdadeira viagem no tempo.

Kiss reunido para o 'Unplugged' (1996)

Alice in Chains *Facelift* (1990)

1

Para muitos, o Alice in Chains é a mais metal das bandas do 'big four' do grunge, completado por Pearl Jam, Soundgarden e Nirvana. Essa tese começa a ser defendida quando se analisam as origens do grupo – em 1987, o vocalista Layne Staley (1967-2002) ansiava montar uma banda que tocasse covers de Slayer, com um visual '*mezzo glam*' – até os primeiros trabalhos de estúdio. E convenhamos, o debut, *Facelift*, é uma estreia e tanto, guiada por riffs que beberam da fonte do Sabbath – cortesia do ótimo guitarrista Jerry Cantrell – e os vocais potentes de Staley, somados à cozinha consistente protagonizada pelo baixista Mike Starr (1966-2011) e o baterista Sean Kinney.

Embora haja uma constelação de boas músicas, dentre elas *We Die Young*, *Sea of Sorrow* e *Put You Down*, coube a *Man in the Box* o papel de carro-chefe. Depois que o clipe dela passou a ser exibido na MTV, o número de cópias vendidas subiu de 40 mil para 400 mil rapidamente – no total, 2 milhões de unidades comercializadas, resultando em disco duplo de platina nos EUA. Uma outra curiosidade de *Man in the Box* está na influência de Bon Jovi. A partir de uma ideia do produtor Dave Jerden, Cantrell utilizou uma caixa de voz inspirada em *Livin' On a Prayer*.

Até Ozzy Osbourne se rendeu ao *Facelift*, elegendo-o como um de seus dez álbuns favoritos de metal. "*Man in the Box* é um clássico", resumiu o Príncipe das Trevas à Rolling Stone. Em 1991, o Alice in Chains excursionou com Slayer, Anthrax e Megadeth na turnê Clash of the Titans. Pois é, *Facelift* é um disco recheado de clássicos e muita história.

Thiago Prata

Deicide *Deicide* (1990)

Depois de alguns anos sob o nome Amon, Glen Benton (vocal e baixo), Steve Asheim (bateria) e os irmãos Brian e Eric Hoffman (guitarras) decidiram que já era hora de dar o próximo passo, e assim entraram em contato com a poderosa Roadrunner Records. Segundo reza a lenda, Benton teria adentrado o escritório de Monte Conner, entregado uma fita demo e proferido as palavras mágicas: "Assine com a gente, cuzão". Com o contrato assinado e o nome da banda mudado para Deicide veio o lançamento do debut, *Deicide*.

O álbum trazia material anteriormente explorado pelo Amon, agora dotado de uma aura ainda mais densa, graças a ótima produção de Scott Burns no Morrisound Studio. Com faixas clássicas, como *Lunatic Of God's Creation* (sobre Charles Manson), *Sacrificial Suicide*, *Dead By Dawn*, *Oblivious To Evil* e *Crucifixation*, o Deicide se apoiava também na figura polêmica de seu vocalista. Era o típico vilão de filme de terror trash, com uma cruz invertida cicatrizada na testa – para chocar ainda mais os 'bons costumes' e quase provocar um bug no comitê Parents Music Resource Center.

Falando a este repórter sobre como foi aparecer com *Sacrificial Suicide*, Asheim comentou: "Naquela época todo mundo estava totalmente enlouquecido com essa coisa de mensagem subliminar. Nós pensamos, que tal pegarmos a mensagem e colocá-la bem debaixo do nariz das pessoas e foder com toda essa porra de mensagem subliminar? Esse é o nosso jeito de fazer as coisas. Bem sutil....".

Valtemir Amler

2

Entombed *Left Hand Path* (1990)

3

No final da década de 1980, todos apostavam que Carnage e Nihilist seriam os maiores nomes da cena death metal da Suécia. Porém, o primeiro parou em seu álbum de estreia (*Dark Recollections*, 1990), e o segundo trocou o nome para Entombed. Deixando de lado o antigo baixista, Johnny Hedlund, que então fundaria o seminal Unleashed, L.G. Petrov (vocal), Nicke Andersson (bateria) e os guitarristas Alex Hellid e Uffe Cederlund se reuniram no Sunlight Studio, de Estocolmo, para gravar *Left Hand Path*, o debut do Entombed.

O quarteto sueco manteve a aura e a vibração do Nihilist em *Left Hand Path*, mas pisou ainda mais fundo na sua fórmula, com uma complexa mistura de vários gêneros musicais. "Ter uma banda de death metal era ser ousado, era ir contra os limites", declarou Hellid recentemente para a ROADIE CREW. "Então, por que de repente nos limitaríamos a ser como alguém já tinha sido? Você até pode conseguir alguns bons resultados copiando, mas não faz história", resumiu.

Além da faixa-título, o álbum tem em *Drowned*, *Revel In Flesh*, *Abnormaly Deceased*, *Supposed To Rot* e *But Life Goes On* grandes destaques. Estes não apenas cimentaram o nome do Entombed entre os gigantes do death, mas atraíram os olhares do mundo todo para uma cena que se desenvolvia na Suécia. "*Left Hand Path* soa como uma tempestade brutal e imparável, justamente porque era assim que sentíamos que a música tinha que ser", concluiu Hellid, ciente da fórmula do sucesso.

Valtemir Amler

EXTREME *Extreme II: Pornografitti* (1990)

Uma bênção e uma maldição. É assim que se pode olhar para o segundo trabalho do Extreme. *Pornografitti* – pode chamar assim que ele atende – chegou ao décimo lugar no Top 200 da Billboard, ganhou Disco de Platina duplo e ainda é o álbum mais bem-sucedido do quarteto de Boston. Por outro lado, Gary Cherone (vocal), Nuno Bettencourt (guitarra e piano), Pat Badger (baixo) e Paul Geary (bateria) ficaram reféns de duas músicas que em nada representam o disco: as baladas *More Than Words* (primeiro lugar no Billboard Hot 100 de singles) e *Hole Hearted* (quarta posição).

Pornografitti é uma aula de hard rock cheio de groove e suingue – pode chamar de funk metal que ele também atende – num bom punhado de músicas irresistíveis, com melodias e harmonias vocais de altíssimo nível e uma performance primorosa de Bittencourt, que virou o queridinho da revista Guitar World no ano seguinte, quando foi eleito revelação e MVP – sim, tipo estrela da NBA.

Por tudo isso, é uma pena que a banda seja renegada e até mesmo ridicularizada por muita gente, que provavelmente não reparou nas joias *Li'l Jack Horny*, com um baita arranjo de metais; *When I First Kissed You*, belíssima em seu clima big band anos 50; e *Money (in God We Trust)*, *Suzi (Wants Her All Day What?)*, *He-Man Woman Hater* e a faixa-título, fusões perfeitas do hard com pop e funk. Isso sem mencionar as obras-primas *Decadence Dance*, *Get the Funk Out* e *It ('s a Monster)*. Azar daquela muita gente.

Daniel Dutra

4

GAMMA RAY *Heading For Tomorrow* (1990)

5

Kai Hansen, o criador metal melódico (sou do tempo que power metal era Cirith Ungol, Jag Panzer e Manilla Road), deixou o Helloween em 1988. A notícia, que chegou com atraso no Brasil, foi um choque. "Como assim?", me perguntei. Veio uma atualização dos fatos: em 1989, ele se uniu a Ralf Scheepers ("Quem?"), do Tyran Pace ("Que banda é essa?"). "Como estava acostumado a trabalhar com um vocalista, não ousei cantar e a única pessoa que me veio à mente foi Scheepers. Queríamos que ele fosse do Helloween, mas quando o convidamos, na época de *Walls of Jericho*, ele não topou", confessou Hansen.

Demorei para ter acesso ao disco. Porém, quando escutei *Heading For Tomorrow* tive a certeza de que Hansen era (é) mesmo um gênio do metal. Ainda tinha muito de Helloween, mas estavam ali elementos diferentes, que marcariam o estilo do Gamma Ray. Os arranjos eram impecáveis, os solos agradavam, havia muita consistência e outra certeza: ainda iria melhorar. E melhorou!

Lust For Life e *Heaven Can Wait* agradaram na primeira audição. A cadenciada *Space Eater*, que saiu em clipe, continua uma das minhas favoritas, mas *Money*, que inicia bem e depois se perde com aquela coisa "alegrinha" do refrão, não me convenceu.

A excelente balada épica *The Silence*, *Hold Your Ground*, *Free Time* e a faixa-título mantinham a qualidade, que culminava no honesto cover para *Look At Yourself*, do Uriah Heep. Sem dúvida, um ótimo novo e influenciador capítulo na área melódica do metal.

Alessandro Bonassoli

JANE'S ADDICTION *Ritual De Lo Habitual* (1990)

Formado em 1985, o Jane's Addiction impactou o underground americano com seu mix de rock alternativo, funk e psicodelia. Mesmo disputado por grandes gravadoras, assinou com a independente Triple X e, dois anos depois, estreou com um homônimo álbum ao vivo. No ano seguinte, contratado pela major Warner, o grupo lançava *Nothing's Shocking*. O debut de estúdio foi bem aceito e as vendas foram impulsionadas pelos singles *Jane Says* e *Mountain Song*, que teve clipe banido pela MTV por imagens de nu frontal. Em 2002, *Mountain Song* foi regravada pelo Sepultura no álbum de covers, *Revolusongs*.

Internamente, turbulências entre os integrantes só não fizeram a banda acabar porque a Warner contornou a situação. O vocalista Perry Farrell exigia e conseguiu obter maior parte dos royalties sobre *Nothing's Shocking* do que seus inconformados parceiros – Dave Navarro (guitarra), Eric Avery (baixo) e Stephen Perkins (bateria). E foi nesse clima que o grupo lançou *Ritual de lo Habitual*.

Os singles *Stop!* e *Been Caught Stealing* voaram para o topo da US Modern Rock, bem como *Classic Girl*, que assumiu o 15° lugar. Em um mês, *Ritual...* já havia vendido meio milhão de cópias e recebido Platina Dupla nos EUA.

Apesar do sucesso, ressentimentos e drogas determinaram o fim da banda até 1997. Em 1991, Farrell criou o festival "Lollapalooza" e, junto a Perkins, a banda Porno For Pyros. Já Navarro se debandou para o Red Hot Chili Peppers e Avery gravou com vários artistas.

Leandro Nogueira Coppi

6

JUDAS PRIEST *Painkiller* (1990)

7

Uma das grandes obras dos anos 1990, *Painkiller* se tornou referência. Porém, o mais curioso é que a própria banda não esperava ter uma receptividade tão efusiva para seu 12º disco de estúdio. "Estávamos animados quando o gravamos, mas a receptividade foi maior do que esperávamos", confessou o guitarrista K.K. Downing.

Vindo de *Ram It Down* (1988), em que a faixa-título indicava o que seria *Painkiller*, a dupla Glenn Tipton e K.K. Downing apresentou uma seleção de riffs e solos instigantes. Mais agressivo, o repertório abre com a faixa-título, mostrando que a substituição do já falecido Dave Holland por Scott Travis (ex-Racer X) tinha sido acertada para a seção rítmica ao lado de Ian Hill. Já o clipe, exibido à exaustão na MTV, mostrava um Rob Halford irado e com a potente voz ainda mais forte.

A produção ficou a cargo do saudoso Chris Tsangarides, mas é importante destacar o papel do engenheiro de som Attie Bauw. "Ele é um gênio inexplorado! Tem um ouvido incrível", analisou Halford, que trabalhou com Bauw no Fight.

Painkiller, a música, que teve versões de Angra, Death e outros, foi indicada ao Grammy. No entanto, o repertório inteiro é irretocável, com *Hell Patrol*, *All Guns Blazing*, *Leather Rebel*, *Metal Meltdown*, *Night Crawler*, *Between the Hammer & the Anvil*, *A Touch of Evil* e *One Shot at Glory*.

Vale lembrar que quando recebeu o Disco de Ouro, em janeiro de 1991, o Priest tocou pela primeira vez no Brasil na segunda edição do Rock in Rio. Sorte nossa!

Ricardo Batalha

KREATOR *Coma Of Souls* (1990)

A carreira do grupo alemão Kreator pode ser dividida em três fases: a do thrash visceral dos primeiros anos, o experimentalismo da década seguinte e a volta às raízes nos anos 2000. E *Coma of Souls* é justamente a ponte que liga as duas primeiras fases, com a adição extra de melodias e muita técnica. Para quem começou com *Endless Pain* e *Pleasure to Kill*, *Coma of Souls* é uma mudança radical, mas longe de ser um *Renewal* ou *Endorama*.

Com produção de Randy Burns (Nuclear Assault, Possessed, Dark Angel) e a bela assinatura de Andreas Marschall na capa, Mille Petrozza (vocal e guitarra), Frank Blackfire (guitarra), Rob Fioretti (baixo) e Ventor (bateria) adentravam a década altamente inspirados, com riffs rápidos e batidas secas, mantendo o pique de *Extreme Aggression*, lançado no ano anterior.

Além da velocidade habitual, destacando *Terrorzone*, *World Beyond* e *Material World Paranoia*, há espaço para músicas cadenciadas, como a emblemática *People of the Lie* e a trabalhada *Mental Slavery*, que fecha a bolacha.

E meses antes de lançar o polêmico *Renewal* (1992), a turnê *Agression World Tour '92* chegava ao Brasil, marcando a primeira visita do Kreator ao país, que já deveria ter acontecido em 1989. No repertório, quatro faixas de *Coma of Souls*. Os shows passaram por São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Recife (PE), rendendo também uma participação ao vivo no saudoso Programa Livre, de Serginho Groissman, e que hoje pode ser assistido no YouTube.

Maicon Leite

8

LIVING Colour *Living Colour* (1990)

9

Com seu álbum de estreia, *Vivid* (1988), o Living Colour garantiu lugar cativo no rol das bandas mais criativas da história do rock. Com *Time's Up*, Corey Glover (vocal), Vernon Reid (guitarra), Muzz Skillings (baixo, substituído no fim da turnê por Doug Wimbish) e Will Calhoun (bateria) continuaram fazendo uma mistura sonora como ninguém, mas sem repetir fórmula. Era a mesma banda jogando novamente no liquidificador rock, funk, hard, metal, pop, punk, hip hop e reggae, mas apresentando novas receitas. Coisa de quatro artistas extraordinários que, além do horizonte musical sem limites, ainda davam aula de posicionamento político e social.

Do problema das drogas (*New Jack Theme*) ao racismo institucionalizado (*Pride*), o Living Colour abordava 30 anos atrás assuntos que ainda estão noticiário, como na maravilhosa faixa-título, a porrada encarregada de abrir o disco: "Time waits for no one / If you want to go on / Leave me something to grow on / The forests, the trees, the rivers, the seas / All die of this disease", diz a letra, que, impossível dissociar, lamentável e ironicamente é um retrato da necropolítica em andamento no mundo.

Mas há lições também em grandes canções como *Information Overload*, *Under Cover of Darkness* (com Queen Latifah), *Fight the Fight*, *Solace of You* e *This is the Life*, além dos hits *Love Rears its Ugly Head*, *Elvis is Dead* (com a participação de Little Richard) e *Type*. Pena que muita gente ainda não aprendeu.

Daniel Dutra

MEGADETH *Rust In Peace* (1990)

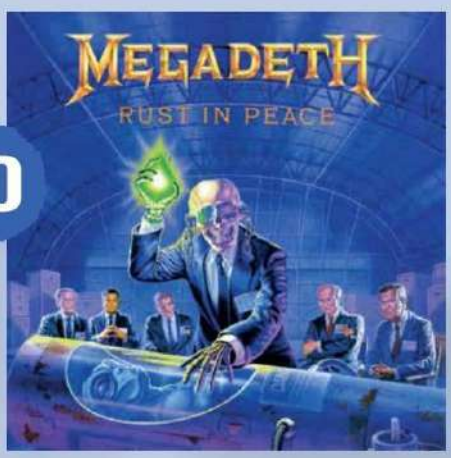
10

A era *So Far, So Good... So What!* (1988) foi tenebrosa para o Megadeth. A péssima produção, o excesso de drogas e as desavenças com os estreantes Chuck Behler (bateria) e Jeff Young (guitarra) fizeram Dave Mustaine reorganizar a casa. A medida mais impiedosa foi expulsar Behler e Young e substituí-los por músicos ainda melhores: o saudoso Nick Menza, então técnico de bateria, e Marty Friedman (Cacophony), um dos guitarristas do catálogo da gravadora Shrapnel.

Reformulado com Mustaine, seu fiel escudeiro David Ellefson (baixo), Friedman e Menza, o Megadeth abriu a década de 1990 com seu quarto e melhor álbum: *Rust in Peace*. "O disco foi o maior sucesso do Megadeth, vendendo mais de um milhão de cópias e dando à banda sua primeira indicação ao Grammy. Não que isso me importasse muito (está bem, um pouco), mas também recebeu virtualmente só críticas positivas. Em todo padrão concebível, *Rust in Peace* foi um divisor de águas", afirmou Mustaine em sua autobiografia, Mustaine: Memórias do Heavy Metal.

Os singles *Holy Wars... The Punishment Due*, sobre guerras religiosas, e *Hangar 18*, inspirado nas ideias de Menza sobre ufologia, tornaram-se hinos. *Tornado of Souls* entrou para a história pelo solo de Friedman, considerado um dos mais belos do heavy metal. Difícil economizar elogios a uma obra prima que ainda traz *Take No Prisoners*, *Five Magics*, *Poison Was the Cure*, *Lucretia*, *Dawn Patrol* e *Rust in Peace... Polaris*. Em uma palavra: brilhante!

Leandro Nogueira Coppi



OBITUARY *Cause Of Death* (1990)

11

Reza a lenda que não existe nenhum riff do Obituary que você não possa conectar a outro do Hellhammer/Celtic Frost, mas a verdade é que Trevor Peres (guitarra) e os irmãos Donald (bateria) e John Tardy (vocal) sempre declararam que tinham nos pioneiros do metal extremo suíço uma de suas maiores influências. Então, um ano depois de surpreender o mundo com seu álbum de estreia (*Slowly We Rot*), a lenda de Tampa resolveu deixar isso claro registrando em *Cause of Death* uma versão para *Circle of the Tyrants*, um dos clássicos do Celtic Frost.

A fórmula bem-sucedida de *Slowly We Rot* foi mantida, porém, com alguns pequenos aprimoramentos que fariam toda a diferença. O álbum foi novamente gravado no Morrisound Studio com o produtor Scott Burns, o que mantinha intacta a sonoridade elogiada do debut. Porém, a parte instrumental ganhava dois reforços de peso com a chegada do ex-baixista do Hellwitch, Frank Watkins (falecido em 2015), e do guitarrista James Murphy, que havia tocado com o Death, e depois se tornaria um dos mais cotados do metal extremo (substituindo Daniel Tucker e Allen West, respectivamente).

O resultado do trabalho deste time não poderia ser diferente e clássicos como *Chopped In Half*, *Dying*, *Find The Arise*, *Cause of Death* (um dos melhores riffs do gênero) e *Turned Inside Out* ajudaram a tornar este álbum a epítome do death metal da Flórida, e uma influência constante e inegável para milhares de bandas que surgiram desde então.

Valtemir Amler

PANTERA *Cowboys From Hell* (1990)

12

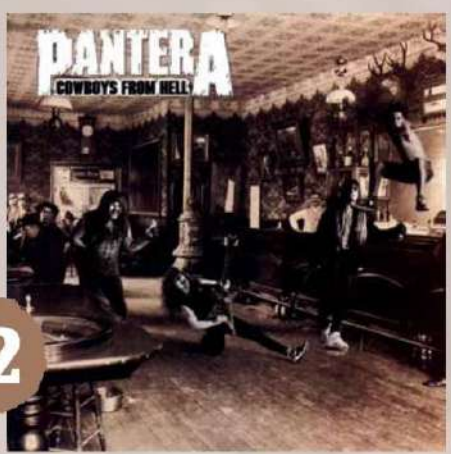
O Pantera já tinha soltado quatro discos, mas foi com *Cowboys from Hell* que começou a se transformar em uma das maiores bandas de metal de todos os tempos. *Power Metal* (1988) foi o primeiro com o vocalista Phil Anselmo e mostrava uma boa mudança quando comparado com os gravados nos anos 80. Existiu uma remodelação no estilo e na concepção, trazendo uma seção rítmica de arrepiar, além de um novo visual e uma atitude diferente.

O grupo explorou temas carrancudos, trouxe muito groove e riffs extremamente distorcidos, com méritos ao produtor Terry Date, que conseguiu extrair timbres impressionantes. Vale lembrar que ele foi contratado por conta de seu trabalho de guitarra em *The Years of Decay* (1989), do Overkill.

A faixa-título foi muito impactante e ainda me lembro da sensação de colocar o álbum para tocar. A entrada do riff e groove da faixa *Cowboys From Hell* me acertaram em cheio. As guitarras thrash do, até então, desconhecido Dimebag Darrell chamaram a atenção e o heavy metal clássico, presente em *Power Metal*, não saiu de linha. Basta escutar *Cemitery Gates*, com seus arranjos maravilhosos, e *The Sleep* para perceber.

A vibração do hardcore e os arranjos de bateria de deixar muitos boquiabertos estão em *Domination*. Vinnie Paul se tornou um dos meus bateristas preferidos após escutar esse álbum, pois o que criou é digno de aplausos – claro, acompanhado pelo ótimo baixista Rex Brown. Assim, *Cowboys from Hell* ajudou a definir o metal dos anos 90.

Claudio Vicentin



POISON *Flesh & Blood* (1990)

13

Para muitos era difícil conseguir superar uma estreia como *Look What the Cat Dragged In* (1986) e uma sequência com *Open Up and Say... Ahh!* (1988), mas o Poison adentrou na década de 90 com esta missão indigesta. Porém, Bret Michaels (vocal), C.C. DeVille (guitarra), Bobby Dall (baixo) e Rikki Rockett (bateria) tiraram de letra e conseguiram, através dos singles *Unskinny Bop*, *Something to Believe In*, *Ride the Wind*, *Life Goes On* e *(Flesh & Blood) Sacrifice*, cunhar mais um disco icônico da era do "glam metal". *Flesh & Blood* obteve a 2ª posição na Billboard, vendeu mais de 7 milhões de cópias e conquistou três discos de Platina.

"*Unskinny Bop* foi a primeira música que criamos quando nos juntamos para fazer o disco. É simples e divertida", resumiu o vocalista Bret Michaels sobre o hit/single/clipe, que tocou nas rádios brasileiras, assim como a balada *Something to Believe In*. Ambas tiveram vídeos bem explorado na MTV.

Os leitores da extinta revista Circus elegeram *Flesh & Blood* como o melhor álbum de 1990, além de apontar *Something to Believe In* como o melhor single. "Nós não fomos uma casualidade dos anos oitenta ou um acaso do grunge... Todos eles tiveram algo de bom, mas a mídia está sempre procurando pela nova tendência e, quando ela faz isso, você tem que estar preparado", observou Michaels. "Somos apaixonados pelo que fazemos, amamos tocar e colocamos toda energia para garantir um ótimo show. Deixamos a nossa marca", concluiu o vocalista.

Ricardo Batalha

QUEENSRŸCHE *Empire* (1990)

Com *The Warning* (1984), o Queensrÿche apresentou um metal tradicional tão bem trabalhado que muitos o associaram à cena inglesa. Com *Rage for Order* (1986), o grupo de Seattle definiu os padrões do prog metal. Com o *Operation: Mindcrime*, uniu os dois mundos para criar o melhor disco conceitual da história do heavy metal. Em quatro anos, Geoff Tate (vocal), Chris DeGarmo e Michael Wilton (guitarras), Eddie Jackson (baixo) e Scott Rockenfield (bateria) conquistaram respeito de crítica e publico, mas faltava um salto comercial.

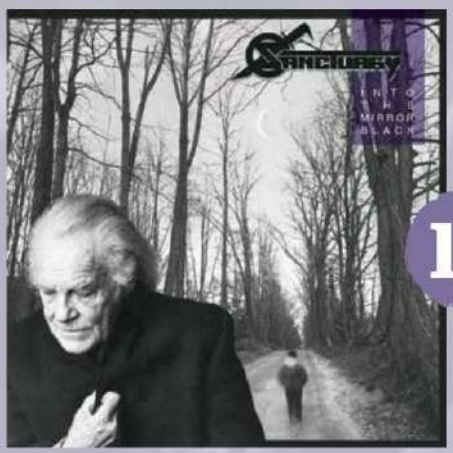
E ele veio com *Empire*, que diminuiu o peso e deu novo significado à elegância na música, o que ajudou a banda a vender mais de três milhões de cópias de um vinil duplo, chegar ao sétimo lugar do Top 200 da Billboard e emplacar uma canção no topo do Hot Mainstream Rock Tracks: a balada à la Pink Floyd *Silent Lucidity*, vencedora do Viewer's Choice do MTV Video Music Awards em 1991.

Com a perfeita produção de Peter Collins, o quinteto esbanjou classe também nas outras dez canções (cinco delas viraram singles), mas é impossível não destacar *Best I Can*, *The Thin Line*, *Jet City Woman* (o solo de DeGarmo é um dos mais bonitos que você vai ouvir na vida), *Della Brown* (uma aula do extraordinário Rockenfield), *Another Rainy Night (Without You)*, *Empire* (o lado mais pesado, graças ao excelente e subestimado Wilton) e a épica *Anybody Listening?*. Tudo isso com letras que comprovam a alcunha de 'thinking man's band'. Genial. Obra-prima.

Daniel Dutra

14

SANCTUARY *Into The Mirror Black* (1990)



15

Chegando ao segundo disco, o grupo de Seattle nunca obteve o sucesso comercial que mereceu, mas com o tempo adquiriram status de cult, inclusive aqui no Brasil, com o videoclipe de *Future Tense* passando direto na MTV. E é justamente a faixa de abertura do álbum, e um de seus maiores sucessos, tendo a frente uma interpretação irrepreensível do saudoso vocalista Warrel Dane, usando e abusando dos agudos de forma intensa. Quem nunca tentou imitá-lo até perder a voz? O ritmo cadenciado da música e seu refrão grudento a tornaram um clássico instantâneo.

Warrel, ao lado de Lenny Rutledge e Sean Blosl (guitarras), Jim Sheppard (baixo) e Dave Budbill (bateria) mostraram também grande aprimoramento lírico, algo que o vocalista iria desenvolver com mais intensidade no Nevermore, tornando-se um letrista de mão cheia. A capa sombria e enigmática evidencia a fase mais introspectiva do material, ao passo que a produção soa baixa demais, até mesmo para os padrões da época.

Dentre os destaques está a agressiva *Seasons of Destruction*, que em certos momentos soa como uma banda de death metal. Sim! É só prestar atenção nos riffs iniciais e imaginar o Deicide ou o Cannibal Corpse tocando. *Taste Revenge* evidencia um trabalho de cordas exemplar, enquanto Warrel dá seu show habitual.

Pouco depois de seu lançamento e turnê, o Sanctuary encerraria suas atividades para retornar somente 18 anos depois, não sem antes Warrel e Jim fazerem história com o Nevermore.

Maicon Leite

SOUND CITY RECORDS

Shinigami 死神 Records

DR SIN

Já é sucesso de vendas!
Um dos melhores álbuns
da carreira da banda.

foto: Edu Firmo

anúncio: www.jduartedesign.com

DR SIN – BACK HOME AGAIN

A maior banda de hard rock do país está de volta!
Ivan Busic, Andria Busic e o novo e surpreendente Thiago Melo na guitarra.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · GET IT ON Google Play · napster

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

SCORPIONS *Crazy World* (1990)

16

Adaptado ao cenário do hard rock americano em sua segunda fase de ouro, de *Animal Magnetism* (1980) a *Savage Amusement* (1988), os alemães do Scorpions iniciaram os anos 1990 com diversas conquistas. "Nós continuamos produzindo muito na década de 90. Poderíamos ter tido grandes problemas, já que o grunge e o rock alternativo tiraram muitas das bandas dos anos 80 do mercado. Nosso diferencial foi que não ficamos preocupados em correr atrás do dinheiro. Nós preferimos correr atrás de onde a diversão estava, de onde a aventura estava", explicou o guitarrista Rudolf Schenker. "Atingimos as paradas americanas não só com *Blackout*, mas também com *Love at First Sting*, *Savage Amusement* e *Crazy World*. A música *Wind of Change* atingiu a 5ª posição nos charts da América", completou o vocalista Klaus Meine.

Conhecida como "hino da glasnost" na Rússia, representando a "transparência" na política implantada na União Soviética, juntamente com a Perestroika ("reestruturação"), durante o governo de Mikhail Gorbachev, *Wind of Change* também foi gravada em russo.

Assim, os "ventos da mudança" sopraram em favor do Scorpions, pois *Crazy World*, produzido ao lado de Keith Olsen, trazia, além do hit *Wind of Change* – primeiro lugar nas paradas de singles em 11 países –, potentes exemplos do hard da época. Entre eles, *Tease Me Please Me*, *Don't Believe Her*, *To Be With You In Heaven*, *Restless Nights*, *Crazy World*, *Hit Between The Eyes* (trilha do filme 'Freejack') e a balada *Send Me An Angel*.

Ricardo Batalha

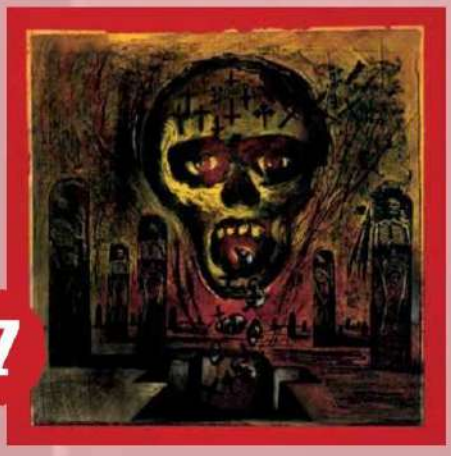
SLAYER *Seasons In The Abyss* (1990)

Quem imaginava que o Slayer tiraria o pé do acelerador ou se renderia a um som mais acessível na virada para os anos 90, como fizeram alguns artistas contemporâneos, deu com os burros n'água. Quinto trabalho de estúdio, *Seasons in the Abyss* é uma porrada, dividida em dez atos, que mantém a tradicional violência musical de Tom Araya (vocal e baixo), Jeff Hanneman (guitarra), Kerry King (guitarra) e Dave Lombardo (bateria) e reúne letras mais maduras e críticas. Como consequência, atingiu o 40° lugar da Billboard 200 e foi certificado Disco de Ouro. Ironicamente, o mesmo álbum encerrava uma era.

Pela segunda vez, Lombardo deixava o grupo. A primeira se deu após as gravações de *Reign in Blood* (1986), retornando em 1987: o produtor Rick Rubin precisou ir à casa do batera para convencê-lo a voltar. Desta vez, no entanto, não houve regresso imediato – na verdade, demorou 16 anos para o grupo voltar a contar com a fúria de Lombardo em *Christ Illusion* (2006).

Antes de debandar, o batera deixou como 'herança' mais algumas performances inspiradas, em temas como *War Ensemble*, *Blood Red*, *Dead Skin Mask* e a faixa-título. Aliás, perceba como ele parece estar se divertindo na impiedosa *Hallowed Point*. No entanto, é outra faixa que Dave elege como sua 'queridinha' no disco. "*Spirit in Black*. Estávamos tocando aquela peça específica em algumas das últimas turnês em que participei", declarou ao Talk Toomey Podcast. Assino embaixo. E você? Qual sua favorita em *Seasons*?

Thiago Prata



17

SUICIDAL TENDENCIES *Lights... Camera... Revolution!* (1990)

18

Depois de cinco discos, o crossover acabou ficando para trás. Ao entrar nos anos 90, o Suicidal Tendencies abraçou de vez o thrash metal, e seu sexto disco mostra uma banda muitas vezes mais metal do que thrash, sem contar o leve surgimento de um acento funk graças a Roberto Trujillo. No Metallica desde 2003, ele finalmente fazia sua estreia em estúdio depois de ser oficializado como integrante para a turnê de *Controlled By Hatred/Feel Like Shit...Déjà Vu* (1989) – bom, Trujillo nega ter gravado este álbum, mas há quem diga que o misterioso Stymee seja ele ao lado de Mike Muir (vocal), Rocky George e Mike Clark (guitarras) e R. J. Herrera (bateria).

Enfim, o groove marcante liderado pelo baixo faz presença nas ótimas *Lovely* e *Go'n Breakdown*, mas é na excelente *Send Me Your Money* que escancara de vez a influência que acabou rendendo o Infectious Grooves (com Muir e Trujillo). A música, aliás, é uma "homenagem" ao evangelista James Orsen Bakker e sua hoje ex-mulher, Tamara Faye LaValley, picaretas da fé alheia como muitos que você encontra também no Brasil. Mas *Lights... Camera... Revolution!* não para por aqui, porque tem show do ótimo e infelizmente esquecido George em *Give it Revolution* e na espetacular *You Can't Bring Me Down*, além de grandes músicas como *Lost Again*, *Alone* e a cacetada *Disco's Out, Murder's in*, sobre a violenta gangue californiana La Mirada Punks. Um álbum que passou com louvor no teste do tempo.

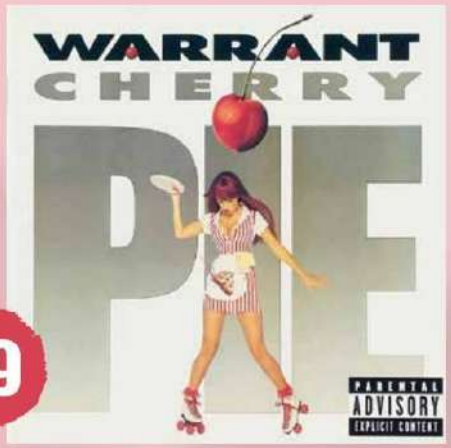
Daniel Dutra

WARRANT *Cherry Pie* (1990)

Após o sucesso com o debut *Dirty Rotten Filthy Stinking Rich* (1988), o Warrant novamente rebeceu Disco duplo de Platina com *Cherry Pie*. E o grupo se preparou para isso e contou com várias colaborações na elaboração do novo álbum. Para ajudar nos arranjos, contratou a dupla Danny Stag (guitarra) e Johnny B. Frank (baixo) do Kingdom Come; Bruno Ravel (baixo) e Steve West (bateria), do Danger Danger, e a cantora Fiona gravaram vocais de apoio. Teve até boatos de que Joey Allen e Erik Turner não haviam gravado uma nota sequer, mas, sim, um tal de Mike Slamer, o que foi confirmado anos depois pela irmã do guitarrista e pelo produtor Beau Hill. Já C.C. DeVille (Poison) fez o solo da própria *Cherry Pie*, que se tornou enorme no hard rock e o hino definitivo do Warrant, para a angústia do saudoso Jani Lane...

Embora tenhamos a séria *Uncle Tom's Cabin*, as belas *I Saw Red* e *Blind Faith*, as emocionantes *Bed of Roses*, *Song and Dance Man* e *Mr. Rainmaker*, a agitada *Sure Feels Good to Me*, as eletrizantes *Love in Stereo* e *You're the Only Hell Your Mama Ever Raised*, e o cover *Train, Train* (Blackfoot), foi justamente a que Lane detestava que vingou. Por culpa da gravadora, Lani se tornou o "Mr. Cherry Pie". "Odeio aquela música! O disco deveria se chamar *Uncle Tom's Cabin*", reclamou ao canal VH1. "Se eu morrer amanhã, meu legado será *Cherry Pie*. Tudo sobre mim é *Cherry Pie*. Eu deveria dar um tiro na minha cabeça por ter composto aquela música", lamentou.

Leandro Nogueira Coppi



19

ALICE COOPER *Hey Stoopid* (1991)

20

Depois de sofrer com o inferno da dependência de álcool e drogas, Alice Cooper finalmente voltou a decolar em sua carreira com *Trash* (1989), disco repleto de convidados e que voltou a colocar o vocalista no topo das paradas. Naturalmente, a ideia foi retomar a mesma fórmula no disco seguinte, sempre tendo em mente a questionável lógica de que em time que está ganhando não se mexe."

Assim, novamente um time mais que estrelado foi convocado para auxiliar Alice: Slash, Joe Satriani, Steve Vai, Ozzy Osbourne, Vinnie Moore, Mick Mars e Nikki Sixx estavam entre os astros que dispuseram a participar do álbum – há até uma faixa, *Feed My Frankenstein*, em que Satriani e Vai dividem os solos, acompanhados por Nikki Sixx no baixo.

Mesmo mantendo a pegada hard rock do disco anterior, *Hey Stoopid* preserva uma sonoridade setentista, como disse o próprio Alice em entrevista na época de lançamento do disco: "Acredito que o álbum tenha essa sonoridade porque nós usamos as mesmas progressões da época de *Love it to Death* (1971).

Com produção de Peter Collins ("uma pessoa muito mais fácil de lidar do que Bob Ezrin, que costuma ser muito agressivo no estúdio", disse o cantor referindo-se ao produtor que assinou boa parte de seus discos), *Hey Stoopid* acabou ficando bem aquém do esperado, chegando apenas a Disco de Ouro nos EUA – o antecessor foi certificado Disco de Platina.

Mas nem por isso a década de 90 acabou aí para Alice Cooper.

Antonio Carlos Monteiro

BATHORY *Twilight Of The Gods* (1991)

Durante a década de 1980, o multi-instrumentista sueco Quorthon tinha trabalhado com ardor incansável para expandir os limites da música extrema, e, se conseguiu lançar novas diretrizes para o black metal com os três primeiros álbuns do Bathory, alargou ainda mais as fronteiras ao trazer elementos da cultura e da mitologia dos vikings para dentro do caldeirão, com os hoje clássicos *Blood Fire Death* (1988) e *Hammerheart* (1990).

O então novo *Twilight Of The Gods* era uma espécie de 'suma' dos trabalhos de Quorthon até então, trazendo belíssimas melodias que remetiam ao passado viking, ao mesmo tempo em que a música parecia envolta na aura negra do black metal, como se um velho demônio espreitasse das sombras. Considerado o último da era clássica do Bathory, este sexto álbum completo foi concebido no Montezuma Studio de Estocolmo (SUE), sob a supervisão de Rex Gisslén (Therion, Candlemass, Cemetary, Edge Of Sanity), e com produção, claro, de Börje Forsberg, dono da Black Mark Production e pai de Quorthon. Ou seja, sem grandes mudanças, o que era exatamente o que os fãs esperavam em uma década que já começava a apresentar algumas excentricidades musicais.

Sem contar com grandes 'hits', o disco se destaca pela riqueza de arranjos em composições como *Blood And Iron*, *Under The Runes*, a épica *Bond Of Blood* e a longa faixa-título, uma das melhores composições de Quorthon, talvez o único ser a mesclar black metal e AOR com sucesso (ouça e entenda).

Valtemir Amler

21

22 CORONER *Mental Vortex* (1991)

Para muitos, *Mental Vortex* é o auge técnico e criativo no som praticado pelos suíços Ron Royce (vocal e baixo), Tommy T. Baron (guitarra) e Marquis Marky (bateria). Quarto disco da carreira e sucessor de *No More Color* (1989), o material foi registrado no Sky Trak Studio, em Berlim (ALE), com produção a cargo de Tom Morris, que fez a mixagem no Morrisound, em Tampa (EUA).

Além de inovações e um repertório marcante, com *Divine Step (Conspectu Mortis)*, *Son of Lilith*, *Semtex Revolution*, *Sirens*, *Metamorphosis*, *Pale Sister* e *About Life*, *Mental Vortex* apresentou um inusitado cover para *I Want You (She's So Heavy)*, dos Beatles, que saiu em clipe. Já a capa, idealizada e criada por Marky, teve o icônico Norman Bates, de "Psicose" (1960), como referência e apresentou a imagem distorcida do falecido ator Anthony Perkins. "O vórtice mental, um momento de total confusão e pânico, pode acontecer se algo mudar muito em sua vida", observou Marky sobre o conceito do título.

Apontado como uma de suas referências, o Torture Squad homenageou o Coroner com uma versão para *Divine Step* no DVD *Coup D'État Live* (2015). Além desta, consta uma versão com Fernanda Lira (Nervosa) como bônus da versão europeia de *Far Beyond Existence* (2017), mas que foi gravada na época de *Esquadrão de Tortura* (2013). "Trata-se de uma banda além do seu tempo e este é um dos melhores discos de thrash metal, ou thrash prog, da história", concluiu o baterista Amilcar Christófaro.

Ricardo Batalha

23 GUNS N'ROSES *Use Your Illusion I & II* (1991)

É curioso constatar que durante um tempo o maior concorrente de um disco do Guns N'Roses era outro da banda. Depois de chegarem às prateleiras no dia 17 de setembro de 1991, os Illusions travaram uma disputa ferrenha pela hegemonia fonográfica. Na primeira semana, a parte II ficou com os louros da vitória, ao emplacar o 1° lugar na Billboard 200 e vender 770 mil cópias. Apesar da 'derrota', seu irmão 'gêmeo' também fez bonito, ao abocanhar a segunda posição e ter 685 mil unidades vendidas no mesmo período.

Juntos, os álbuns – que deveriam ter sido um só – computavam 30 músicas. O exagero no número de canções – algumas de qualidade duvidosa, vide *My World*, composta por Axl sob efeitos de cogumelos alucinógenos – veio acompanhado de uma frenética exibição de clipes na MTV e músicas nas rádios. Hits como *November Rain*, *Don't Cry* (com direito a uma versão em cada disco), *You Could Be Mine* (trilha de "O Exterminador do Futuro II") e o cover de *Knockin' on Heaven's Door*, de Bob Dylan, catapultaram o Guns ao topo.

Terceira colocada na Billboard Hot 100, *November Rain* ultrapassou a marca de 1 bilhão de visualizações no YouTube com seu vídeo, postado em 25 de dezembro de 2009.

Como deu para perceber, tudo dos Illusions era intenso e exagerado, assim como as turnês, que incluíram o Brasil na rota em 1991-92, e as desavenças. Dois meses após seu lançamento, o guitarrista Izzy Stradlin deixou o grupo. E depois dessa dobradinha, o Guns nunca mais foi o mesmo.

Thiago Prata

24 INFECTIOUS GROOVES *The Plague That Makes Your Booty Move...* (1991)

Engana-se quem pensa que a década de 90 viu explodir apenas o movimento grunge. Houve uma avalanche de novas tendências e subgêneros, que vinham sendo moldados desde a década anterior. O funk o' metal, por exemplo, foi uma febre proliferada por bandas que resgataram o funk dançante dos anos 70 e o fundiram com suas bases, fossem elas do hard rock, hardcore, punk ou thrash metal. Desse híbrido, um dos grandes nomes surgidos foi o Infectious Grooves.

O projeto do vocalista Mike Muir (Suicidal Tendencies) contava também com os viscerais Stephen Perkins (bateria, Jane's Addiction), os guitarristas Dean Pleasants e Adam Siegel (Excel), e, como carta-coringa, o excepcional baixista Robert Trujillo, que brilhava muito mais do que hoje no Metallica.

Com o debut, *The Plague That Makes Your Booty Move... It's The Infectious Grooves*, o grupo, que recentemente passou pelo Brasil, botou metalheads, punks e skatistas para dançarem ao som das eletrizantes *Punk it Up, Therapy* (com Ozzy, inclusive no clipe) e *You Lie... And Yo Breath Stank*, mais *Infectious Grooves*, *Monster Skank* (com influência de ska) e *Back to the People* (cheia de congas, timbales e coros), todas com ataques violentos de Trujillo, um monstro na técnica de slap.

Além de fazer dançar freneticamente, o álbum lhe fará rir com as aparições, entre as músicas, do mascote Aladdin Sarsippius Sulemenagic Jackson III, um réptil antropomórfico que animava os shows do Infectious.

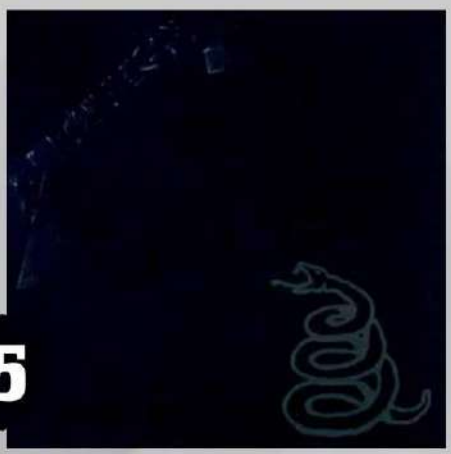
Leandro Nogueira Coppi

FELIZ NATAL & UM PRÓSPERO ANO NOVO

CONFIRA NOSSO CATÁLOGO ONLINE
WWW.HMROCK.COM.BR
36 ANOS APOIANDO O METAL NACIONAL

HEAVY METAL ROCK
RUA 30 DE JULHO, 244 - AMERICANA/SP - 13.465-500
FONE: (19) 3461-8664 - INFO@HMROCK.COM.BR

25 METALLICA *Metallica* (1991)



Mais de 30 milhões de cópias vendidas (número estimado) em todo o mundo, certificado com Disco de Platina 16 vezes nos EUA, 1º lugar nas paradas americanas, britânicas, alemãs e em outras praças, cinco singles – *Enter Sandman*, *Nothing Else Matters*, *Wherever I May Roam*, *The Unforgiven* e *Sad But True* – ranqueados na Billboard Hot 100, incansáveis turnês ao redor do mundo (Brasil incluído)... Tudo graças a *Black Album*, apelido dado ao homônimo quinto disco de estúdio do Metallica, que fez o grupo americano atingir as massas.

Autoproclamado 'anti-Mötley Crüe', o Metallica requisitou os serviços do produtor Bob Rock, ironicamente após Lars Ulrich ter ficado fascinado com o som da bateria de Tommy Lee em *Dr. Feelgood* (1989). Assim que se trancafiaram no estúdio One on One, em Los Angeles, Lars, James Hetfield, Kirk Hammett e Jason Newsted se tornariam as novas 'vítimas' de Bob, como ocorreu com a banda de Nikki Sixx. "Bob nos chicoteava como se fôssemos escravos nas galés. Nada era bom o bastante para ele", ressaltava Sixx. Com o Metallica não foi diferente, como se pode perceber no documentário *A Year and a Half in the Life of Metallica*, sobre as gravações de *Black Album*.

O produtor fez o grupo limar o thrash visceral dos três primeiros discos e a veia sofisticada de *...And Justice for All* (1988) e focar em canções mais acessíveis. Os fãs 'old school' torceram o nariz, enquanto o restante do mundo abraçou o grupo. Em suma, *Black Album* é o maior trabalho da história do Metallica.

Thiago Prata

26 MORBID ANGEL *Blessed Are The Sick* (1991)

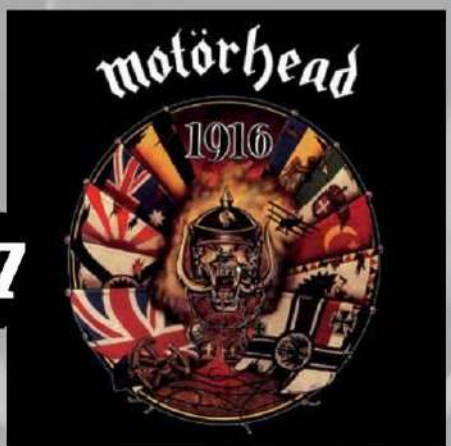
Muitas vezes a grandeza de um álbum esconde o esforço titânico que uma banda precisou despender para alcançá-lo. Para chegar em *Altars of Madness*, o Morbid Angel precisou se refazer das cinzas após a saída de seu vocalista/baterista Mike Browning (que fundaria o ótimo Nocturnus), e com uma nova formação estabilizada em torno dos guitarristas Richard Brunelle (falecido em 2019) e Trey Azagthoth, e com Pete Sandoval (bateria) e David Vincent (voz e baixo), eles finalmente conseguiram se eternizar com o seu clássico álbum de estreia.

Após dois anos em turnê, o Morbid Angel já era uma banda muito mais experiente do que aquela que registrou *Altars of Madness*. As turnês pela Europa (com Napalm Death e Bolt Thrower) e pela América do Norte (com Atheist, Death Angel, Forbidden e Deicide) tinham transformado o quarteto em uma máquina muito eficiente, e quando eles decidiram voltar ao Morrisound para registrar seu segundo álbum, o Morbid Angel já era uma banda evoluída, cheia de novos recursos para agregar na sua fórmula death metal.

Blessed Are The Sick foi o tiro certo para agregar todos os novos elementos com a antiga fúria de um dos pioneiros da Flórida. Altas doses de 'blast beats' eram sentidos em *Fall From Grace*, *Day of Suffering*, *Thy Kingdom Come* e *Unholy Blasphemies*, sempre envoltas em uma aura sludge. Mas foi nas inesperadas *Doomsday Celebration* e *Desolate Ways* que eles se mostraram realmente evoluídos e prontos para o próximo passo.

Valtemir Amler

27 MOTÖRHEAD *1916* (1991)



É aquela velha história: as lendas que cercam o rock e o heavy metal às vezes são mais divertidas do que os fatos propriamente ditos. Essa aqui é mais uma daquelas que é praticamente impossível provar, mas que vale ser contada. Dizem que após gravar e mixar quatro músicas que estariam em *1916*, Lemmy resolveu ouvi-las com atenção. Descobriu que o produtor Ed Stasium havia incluído nelas linhas de percussão sem autorização da banda. Foi demitido na hora. Questionado a respeito, Ed só resmungou que os excessos de Lemmy nos quesitos álcool e drogas "passaram dos limites" e que por isso ele pediu para sair.

O fato é que o Motörhead estava há quatro anos sem lançar nada por conta de uma pendenga jurídica com sua antiga gravadora. Ou seja, Lemmy, Phil Campbell, Würzel e Philthy Animal Taylor tinham muito a dizer. E disseram. Mais que isso, ousaram. A faixa-título, por exemplo, é uma pungente balada que conta com o acompanhamento de um cello.

Mas aquele rock básico, furioso e que funcionava tão bem no Motörhead continuava ali. *Going to Brazil*, relatando as mazelas de uma viagem ao nosso país tropical, e *R.A.M.O.N.E.S.* acabaram figurando entre os clássicos da banda. Essa última emocionou Joey Ramone: "É o mesmo que John Lennon escrever uma música pra você", definiu ele. A música entrou no repertório do Ramones e lá ficou até a banda encerrar atividades.

Ainda ávido para compensar o tempo perdido, o Motörhead lançou nada menos que mais cinco discos até o final dos anos 90.

Antonio Carlos Monteiro

MR. BIG *Lean Into It* (1991)

28

Ninguém imagina que o hard rock entraria numa espiral descendente nos primeiros anos da década de 90, mas o Mr. Big foi uma das bandas do estilo a conseguir sobrevida naquele período. Mais do que isso, foi o supergrupo que deu certo e, entre altos e baixos, teve uma carreira longeva. Enquanto Blue Murder e Badlands já enfrentavam problemas em 1991 e acabariam naufragando não muito depois, Eric Martin (vocal), Paul Gilbert (guitarra), Billy Sheehan (baixo) e o saudoso Pat Torpey (bateria), que já haviam se saído melhor com *Mr. Big* (1989), acertaram na mosca com *Lean Into it*, que vendeu 1,2 milhão de cópias (quatro vezes mais que o trabalho de estreia), ganhou Disco de Platina e chegou ao 15º lugar no Top 200 da Billboard.

Curiosamente, no entanto, o sucesso foi puxado por uma balada que até os seus pais conhecem (e sua mãe deve gostar). *To Be With You* foi pódio no *The Billboard Hot 100*, que no ano seguinte recebeu a visita de *Just Take My Heart*, outra balada, na 16ª posição. Acontece que, assim como o Extreme, mas em menor proporção, o Mr. Big acabaria marcado por músicas lentas, tendo ofuscada sua forte veia hard rock ou até mesmo o lado mais pop de canções como *Green-Tinted Sixties Mind* e *Never Say Never*. O que dizer do arrasa-quarteirão *Daddy, Brother, Lover, Little Boy (The Electric Drill Song)*? Tornou-se um clássico, mas *Alive and Kickin'*, *Voodoo Kiss*, *My Kinda Woman*, *A Little Too Loose* e *Road to Ruin* são muito mais do que mero acompanhantes.

Daniel Dutra

NIRVANA *Nevermind* (1991)

O cenário em Seattle não era dos mais invejáveis na década de 1980. Conta-se que o clima também não era dos melhores, o que levava os jovens a clausura das garagens e pequenos clubes, ouvindo música e planejando dar seus próprios passos nesse caminho. O baixista Krist Novoselic e o guitarrista/vocalista Kurt Cobain estavam entre estes jovens que buscavam seu próprio caminho na música, e depois de anos frequentando a mesma escola sem se conectar, finalmente os dois se conheceram, frequentando shows do Melvins.

Com o Nirvana formado (na época com o baterista Chad Channing), veio o contrato com a Sub Pop, um pequeno selo independente de Seattle especializado em rock alternativo, e logo depois, o lançamento de *Bleach* (1989), álbum de estreia do Nirvana. O álbum fez algum barulho no underground, enquanto o Soundgarden assinava como a A&M (divisão da Polygram), abrindo espaço para as bandas grunge entre as gravadoras 'majors'.

Como passo que faltava, o Nirvana encontrou o baterista certo em Dave Grohl, e foi apenas questão de tempo até a banda assinar com a poderosa Geffen Records para lançar seu segundo disco, *Nevermind*. É impossível hoje apontar a razão exata para o sucesso que o álbum alcançou, mas a música pesada e depressiva, carregada de melodias contagiantes e letras que se tornaram a voz de uma geração, ajudaram músicas como *Smells Like Teen Spirit*, *Come As You Are*, *In Bloom*, *Lithium* e *On a Plain* a impulsionar *Nevermind* ao topo da Billboard 200.

Valtemir Amler

29

OZZY OSBOURNE *No More Tears* (1991)

30

Os tempos andavam negros para Ozzy Osbourne. Se comercialmente as coisas iam muito bem, obrigado, o mesmo não se podia dizer de sua vida pessoal. Seus vícios deixavam o casamento com Sharon por um fio e o trabalho com a banda também acabava cercado de incertezas.

Nesse clima ele entrou em estúdio com Zakk Wylde (guitarra), John Sinclair (teclado), Bob Daisley (baixo) e Randy Castillo (bateria), mesmo time que havia gravado o trabalho anterior, *No Rest for the Wicked* (1988). Além deles, Ozzy contou com a colaboração de seu amigo Lemmy Kilmister nas letras de quatro músicas, *Hellraiser*, *I Don't Want to Change the World*, *Desires* e *Mama I'm Coming Home*.

No encarte da reedição de 2002 do disco, Ozzy conta que não conseguia acertar a letra dessa última. "Eu tinha a melodia e o tema, mas a letra não saía. Pedi ajuda a Lemmy e ele me disse para voltar em uma hora. Depois de uma hora fui lá e ele mostrou um punhado de letras diferentes, todas ótimas! E ainda falou: 'Se você não gostar de nenhuma, eu faço outras'. Incrível!"

No More Tears acabou tendo grande veiculação tanto no rádio como na TV. A versão ao vivo de *Mama I'm Coming Home* acabou ganhando o Grammy de Melhor Performance em Metal de 1994.

Esse foi o disco mais bem sucedido da carreira solo de Ozzy, mas nem por isso foi número um nas paradas – essa honra aconteceu apenas uma vez na carreira solo de Ozzy; foi em 2001 com *Down to Earth* (2001), na improvável Suécia.

Antonio Carlos Monteiro

PEARL JAM *Ten* (1991)

31

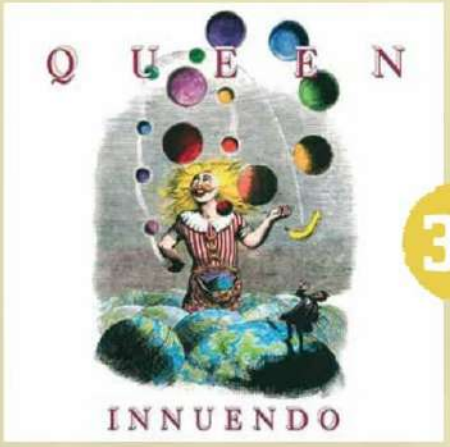
Lá no começo dos anos 90 eu tinha a banda Cicatrix e estudava bateria com Paulão Thomaz (ex-Centúrias), que tocava no Firebox. E, então, um clipe de uma banda nova chamada Pearl Jam sempre era exibido na MTV. O vídeo de *Alive* mostrava o grupo ao vivo e, naquele momento, apenas de passagem pela banda, estava o baterista Matt Chamberlain. Paulão, como é mais conhecido, me mostrava o movimento do braço de Matt no chimbau. Era tão livre e solto que parecia que ele estava com o antebraço quebrado. Estudei muito aquele movimento e o álbum por inteiro começou a me chamar a intenção.

Ten é um álbum sensacional, que me marcou muito. Uma série de composições ótimas que tem, além de *Alive*, faixas como *Even Flow*, *Once*, *Black* e a melhor de todas, *Jeremy*. O mais impressionante é que a maioria das músicas eram instrumentais e, então, após a chegada de Eddie Vedder, o vocalista adicionou letras sobre temas como depressão, suicídio, solidão, preocupações sociais e abuso. O clipe de *Jeremy* foi inspirado em uma história verdadeira, na qual um estudante do ensino médio se matou na frente de seus colegas. Em *Alive*, a música conta a história de um filho descobrindo que seu pai é realmente seu padrasto (seu pai verdadeiro havia morrido há muito tempo) – história essa que aconteceu de verdade com Eddie Vedder aos 17 anos.

Quase nada do que o Pearl Jam criou após esse álbum me atraiu. Ou seja, na minha coleção consta apenas esse, que escuto até hoje com o mesmo sentimento. Um clássico!

Claudio Vicentin

QUEEN *Innuendo* (1991)



32

Vou começar este comentário com uma opinião bem pessoal: a despeito de sua qualidade, *Innuendo* é um dos discos mais tristes da história do rock – se não for o mais triste de todos. Afinal, Freddie Mercury estava doente, ainda não havia sido descoberta a forma de controlar o vírus do HIV e a banda estava, evidentemente, consternada com a iminente morte do vocalista. Impossível que esse sentimento de impotência não transparecesse para as canções. Confesso, é um dos discos do Queen que menos ouvi.

Mas isso, obviamente, não desmerece a imensa qualidade musical de *Innuendo*. Do show de Brian May na faixa-título à tocante *I'm Going Slightly Mad*, da quase heavy *The Hitman* à definitiva *The Show Must Go On*, o disco faz plena justiça ao talento do Queen.

Não por acaso, alcançou o primeiro posto das paradas britânica, alemã e holandesa. Já o mercado americano, que depois de *The Game* (1980) aparentemente começou a olhar a banda com desconfiança, colocou *Innuendo* apenas no 30º posto, mesmo certificando-o Disco de Ouro.

Os vídeos de *I'm Going Slightly Mad* e principalmente *These Are the Days of Your Life* chocaram o público por trazerem Freddie Mercury, já bastante magro, numa situação claramente debilitada – ambos foram filmados em preto e branco para mascarar a real condição do vocalista, sendo que a versão colorida de *These Are the Days of Your Life* foi lançada posteriormente e se encontra disponível no YouTube. Freddie faleceria menos de um ano após o lançamento do disco.

Antonio Carlos Monteiro

RED HOT CHILI PEPPERS *Blood Sugar Sex Magik* (1991)

33

Você certamente já ouviu *Give it Away* ou *Under the Bridge* – seja na trilha sonora das novelas Perigosas Peruas (1992) e De Corpo e Alma (1992), na programação da MTV ou em alguma rádio. Para citar apenas duas, *BSSM* traz dezessete faixas que causaram um estrondo que ecoa há quase trinta anos. Mas qual é a razão desse sucesso?

O RHCP partiu para as gravações do seu quinto disco de estúdio almejando algo diferente. A vontade de mudança foi impulsionada por uma sequência de fatos que se originou com o falecimento por overdose do guitarrista Hillel Slovak, em 1988, e a saída do baterista Jack Irons. Anthony Kiedis (vocal) e Flea (baixo) trouxeram John Frusciante (guitarra) e Chad Smith (bateria) e lançaram o relativamente bem sucedido *Mother's Milk* (1989). O problema não foi o respaldo, mas os entraves da produção, que não os agradou. Para virar o jogo veio o produtor Rick Rubin, propondo extrair o melhor dos músicos, dando-lhes liberdade artística e tendo como norte uma abordagem mais refinada e minimalista.

Das sete semanas de gravação isolados numa mansão surgiu um trabalho altamente comercial, temperado pelo funk, rock e rap, que transpira a personalidade bem humorada do garotão Kiedis, a energia pulsante de Flea, o toque introspectivo de Frusciante e a descontração de Smith.

Com sete milhões de cópias vendidas, é o disco mais bem sucedido de um grupo que ganhou o mundo oferecendo música e entregando estilo e identidade.

Guilherme Spiazzi

from hell arts

WarGods Press

Assessoria de Imprensa

Ouça nossa playlist no **Spotify**
Use o app "QR Code Reader"

www.wargodspress.com.br
wargodspress@gmail.com

*Assessoria **personalizada** para cada banda*
Colocamos suas músicas nas plataformas digitais

CARLOS LICHMAN
Divulgando o CD "Lendas Urbanas de Porto Alegre"

CAROLINA IV
Divulgando o EP "The Color of Your Soul"

DEVIL'S BLUES BOOZE
Divulgando o single "Devil's Blues Booze"

EVILCULT
Em breve lançando o debut album "At the Darkest Night"

EXEQUATOR
Divulgando o single "Puppets"

FINITA
Divulgando o EP "Lie"

FORKILL
Divulgando o CD "The Sound of the Devil's Bell"

FOXX SALEMA
Divulgando o CD "Rebel Hearts"

FURIA ROCKPAULERA
Divulgando o single "Furia RockPaulera"

HIPERCUDO
Divulgando o CD "Trem da Loucura"

HOLY TIME
Em breve lançando o EP "The Light Ahead"

INNER CALIGULA
Divulgando o single "Inner Caligula"

MEGGERA
Trabalhando na produção do álbum "Meia hora de acougue"

MORTTICIA
Divulgando o single "Ocean of Change"

MOTORDRUNK
Divulgando o CD "Moterdrunk"

ONE OF THEM
Divulgando o EP "Blind Faith"

OVERDOSE NUCLEAR
Divulgando o CD "Overdose Nuclear"

PANNDORA
Divulgando o álbum "Uranie"

ROYAL RAGE
Divulgando o single "Bloodlust"

SEGREGATORUM
Divulgando o single "Nourished Wounds"

SILVER TALON
Trabalhando no sucessor de "Becoming a Demon"

SYMMETRYA
Divulgando o CD "Beyond the Darkness"

VAKAN
Divulgando o álbum "Vagabond"

WARSHIPPER
Trabalhando no sucessor de "Black Sun"

WHITE DRAGON
Divulgando o álbum "Prepare for the Changes"

Desde 2006 na luta pelo Heavy Metal

SKID ROW *Slave To The Grind* (1991)

34

Quando o Skid Row lançou seu homônimo debut, foi sucesso imediato. Motivo suficiente para quem odiava hard rock detonar o grupo, principalmente pelas reações histéricas que Sebastian Bach causava no público feminino. No entanto, quando lançou *Slave to the Grind*, foi como se o hard rock estivesse se vingando. Assim que a própria *Slave to Grind* e *Monkey Business* invadiram a programação da MTV, muitos se curvaram diante de tamanha agressividade.

Claro que o álbum dispunha de baladas, falo dos hits *Quicksand Jesus*, *In A Darkened Room* e *Wasted Time*, porém o arsenal pesado dispunha também de *The Threat*, *Psycho Love*, *Creepshow*, *Mudkicker*, *Livin' on a Chain Gang* e o punk rock de *Get the Fuck Out* e *Riot Act*. Resultado: dois milhões de cópias vendidas nos Estados Unidos, certificado de Duplo Disco de Platina e status de primeiro álbum de heavy metal a ser número um no chart Billboard 200.

No último dia 12 de outubro, Bach e sua banda solo tocaram *Slave to the Grind* na íntegra no Whisky A Go Go (EUA). Em junho, ele fez um convite aberto para seus desafetos ex-companheiros remanescentes no Skid Row. Na TV Kaaos da Finlândia, o guitarrista Dave "Snake" Sabo declinou: "Estou trabalhando com minha banda (Skid Row)" – sentiu a cutucada? Na revista Rolling Stone, Sebastian revidou: "Acho que é coisa de ego. Eles não gostam quando recebo atenção e eles não. Sempre foi assim. Já posso vê-los bravos porque estou vendendo shows e eles não estarão nessa...".

Leandro Nogueira Coppi

SOUNDGARDEN *Badmotorfinger* (1991)

Figura controversa, o radialista americano Howard Stern afirmou certa vez que o Soundgarden foi o responsável por inaugurar a era do grunge, e não o Nirvana. Polêmicas à parte, o fato é que o grupo do vocalista Chris Cornell (1964-2017) e do guitarrista Kim Thayil lançou seu debut, *Ultramega OK*, em 1988, um ano antes do cartão de visitas de Kurt Cobain e cia, *Bleach* (1989). O sucesso, no entanto, demoraria a bater à porta de Thayil e seus comparsas.

Foi a partir de seu terceiro álbum, *Badmotorfinger* (1991), que o destino passou a conspirar a favor do quarteto, completado pelo baterista Matt Cameron e o estreante baixista Ben Shepherd, substituto de Hiro Yamamoto, um dos fundadores. "Houve um pouco de hesitação, porque realmente construímos algo ao longo de cinco ou seis anos com Hiro (...) mas quando Ben entrou, foi emocionante. Ele é um dos irmãos mais novos do meu melhor amigo, então me senti responsável por ele", relatou Thayil à Rolling Stone.

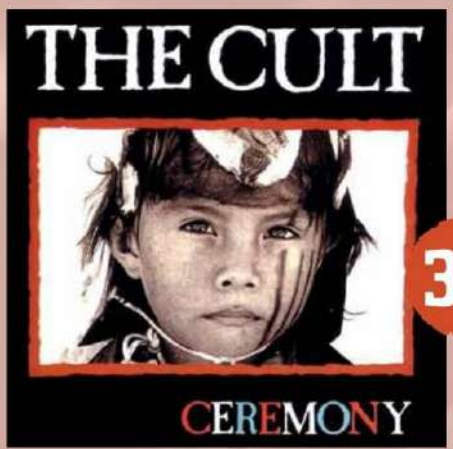
A influência de Black Sabbath, stoner e um ou outro flerte ao hard oitentista se faz presente em *Badmotorfinger*, cuja grande sacada está na interpretação de Cornell. Basta ouvir os singles *Jesus Christ Pose*, *Outshined* e *Rusty Cage* para sentir o "drama". Resultado: obteve Disco de Platina duas vezes nos EUA. Mérito também para o dedo do produtor Terry Date.

Em 2016, foram lançadas duas edições de luxo, em celebração dos 25 anos de um disco que emana todo o talento de um dos grandes vocalistas da história do rock.

Thiago Prata

35

THE CULT *Ceremony* (1991)



36

Quando veio pela primeira ao Brasil, com um show lotado no Ginásio do Ibirapuera (SP) em dezembro de 1991, o The Cult promovia *Ceremony*, sucessor dos aclamados *Love* (1985), *Sonic Temple* (1989) e *Electric* (1987). "Lembro-me da primeira vez que fomos e vimos que era um ótimo país para conhecer. O Brasil é um país fascinante, gostamos muito de tocar aí e sempre esperamos por qualquer oportunidade", disse o guitarrista Billy Dufy à ROADIE CREW.

O grupo não conseguiu superar os antecessores comercialmente, mas nem por isso *Ceremony*, produzido por Richie Zito, deixa de ser uma obra sem impacto, especialmente por trazer faixas como *Wild Hearted Son*, mantendo o nível de *Sonic Temple*; a hard'n'heavy *Earth Mofo*; as cadenciadas *White* e a faixa-título, além da balada *If*.

Full Tilt e *Bangkok Rain* apresentam resquícios de *Electric*, enquanto as acústicas *Heart of Soul* e *Indian* se destacam pela temática e a interpretação de Ian Astbury, que há tempos mantém o fascínio pela cultura indígena e o modo de vida dos nativos americanos. Isto, porém, causou polêmica quando Tom e Jennifer Crazy Bear DuBray, pais do menino nativo americano Eternity Dubray, da tribo Sioux de Oglala Lakota, processaram a banda em US$ 61 milhões, alegando que houve uso da imagem sem permissão.

Durante o processo de composição, Astbury e Duffy trabalharam com Todd Hoffman (baixo) e James Kottak (bateria), mas as gravações foram feitas com Charley Drayton (baixo) e Mickey Curry (bateria).

Ricardo Batalha

37 VAN HALEN *For Unlawful Carnal Knowledge* (1991)

É sempre um enorme problema para uma banda quando ela tem que trocar de vocalista. Afinal, trata-se do frontman, do centro das atenções, da marca registrada de um grupo. Assim, o mundo do rock prendeu a respiração quando David Lee Roth e o Van Halen romperam, em 1986. Mas sua substituição por Sammy Hagar não podia ser mais acertada. Se não era um fanfarrão como David, o ex-Montrose se mostrou um festeiro à altura do som que o Van Halen vinha começando a fazer – além de ser um excelente vocalista. E *For Unlawful Carnal Knowledge* só reafirmou isso. Terceiro disco com Hagar, estreou no topo da Billboard e lá permaneceu por três semanas. Tornou-se nada menos que Disco de Platina triplo nos EUA.

E motivos para isso não faltaram. Além da guitarra acima de qualquer suspeita de Eddie Van Halen, da cozinha poderosa de Michael Anthony e Alex Van Halen e dos vocais certeiros de Sammy, o disco ainda tinha temas como *Runaround* e *All Right Now*, aqueles rocks acima de qualquer suspeita, mas que trazem um quê de pop que funciona à perfeição – poucos grupos/músicos são capazes disso.

Em entrevista concedida em 2015, por ocasião do 24º aniversário do disco, Sammy declarou que o título *For Unlawful Carnal Knowledge* surgiu porque ele queria mandar um "fuck" para a censura. "Havia muita perseguição às bandas de rock", declarou. E como chamar o disco de "Fuck Censorship" seria problema na certa, optou-se por uma frase cujas iniciais formassem a palavra em questão. Simples assim.

Antonio Carlos Monteiro

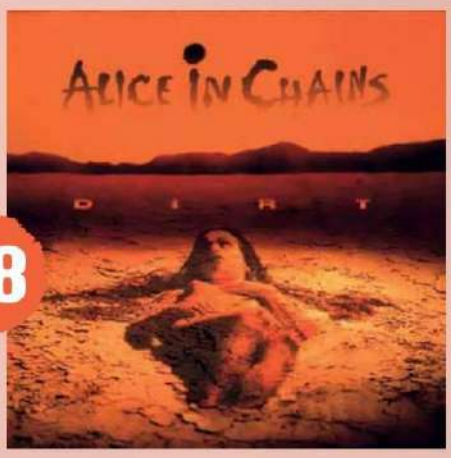
38 ALICE IN CHAINS *Dirt* (1992)

Esqueçamos o grunge. Alice In Chains sempre foi muito maior do que o tal "som de Seattle". Sempre foi pesado, metal. Não? E o que faz Tom Araya na curtíssima instrumental *Iron Gland*, que no disco saiu como *Untitled*? Dito isto, vamos ao que interessa. Carregado pelo mega hit *Man in the Box*, *Facelift* (1990) alçou Layne Staley (vocal), Jerry Cantrell (guitarra e vocal), Mike Starr (baixo) e Sean Kinney (bateria) ao estrelato mundial. Então como superar um disco que foi duas vezes Platina nos EUA (DOIS milhões de cópias vendidas!) entre várias outras medidas de sucesso?

Tarefa complicadíssima. Mas os caras conseguiram dobrando a vendagem no mercado norte-americano. Sim, quatro vezes Disco de Platina! Migraram para um estilo mais acessível? Não. Criaram *Would?*, *Angry Chair*, *Rooster*, *Down In The Hole* e a pesadíssima *Them Bones*. A qualidade delas e seus respectivos vídeos ajudaram *Dirt* ser, até hoje, o trabalho mais impactante da banda.

Último com a formação original, pois Starr seria substituído por Mike Inez no disco seguinte, o disco ainda trouxe além dos *singles* faixas menos badaladas, porém ótimas. *Sickman*, *Dam That River* (que riff!), *Junkhead* (tio Tony Iommi deve ter ficado orgulhoso), *Hate To Feel*, *Rain When I Die* e *God Smack* são canções que ainda precisam ser mais exploradas. Muitos radicais sequer ouviram *Dirt*. E, pior, ainda perdem tempo teimando em não conhecer o brilhantismo de Cantrell, fio condutor deste importante ícone.

Alessandro Bonassoli



39 BLACK SABBATH *Dehumanizer* (1992)

"Havia muita expectativa porque estávamos juntos de novo com Dio. Teria sido legal se tivéssemos lapidado mais as composições antes de gravá-las, mas gosto muito do álbum", declarou Tony Iommi à ROADIE CREW.

Apesar do preciosismo do guitarrista, um dos trunfos de *Dehumanizer* é justamente a crueza. Mais pesado do que Iommi vinha criando na fase com Tony Martin, *Dehumanizer* privilegiou o metal denso e sombrio.

A reunião começou a ser consolidada a partir de agosto de 1990, quando o saudoso Ronnie James Dio, que promovia *Lock up the Wolves* (1990), e o baixista Geezer Butler, vindo de uma temporada na banda de Ozzy, se encontraram em um show em Mineápolis (EUA). A formação teria o também saudoso baterista Cozy Powell, que não permaneceu porque sofreu fratura no períneo quando, literalmente, caiu do cavalo. Dio queria substituí-lo por Simon Wright, mas Butler e Iommi recrutaram Vinny Appice, que na abertura, com *Computer God*, apresentou seu 'cartão de visitas' – o conceito aborda o computador adorado como um deus.

Além das arrastadas *After All*, *Letters From Earth*, *Too Late*, *I* e *Buried Alive*, as aceleradas *Time Machine*, que fez parte da trilha de "Wayne's World", e *TV Crimes*, que saiu como single e clipe, chamaram a atenção.

A reunião teve início no Brasil, onde o Black Sabbath jamais havia se apresentado. Porém, em novembro de 1992, quando Dio se recusou a dividir o palco com Ozzy nos shows em Costa Mesa (EUA), o fim da turnê contou com a presença de Rob Halford.

Ricardo Batalha

40 BON JOVI *Keep The Faith* (1992)

Eis um álbum que com o tempo passou a ser apontado pelos mesmos que o criticavam como um dos mais legais do Bon Jovi. Como desculpa, dizem: "em vista dos álbuns fracos que a banda tem lançado esse 'até' que é legal". Balela. O que rola é que muitos ainda se retorcem com a pegada dançante da própria *Keep the Faith*, destacada pelo groove do baixo de Alec John Such, usando-a como motivo para diminuir o álbum. Além disso, há muito descaso com as baladas *Bed of Roses*, *Dry County* e *I Want You*, e com o hard rock de viés diferente ouvido em *I Believe* e *In These Arms*.

O quinto álbum dos "garotos de Nova Jersey" merece reconhecimento por suas qualidades, não apenas por ser melhor do que "esse" ou "aquele outro" da discografia. Além das músicas citadas serem muito boas, *Keep the Faith* é recheado de outras de ótimo nível. Temos as explosivas e divertidas *I'll Sleep When I'm Dead* e *Blame it on the Love of Rock & Roll*, a pesada *If I Was Your Mother*, as empolgantes *Woman in Love* e *Fear*, e também a bluesy *Little Bit of Soul*.

Keep the Faith é rico em arranjos refinados e muito bem produzido pelo mago Bob Rock, que havia brilhado em *Dr. Feelgood* (1989) do Mötley Crüe e em *Metallica* (1991) do Metallica. Liricamente amadurecida, vemos em *Dry County*, por exemplo, uma banda preocupada com a indústria nacional de petróleo e o impacto causado na renda de famílias que dependiam dela.

O Bon Jovi havia saído da zona de conforto e entrado revigorado na nova década que se iniciava.

Leandro Nogueira Coppi

41 CANNIBAL CORPSE *Tomb Of The Mutilated* (1992)

Quando as coisas começaram a explodir na Flórida, o Cannibal Corpse não teve dúvida, era hora de seguir no encalço de onde os contratos estavam, era hora de ir para Tampa. Assim fizeram Chris Barnes (vocal), Bob Rusay (guitarra), Jack Owen (guitarra), Paul Mazurkiewicz (bateria) e Alex Webster (baixo), e com contrato assinado com a Metal Blade e os discos *Eaten Back To Life* (1990) e *Butchered At Birth* (1991) lançados, eles tinham tomado a decisão certa.

Mas não eram apenas os contratos que guiavam as bandas de death metal para Tampa. Existia na cidade todo um circuito, todo um ambiente que tornava a cena salutar, que levava aqueles indivíduos a seguir em frente evoluindo. Alex Webster relembra o espírito da época: "era mais competitivo na Flórida do que em Buffalo, de onde éramos originalmente. Mas não sei se foi algo totalmente negativo, porque às vezes esse espírito competitivo ajuda as bandas a melhorarem. Todo mundo queria ser o mais veloz e o mais intenso, e isso manteve a cena avançando em uma direção mais rápida e pesada". Ao chegar ao seu terceiro disco, o Cannibal Corpse se manteve evoluindo nessa direção, continuou buscando o ódio e a repulsa da sociedade dita 'normal', e conseguiu chocar seja com a capa do álbum, seja com o título das músicas, como em *I Cum Blood*, *Necropedophile*, *Post Mortal Ejaculation* e *Addicted To Vaginal Skin*. Ah, e é aqui que você encontra a clássica *Hammer Smashed Face*. Clássico absoluto.

Valtemir Amler

42 DREAM THEATER *Images And Words* (1992)

Um divisor de águas no prog metal, *Images and Words* é ponto de partida para qualquer um que queira conhecer a alma do grupo. Como afirmou o vocalista James LaBrie: "Ele estabeleceu quem o Dream Theater realmente é."

A estreia, com *When Dream and Day Unite* (1989), fora morna, com direito a subsequente saída de gravadora e demissão do vocalista Charlie Dominici. Enquanto buscavam por um novo vocalista e um selo, o grupo seguiu firme nas composições. "Dedicamos muito tempo aprimorando o material. Foram cerca de três anos compondo", declarou o baixista John Myung.

Depois de acertarem com LaBrie e firmarem um contrato para sete álbuns com a major Atco Records, o grupo estava pronto para voltar a brigar pelo seu espaço. A estratégia de divulgação optou por *Another Day* para o lançamento em formato single e clipe, mas a resposta para ambos foi morna. Por outro lado, *Pull Me Under* despontou de forma espontânea nas rádios e passou a ser a vedete do álbum. Até hoje é!

Claro que a crítica colocou a habilidade técnica dos músicos como tema central das resenhas, mas, de forma geral, o disco foi muito bem recebido e logo se tornou um sucesso comercial graças a uma extensa turnê internacional.

Assim o mundo teve a oportunidade de ouvir um metal composto de longas canções pautadas por interpretações dramáticas, atrevimento musical, técnica, bom senso e sensibilidade. Características que embalam as histórias e mensagens de letras que até hoje tocaram fundo no coração dos fãs.

Guilherme Spiazzi

RAGE IN MY EYES

Álbum de estreia da banda gaúcha RAGE IN MY EYES já disponível no Brasil!

Banda de apoio ***Paul Di'Anno*** *de 2009 a 2014*
e de abertura para o ***Iron Maiden*** *em Porto Alegre 2019.*

Uma mistura original de **Heavy** e **Prog Metal** com elementos da **Milonga** (gênero musical do sul do Brasil, Uruguai e Argentina) culminando em um estilo próprio nunca ouvido antes!

Jonathas Pozo - *Voz*
Magnus Wichmann - *Guitarra*
Leo Nunes - *Guitarra*
Pedro Fauth - *Baixo*
Francis Cassol - *Bateria*

Lançamento VOICE MUSIC

WarGods Press Assessoria de Imprensa

OUÇA E COMPRE AGORA! www.**RageInMyEyes**.com

anúncio: www.**jduartedesign**.com
foto: **Mariana Mantovani**

FAITH NO MORE *Angel Dust* (1992)

43

Para entender o quarto álbum de estúdio do Faith No More, vamos voltar para 20 de janeiro de 1990, quando Mike Patton (vocal), Jim Martin (guitarra), Billy Gould (baixo), Roddy Bottum (teclados) e Mike Bordin (bateria) promoveram um massacre no Maracanã, colocando no bolso o Guns N'Roses, atração principal do terceiro dia do Rock in Rio II. A banda queimou logo de cara um de seus dois cartuchos, *Falling to Pieces*, e deixou o outro, *Epic*, para a segunda metade de um jogo que já estava ganho. E teve homenagem a Pelé em *The Crab Song*, uma versão arrebatadora de *War Pigs*, do Black Sabbath, e o bis nada protocolar com *Easy*, do The Commodores.

Ninguém sabia o que esperar daquele show, e foi isso que a banda mostrou com *Angel Dust*. Depois de um disco bem-sucedido, *The Real Thing* (1989), por que não mexer em time que está ganhando? *Land of Sunshine* ameaça um ar de normalidade, mas aí vem *Caffeine* para bagunçar e mostrar um Patton diferente, mas ainda enlouquecido. Ela ganha companhia de canções pouco convencionais para quem aguardava por novos hits na MTV, casos de *Midlife Crises*, *RV* (espetacular), *Smaller and Smaller*, *Everything's Ruined*, *Malpractice*, *Crack Hitler* e *Jizzlobber*. Mas o disco não esquece o lado pop – *A Small Victory* e, com restrições, *Kindergarten* – e ainda traz uma das músicas mais geniais do rock: *Be Aggressive*, que joga o sexo oral na sua cara ("You're my flavour of the week / I swallow, I swallow, I swallow, I swallow"). Que disco!

Daniel Dutra

IRON MAIDEN *Fear Of The Dark* (1992)

Diferentemente de outras instituições musicais, o Iron Maiden não mudou radicalmente seu som no começo dos anos 90 a fim de seguir tendências comerciais, preferindo resgatar alguns elementos mais crus e agressivos, sem abrir mão das melodias e nuances progressivas. "Se queremos mudar, mudamos nós mesmos, como fizemos nesse disco. Ainda soa como Iron Maiden", sintetizou o baixista Steve Harris sobre *Fear of the Dark*, em entrevista à M.E.A.T.

O segundo disco com o guitarrista Janick Gers serviu como resposta àqueles que rotulavam o grupo de 'ultrapassado' ou aos que acreditavam que o quinteto iria se 'vender'. "A questão é: você quer vender 15 milhões de discos ou fazer o disco que gostaria e se divertir? Nós vendemos 2 ou 2,5 milhões de discos no mundo inteiro a cada lançamento. Estou feliz com isso", disse Bruce Dickinson à Circus.

Ironicamente, as coisas não estavam tão 'felizes' assim para Dickinson. Problemas internos resultaram em sua saída após o giro de promoção do nono disco de estúdio do Maiden. Era também o fim da era Martin Birch, que produziu todos os trabalhos desde *Killers* (1981) e se aposentou depois de assinar a bolacha que rendeu ao mundo a agressiva *Be Quick or Be Dead*, a grudenta *Wasting Love* e a magistral faixa-título, angariou o 12° posto da Billboard 200 e o 1° nas paradas britânicas, gerou turnês em vários cantos do planeta, incluindo o Brasil, e originou álbuns ao vivo, como *Live at Donington*, *A Real Live One* e *A Real Dead One*.

Thiago Prata

44

KISS *Revenge* (1992)

45

A história do 16º disco de estúdio do Kiss começou no ano anterior, com *God Gave Rock 'n' Roll To You II*, versão da banda para o clássico do Argent. Com Eric Carr lutando contra um câncer, Paul Stanley e Gene Simmons decidiram usar um batera convidado na música da trilha sonora de "Bill & Ted - Dois Loucos no Tempo". Entrou em cena Eric Singer, que não aparece no videoclipe, mas acabou sendo efetivado no grupo, uma vez que Carr – que havia gravado os vocais a cappella da canção e participou das filmagens – faleceu três meses depois. Temos aqui o canto dos cisnes do saudoso batera, homenageado com a inclusão de uma instrumental composta por ele e gravada nas sessões de *Music from The Elder* (1981): *Carr Jam 1981* traz um longo solo da Raposa e a adição da guitarra de Bruce Kulick por cima do trabalho original de Ace Frehley, que havia batizado a canção de *Breakout* no álbum *Frehley's Comet* (1987). Só isso já faz de *Revenge*, terceira pareceria do Kiss com o produtor Bob Ezrin, um disco especial, mas acontece que ele é mesmo um dos melhores do grupo. Ouça *Unholy*, *Heart of Chrome* e *I Just Wanna* (uma ode a *Summertime Blues*, do Blue Cheer) e lembre como Vinnie Vincent, coautor das três, é um talento desperdiçado; se emocione com *Every Time I Look at You* (solo de Dick Wagner); e vibre com *Take it Off* (com Kevin Valentine na bateria), *Tough Love*, *Spit*, *Heart of Chrome*, *Thou Shalt Not*, *Paralyzed* e *Domino*, na qual Simmons sempre se enrola ao vivo com a letra.

Daniel Dutra

MEGADETH *Countdown To Extinction* (1992)

46

Tido como obra prima, *Rust in Peace* (1990) virou pressão para o próximo álbum do Megadeth. Mas o líder Dave Mustaine, que estava prestes a se tornar pai pela primeira vez e vivendo em clima de paz com o restante da banda, sabia que um novo clássico estava a caminho: "Sabíamos, antes de ser lançado, que tínhamos algo especial nas mãos. Sabíamos que as músicas eram boas, que tínhamos tocado bem. Tínhamos sido precisos, rápidos, barulhentos, até mesmo um pouco melódicos em alguns pontos. E sóbrios.", disse em sua biografia Mustaine: Memórias do Heavy Metal. "Pela primeira vez em muito tempo, a gente era uma banda de verdade, com contribuições de todos os quatro membros nas composições", complementou.

Ainda que com um viés completamente diferente do thrash metal de outrora, *Countdown...* foi um tremendo sucesso, impulsionado pelos clipes dos hinos *Symphony of Destruction* e *Sweating Bullets*, e também de *Skin O My Teeth*, *Foreclosure of a Dream* e *High Speed Dirt* – lançados no VHS *Exposure of a Dream* (exceto *Sweating Bullets*). O Megadeth convenceu críticos e fãs com a sonoridade melódica e, ao mesmo tempo, mais comercial de seu quinto álbum, que falava de política e meio ambiente. "Sabia que tínhamos um disco que podia alterar o cenário do heavy metal. Então, o que aconteceu? Bem, *Countdown to Extinction* foi um monstro, entrando em segundo lugar nas listas da Billboard em junho de 1992. Ainda lembro de receber a ligação, respirar fundo e pensar: "Foda demais!".

Leandro Nogueira Coppi

MINISTRY *Psalm 69* (1992)

Sempre achei estranha a expressão metal industrial, mas não consigo imaginar melhor exemplo para isso do que o Ministry, apesar de ter certeza que Al Jourgensen, o líder do grupo, não deva tolerar tais rótulos criados pela indústria. Até o grande *The Mind Is A Strange Thing To Taste* (1989), a banda ainda não estava exatamente no primeiro time. Mas com *Psalm 69: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs* as portas do sucesso foram abertas.

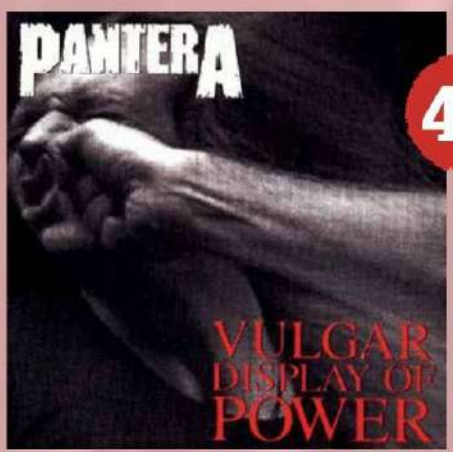
As críticas positivas e a aceitação dos vídeos para a indicada ao Grammy *N.W.O.* e da excelente *Just One Fix* fizeram de *Psalm 69* o maior êxito comercial do Ministry. Disco de Ouro nos mercados norte-americano (onde também chegou a ser de Platina), canadense e australiano, o álbum levou Jourgensen, Paul Barker (baixo) e os demais músicos que os acompanhavam como headliners do Lollapallooza ao lado de Pearl Jam, Red Hot Chilli Peppers e Soundgarden, que dominavam as paradas daquele ano.

Imagine a antítese que era tantos grupos comercialmente acessíveis com o caótico, agressivo, ácido e pesado ataque sonoro do Ministry! *Jesus Built My Hotrod*, *TV II* (que parecia um *sampler* do Sepultura na fase *Bestial Devastation* tocado em altíssima velocidade), o clima de loucura da eletrônica *Corrosion*, nada ali era acessível. E, ainda assim, foi um álbum consagrador. Tão paradoxal quanto a estranha década de 1990. Pensando bem, com tanta corrupção, violência e ódio ao redor do mundo, talvez ainda mais do que naquela época, *Psalm 69* parece ter sido criado hoje.

Alessandro Bonassoli

47

PANTERA *Vulgar Display Of Power* (1992)



48

Falando sobre heavy metal, a década de 1980 infelizmente acabou. O estilo deixou o mainstream, grandes nomes começavam a entrar em declínio e 1990 e 1991 foram muito estranhos, tanto que nos levaram a 1992 com a interrupção nas atividades de Whitesnake, Sanctuary e Death Angel. Iniciei aquele ano desconfiado que a coisa só iria piorar, pois no Brasil ainda por cima vivíamos uma opressiva onda de pagode, sertanejo e axé por todos os lados. Ô década maldita!

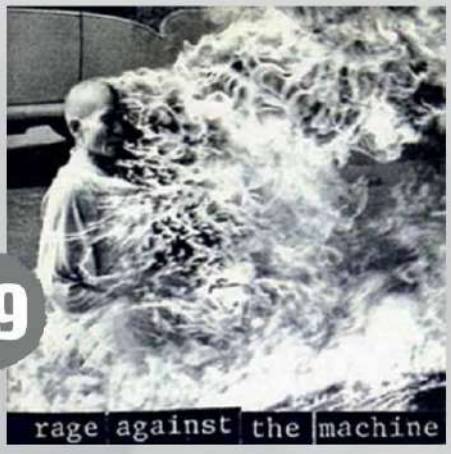
Mas fevereiro chegou e com ele veio *Vulgar Display Of Power*, que faria nossa redenção. Produzido por Terry Date (Metal Church, Dream Theater, Overkill), o sucessor do ótimo *Cowboys From Hell* (1990) trazia um Pantera mais pesado, agressivo, revoltado e com a cara que a música pesada teria naquela década.

Bastou ouvir os primeiros 10 segundos de *Mouth For War* para eu me sentir vingado contra tudo e contra todos que tentaram oprimir o metal. "Vocês vão sofrer", pensei. E só ficava melhor com *A New Level*, a espetacular *Walk* e o soco destruidor *Fucking Hostile*. Confesso que o primeiro minuto de *This Love* me assustou. Pensei que o sonho virava pesadelo. Ainda bem, eu estava enganado e, até o fim, era uma cacetada atrás da outra: *Rise*, *No Good (Attack The Radical)*, *Live In A Hole*, *Regular People (Conceit)*, *By Demons Be Driven* e a discreta *Hollow*. O álbum mais importante dos anos 1990 foi nossa redenção, conduzindo Phil Anselmo, Rex Brown e os saudosos Dimebag Darrell e Vinnie Paul para a história.

Alessandro Bonassoli

RAGE AGAINST THE MACHINE *Rage Against The Machine* (1992)

49



O recente alvoroço dos fãs diante do anúncio de uma reunião do RATM, agendada para 2020, é apenas um reflexo da marca que a banda deixou. E essa história começa em 1991. Com alguns shows e uma demo debaixo do braço, o grupo, cujas letras protestavam contra uma suposta "máquina", deu as mãos para a major Epic e voilà: estreou de maneira estrondosa.

Empurrado principalmente por *Killing in the Name* e *Bombtrack*, o disco logo foi adotado pelas rádios e MTV, além de atingir ótimas posições na Billboard. Na sua fórmula musical, além de esbanjar energia e atitude, o grupo trouxe uma inusitada mistura de rock, funk e rap sem precedentes. Tudo bem, Run-DMC e Aerosmith refizeram *Walk this Way* em 1985. O Beastie Boys incluiu Kerry King (Slayer) na faixa *No Sleep till Brooklyn*, de 1987. Anthrax e Public Enemy lançaram uma versão de *Bring The Noise*, em 1991. Mas o que o RATM trouxe foi muito além dos padrões da época.

Sob a produção de Garth Richardson (Red Hot Chili Peppers) os californianos parecem ser a primeira banda a juntar o rock e o rap de forma tão bem sucedida que é impossível não enxergar a sua influência na música pesada. Foram as linhas de bateria e baixo fortemente casadas, vocais de protesto e uma técnica de guitarra ímpar que delinearam uma carreira musical que durou até 2000. Eles pararam de lançar discos, raramente tocam, mas até hoje é possível ouvir bandas, inclusive grandes artistas, arriscando um cover de RATM ao vivo.

Guilherme Spiazzi

RAMONES *Mondo Bizarro* (1992)

50

Não é segredo pra ninguém que os Ramones são uma das minhas bandas preferidas. Desde tenra idade acompanhei a carreira dos reis do punk rock, seja pegando os LPs emprestados dos meus primos ou lendo a revista BIZZ, que sempre tinha algo voltado ao som pesado. Eram tempos inocentes, não havia internet, e tudo era muito palpável. A emoção ao ouvir Ramones era (e continua) extremamente palpável.

Os Ramones iniciaram a década com dois grandes lançamentos: o essencial ao vivo *Loco Live* (1991) e *Mondo Bizarro*, que inaugurava o baixista CJ Ramone em estúdio. *Mondo Bizarro* ganhou disco de ouro no Brasil e atingiu a 190ª posição da Billboard 200. Um começo de década realmente empolgante.

Com produção assinada por Ed Stasium, *Mondo Bizarro* engloba tudo aquilo que o fã da banda deseja: ritmos acelerados, melodias marcantes e aquele leve acento pop em algumas faixas. *Poison Heart*, escrita por Dee Dee, talvez seja um belo exemplo: o clima leve a colocou na trilha sonora do filme *Cemitério Maldito 2*. *Anxiety*, ao contrário, segue uma linha totalmente diferente e é rápida e agressiva. Mantendo a tradição criada por Dee Dee, CJ assume os vocais em duas faixas, destacando *Strengh to Endure*. Outra tradição mantida foi a inclusão de um cover, desta vez para *Take It as It Comes*, dos Doors, em versão totalmente "ramônica".

A turnê de *Mondo Bizarro* incluiu o Brasil em sua rota, com shows em São Paulo e Rio de Janeiro. Quem aí foi ao Canecão e sofreu com a bomba de gás lacrimogêneo?

Maicon Leite

THE BLACK CROWES *The Southern Harmony And Musical Companion* (1992)

51

Chris Robinson declarou na época de lançamento do disco que chegou a pensar em colocar um adesivo na capa de *The Southern Harmony and Musical Companion*: "Este disco não contém apatia". E explicou à UPI: "A apatia não faz parte das nossas vidas e não faz parte da nossa música."

A declaração não surpreende, já que foi emitida por alguém que não se incomodava em fazer críticas ácidas a shows e festivais com grandes patrocinadores: "Eu não estou nem um pouco a fim de deixar o dinheiro ditar meu comportamento, principalmente como artista", disparou.

Talvez essa postura de colocar a música acima de tudo (que não era apenas dele, mas de toda a banda) tenha sido a responsável pelo sucesso deste que foi o segundo disco: assim que saiu, alcançou o 1º lugar nas paradas americanas e 2º lugar na Grã-Bretanha e no Canadá. Também virou Disco de Platina duplo nos EUA e, feito maior, emplacou os quatro singles no primeiro lugar: *Remedy*, *Sting Me*, *Hotel Illness* e *Throne in My Pride*, o que se tornou um recorde, que antes pertencia a Tom Petty, com três primeiros lugares.

Nada mal para o álbum que, segundo Chris, "foi muito fácil de fazer, em dois finais de semana estava tudo resolvido." Gravado em sistema analógico, "o que você ouve ali é real", orgulhou-se ele.

O temperamento forte de Chris acabou decretando também o fim da banda, mas como nada dura para sempre, o Black Crowes voltou recentemente à ativa – para alegria de quem curte um rock feito com categoria.

Antonio Carlos Monteiro

ATENÇÃO FÃS DE METAL!

AGORA VOCÊ JÁ PODE COMPLETAR A SUA COLEÇÃO EM CD DOS ÁLBUNS DE ESTÚDIO REMASTERIZADOS DO

IRON MAIDEN

ACABA DE SAIR O ÚLTIMO LOTE COM:

DANCE OF DEAD

A MATTER OF LIFE AND DEATH

THE FINAL FRONTIER

THE BOOK OF SOULS

OS LOTES ANTERIORES FORAM:

IRON MAIDEN • KILLERS • THE NUMBER OF THE BEAST • PIECE OF MIND • POWERSLAVE • SOMEWHERE IN TIME • SEVENTH SON OF A SEVENTH SON • NO PRAYER FOR THE DYING • FEAR OF THE DARK • THE X FACTOR • VIRTUAL XI • BRAVE NEW WORLD

www.warnermusic.com.br facebook.com/WarnerMusicLegends

WARNER MUSIC

O BRASIL NA ROTA DO ROCK INTERNACIONAL

Por Antonio Carlos Monteiro

Se observarmos a quantidade (e a qualidade) dos shows e festivais que ocorreram no Brasil ao longo dos anos 90, não vai ficar a menor dúvida: definitivamente, o país passou a ser rota obrigatória para qualquer banda que se preze.

Rock in Rio (1991)

A explicação para isso é bastante clara: a melhora nas condições políticas e econômicas do país. Primeiro de tudo, a ditadura militar caiu em 1985 e, mesmo que ainda capengando, a democracia era o regime em vigor por aqui. Além disso, a partir de 1994, com o advento do Plano Real, o Brasil finalmente obteve alguma estabilidade econômica, deixando de lado os planos mirabolantes dignos de repúblicas das bananas e que só afundaram ainda mais nossa precária economia. E se você pensa que os grande empresários não estão de olho nesse tipo de coisa, engana-se muito: ninguém quer atravessar o oceano e correr o risco de levar um calote, muito menos de ver seu contratado envolvido em algum conflito que os regimes totalitários são tão eficientes em produzir... E some-se a tudo isso a criação do Rock in Rio, em 1985, que foi um dos grandes responsáveis por mostrar ao mundo o enorme potencial que representava o mercado brasileiro.

Assim, os anos 90 viram acontecer por aqui não só grandes festivais, como a estreia em terras brasileiras de muitas bandas e artistas.

Rock in Rio
(1991)

Depois da primeira edição, que trouxe nomes de respeito do rock e do heavy, como AC/DC, Queen, Scorpions, Whitesnake, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e tantos outros, a edição de 1991, realizada de 18 a 26 de janeiro e a única a acontecer no Estádio do Maracanã, reuniu outra verdadeira seleção de nomes de ponta do rock mundial. O principal foi o Guns N'Roses, que vinha pela primeira vez ao Brasil e se apresentou em duas noites. Ainda na esteira do sucesso estrondoso de *Appetite for Destruction* (1987) e até mesmo de *GN'R Lies* (1988), a banda aproveitou para mostrar algumas músicas inéditas, que apareceriam em *Use Your Illusion*, que sairia em setembro.

Na sua biografia, Slash falou que o assédio dos fãs foi além do esperado durante a estada da banda por aqui. Ele disse que nem à piscina a banda conseguia ir, já que sempre aparecia gente disposta a invadir o lugar para ter contato com os ídolos. Por conta disso, o grupo ficou praticamente recluso nos quartos de hotel durante toda sua estadia.

Outro destaque da edição foi o Sepultura, que depois se tornaria um dos grupos que mais se apresentou no festival. A banda estava finalizando as gravações de *Arise* e uma versão pré-mixada do disco foi lançada para aproveitar a oportunidade.

Quem também veio pela primeira vez ao Brasil para o Rock in Rio II foram Faith no More, Judas Priest e Megadeth. E o troféu de "Papelão do Festival" foi para Lobão, que se apresentou logo após o Sepultura e foi hostilizado pelos fãs, que queriam ouvir mais músicas da banda (os mineiros haviam tocado apenas meia hora) e descarregou copos e garrafas em cima dele. O cara ficou furioso, virou bate-boca e xingamentos e o show acabou após apenas uma música.

Judas Priest, um dos destaques do Rock in Rio de 1991

M2000 Summer Concerts
(1994)

Um festival na praia, sem cobrança de ingressos e reunindo nomes de respeito do rock nacional e internacional. Essa mistura (ao menos em teoria) perfeita se concretizou em 5 de fevereiro de 1994, na praia do Boqueirão, em Santos, litoral de São Paulo. Patrocinado por uma marca de tênis bastante popular à época, o festival teve outras edições em Capão da Canoa (RS), com Helmet como atração principal, e na praia da Tijuca, no Rio de Janeiro. Porém, o que ficou mais famoso foi o realizado em Santos. O evento foi dividido em duas etapas distintas, sendo que a primeira, realizada em janeiro, teve o reggae como atração principal. Já a etapa de fevereiro era voltada ao rock alternativo e ao hard rock. Apesar de Deborah Blando e Lemonheads estarem ali mais deslocados do que Pilatos no Credo (e a cantora foi hostilizada de todas as formas pela plateia), Raimundos, Dr. Sin, Rollins Band e Mr. Big fizeram a alegria dos mais de cem mil presentes. Era a primeira vez da banda de Paul Gilbert e Billy Sheehan no Brasil e ela não decepcionou, com direito até ao famoso solo dos dois com furadeiras elétricas. Já Henry Rollins protagonizou o momento bizarro da noite. Em meio à habitual performance ensandecida, acertou a mão que segurava o microfone com o joelho. O microfone foi direto na sua testa e abriu um rombo que sangrou o show inteiro. A cara dele banhada de sangue tornou-se uma imagem clássica do festival.

Paul McCartney (1990)

Hollywood Rock
(1990, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996)

O festival Hollywood Rock teve primeira edição em 1988 – na verdade, em 1975 aconteceu um festival com o mesmo nome e que reuniu a nata do rock brasileiro da época, como Mutantes, O Peso e Raul Seixas, entre vários outros. A, digamos, "nova era" começou em 1988 e invadiu os anos 90, com meia dúzia de edições realizadas nessa década, entre 1990 e 1996, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

E não faltaram momentos históricos ao longo dessas datas. Novamente, vários artistas e bandas vieram pela primeira vez ao Brasil pelas mãos do festival. O Aerosmith, por exemplo, na época há mais de vinte anos na ativa, estreou

Os anos 90 marcaram a entrada definitiva do Brasil no roteiro das turnês dos grandes nomes do rock e do metal

em solo brasileiro na edição de 1994 do Hollywood Rock, com abertura do Poison. O mesmo aconteceu com o Alice in Chains, em 1993, e com Bon Jovi, em 1990 – o Alice in Chains nunca mais veio, Bon Jovi aprendeu o

Sepultura tocou pela primeira vez no Rock in Rio em 1991

caminho e não sai mais daqui.

A edição de 1993 teve também a primeira e única vez do Nirvana por aqui. E foi daquelas performances pra não esquecer... No Estádio do Morumbi, em São Paulo, Kurt Cobain deu uma aula de má vontade, com desafinações, músicas fora do tempo e improvisos sem pé nem cabeça. Já no Sambódromo, no Rio de Janeiro, o menino malcriado que morava dentro dele falou mais alto e Cobain cuspiu na câmera (a Globo transmitia o show ao vivo), mostrou o pinto e fingiu se masturbar. A

Faith No More no Rio de Janeiro

emissora carioca acabou interrompendo a transmissão e passou a mostrar reprises de outros shows.

Porém, a estreia mais saudada do Hollywood Rock aconteceu em 1995 – e muitos nem lembram que os shows faziam parte do festival: pela primeira vez depois de décadas, os Rolling Stones iriam tocar no Brasil.

Essa "primeira vez" já tinha sido ameaçada várias vezes, mas sempre algum problema acabava impossibilitando a vinda da banda. Só que em janeiro de 1995 finalmente aconteceu: foram três shows no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, e dois no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. No mesmo cast estavam Barão Vermelho, Rita Lee e Spin Doctors (sim, é verdade...). E o primeiro show de São Paulo, no dia 27 de janeiro, aconteceu debaixo de um temporal de proporções épicas, chegando até a cancelar a apresentação de Rita Lee. "O Barão, de forma valente, fez um puta show, só que a gente não queria colocar nosso equipamento na chuva. Então, não nos apresentamos", lembra o baterista Paulo Zinner (ex-Golpe de Estado), que na época tocava com Rita Lee. Mas os demais shows foram marcantes para ele: "Essa experiência foi única! Imagina fazer um show inteiro com aquela adrenalina e ainda fazer um solo de bateria com o Pacaembu e o Maracanã lotados!" Paulo lembra que a recepção da plateia foi muito positiva e que ainda teve oportunidade de manter contato com um dos Stones. "Teve um momento após a passagem do som em que eu estava andando pelo palco e vi um casal olhando para minha bateria e comentando", conta ele. "A batera era uma Ludwig prateada e o casal era Charlie Watts com sua esposa. Eu me apresentei, ele perguntou se a bateria era minha e elogiou, disse que era um instrumento raro. Ele me deu um par de baquetas dele, eu dei um par de baquetas meu. É um cara muito simpático e muito simples, assim como a esposa dele. Foi uma conversa muito agradável." E ele finaliza falando sobre a experiência como um todo: "Participar desses shows é uma sensação que eu não sei como passar. Só tenho a agradecer à Rita por ter me proporcionado esse momento único."

Os Stones ainda voltariam várias vezes ao Brasil, sendo que a tour seguinte, em 1998, contou com abertura de Bob Dylan e participação dele na música *Like a Rolling Stone*.

Skol Rock
(1996, 1997)

A marca de cerveja resolveu investir no rock e promoveu uma competição de bandas em 1996. Inscreveram-se mais de oitocentos grupos e sagraram-se vencedores Aqua-Play e Severinos Atômicos. Porém, em 1997 a produção resolveu incrementar o negócio: além dos shows das bandas que almejavam o famoso "lugar ao sol" (e de cujo júri este redator teve a satisfação de participar), também trouxe um belo elenco internacional para abrilhantar o negócio: Dr. Sin, Jason Bonham Band, Ronnie James Dio, Bruce Dickinson, e Scorpions. Foi perfeito, principalmente porque, após três edições anuais seguidas, 1997 não teve Monsters of Rock. Ah, sim: o concurso de bandas foi vencido pela brasiliense Bootnafat. O festival aconteceu no Estádio do Ibirapuera, em São Paulo, no dia 15 de novembro.

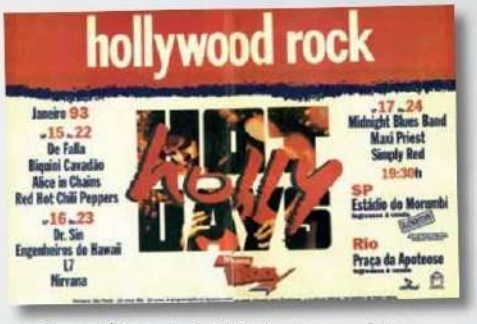
Monsters of Rock
(1994, 1995, 1996, 1998)

Os anos 90 também marcaram a vinda do festival Monsters of Rock para o Brasil. Realizado na Inglaterra desde 1980, o evento chegou ao Brasil em 27 de agosto de 1994, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, com a participação de Dr. Sin, Raimundos, Viper, Angra, Suicidal Tendencies, Black Sabbath, Slayer e Kiss. Foi a primeira (e única) vez do Kiss sem máscara por aqui e de Black Sabbath com Tony Martin nos vocais – protagonizando algumas mancadas que deixaram Tony Iommi visivelmente contrariado.

Porém, o Monsters of Rock foi marcante por se tratar da primeira vez em que algo daquele vulto e voltado exclusivamente ao rock pesado acontecia por aqui. "A gente estava nos EUA gravando *Coma Rage* (1994) quando recebemos um telefonema do Jerome Vonk, que

Mr. Big não esquece a sensação de tocar no M2000 Summer Concerts em Santos (1994)

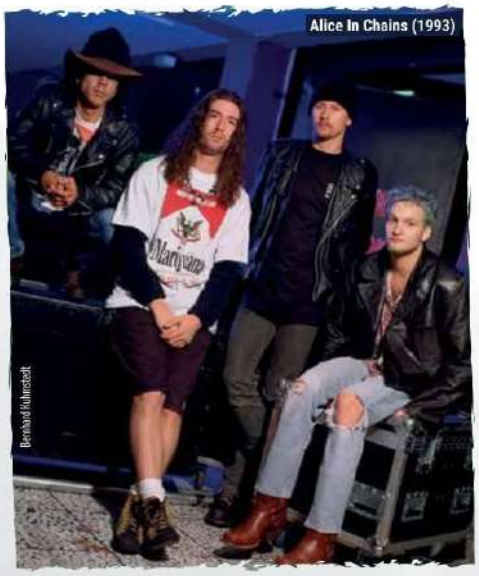
era diretor geral da Roadrunner na época, dizendo que o Viper tinha sido convidado para participar", conta o guitarrista Felipe Machado. "A gente comemorou pra caramba e quando ele disse a data fomos conferir na nossa agenda: era justamente no dia seguinte do último dia de estúdio. A gente aceitou sem nem saber a data, mas a gente ia tocar nem que tivéssemos que vir ao Brasil, tocar



e voltar pra lá", garante ele. Felipe lembra como foi tocar diante daquele público e ao lado daquele cast: "Foi uma sensação maravilhosa, até porque a recepção que a gente recebeu foi muito legal. A gente estava saindo da turnê do *Evolution* (1992) e tocamos para públicos grandes nas aberturas do Metallica e do Black Sabbath, mas naquele festival, tão tradicional, foi uma sensação maravilhosa." Ele afirma que "apesar de ser um festival em que as pessoas provavelmente foram para ver as bandas maiores, fomos recebidos muito bem. A gente ficou muito feliz, foi um dos melhores shows que a gente fez." E ele lembra que o desfecho teve uma passagem algo desagradável para ele: "No final do show eu estava tão empolgado que joguei minha guitarra pro Carlinhos Anhaia, que era meu roadie. Só que eu estava muito longe, ela foi pro chão e quebrou um pedaço. Depois ela foi restaurada, mas na hora foi bem triste. Mas, fora essa, só tenho memórias bem legais. As pessoas foram maravilhosas conosco."

Fotos: Reprodução

No dia 2 de setembro de 1995, aconteceu a segunda edição do festival, novamente no Estádio do Pacaembu. O cast contou com Rata Blanca, Clawfinger, Virna Lisi, Paradise Lost, Theraphy?, Megadeth, Faith no More, Alice Cooper e Ozzy Osbourne, cuja banda na época tinha Joe Holmes na guitarra. Esse foi o primeiro show de Alice Cooper no Brasil após as históricas apresentações em 1974.


Alice In Chains (1993)

Bernhard Kuhnstedt

No ano seguinte, mais precisamente no dia 24 de agosto, subiram ao palco, montado mais uma vez no Estádio do Pacaembu, Heroes del Silencio, Biohazard, Raimundos, Helloween, King Diamond, Mercyful Fate, Skid Row, Motörhead e Iron Maiden com Blaze Bayley nos vocais. Foi nesse dia que Sebastian Bach ficou furioso com a reação da galera, que urrava por Motörhead. Skid Row, Motörhead e Iron Maiden se apresentaram também no Metropolitan, no Rio de Janeiro.

Já em 1998, realizado no Estádio do Ibirapuera, uma das atrações nacionais do Monsters participou por força dos fãs: a Dorsal Atlântica acabou escalada por conta de um abaixo assinado que reuniu mais de quarenta mil assinaturas e fez a produção do festival se render. "Essa não foi nossa primeira tentativa para tocar em um grande festival", lembra Carlos Lopes, vocalista, guitarrista compositor e líder da banda carioca. "Sempre fomos uma banda na qual ninguém investia dinheiro, mas tínhamos um nome forte, construído na rua, na estrada." Era uma época em que não havia internet, então a banda começou a campanha através de coleta de assinaturas com apoio de duas revistas e receberam respostas de todo o país. "Eu parei de contar quando chegou a 35 mil assinaturas", confessa ele, mas havia mais. Muito mais. Foi um negócio lindo. Uma prova de amor..." Carlos, conhecido por nunca usar meias palavras, considera que "houve justiça por tudo o que já havíamos feito pela música pesada no Brasil." Ele diz que o produtor do festival confessou ter ficado muito tocado com a quantidade de assinaturas "e que por isso havia nos escalado no último minuto do segundo tempo. Quando terminamos de tocar, fui tentar descansar no camarim, mas não consegui descansar, só refletia, filosofava, minha cabeça não parava..." E Carlos finaliza: "O show da Dorsal Atlântica foi coração puro. E está registrado para sempre. O que conto aqui não é interpretação ou imaginação. É história."

O cast completo teve Dorsal, Korzus, Glenn Hughes, Savatage, Saxon, Dream Theater, Manowar, Megadeth e Slayer.

E teve muito mais!

Além dos festivais, os anos 90 marcaram a vinda de muito mais gente boa ao Brasil. Poucos se lembram, mas na passagem de ano de 1993 para 1994 Rod Stewart fez um show gratuito na praia de Copacabana, no Rio, que reuniu uma multidão estimada em 3,5 milhões de pessoas – o feito valeu até uma menção no Livro dos Recordes como o maior concerto gratuito da história.

Em 1990, Paul McCartney veio pela primeira vez ao Brasil para um concerto inesquecível no Maracanã. Macca ainda voltaria uma vez ao país nessa década, em 1993, para um show em São Paulo, e várias vezes nos anos 2000.

No ano seguinte foi a vez de o Cult estrear por aqui diante de um Ginásio do Ibirapuera (São Paulo) lotado e ensandecido. Quatro anos depois, a turma de Ian Astbury e Billy Duffy voltaria, apresentando-se em São Paulo e no Rio.

Em 1992, o Brasil teve a primeira oportunidade de ver o Kreator ao vivo, com shows no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Já o Pantera descobriu o Brasil em 1993, com uma apresentação em São Paulo.

Megadeth, a primeira vez no Brasil ocorreu em 1991

Também no início da década, quem veio conferir como era a tal caipirinha foi o Deep Purple. E um de seus maiores fãs participou dos shows: novamente Paulo Zinner, desta vez com o Golpe de Estado. A banda foi convidada para abrir os shows do Deep Purple por aqui em sua primeira visita ao país, em 1991. "Fomos convidados para abrir todos os shows da turnê em São Paulo, mas tivemos vários problemas internos e abrimos só dois no Olympia. Mas foi por culpa do próprio Golpe", admite ele. "Esses shows foram muito importantes para o Golpe e a recompensa pra mim foi muito boa, porque eu conheci todos eles. E a recepção do público foi maravilhosa." Paulo também ficou amigo de seu grande ídolo, Ian Paice: "Eu vi uma entrevista dele dizendo que quando me viu tocar se lembrou dele mesmo na época do *Machine Head*. Pra mim isso foi um puta elogio. E depois fiquei sabendo que falou pro resto da banda o quanto ele tinha gostado de me ver tocar." A partir daí, a amizade só se solidificou: "Cada vez que eles vêm pra cá eu acabo ficando com eles em ensaios, passagens de som, entrevistas etc. Esse é o tipo de coisa que não tem preço."

Aerosmith se destacou no Hollywood Rock em 1994

E teve mais um punhado de gente que descobriu nos anos 90 que era muito legal tocar por aqui, como Uriah Heep, David Bowie, Def Leppard, Exodus, Hammerfall e vários outros. Isso sem falar na turma que já tinha vindo antes e resolveu voltar justamente nessa década, como AC/DC, B.B. King, Faith no More, Iron Maiden, Kiss, Metallica, Santana, Yes e Scorpions.

EMINENCE

foto: Leca Novo arte: www.jduartedesign.com

CONFIRAM O NOVO SINGLE
"MINDS APART"

Disponível no

Spotify DEEZER iTunes

www.eminence.com.br

www.fb.com/eminenceband / Instagram:@eminenceband
Twitter:@eminenceband / www.youtube.com/eminenceband
www.soundcloud.com/eminenceband

WHITE ZOMBIE *La Sexorcisto: Devil Music Volume One* (1992)

52

Antes de construir uma bem-sucedida carreira solo musical e como diretor de cinema, Rob Zombie ganhou notoriedade e atingiu o mainstream graças ao terceiro disco de sua antiga banda, White Zombie.

Alguns fatores acabaram sendo cirúrgicos para que *La Sexorcisto: Devil Music Volume One* alcançasse a 26ª posição da Billboard 200 e fosse certificado como Disco de Platina duplo. Um deles foi a entrada do guitarrista J. Yuenger (Rights of the Accused), que converteu em riffs as ideias mirabolantes que saíam da cabeça de Rob, utilizando seu próprio estilo. "Eu estava ouvindo muitas bandas de thrash metal populares naquela época. E o Prong me impressionou bastante; eu tinha muita afinidade pela guitarra de Tommy Victor", exaltou Yuenger ao site Smells Like Infinite Sadness.

Outro ponto a ser enfatizado era a própria sonoridade do trabalho dos americanos. Segundo Rob, era necessário que houvesse "mais groove em sua música". Um acordo com a Geffen e a constante exibição do clipe de *Thunder Kiss '65* – inclusive pelo desenho "Beavis and Butt-head" – ajudaram a transformar o White Zombie em um dos principais nomes daquela geração. Isso sem contar na participação de Iggy Pop entoando algumas palavras em *Black Sunshine* e *Soul-Crusher*.

Juntamente com o sucesso vieram excursões ao lado de nomes do calibre de Danzig, Testament, Pantera, Crowbar e Anthrax. A turnê durou mais de dois anos até o lançamento do derradeiro do White Zombie, *Astro-Creep: 2000* (1995).

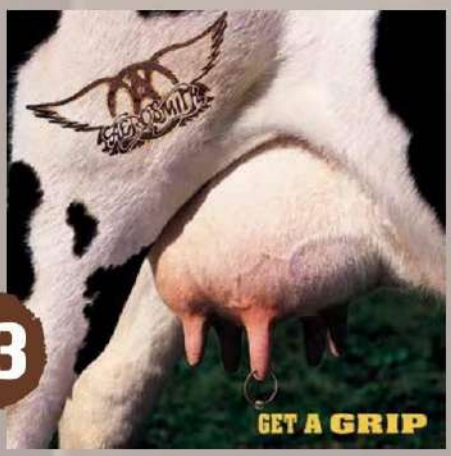
Thiago Prata

AEROSMITH *Get A Grip* (1993)

O Aerosmith havia entrado nos anos 90 depois de ser rejuvenescido, comercial e artisticamente, pela versão de *Walk This Way* com o Run-DMC, em 1986. Em seguida, recomeçou sua escala com *Permanent Vacation* (1987), 11º lugar no Top 200 da Billboard, e a obra-prima *Pump* (1989), que parou na quinta posição, até fincar a bandeira no topo do ranking com *Get a Grip*, que ganhou Disco de Platina sétuplo (mais de sete milhões de cópias vendidas nos EUA) e emplacou seus seis singles entre os dez primeiros do Mainstream Rock Tracks – *Cryin'* e *Living on the Edge* estiveram no lugar mais alto daquela parada. Um feito espetacular para uma banda do início da década de 70 que virou gigante e quase sucumbiu por causa das drogas.

"Cheirei meu Porsche, cheirei meu avião e cheirei minha casa", disse Steven Tyler, que chegou a estimar em US$ 20 milhões o valor que gastou com substâncias ilícitas. Mas Joe Perry e Brad Whitford (guitarras), Tom Hamilton (baixo), Joey Kramer (bateria) e o excepcional vocalista – um dos raros casos de quem passou dos 60 anos com o gogó afiadíssimo – ainda tinham muita lenha para queimar. Apesar de não superar em qualidade o antecessor – *Flesh* e *Gotta Love it* nada acrescentam –, *Get a Grip* pode ser considerado o último grande disco do Aerosmith, que acertou em cheio no lado comercial (*Crazy* e *Amazing* fazem frente aos dois singles citados acima) e forjou rock'n'roll de primeira grandeza com *Eat the Rich*, *Shut Up and Dance* e a faixa-título.

53



Daniel Dutra

ANTHRAX *Sound Of White Noise* (1993)

54

A melhor fase do Anthrax é com John Bush nos vocais. Sempre achei e sempre vou achar. E o melhor disco dessa era é *Sound of White Noise*, cujo título faz uma alusão aquele ruído que ouvimos quando a rádio ou a televisão está fora do ar. E este foi, coincidentemente, a estreia do americano, ex-Armored Saint, no posto. Digo mais: o álbum é, sem dúvida, um dos mais importantes da música pesada em toda a década de 90.

Como negar o poder de fogo de faixas como *Invisible*, *Room for One More* e *Only?* Esta, para mim e para muitos outros fãs, é a melhor música da carreira do Anthrax, inclusive. Sim, o som do grupo mudou consideravelmente em relação aos cinco registros anteriores. E daí? Há, com certeza, uma influência de bandas de grunge/alternativas (estávamos em 1993, auge dessa escola); as levadas ficaram mais lentas, porém o peso continuava o mesmo. Os guitarristas Dan Spitz e Scott Ian são os culpados por isso. Não podemos esquecer que a produção do disco, a cargo de Dave Jerden (Armored Saint, Alice in Chains e Jane's Addiction), também tem grande parcela nessa "nova sonoridade".

E essa "liberdade de influências" passou a ser uma constante no grupo até os dias de hoje, mesmo com Joey Belladonna nos vocais. É fato que, depois de *Sound of White Noise*, o Anthrax fez péssimas escolhas em *Stomp 442* (1995) e *Volume 8: The Threat Is Real* (1998), até chegar ao maravilhoso *We've Come For You All*, de 2004, para mim, o segundo melhor dos americanos. Acho que arrumei briga...

Matheus Vieira

PROMOÇÃO!

NAS COMPRAS ACIMA DE R$300
FRETE GRÁTIS PARA TODO O PAIS.

CASSETES

CDS - LANÇAMENTOS

LPS - RELANÇAMENTOS

CDS - RELANÇAMENTOS

BOXES

VENDAS: cogumelorecoficial
cogumelorecords.loja2.com.br

Distribuido nos EUA por GREYHAZE RECORDS
GREYHAZE RECORDS
MUTILATION
COGUMELO RECORDS

CARCASS *Heartwork* (1993)

55

No início, o trio Jeff Walker (baixo e voz), Bill Steer (guitarra e voz) e Ken Owen (bateria e voz) tinha apostado todas as suas fichas no lado mais extremo possível da música. Atuando sob apelidos impronunciáveis, e com uma música quase incompreensível, eles lançaram *Reek Of Putrefaction* em 1988, e desde então permaneceram atentos ao que acontecia no mundo da música, e sempre com muita vontade de evoluir e mover as correntes.

Os sinos da mudança já começaram a tocar no álbum seguinte, *Symphonies Of Sickness* (1989) e suas linhas de guitarra mais elaboradas (que obrigaram a banda a chamar o guitarrista sueco Michael Amott, do Carnage, para a turnê), mas foi em *Necroticism – Descanting The Insalubrious* (1991) que todos perceberam que o Carcass era uma banda totalmente transformada. O peso e a fúria ainda estavam ali, mas as melodias foram tomando proporções cada vez maiores na mistura musical do Carcass, e isso ganhou proporções gigantescas em seu próximo álbum de estúdio, *Heartwork*.

Considerado hoje como o melhor álbum da banda de Liverpool (ING), *Heartwork* foi encarado na época com uma mistura de louvor e ódio, já que muitos dos velhos fãs viam nas melodias ricas, na produção limpa e nas letras e capa menos 'gore' uma banda que abandonava a suas próprias tradições. Ledo engano, pois *Heartwork*, *No Love Lost*, *Buried Dreams*, *Arbeit Macht Fleisch* e *Blind Bleeding The Blind* representavam o equilíbrio perfeito entre melodia e extremismo musical.

Valtemir Amler

COVERDALE-PAGE *Coverdale-Page* (1993)

Jimmy Page estava sem nada pra fazer e não considerava uma volta imediata ao trabalho com Robert Plant. Já o Whitesnake de David Coverdale vivia um dos vários hiatos que sofreu nos anos 90. Ambos estavam sob contrato da Geffen Records e um dos executivos da gravadora, John Kalodner, sugeriu que os dois juntassem os respectivos ócios e fizessem um disco. Apesar de terem se encontrado apenas uma vez até então, ambos toparam na hora. "Foi muito bom trabalhar com David", disse o guitarrista. "Foi um projeto que durou pouco, mas, pode acreditar, eu adorei fazer essa parceria com ele", concluiu. Coverdale foi bem menos contido numa entrevista sobre o projeto à Classic Rock em 2016: "Trabalhar com Jimmy foi uma satisfação absoluta! Ele era e ainda é um dos meus heróis."

O resultado foi um disco que se deixa ouvir com muita facilidade e que uniu de uma forma bastante interessante os estilos de cada um dos dois. A crítica aprovou: "O vocal bluesy de Coverdale nunca soou tão bem como quando acompanhado pela guitarra de Page", rasgou-se a revista Rolling Stone. O público também aprovou *Coverdale-Page*. As vendas foram muito bem especialmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos – nesse último, o álbum chegou a 5º. posto da parada.

O trabalho acabou não tendo uma sequência. Logo após o lançamento, a dupla fez alguns show no Japão, mas em seguida Page voltou a trabalhar com Plant e Coverdale retomou o Whitesnake.

Antonio Carlos Monteiro

56

FIGHT *War Of Words* (1993)

57

O vocalista Rob Halford deixou o Judas Priest em 1992 após *Painkiller*. Parecia algo inacreditável. Como assim?! Logo após esse trabalho magnífico? Ruim para todos nós, fãs de Judas Priest, claro. Porém, isso fez com que uma nova banda aparecesse e conquistasse muitos fãs ao redor do mundo. E o Brasil foi um deles. Para a formação, Halford trouxe o baterista Scott Travis (Judas Priest) e recrutou novos integrantes para fazer um som na linha heavy metal, mas com elementos do thrash e do groove metal, no esquema que o Pantera estava fazendo.

Scott Travis arrebenta nos bumbos em um trabalho primoroso. O som das guitarras é de arrepiar! Escute as faixas *Into The Pit*, *Nailed To The Gun* e *Immortal Sin* com fone de ouvidos. Mesmo hoje em dia, ainda é um timbre monstruoso. Os guitarristas eram Brian Tilse e Russ Parrish, hoje no Steel Panther com o apelido de Satchel. A voz de Halford casou em músicas mais agressivas e ele cantando na faixa-título é um dos melhores momentos desse trabalho.

O single *Little Crazy* invadiu a MTV no Brasil, as rádios rock e a banda excursionou por aqui em 1994. Nunca vou esquecer de Rob Halford entrando no palco do Olympia em São Paulo sozinho, com uma mochila nas costas. Seria um roadie? Olho atentamente e não, era ele mesmo. Colocou a mochila em frente a bateria, o resto da banda entra no palco e o show começa. No set as várias ótimas músicas de *War of Words* e alguns clássicos do Judas Priest. Um álbum para nunca ser esquecido!

Claudio Vicentin

IMMORTAL *Pure Holocaust* (1993)

58

Quando os guitarristas Abbath e Demonaz deixaram suas antigas bandas (Old Funeral e Amputation, respectivamente), o black metal dava passos largos na Noruega. Reunidos sob o nome Immortal, eles estrearam oficialmente com *Diabolical Fullmoon Mysticism* (1992), que ainda mantinha predicados do velho death metal, e foi em seu segundo álbum, *Pure Holocaust*, que o Immortal ganhou sua verdadeira forma artística.

"Quando comecei o Immortal, eu queria fazer algo que fosse único para nós, que fosse diferente das outras bandas", contou Demonaz recentemente para este repórter, "eu não queria escrever sobre religião ou sobre política. Então eu me cerquei das coisas que realmente via à minha volta: as montanhas, as florestas, o inverno principalmente, essas são as coisas que sempre me fascinaram". Para transformar o Immortal no representante máximo do inverno glacial nórdico, Demonaz preparou em sua mente o universo de Blashyrkh, "que seria o reino do frio e da escuridão, e tentei criar uma linguagem própria para ele".

Em *Pure Holocaust*, assistimos de camarote o mundo de Blashyrkh sendo criado, como deuses que testemunham atos grandiosos, representados musicalmente por *Unsilent Storms in the North Abyss*, *The Sun No Longer Rises*, *Storming Through Red Clouds and Holocaustwinds* ou *Frozen by Icewinds*, pouco importa, o álbum todo é clássico. Vale a nota, o baterista Erik "Grim" Brødreskift, que aparece na capa, na verdade não tocou em *Pure Holocaust*.

Valtemir Amler

RUSH *Counterparts* (1993)

59

Se você é um daqueles fãs das antigas do Rush, provavelmente passou a torcer o nariz para o que Geddy Lee (baixo e vocal), Alex Lifeson (guitarra) e Neil Peart (bateria) passaram a fazer a partir de *Subdivisons* (1982) ou *Grace Under Pressure* (1984). Como eles tiveram a ousadia de ficar tão pop, eletrônico e blá-blá-blá?! Mas nada como o tempo para construir o arrependimento, porque o que o trio passou a fazer a partir de *Counterparts* provavelmente, também, passou despercebido ou foi alvo da má vontade dos turrões. No momento em que o cenário musical estava mudando ao ser musicalmente varrido pela onda grunge, o Rush acrescentou generosas doses de peso e simplificou seu som.

Guardadas as devidas proporções do que pode significar simplicidade, claro, porque a banda não adotou a ruindade do Nirvana. Ela fez um baita disco de heavy rock com a classe e a técnica características de sua trajetória, o que garantiu músicas muito acima da média, como *Animate*, que abre o disco garantindo logo o sorriso no rosto; a pesada *Stick it Out*; e as relativamente mais pop *Cold Fire* (um trabalho formidável do sempre ótimo Lifeson) e *Nobody's Hero* – curiosamente, as três últimas chegaram ao primeiro, segundo e terceiro lugar do US Mainstream Rock, respectivamente. E só o Rush mesmo para continuar fazendo de canções instrumentais alguns de seus hits. No caso, *Leave That Thing Alone*, que chegou a concorrer a um Grammy e perdeu para *Marooned*, do Pink Floyd. Ou seja, tudo bem.

Daniel Dutra

SAVATAGE *Edge Of Thorns* (1993)

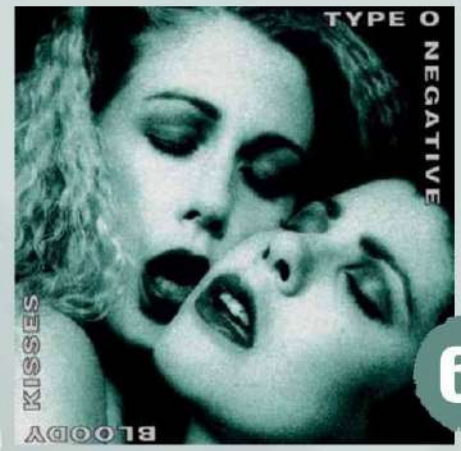
60

A saída de Jon Oliva depois da turnê de *Streets: A Rock Opera* (1991) foi um choque, mas foi sem a voz inconfundível de seu cofundador que o Savatage parecia caminhar para o sucesso comercial que, de fato, nunca veio. Zak Stevens (ex-Wicked Witch) assumiu o microfone ao lado de Criss Oliva (guitarra), Johnny Lee Middleton (baixo) e Steve "Doc" Wacholz (bateria) – Jon continuou como principal compositor junto ao irmão e ao produtor Paul O'Neill (1956-2017), além de gravar piano e teclados –, e a banda fez um disco que chegou ao 23º lugar do Billboard Heatseekers Albums e em pouco emplacou a faixa-título, com alta rotatividade na MTV e a 26ª posição no Mainstream Rock Tracks. Nem mesmo a saída de Wacholz, substituído na turnê pelo desconhecido Andy James, abalou as estruturas. Até o dia 17 de outubro daquele ano...

Ao ter seu carro atingido por um caminhão que, guiado por uma motorista bêbado, entrou na contramão, Criss faleceu aos 30 anos. Estava interrompida a vida e a carreira de um dos melhores guitarristas do heavy metal, e *Edge of Thorns* acabou sendo um legado definitivo. As músicas são todas maravilhosas, e Stevens já provara aqui ser um vocalista fora de série, mas hoje, 23 anos depois, ainda é de arrepiar ouvir a genialidade de Criss em *He Carves His Stone* (o desfecho é apoteótico), na instrumental *Labyrinths*, na belíssima *Follow Me* e nas emocionantes *All That I Bleed* e *Sleep*. E ainda tem *Degrees of Sanity*, *Conversation Piece*, *Damien*...

Daniel Dutra

TYPE O NEGATIVE *Bloody Kisses* (1993)



61

Uma das bandas mais marcantes da década de 1990 certamente foi o Type O Negative. O grupo de Nova Iorque (EUA) conquistou o mundo com sua música arrastada, obscura, melancólica, depressiva e de teor sensual, moldada por uma mistura de gothic e doom metal. Seu líder, vindo da estranha banda Carnivore, era o sarcástico e vampírico vocalista e baixista Peter Steele, um marombado de dois metros de altura e extensão vocal baixo-barítono. Nascido Peter Thomas Ratajczyk, vinha de família católica, descendente de vários países da Europa Setentrional, Eurásia e Reino Unido. Ao seu lado Steele tinha o enigmático Josh Silver (teclado), com quem tocou no Fallout no início dos anos 80, Kenny Kickey (guitarra) e Sal Abruscato (bateria), todos amigos de infância.

O sucesso da banda se deu com o terceiro álbum. *Bloody Kisses* trazia músicas atraentes como *Christian Woman* e *Black No. 1 (Little Miss Scare-All)*, que foram hits até no Brasil, a dramática *Bloody Kisses (A Death in the Family)*, a polêmica *We Hate Everyone* e a ótima versão de *Summer Breeze*, da antiga dupla Seals and Crofts.

O sucesso do álbum foi tanto, que se tornou o primeiro lançado pela gravadora Roadrunner a ser certificado Disco de Ouro e de Platina. Foram dois anos de turnê, ao lado de bandas como Danzig, Pantera, Nine Inch Nails e Mötley Crüe.

O Type O Negative ainda foi bem em alguns dos álbuns seguintes. Porém, seu fim chegou em 14 de abril de 2010, quando Peter Steele faleceu, vítima de um aneurisma na aorta.

Leandro Nogueira Coppi

VINCE NEIL *Exposed* (1993)

Vince Neil estava fora do Mötley Crüe, mas conseguiu lançar um dos melhores discos de hard da década de 90. Ao lado do vocalista estava Steve Stevens (Billy Idol, Atomic Playboys e outros), que chegou por recomendação da Warner e barbariza em riffs hard'n'heavy, timbragem, solos e efeitos, além de suas tendências jazzísticas e de flamenco. "Eu havia sido contratado pela Warner e, quando eles contrataram Vince, o chefe de A&R me ligou falando se estaria interessado em fazer algo com ele. Eu disse que sim, porque adorava *Dr. Feelgood* (álbum do Mötley Crüe)", explicou Stevens.

Quem também auxiliou Neil foi Phil Soussan (baixo, ex-Ozzy e Nasty Habit), que acabou substituído por Robbie Crane. Completavam o time o baterista Vikki Foxx (Enuff Z'Nuff) e o guitarrista Dave Marshall (Fiona). "Ron Nevison foi o produtor, um cara fantástico para se trabalhar. Fazer o álbum foi muito legal e depois sair em turnê abrindo para o Van Halen foi divertido demais", revelou Stevens.

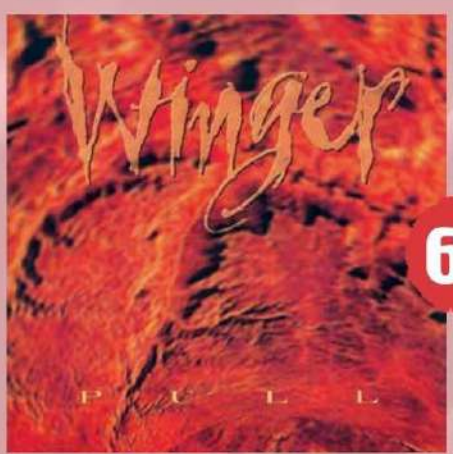
O repertório trouxe singles de destaques, como *You're Invited (But Your Friend Can't Come)*, *Sister of Pain* e *Can't Have Your Cake*. Porém, seria impossível deixar para trás as memoráveis *Look in Her Eyes*, *Gettin' Hard*, *Fine, Fine Wine*, *The Edge*, *Living Is a Luxury* e o cover para *Set Me Free* (Sweet). E ainda há um toque de seriedade nas baladas *Can't Change Me* (single) e *Forever*.

Sempre gosto de lembrar que esta obra saiu no dia em que completei 24 anos de idade e a vibração de ouvi-lo se mantém intacta.

Ricardo Batalha

62

WINGER *Pull* (1993)



63

Pull, o melhor disco lançado na pior época. "Sabíamos que as coisas estavam prestes a mudar e o grunge começava a se tornar grande. Levamos um ano para compor o álbum que, para mim, é o melhor do Winger. Ainda assim, considerando o clima dos negócios, *Pull* se saiu muito bem", analisou o vocalista e baixista Kip Winger.

Contando com produção de Mike Shipley, *Pull* mostrou uma banda renovada, com riffs pesados de Reb Beach e com o lado melódico afiado. Além do hard de *The Lucky One*, *In For The Kill* e *No Man's Land*, o hard'n'heavy de *Blind Revolution Mad* e o metal de *Junkyard Dog (Tears On Stone)*, a pegada AOR cedeu espaço para inspiradas baladas acústicas, como *Who's The One*. Já o hit/single *Down Incognito*, que saiu em clipe, contou com a participação de Frank Latorre na gaita.

Para o posto de Paul Taylor veio John Roth, que não só apareceu nos clipes de *Down Incognito* e *Who's The One*, como realizou a turnê de promoção, que foi encerrada no Japão. Depois disso, a banda se dissolveu. Claro, não antes de ser ridicularizada na série "Beavis e Butt-head" por causa do personagem Stewart e de ter se envolvido em uma polêmica com o Metallica. "O Metallica não nos ajudou muito atirando dardos num pôster meu no clipe de *Nothing Else Matters*. Os resultados dessas bobagens nos afetaram e deram ao público uma imagem errada sobre nós", concluiu Kip.

Desfaça a "imagem errada", esqueça que Winger é "one-hit-wonder" por causa de *Miles Away* e faça um favor a si: ouça *Pull*, um dos melhores discos da década de 90.

Ricardo Batalha

Metal do Mangue direto das profundezas do Litoral Norte de SP

OVERDOSE NUCLEAR

Ouça agora o álbum de estreia

"Overdose Nuclear"

ARTE POR: DESIGNLARA ARTWORK - WWW.DESIGNLARA.COM.BR

Disponível em todas as Plataformas de Streaming

Spotify DEEZER Google Play Music YouTube COMPACT disc DIGITAL AUDIO

CDS, Merchandasing, parcerias & shows
contato@overdosenuclear.com

WWW.OVERDOSENUCLEAR.COM.BR

WarGods Press

BIOHAZARD *State Of The World Address* (1994)

64

É de costume ter uma visão romântica do sucesso e achar que ele acontece de forma espontânea. Porém, a verdade exige mais elementos para a análise do mérito. Falando de Biohazard, além da música em si, a saída do underground e ingresso no mainstream também contou com um grande e calculado envolvimento da Warner Bros. Musicalmente, Evan Seinfeld (baixo e vocal), Billy Graziadei (guitarra e vocal), Bobby Hambel (guitarra) e Danny Schuler (baterial) não se distanciaram daquilo que o antecessor, *Urban Discipline* (1992), ofereceu, mas a música saída das ruas Brooklyn trouxe mais refinamento técnico e atenção para as melodias.

Com a parte musical garantida e uma base de fãs ansiosa, a Warner entendeu que aquela era a hora de dar máxima propulsão para a banda. Algumas das estratégias de promoção envolveram uma campanha da gravadora junto às grandes lojas de discos, a inclusão de *Tales from the Hard Side* na programação de algumas rádios e a veiculação de um especial de três semanas retratando a produção de *State of the World Address* no programa "Headbanger's Ball" da MTV. E, para finalizar, logo depois do lançamento o grupo embarcou numa turnê com o Pantera, que lançara *Far Beyond Driven* meses antes.

O resultado foi a inclusão de um álbum de núcleo metal, toques de rap e acabamento hardcore no melhor estilo Nova York, nas disputadas paradas da Billboard. Desse disco em diante ninguém mais teve dúvidas da influência que o Biohazard teria na música pesada.

Guilherme Spiazzi

DARKTHRONE *Transilvanian Hunger* (1994)

Uma das coisas que a vida lhe ensina muito rapidamente, é que você precisa ter sempre um trunfo na manga. Foi um deles que o Darkthrone usou em 1992, quando decidiu abandonar os louros conseguidos no death metal com seu *Soulside Journey* (1991) para cair de cabeça no black metal, com *A Blaze In The Northern Sky*. Na época, ao ouvir as demos do que viria a ser o segundo álbum da banda de Kolbotn (NOR), a Peaceville não ficou nada feliz, e pediu que a banda refizesse o trabalho, com algo mais próximo do death metal que estava em voga no momento. A banda recusou, e sacou da manga o coringa, dizendo que ao invés de refazer, simplesmente lançariam o álbum pela gravadora de Euronymous (Mayhem), a Deathlike Silence. A Peaceville engoliu a barganha, e o Darkthone migrou para o black metal.

Verdade seja dita, o som do Darkthrone era muito mais cru e selvagem do que o dos seus padrinhos, do Mayhem. Entendendo que a produção precária e a música selvagem apresentada em *A Blaze In The Northern Sky* e *Under A Funeral Moon* (1993) ainda poderia ser piorada, a dupla Nocturno Culto (voz) e Fenriz (bateria, guitarra, baixo) apresentou seu quarto álbum, o icônico *Transilvanian Hunger*. Intencionalmente primitivo e maldito, apresenta algumas das composições mais cruas da carreira: dos riffs melancólicos da faixa-título, passando por *Over Fjell og Gjennom Torner*, *I en Hall Med Flesk og Mjød* e até a arte da capa, eis uma das obras máximas do 'norwegian black metal'.

Valtemir Amler

65

EMPEROR *In The Nightside Eclipse* (1994)

66

Quando os guitarristas Samoth e Ihsahn deram uma pausa nos trabalhos do Thou Shalt Suffer, a única certeza é que uma nova banda de black metal viria por aí. Não demorou muito para que eles encontrassem em Mortiis (baixo) e Faust (bateria) dois músicos talentosos e dedicados, e se o Emperor já nasceu clássico com sua demo *Wrath Of The Tyrant* (1992) e com o EP *Emperor* (lançado também em um split com *Hordanes Land*, do Enslaved), o caminho ainda estava apenas começando a ser trilhado.

Já sem Mortiis (que seguiu em carreira solo) e com a formação estabilizada com Samoth (guitarra), Ihsahn (guitarra e voz), Tchort (baixo) e Faust (bateria), o Emperor adentrou o Grieghallen Studios em 1993 para registrar o seu álbum de estreia, *In The Nightside Eclipse*. Logo no início, percebe-se que a banda manteve o apelo musical típico do black metal norueguês (garantia da produção a cargo do lendário Pytten), mas adicionou a sua própria marca à velha fórmula, criando uma música caótica e intempestiva, mas ao mesmo tempo melódica e cativante. Adicionando incursões de teclado (tocados pelo próprio Ihsahn), o Emperor recusou limites e impôs suas crenças, o que resultou em um álbum repleto de clássicos, como *Into the Infinity of Thoughts*, *Cosmic Keys to My Creations & Times*, *I Am the Black Wizards* e *Inno a Satana*. Mesmo com a formação assolada pela prisão de alguns dos seus integrantes, o Emperor ainda teria muito a explorar nos próximos anos.

Valtemir Amler

HELLOWEEN *Master Of The Rings* (1994)

O início dos anos 90 não foi dos mais calmos para o Helloween. A saída de Kai Hansen no fim da década anterior culminou não apenas numa mudança na formação, com a entrada de Roland Grapow, mas também na sonoridade que, nos dois álbuns posteriores, afastaria a banda da sonoridade que a fez famosa. E se hoje é fácil gostar de *Chameleon* (1993), a verdade é que na época se tratava do filho feio do qual os fãs não queriam ser o pai. Tão feio que, com o fracasso de vendas, fez o quinteto levar um pé na bunda da EMI. Resultado: Michael Kiske deu lugar a Andi Deris (ex-Pink Cream 69), e Ingo Schwichtenberg (1965-1995), que lutava contra o vício em álcool e drogas, acabaria sendo definitivamente substituído pelo ex-Gamma Ray Uli Kusch.

Como o momento já não era bom para as bandas de metal, seria o fim, não? Não. Foi mesmo um renascimento. Compositor de mão cheia, frontman de primeiro escalão e com uma voz mais voltada ao hard rock (ponto para o guitarrista Michael Weikath), Deris ajudou a reerguer o Helloween com um disco que, 25 anos depois, ainda está entre os melhores da banda alemã. Com Weikath – único integrante original ao lado de Markus Grosskopf (baixo) –, o vocalista escreveu nada menos que *Sole Survivor*, *Where the Rain Grows*, *Perfect Gentleman* e a balada *In the Middle of a Heartbeat*. Sozinho, entregou a ótima *Why?*, além de brilhar em *The Game is on*, *Secret Alibi*, *Take Me Home* e *Still We Go*. Ouça *Master of the Rings* e tire o chapéu para Deris.

Daniel Dutra

67

MACHINE HEAD *Burn My Eyes* (1994)

68

Não sei o motivo, mas o Machine Head foi uma banda pela qual passei batido. A primeira audição não encaixou e avaliei que *Burn My Eyes* tinha "groove em excesso". Por anos, nunca mais procurei ouvir o grupo liderado por Rob Flynn. O bom da música é que nunca é tarde demais. Somente em 2011, quando todos alertavam sobre a qualidade insana de *Unto The Locust*, me permiti pesquisar. Ouvi aquela maravilha e me toquei que estava em débito comigo mesmo.

Fui direto neste que trabalho de estréia dos californianos. É, sem dúvida, um dos principais nomes dos anos 1990. Estão lá os arranjos típicos, as quebras de ritmo, os solos que ligam técnica à melodia de um modo assustadoramente bom, a bateria que ora marca o ritmo, ora conduz ao êxtase (ouça *Noone But My Own* e você vai entender). *Davidian* impressiona e me culpo por ter desperdiçado tanto tempo. A velocidade de *Block*, o ritmo crescente de *Old*, a junção Slayer-Sepultura de *Blood For Blood* são alguns exemplos do poderio que o Machine Head tem para, mesmo tantos anos depois de seu lançamento, convencer alguém a mudar de opinião. Nelas e nas demais sete faixas, é importante lembrar, há outro elemento indispensável para quem tem bom gosto. Os solos de Logan Mader, um guitarrista pouco comentado, mas que preza por arranjos de qualidade, são um prêmio para quem curte a mágica produzida nas seis cordas. *Burn My Eyes* teve colocações intermediárias nas paradas, mas envelheceu com dignidade e continua influenciando muita gente.

Alessandro Bonassoli

MAYHEM *De Mysteriis Dom Sathanas* (1994)

Durante muito tempo, o brilhantismo musical do primeiro álbum completo do Mayhem foi ofuscado pela quantidade absurda de polêmicas que cercam sua concepção. E não é por menos, veja: dos quatro compositores, dois não estavam na banda no momento da gravação, sendo que um cometera suicídio. Do time que gravou, dois integrantes não estavam na banda no momento do lançamento, já que um fora assassinado, e o outro estava na cadeia condenado justamente por este crime.

Pois é, o suicídio do vocalista Dead, as fotos de seu cadáver que causaram a demissão do baixista Necrobutcher, o assassinato do guitarrista Euronymous pelo então novo baixista, Varg Vikernes, tudo isso está envolto na aura negra que cerca este *De Mysteriis Dom Sathanas*, o álbum que deveria ter sido o pioneiro do 'true norwegian black metal', mas que, por conta de toda sua exuberância, acabou lançado apenas em 1994, quando o gênero já tinha decolado.

Mas nada disso realmente abalou a quantidade absurda de ótimas ideias contidas aqui: *Funeral Fog*, *Freezing Moon*, *Pagan Fears* e *Life Eternal* são peças únicas do grimório do black metal, e *Cursed In Eternity*, *From The Dark Past*, *Buried By Time And Dust* e a faixa-título nunca serão meros coadjuvantes nesta obra-prima das trevas, que conta com a performance irretocável do baterista Hellhammer (pouco depois um dos mais ativos da cena), e as linhas vocais inimitáveis de Attila Csihar, então ex-vocalista da banda húngara Tormentor.

Valtemir Amler

69

MEGADETH *Youthanasia* (1994)

70

Dave Mustaine, Marty Friedman, David Ellefson e o saudoso Nick Menza viveram dias de glória na primeira metade dos anos 90. Ainda que fosse difícil manter o nível de *Rust in Peace* (1990) e *Countdown to Extinction* (1992), o Megadeth brilhou mais uma vez com *Youthanasia*. Mesmo com o grunge devastando a indústria musical, o grupo permaneceu sendo motivo de orgulho para os fãs da música pesada: ficou em 4° lugar na Billboard 200, vendeu um milhão de cópias e foi certificado Disco de Platina. Ainda sob as regalias da gravadora Capitol, com a qual vinha trabalhando desde *Peace Sells... But Who's Buying?* (1986), o Megadeth promoveu uma grande e extravagante festa de lançamento para *Youthanasia*, realizada na noite de Halloween, em 31 de outubro de 1994. Na ocasião, colocou no ar o seu primeiro website e interagiu com fãs do mundo todo via chat e e-mail, tornando-se pioneira nessa nova ferramenta interativa.

Assim como *A Tout Le Monde*, *Train of Consequences* e *Reckoning Day* ganharam clipes, mas foi a comovente e introspectiva balada que se tornou o destaque de *Youthanasia*. Porém seu vídeo foi banido da MTV, que, equivocadamente, acusou a banda de fazer apologia ao suicídio no refrão. A capa de *Youthanasia* (amálgama para "eutanásia jovem") também foi alvo de polêmica na Malásia e Cingapura, que recusaram a arte de Hugh Syme (Rush e Dream Theater), que ilustrava uma idosa pendurando bebês em um varal infinito. Sorte que nada disso ofuscou o sucesso desse outro clássico do Megadeth.

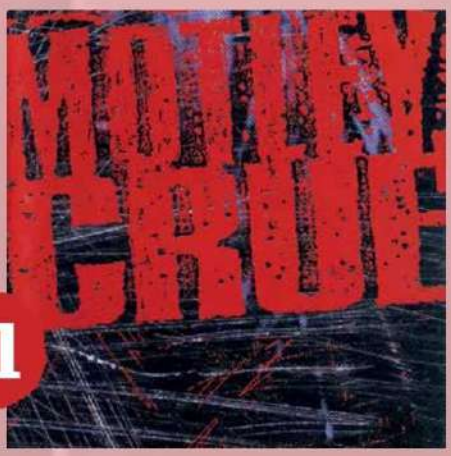
Leandro Nogueira Coppi

MÖTLEY CRÜE *Mötley Crüe* (1994)

Depois que finalmente emplacou um disco como número 1 no Top 200 da Billboard – e *Dr. Feelgood* fez até o Metallica chamar Bob Rock para produzir o que viria a ser o multiplatinado "Black Album" –, o Mötley Crüe continuou se dando bem. Só que não. A saída de Vince Neil em 1992 e um álbum novo de acordo com o mercado vigente mergulharam a banda em sua pior fase comercial. E não é culpa de John Corabi (ex-The Scream) que *Mötley Crüe* tenha sido um fracasso de vendas, porque foram os fãs que viraram a cara – e Neil não ajudou seus então ex-companheiros ao lançar um ano antes seu primeiro trabalho solo, o obrigatório (e tradicional) *Exposed*.

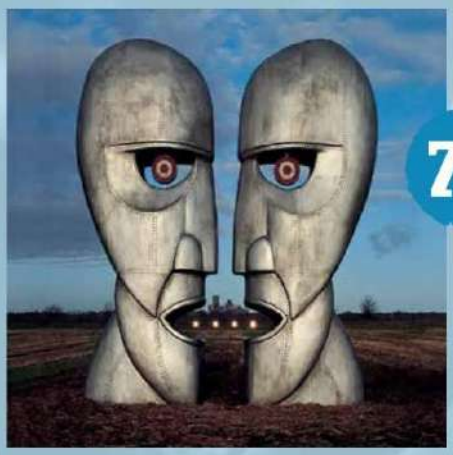
Mas o que o autointitulado álbum do grupo tem de errado? Absolutamente nada, meu amigo. Analisando friamente, é a melhor obra do quarteto-mor da Sunset Strip. Maduro, alto nível da primeira à última faixa e muito bem tocado. Mick Mars (guitarra) e, principalmente, Tommy Lee (bateria) têm aqui as melhores performances de suas carreiras – não à toa, eles rasgam seda para o álbum –, enquanto Corabi era o cara certo: excelente compositor e vocalista e bom guitarrista. Assim, *Power to the Music*, *Hooligan's Holiday*, *Misunderstood* (com Glenn Hughes), *Loveshine*, *Poison Apples*, *Til Death Do Us Part*, *Smoke the Sky* e *Driftaway* são algumas das obras-primas de um disco infelizmente subestimado. "A coisa mais inteligente que poderíamos ter feito era mudar o nome da banda", disse Nikki Sixx (baixo). Talvez, mas essa é outra história.

Daniel Dutra



71

PINK FLOYD *The Division Bell* (1994)



72

Depois dos ótimos anos 1970 e da proveitosa década de 80, os fãs do Pink Floyd esperavam tudo menos 'marasmo' na então nascente década de 90. Porém, os primeiros ventos da nova década não foram nada favoráveis. A banda não trabalhava em novo material de estúdio desde *A Momentary Lapse Of Reason* (1987), o primeiro da lendária banda inglesa de rock progressivo sem o fundador Roger Waters. Desde então, a coisa mais emocionante havia sido o ao vivo *Delicate Sound of Thunder* (1988). Porém, não se pode viver de compilações, gravações ao vivo e boxes especiais para sempre (um dia foi assim). A ideia de um novo disco só começou mesmo a tomar forma em 1993, quando David Gilmour (guitarra), Richard Wright (teclados) e Nick Mason (bateria) se reuniram para algumas sessões de improvisação no Britannia Row Studios.

Para uma década que assistiu de camarote a derrocada de alguns grandes ídolos e a hegemonia de heróis nada prováveis, o resultado de *The Division Bell* foi bem mais do que apenas positivo. Até hoje, é um prazer imenso ouvir as discretas evoluções da guitarra em *Cluster One*, e não é preciso muito boa vontade para perceber em *Poles Apart* uma canção absolutamente bela.

A primeira posição, obtida em todas as paradas musicais importantes em 1994, é hoje um consolo para os fãs, que tem em *The Division Bell* a última mostra do talento absurdo de Wright. Confira os hits *High Hopes* e *Take It Back*. Mas a verdadeira joia eterna deste álbum é *Lost For Words*.

Valtemir Amler

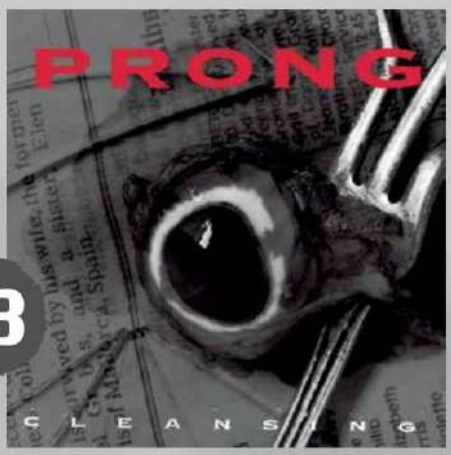
PRONG *Cleansing* (1994)

O Prong já estava com a reputação em alta quando soltou *Cleansing*, seu quarto disco, sucessor de *Prove You Wrong* (1991). "*Cleansing* é o álbum do Prong mais popular até hoje. Eu estava muito focado na banda e nas composições naquela época. Trabalhava 24 horas por dia, dediquei minha vida para aquele álbum e o resultado veio", declarou o fundador Tommy Victor (vocal e guitarra), então acompanhado por Paul Raven (baixo, ex-Killing Joke), Ted Parsons (bateria) e John Bechdel (teclado, ex-Killing Joke).

Se os discos anteriores, produzidos por Mark Dodson, tinham agradado, desta vez a produção ficou nas mãos de Terry Date, algo comemorado por Tommy Victor: "Tivemos, finalmente, um orçamento bom para entrar em estúdio e também um excelente produtor, Terry Date."

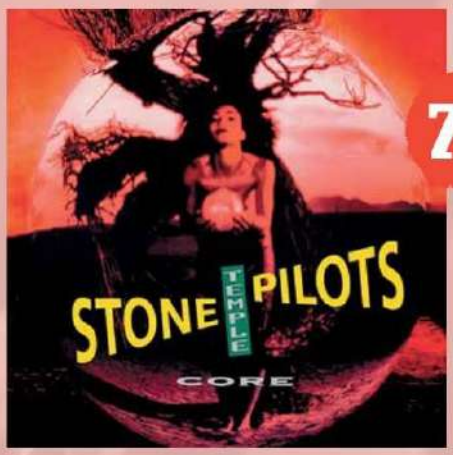
Além de *Whose Fist Is This Anyway?*, o grande hit foi *Snap Your Fingers, Snap Your Neck*, que saiu em clipe, foi um dos destaques da série "Beavis and Butt-head" e também foi usada por Justin Credible, lutador profissional de wrestling, em sua entrada no ringue. "Esta foi a primeira vez que tivemos uma experiência colaborativa com todas as coisas que envolvem o álbum, incluindo o vídeo, que pude trabalhar junto e saiu como realmente queria transmitir, já que muitos diretores aplicam coisas que não tem absolutamente nada a ver com a música e com o conteúdo lírico", revelou Tommy Victor à MTV, que cobriu parte da "Cleansing Tour", na qual o Prong também abriu shows de Sepultura e Pantera.

Ricardo Batalha



73

STONE TEMPLE PILOTS *Core* (1994)



74

Uma das mais importantes bandas do rock dos anos 90, o Stone Temple Pilots fez uma grande estreia mundial com *Core*, em 1992. O álbum, produzido por Brendan O'Brien (Pearl Jam, Jacykl, Rage Against the Machine), traz em sua temática uma livre alusão à história bíblica de Adão e Eva. Nele, os irmãos Deleo, Robert e Dean, baixista e guitarrista, respectivamente, apostaram em uma fórmula peculiar e ousada. Era leve demais para o metal e, ao mesmo tempo, despojada em demasia para o grunge, estilo em alta na época. "Eu nunca gostei muito de rotular a música em geral. Estávamos apenas compondo e tocando o que sentíamos na época", disse Robert Deleo ao site My Planet Rocks.

Com melodias de fácil assimilação, músicas como *Dead And Bloated*, *Sex Type Thing*, *Wicked Garden* e *Creep* caíram diretamente no gosto do público. A melhor do disco, *Plush*, ganhou um prêmio Grammy na categoria "Best Hard Rock Performance". O vocalista Scott Weiland, que infelizmente nos deixou em 2015, também merece um destaque por sua performance única, que viraria referência nos anos seguintes.

Para fechar o pacote de "atrativos", *Core* figura na lista dos 20 álbuns definitivos no Rock and Roll Hall of Fame. Dizem que é muito difícil alcançar a fama no primeiro álbum. Porém, o Stone Temple Pilots quebrou essa premissa. Inclusive, para muitos fãs (me incluo nessa), este registro é o melhor da carreira deles. Se você não conhece ou torce o nariz em ouvir, está na hora de mudar esse cenário.

Matheus Vieira

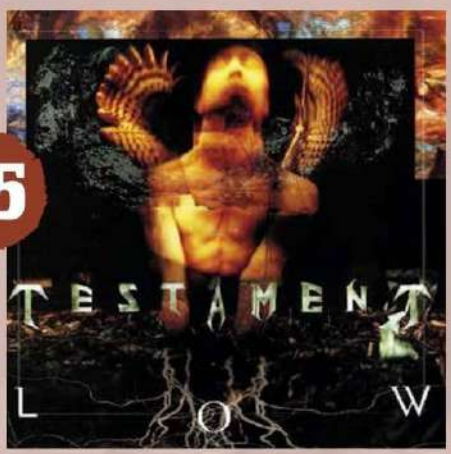
TESTAMENT *Low* (1994)

Em 1990, o Testament lançou o mediano *Souls of Black*, que não manteve o altíssimo nível de *The Legacy* (1987), *The New Order* (1988) e *Practice What You Preach* (1989). E *The Ritual*, lançado em 1992, mesmo com bons momentos, também não foi o sucesso que se esperava. A década maldita parecia estar fazendo mais uma vítima no metal. Além disso, as saídas de Alex Skolnick (guitarra) e Louie Clemente (bateria) só aumentaram a apreensão dos fãs.

James Murphy (que até então integrara Death, Cancer e Obituary) e John Tempesta (vindo do Exodus) foram seus substitutos. Era a primeira grande mudança. A segunda ficou clara logo na faixa-título que abre *Low*. O thrash metal clássico começava a ser transmutado no groove e na agressividade que Pantera e Machine Head impuseram sem dó no mundo metálico.

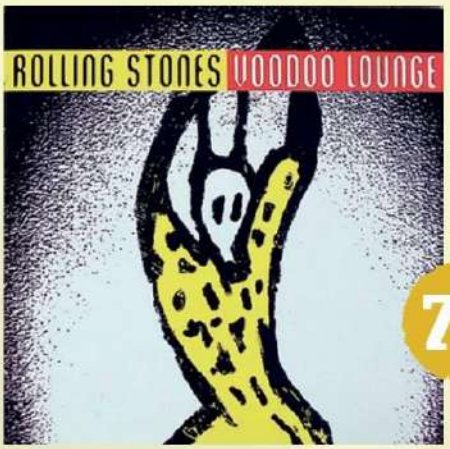
Chuck Billy também passou a fazer algumas vocalizações guturais, deixando claro que o death metal passara a ser uma de suas influências. Era assim em *Dog Faced Gods*, *Chasing Fear*, *Legions (In Hiding)* e *Low*, em uma amostra do que seria o extremo *Demonic* (1997). Eric Peterson (guitarra) e Greg Christian (baixo) continuaram com suas discretas, mas importantes habilidades, algo que talvez tenha mantido um pouco do Testament clássico, como na belíssima balada *Trail of Tears* e na instrumental *Urotdukidojy*. O fato é que se a transformação desagradou alguns fãs, abriu portas para um novo público, afastando o risco de uma interrupção definitiva na carreira do grupo americano.

Alessandro Bonassoli



75

ROLLING STONES *Voodoo Lounge* (1994)



76

"Ninguém sai dessa banda se não for demitido ou dentro de um caixão", espumou Keith Richards quando o baixista Bill Wyman avisou que estava fora da banda, em 1993. "E a única coisa que ele fez depois de sair foi arrumar três filhos e abrir um restaurante. E ainda colocou o nome de um de nossos discos no lugar!", bradou, inconformado com o restaurante chamado Sticky Fingers.

De todo modo, era hora de, pela primeira vez em mais de trinta anos, os Rolling Stones entrarem em estúdio sem seu antigo baixista. E os problemas continuaram ali. Jagger detestou a produção de Don Was. "Ele limou um monte de coisas que queríamos colocar nas músicas, como mais groove e influências africanas", disse à revista Rolling Stone em 1995. Was rebateu que não havia "uma postura contra o groove, só contra o groove sem substância", resmungou.

Desentendimentos à parte, o fato é que *Voodoo Lounge*, com Darryl Jones no baixo (posto que ele ocupa até hoje no palco e no estúdio), estreou direto na primeira posição da parada americana (o que não acontecia desde 1980 com *Emotional Rescue*) e recebeu elogios rasgados da imprensa. "*Voodoo Lounge* nos faz lembrar porque a gente gosta dos Stones", rasgou-se o crítico Steven Dalton escrevendo para a revista Vox. Como cereja no bolo, o álbum ganhou o Grammy de "Melhor Disco de Rock".

A tour de divulgação durou treze meses e totalizou 129 apresentações, incluindo os primeiros cinco shows da banda no Brasil. Mas essa é outra história...

Antonio Carlos Monteiro

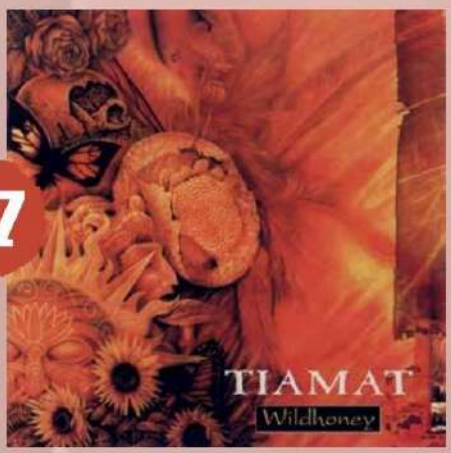
TIAMAT *Wildhoney* (1994)

Muitas bandas no meio doom metal começaram suas carreiras em caminhos mais agressivos como death e black metal, vide Darkseed, Cemetary, Moonspell, Amorphis ou o Tiamat.

Após os primeiros álbuns com todo clima de revolta adolescente, no qual Celtic Frost parecia ser inspiração de vida a toda uma geração, o disco *Clouds* (1992), traria algumas músicas que seriam inspiração para a primeira gritante mudança sonora da banda sueca.

Então, em 1994, chegaríamos a *Wildhoney*. Prioridade por lentidão, teclados mais presentes e vocais que iam dos urros aos sussurros, passando por dramatizações góticas, fariam do disco uma conveniência ao período. Se analisar o que acontecia no meio mainstream com a depressão das bandas grunge, a geração doom que crescia nessa primeira metade dos anos 1990 pode ser vista como uma resposta a isso. E *Wildhoney* entrou na lista dos grandes representantes dessa geração de bandas. Daqui, o Tiamat fincou clássicos para toda sua carreira, como *Gaia* e a grudenta, mas não menos pesada e intensa, *Whatever That Hurts*. Mas há muito mais a se lembrar no disco, como *Visionare*, com um toque gótico ainda discreto ou as descaradamente góticas, como *A Pocket Size Sun* e *Do You Dream of Me*, que parecia mais uma música do Fields of the Nephilim.

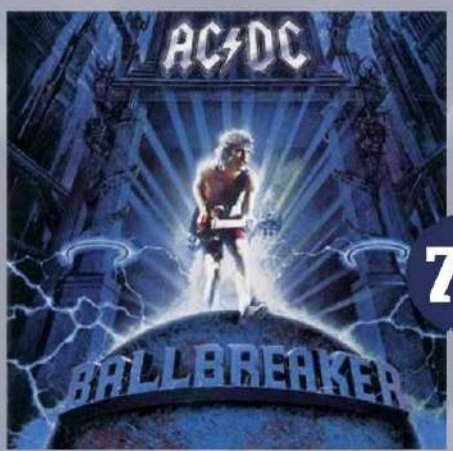
77



Nada como *Wildhoney* se repetiu na carreira desses suecos e a mudança daqui por diante foi tão drástica, rumando para o gothic metal, que uma base de fãs o considera o álbum o último do Tiamat.

Heverton Souza

AC/DC *Ballbreaker* (1995)



78

Como é que o AC/DC nunca tinha escrito antes uma música chamada *Caught with Your Pants Down*? (numa tradução bem livre, "pego com as calças arriadas") Essa é a pergunta que aparece no encarte da reedição de *Ballbreaker* lançada em 2004. É uma boa pergunta. Mas a resposta nem é tão difícil. O AC/DC é uma daquelas bandas que atingiu tal ponto na carreira que já estava de antemão autorizado a fazer o que bem entendesse – e o mais legal é que praticamente tudo que fizeram deu muito certo!

Alguns detalhes foram marcantes nesse álbum. O primeiro dele foi o retorno de Phil Rudd – para desgosto e tristeza do demitido Chris Slade. A volta de Phil era a reedição da formação que gravou o clássico *Back in Black* (1980) e que duraria até 1983.

Além disso, seria o primeiro e único álbum completo com o produtor Rick Rubin, confesso fã da banda – antes disso, ele havia produzido o single *Big Gun* para a trilha sonora do filme "The Last Action Hero" (1993). Porém, não foi um trabalho tranquilo. Mudança de estúdio, divergências em relação ao direcionamento que o álbum devia ter e até suspeitas de que Rubin estava priorizando o disco do Red Hot Chili Peppers que produzia ao mesmo tempo não ajudaram em nada a fazer da gravação uma experiência tranquila.

Só que nada disso impediu *Ballbreaker* de ser um sucesso. Disco de Platina duplo nos EUA e triplo na Austrália, além de um primeiro lugar nas paradas sueca, suíça e (claro!) australiana provaram mais uma vez que o AC/DC era uma banda que sabia superar obstáculos.

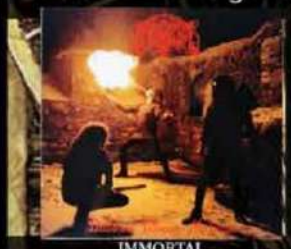
Antonio Carlos Monteiro

HAMMER OF DAMNATION

БАТЮШКА
HOSPODI

Com exclusividade na America do Sul o novo album do Batushka é lançado no formato Digibook com capa dura, encarte livreto de 24 paginas e acabamento em laminação fosca. Um dos lançamentos mais luxuosos já feito no Brasil, mantendo o já conhecido padrão ISO666 de qualidade!

LANÇAMENTOS OFICIAIS EXCLUSIVOS PARA O BRASIL



IMMORTAL
Diabolical Fullmoon Mysticism
Slipcase CD

IMMORTAL
Pure Holocaust
Slipcase CD

IMMORTAL
Battles in the North
Slipcase CD

IMPALED NAZARENE
Tol Cormja Norz Norz Norz...
Slipcase CD

IMPALED NAZARENE
Ugra-Karma
Slipcase CD

IMPALED NAZARENE
Suomi Finland Perkele
Slipcase CD

CRAFT
Total Soul Rape
Slipcase CD

CRAFT
Terror Propaganda
Slipcase CD

CRAFT
Void
Slipcase CD

CRAFT
Fuck the Universe
Slipcase CD

CRAFT
White Noise and Black Metal
Slipcase CD

UNLEASHED
Shadows in the Deep
Slipcase CD

ACHERONTAS
Hermeticism + bonus
Digipack CD

ACHERONTAS
Faustian Rites Over Brazil
Digipack CD

STUTTHOF
And Cosmos From Ashes to Dust...
Digipack CD

SÜHNOPFER
(membros Peste Noire)
Hic Regnant Borbonii Manes **CD**

Mais de 4500 titulos com o melhor do Black/Death/Thrash/Pagan Metal mundial!
Loja fisica em Santo Andre / SP (Atendimento com hora marcada)

www.hodrecs.com @hammerofdamnation
vendas.hod@gmail.com @hammerofdamnation

Atendimento Whatsapp:
11 99463-6786

BLACK METAL STORE.COM

AT THE GATES *Slaughter Of The Soul* (1994)

79

Muitos creditam ao At The Gates o papel central na elaboração daquilo que passamos a chamar de 'Gothenburg Sound', ou melodic death metal. Como sempre no mundo da música, a discussão é infinita e o resultado nunca é satisfatório, então, vamos nos limitar a dizer que eles são aqueles que melhor representaram todo o cenário efervescente da sua cidade naquele início dos anos 90.

Diferente do que a maior parte das pessoas acredita, *Slaughter Of The Soul* não é o primeiro, mas sim o quarto álbum completo do At The Gates. Antes dele, Adrian Erlandsson (bateria), Tomas Lindberg (voz) e os gêmeos Anders (guitarra) e Jonas Björler (baixo) já estiveram juntos em *The Red In The Sky Is Ours* (1992), *With Fear I Kiss The Burning Darkness* (1993) e no seminal *Terminal Spirit Disease* (1994, aqui já com o guitarrista Martin Larsson), e toda essa experiência foi fundamental na hora em que eles chegaram no estúdio Fredman para registrar as onze novas músicas para este álbum.

Mesclando o death metal característico da Suécia, com linhas de guitarra que ora recordavam as melodias grudentas da NWOBHM, ora a pegada agressiva e crua do thrash da Bay Area, músicas como *Blinded By Fear*, *Slaughter Of The Soul*, *Under a Serpent Sun* e *Suicide Nation* rapidamente ganharam o público, transformando o At The Gates em uma influência inclusive para os seus contemporâneos, gerando assim um dos mais prolíficos subgêneros dos anos 90, além de um clássico atemporal.

Valtemir Amler

BLIND GUARDIAN *Imaginations From The Other Side* (1995)

Distante do speed "quase thrash" metal germânico de *Battalions of Fear* (1988), primeiro registro do Blind Guardian, *Somewhere Far Beyond* (1992), indicou os novos rumos que a banda seguiria. Mas, indiscutivelmente, *Imaginations From The Other Side* consolidou a passagem do grupo para ser, provavelmente, o principal nome do chamado power metal.

Da impressionante capa ilustrada pelo sempre brilhante Andreas Marschall (Kreator, Hammerfall, Rage, entre muitos outros) até o último minuto de *And The Story Ends*, tudo é épico, monumental e positivamente avassalador neste álbum. Independente de estilo musical, poucas são as obras que trazem todas as músicas com o mesmo alto nível de qualidade. Lembra de *Operation: Mindcrime* (Queensrÿche), *The Number of the Beast* (Iron Maiden), *Master of Puppets* (Metallica), *Reign In Blood* (Slayer), *Abigail* (King Diamond)? Pois é, *Imaginations From The Other Side* é, sem dúvida, uma raridade assim. Como escolher entre a faixa-título ou *A Past And Future Secret*? *I'm Alive* ou *Born In A Mourning Hall*? *Another Holy War* ou *The Script For My Requiem*? *Bright Eyes* ou *Mordred's Song*?

Claro que a produção de Flemming Rasmussen (Metallica) foi decisiva para a brilhante estrada que o Blind Guardian começava a cruzar. Mas Hansi Kürsch (em sua mais perfeita interpretação vocal), André Olbrich e Marcus Siepen (guitarras) e Thomen Stauch (bateria) viveram daqueles mágicos momentos em que tudo conduz para uma obra-prima.

80

Alessandro Bonassoli

DEATH *Symbolic* (1995)

81

Se é o melhor ou mais importante álbum do Death, isso é uma questão de gosto dos fãs. Mas o sexto trabalho de estúdio do grupo certamente foi o que atendeu a expectativa do exigente e saudoso padrinho do death metal, Chuck Schuldiner. Basta ver que durante a dúzia de anos da banda, 23 músicos passaram ao lado do líder do Death. Chuck havia decidido abrir mão de formação fixa em *Human*, de 1991. Foi o disco que moldou o que viria a ser o ápice do progressive death metal, atingido com *Symbolic*.

Fato é que na estreia, *Scream Bloody Gore* (87), Chuck definiu os alicerces do death metal. Mesmo que Possessed e até Sepultura tenham registros anteriores no gênero. Na virada de década, *Human* se aproveitou da deixa prog metal e levou o Death a outro patamar, inclusive com clipe na MTV.

Em 1993 veio *Individual Thought Patterns*, cimentando a nova estrada, e o refinamento máximo chegou com *Symbolic*. As músicas começaram a ultrapassar os 5, 6 minutos, como a de abertura, que dá nome ao disco. Os riffs eram acompanhados por bases em técnica mais apurada, sem que o Death abrisse mão da agressividade dos primeiros discos.

Talvez o melhor exemplo fique com a música final do trabalho, *Perennial Quest*, que em 8'20" transita por todo o espectro soturno e rítmico do metal sem deixar que a assinatura de Chuck fique escancarada em cada passagem.

Depois deste, gravou mais um álbum com o Death (*The Sound of Perseverance*), formou o Control Denied e faleceu aos 34 anos, em 2001, de câncer cerebral.

Luiz Cesar Pimentel

FEAR FACTORY *Demanufacture* (1995)

Durante a década de 1980, todo um novo arsenal de equipamentos foi desenvolvido para as bandas que estivessem dispostas a ousar e experimentar em sua música. Novos modelos de sintetizadores, a evolução dos computadores pessoais e até a música de gente como Kraftwerk e Tangerine Dream pareciam indicar um novo caminho, mas ainda era difícil conceber a ideia de mesclar a música pesada com o eletrônico e o industrial. As coisas começaram a mudar de figura quando o Ministry começou a indicar o caminho com seu *The Land Of Rape And Honey* (1988), mas se tornaram definitivas com o surgimento de Godflesh e Fear Factory.

Embora surgido em 1989, o Fear Factory era puramente uma banda 'noventista'. Os riffs pesados e repletos de 'groove' de Dino Cazares, a precisão cirúrgica do baterista Raymond Herrera, a habilidade de partir de linhas melódicas para urros primordiais demonstrada por Burton C. Bell, tudo contribuía para que a banda assumisse uma imagem quase robótica, alinhada com as letras que versavam sobre um mundo onde as máquinas evoluíam a um ponto que tornavam a humanidade em algo obsoleto. Considerada como a obra máxima do então trio californiano (Cazares assumiu o baixo no álbum), *Demanufacture* destaca clássicos como *Self Bias Resistor*, *Replica* (absolutamente incrível), *Dog Day Sunrise* (cover do Head Of David), *Pisschrist* e *Demanufacture*. E não teve jeito, o Fear Factory se colocou entre os gigantes do mundo do metal. Com justiça.

Valtemir Amler

82

MESHUGGAH *Destroy Erase Improve* (1995)

83

Olhando em retrospecto, o segundo disco do Meshuggah pode ser considerado o marco inicial daquele que futuramente ganharia força como um novo subgênero do metal e também o início da ascensão da banda.

A iniciativa de desafiar os padrões contemporâneos do metal depois da estreia com *Contradictions Collapse* (1991) foi reflexo da simples vontade do grupo de evoluir, ou como de forma nada glamourosa afirmou Jens Kidman: "... estávamos apenas nos divertindo e tentando desenvolver o nosso som".

Esse desenvolvimento citado pelo vocalista compreendeu uma provocante e complexa mistura dinâmica de elementos do thrash, progressivo, death metal, hardcore e industrial que resultou numa pressão sonora polirrítmica apresentada de forma mecanicamente fria, precisa e brutal nas dez faixas que compõem o trabalho.

A personalidade criada foi tão forte que os seis discos seguintes mantiveram os principais traços de *Destroy Erase Improve* e quase 15 anos depois, esses mesmos traços foram devidamente absorvidos por uma nova geração sedenta por novidade. Da técnica empregada pelo Meshuggah, somada a outros elementos, veio o djent – estilo que ironicamente não é tão voraz quanto aquele que o originou.

Graças aos avanços computacionais, hoje é muito mais prático e barato reproduzir o que os suecos inventaram. Entretanto, por mais que vivamos numa era de crescente influência tecnológica, a mágica de *Destroy Erase Improve* – um disco do século passado – é o fato de ele ainda soar como um disco do futuro.

Guilherme Spiazzi

MOONSPELL *Wolfheart* (1995)

Apesar de nomes como Tarantula, Sacred Sin, V12, Alkateya, Ramp, Dinosaur, Heavenwood, entre outros que despontaram na cena portuguesa ao longo dos anos, nenhum teve até hoje a força do Moonspell e seu reconhecimento mundo afora.

Após a estreia com o EP *Under the Moonspell*, a visibilidade da banda somada à ousadia da gravadora Century Media, um selo ainda novo buscando por diferenciais em meio ao Metal dos anos 1990, rendeu aos lusitanos seu primeiro e mais idolatrado álbum: *Wolfheart*.

Nem todo disco de estreia consegue perdurar por uma carreira de quase trinta anos como ainda sendo seu maior representante, mas o debut trazia todos os elementos que a banda viria a explorar ao longo da carreira, mesmo que em outros formatos. Em *Wolfheart* temos desde o lado Folk, de temática portuguesa como em *Trebaruna* e *Ataegina* até seu lado mais agressivo em *Love Crimes*, *Of Dream and Drama (Midnight Ride)*. Porém, tudo era permeado por um clima sombrio de influências góticas, como em *An Erotic Alchemy*, ou até mesmo inspirações doom, como em *Wolfshade* e o clássico maior da banda até hoje: *Alma Mater*. Unindo o inglês e o português com um equilíbrio pouco visto, a canção é sempre cantada em coro nas passagens da banda por nosso Brasil, o país "irmão" de Portugal.

Muitos caminhos ainda seriam abordados na carreira do Moonspell, mas uma audição detalhada a *Wolfheart* vai mostrar que é daqui a raiz de tudo que a banda expõe até hoje, quase 25 anos depois.

Heverton Souza

84

A FORÇA DA MTV

MUSIC TELEVISION®

Por Ricardo Batalha

Na década de 80, fãs de heavy metal se programavam para ver e gravar clipes através de programas como Som Pop (TV Cultura), Super Special (Bandeirantes), Realce – depois Realce Baby – (TV Gazeta), Clip Trip (TV Gazeta), Shock (Manchete), FMTV (Manchete) e Manchete Clip

Show (Manchete) e até no Fantástico (Globo). Porém, a chegada da MTV Brasil, canal exclusivamente dedicado à música, mudou o panorama. Pertencente ao Grupo Abril, em parceria com a Viacom, se tornou a terceira versão da MTV lançada no mundo e a primeira em TV aberta. Depois que Astrid Fontenelle surgiu na tela dizendo "Oi, eu sou Astrid, e é com o maior prazer que estou aqui anunciando para vocês que está no ar a MTV Brasil", os jovens ficaram animados, mas tinham uma preocupação: tentar encontrar a melhor forma para conseguir sintonizar o canal, seja com sintonizador de UHF ou um pedaço de Bombril na antena da TV.

A MTV foi a primeira emissora de TV brasileira a transmitir a sua programação 24 horas por dia, sem ficar com o *colorbar* ou com os chiados dos canais que ficavam fora do ar na madrugada. Muitos video jockeys, que ainda não eram conhecidos do público, se tornaram celebridades, como Gastão Moreira, Fábio Massari, Luiz Thunderbird, Zeca Camargo, Astrid Fontenelle, Chris Couto, Maria Paula, Cuca Lazzarotto, Marina Person, Sabrina Parlatore, Edgard Piccoli, Cazé Peçanha, Didi Wagner, Marcos Mion, Soninha Francine, Fernanda Lima e Luana Piovani, entre outros. Alguns, inclusive, estão até hoje na música e na mídia, atuando no rádio, na TV ou com seus programas no YouTube, como o Kazagastão, de Gastão Moreira, e Panelaço, de João Gordo (Ratos de Porão), que se integrou na MTV em 1996 e teve diversos programas.

No início de 1998, a equipe da ROADIE CREW se dirigiu ao edifício localizado na Avenida Professor Alfonso Bovero, 52, no bairro Sumaré, em São Paulo, que antes abrigava a sede da Rede Tupi e que foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico. O objetivo era estrear a seção "Blind Ear" e o escolhido foi o VJ Gastão Moreira, ex-integrante do Witchcraft e bacharel em Direito, que se destacou apresentando os programas Fúria Metal e Gás Total. A seção saiu na edição #08, em fevereiro de 1998, no mesmo ano em que Gastão deixou a emissora.

No entanto, até o momento de realizar o teste para a MTV Brasil, Moreira residia na Inglaterra. Ele iria passar apenas 15 dias no Brasil para o casamento de sua irmã. Então, logo quando chegou, ouviu na rádio que estavam sendo realizados testes para a emissora. Topou a parada e foi fazer o teste. "Me senti totalmente inserido naquele contexto, porque era a profissão ideal para mim naquele momento", declarou Gastão Moreira ao canal Vitrola Verde, de Cesar Gavin.

Inspirado no programa Headbanger's Ball, que fez sucesso na MTV dos EUA entre 1987 e 1995, a vinheta de abertura do Fúria Metal, que era exibido de madrugada, trazia *Metal Militia* e encerrava com *No Remorse*, ambas de *Kill 'Em All*, do Metallica. Porém, o programa não se limitava a passar videoclipes, expandindo-se para entrevistas de bandas nacionais e internacionais, além de coberturas de shows e festivais. Com a demissão dele, o programa, que ainda teve o nome encurtado para Fúria, limitou-se apenas na exibição de clipes. Depois, foi ao ar o Riff MTV, apresentado por Penélope Nova.

"O Fúria Metal sempre foi bem comandado pelo Gastão Moreira, que se esforçou como ninguém, e eu sei bem disso, para mantê-lo atual, mesmo não tendo nenhum respaldo nesse sentido por parte da emissora", disse certa vez Vitão Bonesso, apresentador do programa Backstage, que, nos anos 90, ia ao ar pela Brasil 2000 FM.

Não seria exagero dizer que a MTV Brasil fez com que Metallica, Guns N'Roses, Skid Row, Bon Jovi, Sepultura, Faith No More, Living Colour, Pantera, Aerosmith, Iron Maiden e algumas outras bandas atingissem o status

de mainstream. Hoje, quase trinta anos depois de sua estreia, o canal foca em séries e programas de comportamento do tipo "De Férias Com o Ex Brasil", reforçando a tendência iniciada em julho de 2000 com o reality-show "20 e Poucos Anos". Assim, a música virou um mero detalhe e tapa buraco, já que o YouTube e outras plataformas VoD (vídeo sob demanda, em português brasileiro) estão na linha de frente.

Canal, que estreou em 20 de outubro de 1990 e encerrou suas operações em 30 de setembro de 2013, apoiou o heavy rock na década de 90

Claudia Chrisio

Ricardo Batalha e Gastão Moreira

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

SAVATAGE

GUTTER BALLET (RE-RELEASE)

O álbum que levou o Savatage para o reino do metal progressivo/orquestral. Este é um pedaço da história do metal e um clássico genuíno.

SAVATAGE

HANDFUL OF RAIN (RE-RELEASE)

Um álbum clássico que marca o início de uma nova era do Savatage sem Criss Oliva. Mostra a profundidade da habilidade de Jon Oliva como escritor e músico.

FOREIGNER

THE 40TH ANNIVERSARY (CD + DVD)

Os membros originais da banda se juntam à atual formação de Mick Jones e Foreigner pela primeira vez nos 40 anos de história da banda. Ambas as encarnações da banda compartilham o mesmo palco para uma performance épica.

FOREIGNER

WITH THE 21ST CENTURY SYMPHONY ORCHESTRA & CHORUS

Todos os seus sucessos com uma orquestra e um coral gravado na Suíça com a 21st Century Symphony Orchestra & Chorus. Uma nova dimensão sinfônica da música do Foreigner

DRAGONFORCE

EXTREME POWER METAL

Power Metal extremo! Fluindo perfeitamente do início ao fim proporcionando um fluxo constante de intensas melodias e emoções ao longo do caminho.

DRAGONFORCE

RE-POWERED WITHIN

O bem-sucedido quinto álbum "The Power Within" (2012) como nunca antes ouvido. Totalmente REMASTERIZADO, REMIXADO e MAIS PODEROSO. Inclui 3 faixas bônus: o cover do Shadows Cover 'Power of the Ninja', a versão alternativa de 'Heart of the Storm' e o instrumental 'Avant La Tempête'

SQUARES

SQUARES

JOE SATRIANI teve uma carreira solo longa e aclamada, seus prêmios e elogios de fãs e da indústria são intermináveis. No entanto, aqui está a sua primeira banda, o Squares, formada em Berkeley, Califórnia, no final dos anos 70. Pela primeira vez disponível

anúncio: www.jduartedesign.com

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

PARADISE LOST *Draconian Times* (1995)

85

O quinto álbum dos ingleses do Paradise Lost mostrava uma sequência melhorada (para muitos) de seu antecessor, *Icon*. Fato é que a banda sempre evoluiu sua música e explorou caminhos diversos, mas tem aqui um ápice criativo da dupla Greg Mackintosh e Nick Holmes, guitarrista e vocalista, respectivamente.

Quem que conhece e gosta do estilo musical da banda, consegue olhar para a capa desse disco e não se recordar do piano da abertura de *Enchantment*? Das frases de guitarra de *Hallowed Land* e *I See Your Face*, do riff bobinho e até feliz de *Last Time*, do dedilhado de *Elusive Cure* ou da intensidade de *Forever Failure*? O disco todo é permeado por um clima melancólico, agonizante, mas de forma sóbria e poética, incluindo também a sua arte.

O produtor Simon Efemey também tem grande responsabilidade por *Draconian Times* ter se tornado um clássico. Acompanhando a banda desde *Shades of God*, ele sentiu aqui onde a banda queria chegar. E não se pode deixar de citar os momentos mais atrevidos, como a "veloz" *Once Solemn*, ou a gótica *Shadowkings* e o final arrastado de *Jaded*.

Draconian Times ainda rendeu uma surpreendente primeira passagem da banda pelo Brasil, no festival Phillips Monsters of Rock, de 1995. Para alguns, uma banda desconhecida, para outros a lembrança de uma das maiores bandas de Metal do Reino Unido, em turnê de divulgação de seu maior clássico e para muitos, a frustração de não ter visto justamente o Paradise Lost em sua melhor fase.

Heverton Souza

VAN HALEN *Balance* (1995)

O clima entre os irmãos Van Halen e Sammy Hagar vinha se deteriorando ao longo dos últimos anos e o clima na banda era de tensão absoluta. E o embate do vocalista com Eddie e Alex só se intensificou com o trabalho árduo no estúdio – o convívio forçado durou três semanas, com oito horas diárias de trabalho. Eddie lembrou bem desse período em entrevista à Guitar World em 1997: "Rolava todo tipo de conflito envolvendo nosso empresário, Ray Danniels (que à época era cunhado de Alex), Sammy e o resto da banda bem na época em que eu parei de beber, em outubro de 1994. Eu fiquei tão mal que comecei a beber de novo."

Pra complicar o que já estava ruim, Eddie e Alex odiaram a letra que Sammy escreveu para a faixa *Amsterdam*, capital do país natal dos irmãos. "Eu sempre detestei essa letra, ela só fala sobre fumar maconha. É muito cretina. A letra deve, antes de tudo, fazer as pessoas pensarem." Sammy, por sua vez, disse que ela apenas retratava sua opinião como turista...

Rusgas à parte, *Balance* tornou-se o quarto álbum seguido do Van Halen a entrar nas paradas americanas no primeiro lugar. Na primeira semana, vendeu 295 mil cópias, cerca de cinquenta mil a mais que seu antecessor, *For Unlawful Carnal Knowledge* (1991). E, a exemplo desse, também foi certificado disco de Platina triplo no mercado americano.

No fim das contas, Sammy acabou demitido e, após uma breve reunião com Dave Lee Roth, a banda cometeu aquele que provavelmente foi um dos maiores erros de sua carreira: Gary Cherone.

Antonio Carlos Monteiro

86

HELLOWEEN *The Time Of The Oath* (1996)

87

Segundo uma boa parcela dos fãs, *The Time of the Oath* é o melhor disco do Helloween com Andi Deris. Às vezes, eu concordo. Noutras, não. *The Dark Ride* (2000) e *Master of the Rings* (1994) são os responsáveis por essa dúvida. Porém, não há como negar o poder do sétimo da carreira dos alemães.

Produzido pelo dinamarquês Tommy Hansen, responsável por todos os lançamentos do grupo de 1987 a 1998, ele consolida uma formação, que fez sua estreia no disco anterior, e ainda eleva os músicos a outro patamar de respeito. Michael Weikath e Roland Grapow (guitarras), Markus Grosskopf (baixo), Uli Kusch (bateria), além do próprio Deris (aqui mais solto e principal compositor do álbum), eram os mais influentes do metal melódico mundial.

We Burn funciona como um ótimo cartão de visitas, mostrando força e versatilidade. *Steel Tormentor* não perde o fôlego, mas o ápice é com o clássico *Power* e seu refrão grudento. O clima feliz continua com *Anything My Mama Don't Like* e seu diálogo com o hard rock. Como fã de baladas, é impossível não citar a maravilhosa e eterna *Forever And One (Neverland)*. Ainda na praia mais calma, *If I Knew* também cumpre seu papel.

A pesada e densa faixa-título, bem como toda a temática do disco, faz referência às profecias de Nostradamus para os anos de 1994 a 2000. Enquanto o mundo se preparava para a invasão de bandas repetitivas de metal melódico, o Helloween já saia do lugar comum. E temos em *The Time of the Oath* o começo efetivo disso.

Matheus Vieira

CHILDREN OF BODOM *Hatebreeder* (1999)

Hoje todo mundo sabe que o heavy metal é extremamente popular na Finlândia, mas o que poucos parecem perceber é o tamanho da importância que o metal extremo teve nessa história. Desde o início, as raízes do metal finlandês eram muito profundas no death e no black metal. De nomes primordiais, como Beherit, Impaled Nazarene, Demilich, Rippikoulu, Adramelech, Demigod, Purtenance e Funebre, a cena finlandesa evoluiu junto com bandas como Sentenced e Amorphis, que partiram do death metal para algo diferenciado. De certa forma, os olhos de Alexi Laiho (vocal e guitarra), Alexander Kuoppala (guitarra), Janne Warman (teclado), Jaska Raatikainen (bateria) e Henkka T. Blacksmith (baixo) estavam atentos em ambas as direções, e assim conceberam o Children Of Bodom.

"Eu cresci ouvindo muito daquilo que se convencionou chamar de 'hair metal'. Você sabe, tudo que ia de Mötley Crüe até Skid Row e Guns N'Roses, mas também cresci com Anthrax, Metallica, Slayer e Sepultura", contou Alexi recentemente para a ROADIE CREW. "Essa é ainda apenas uma pequena parte de mim, pois você sabe que amo death metal e adoro estar em festivais tocando com bandas do estilo", ele continua, explicando sua forma de entender a música. Complexa, dotada de linhas de guitarra absolutamente espetaculares, a música do CoB parece seguir uma fórmula única, perfeitamente explorada em *Hatebreeder*. Ouça *Silent Night, Bodom Night, Black Widow, Downfall* e *Warheart* e confira.

Valtemir Amler

88

DIMMU BORGIR *Enthrone Darkness Triumphant* (1997)

89

Desde que nasceu em 1993, o Dimmu Borgir se negou a ser apenas uma típica banda norueguesa de black metal. Seguindo o exemplo de Immortal e Darkthrone, a banda liderada pelo vocalista Shagrath e o guitarrista Silenoz nunca se envolveu em crimes e polêmicas, e com isso sempre pode se dedicar completamente a elaboração de uma música rica e inspirada, coisa que pode ser percebida em seus dois primeiros álbuns, *For All Tid* (1995) e *Stormblåst* (1996). Mas foi em seu terceiro álbum de estúdio que eles subjugaram o mundo e escreveram o seu nome entre os grandes, com *Enthrone Darkness Triumphant*.

Gravado durante janeiro de 1997 no Abyss Studio, na Suécia, o terceiro álbum completo marcava um momento importante na carreira da banda norueguesa. Em seu primeiro álbum ao lado da Nuclear Blast, o Dimmu Borgir pode contar pela primeira vez com o talento do produtor Peter Tägtgren (que se tornaria um parceiro regular pelos próximos anos), além de celebrar a estreia oficial do baixista Nagash, que havia recentemente se juntado a Silenoz, Shagrath, Tjodalv (bateria) e Stian Aarstad (teclado).

Dotado de uma fórmula musical mais cativante, repleta de ganchos e melodias ricas nas guitarras, o álbum destacou para sempre a sua trinca inicial, hoje clássica: *Mourning Palace, Spellbound (By The Devil)* e *In Death's Embrace* apresentaram o Dimmu Borgir para toda uma geração e ainda são atração frequente nos shows, ao lado de *A Succubus In Rapture*.

Valtemir Amler

IN FLAMES *Whoracle* (1997)

Reza a lenda que o produtor Fredrik Nordström (Dream Evil, Arch Enemy) teve que contornar situações um tanto quanto inusitadas durante as sessões de *Whoracle*, já que os integrantes preferiam usufruir de cervejas e videogame em vez de gravar. Era nesse ambiente 'frutífero' que os suecos conceberiam um dos mais icônicos discos da história do death metal melódico.

Seminal representante do chamado 'Gothenburg metal', o terceiro álbum da banda traz 11 faixas – incluindo um cover para *Everything Counts*, do Depeche Mode – que fazem parte de um conceito baseado em fatos apocalípticos que recaem sobre uma sociedade. O tema é acompanhado pela ferocidade da música do grupo em perfeita harmonia com o senso melódico de seus integrantes. Combinação preponderante para a criação de petardos como *Jotun*, *Food of the Gods*, *Gyroscope* e *Episode 666*.

Este é o último álbum de Björn Gelotte como baterista. Ele, que já vinha contribuindo com linhas de guitarra, assumiu definitivamente as cordas a partir de *Colony* (1999).

Infelizmente, o repertório de *Whoracle* vem sendo pouco aproveitado pela banda nos shows. A verdade é que o In Flames mudou muito seu som ao longo dos anos, e seus primeiros discos parecem não se encaixar tanto na proposta atual, apesar de o vocalista Anders Fridén dizer que ama esses álbuns. "Eles nos fizeram chegar onde chegamos. Mas nunca faremos outro *The Jester Race* ou *Whoracle*. Não seria certo", afirmou. Nisso, ele tem razão; aquela sonoridade é única.

Thiago Prata

90

MARILYN MANSON *Antichrist Superstar* (1996)

91

Por volta da metade da década de 90, o mercado fonográfico buscava por alternativas comerciais ao grunge apostando em bandas com uma pegada mais moderna. Dentre elas estava Marilyn Manson, que, da sua formação em 1989, até o lançamento de *Antichrist Superstar* produzira um disco de estúdio e um EP e construíra uma base de fãs. Mas o sucesso comercial ainda era desconhecido.

O jogo começou a virar em setembro de 1996, com o lançamento de *The Beautiful People* como single. Para turbinar a promoção, o provocante clipe entrou na programação da MTV e, assim, a penetração internacional da banda estava feita. A partir dessa estratégia, o caminho para que no, mês seguinte, o segundo álbum fosse lançado para mundo estava pavimentado.

Dois meses depois, *Antichrist Superstar* era Disco de Platina e hoje soma mais de 7 milhões de cópias vendidas pelo mundo.

Sob a tutela de Trent Reznor (Nine Inch Nails), o grupo preparou um álbum influenciado pelo metal industrial num ambiente carregado de drogas e brigas. Essa obra conceitual que integra uma trilogia pautada pela crítica social soube capitalizar o descontentamento de adolescentes e influenciou toda uma geração que garantiu a longevidade do grupo.

Falar de *Antichrist Superstar* significa considerar tudo aquilo que a banda representa em termos musicais, de imagem e personalidade. Separados, esses elementos não são uma novidade na música pesada, mas juntos podem formar misturas únicas e altamente rentáveis.

Guilherme Spiazzi

RHAPSODY *Legendary Tales* (1997)

Ainda sem o Fire e as brigas entre seus principais membros, a estreia do Rhapsody chamou a atenção por sua intensa mistura de música clássica, barroca, heavy metal, narrações líricas e vocais operísticos. Tudo isso em um clima épico, típico de filmes fantasiosos, com direito a muitos dragões, espadas e criaturas peculiares. O detalhe é que o uso em demasia desses elementos já levou os caras, mesmo no debut, ao encontro da famosa premissa: ame ou odeie. Nascia o metal melódico sinfônico.

Em *Legendary Tales*, os cavaleiros italianos começam a contar saga da Espada de Esmeralda sob a produção do ainda desconhecido Sascha Paeth e seu grande parceiro, Miro. "Eles são bem marcantes, tentaram algo diferente, uma música mais visual. Essa coisa cinematográfica, de grandes orquestras, foi um dos motivos de procurarmos Sascha Paeth e Miro para trabalharem conosco", confessou o vocalista Roy Khan (Conception, Kamelot).

O jovem Fabio Lione despontava como um dos mais versáteis e habilidosos vocalistas do metal, o que seria comprovado, futuramente. A dupla Alex Staropoli (teclado) e Luca Turilli (guitarra) também mostrava entrosamento. O resultado disso está estampado em *Flames of Revenge* e *Land of Immortals*, clássico presente até hoje nos shows.

92

Em 2017, o Rhapsody (com o "of Fire") lançou uma regravação de *Legendary Tales* com Giacomo Voli no lugar de Lione. O material foi batizado de *Legendary Years*. Prefiro o original, que, mesmo não sendo o melhor da banda, é relevante.

Matheus Vieira

STRATOVARIUS *Visions* (1997)

93

Da estreia com *Fright Night* (1989) até *Visions*, os finlandeses vieram moldando o seu som – intencionalmente ou por causa da troca de integrantes. Assim, ficaram cada vez mais próximos da fórmula que os consagrou. Em seu sexto disco de estúdio, o grupo conseguiu superar o ótimo *Episode* (1996), soltando aquele que se tornou um divisor de águas na carreira. Em *Visions*, o guitarrista Timo Tolkki compôs e produziu um material com várias canções que se tornaram clássicos da banda, como *Black Diamond*, *Forever Free*, *Paradise* e *The Kiss of Judas*, que saiu em videoclipe.

Na opinião de Bill Hudson (NorthTale), fã confesso de Stratovarius e influenciado pelo grupo: "Nesse disco você pode achar tudo que virou clichê do estilo antes das outras bandas tentarem copiar. Tolkki é um verdadeiro gênio."

A referida genialidade está na estética musical pautada no metal melódico e as influências eruditas, mais especificamente o neoclássico. Não por acaso *Visions* é uma viagem melódica cheia de passagens que remetem a um sentimento de positividade que não se perde na pompa, tão pouco perde o peso quando esse se faz necessário.

Diferente de outras bandas que também seguiam pelo mundo do melódico na mesma época, o Stratovarius teve papel importante ao apontar para um caminho que poucos anos depois se tornaria uma febre: a explosão de bandas melódicas europeias que chegou ao Brasil na virada do século. Não por acaso, é em nosso país que a banda encontra um dos seus maiores públicos.

Guilherme Spiazzi

hatefulmurder.com

BLIND GUARDIAN *Nightfall In Middle-Earth* (1998)

94

Inspirado no livro 'O Silmarillion', do escritor britânico J.R.R. Tolkien, autor também da trilogia 'O Senhor dos Anéis', *Nightfall In Middle-Earth*, o sexto disco de estúdio do Blind Guardian, é o maior clássico da banda alemã e um dos mais importantes do power metal. "Considero este o nosso álbum mais forte. Nele, atingimos um ponto muito alto da carreira e o clímax desse estilo particular de música que desenvolvíamos. As letras são relacionadas a um dos nossos tópicos favoritos de J.R.R. Tolkien. Penso que conseguimos fazer jus àquele tão complicado tópico", analisou Hansi Kürsch.

Pois é, aqui ouvimos hinos como *Mirror Mirror*, *Nightfall* e *Time Stands Still (At The Iron Hill)*, além de faixas mais lentas e melodiosas, como *Noldor (Dead Winter Reigns)*, *Thorn* e *The Eldar*. Com o peso do heavy metal à frente, os alemães sempre encontram espaço para dedilhados de violões e muitos coros. Para a felicidade de alguns (e tristeza de outros), o uso de overdubs é controlado, aparecendo apenas nas horas certas, como contextualização. O disco consagrou, mundialmente, dois nomes: Andre Olbrich, com seus solos de guitarra característicos, e o vocalista Hansi Kürsch, que, com seu timbre rouco, virou referência.

O conceitual *Nightfall In Middle-Earth* é composto por 22 faixas – metade são músicas e o restante são narrativas que complementam a história. Já a versão remasterizada, lançada em 2007, vem com a balada *Harvest of Sorrow* de bônus.

Matheus Vieira

CRADLE OF FILTH *Cruelty And The Beast* (1998)

O vocalista Dani Filth sempre teve paixão pela temática gótica, e desde muito cedo ele começou a usar fragmentos desse universo para moldar o caráter da sua expressão musical, o Cradle Of Filth. Se nas primeiras demos a banda parecia se inspirar completamente em filmes de terror de baixo orçamento, o lançamento do primeiro álbum oficial, *The Principle Of Evil Made Flesh* (1994) logo revelou o tema favorito do cantor: o vampirismo.

Enquanto os vampiros se tornavam protagonistas da temática lírica do debut, do EP seguinte (*V Empire or Dark Faerytales in Phallustein*, 1996) e do segundo álbum, *Dusk And Her Embrace* (1996), parecia óbvio que eles dariam um passo ainda mais firme nesse caminho. Dois anos depois chegou *Cruelty And The Beast*. Gravado no Abattoir Studios de Birmingham (ING) ao lado dos produtores Jan Peter Genkel (Therion) e Mike Exeter (Black Sabbath, Judas Priest), *Cruelty And The Beast* foi completamente baseado na lenda que cerca a condessa húngara Elisabeth Bathory, que conta-se, tinha o estranho hábito de se banhar em sangue na esperança de permanecer eternamente jovem.

Mais do que somente um conto gótico muito bem escrito, o álbum também apresenta ótimas músicas. Todos os capítulos da longa *Bathory Aria* são obrigatórios, e *Thirteen Autumns and a Widow*, *Cruelty Brought Thee Orchids* e *Beneath the Howling Stars* são simplesmente perfeitas, assim como a turnê que celebrou recentemente o aniversário deste clássico.

Valtemir Amler

95

ICED EARTH *Something Wicked This Way Comes* (1998)

96

O Iced Earth, que fez sua estreia em 1990, vinha de uma excelente sequência com o espetacular *The Dark Saga* (1996), responsável por elevar o nome do grupo americano na cena mundial. Sob a batuta do guitarrista Jon Schaffer, *Something Wicked This Way Comes* era o terceiro registro com o vocalista Matt Barlow, um dos frontman mais festejados da segunda metade daquela década, de voz forte e emocional. O núcleo e a alma do Iced Earth estavam ali, e, com a técnica do baixista James MacDonough e dos músicos contratados Larry Tamowski (guitarra) e Mark Prator (bateria) fazendo um ótimo trabalho, o jogo estava ganho.

Trabalhando novamente com o artista gráfico Travis Smith, o Iced Earth corria a passos largos para a conquista mundial. O álbum carrega consigo uma dose extra de agressividade, ao mesmo tempo em que há arranjos sensacionais, como *Watching Over Me*, uma balada pesada e de um feeling gigante.

Os riffs galopantes e cortantes de Schaffer estão presentes em todas as músicas, mas é na trilogia composta por *Prophecy*, *Birth of the Wicked* e *The Coming Curse* que a banda se supera, criando clássicos logo imortalizados no épico ao vivo *Alive in Athens*, lançado em 1999.

A década de 1990 geralmente é mal vista pelos olhares dos mais críticos ou daqueles que não a conheceram direito, mas basta uma olhadinha em clássicos como *Something Wicked This Way Comes* para por abaixo toda aquela ladinha que o heavy metal havia morrido.

Maicon Leite

NIGHTWISH *Oceanborn* (1998)

No mesmo ano em que me despedi da educação básica, o Nightwish lançou *Oceanborn* na Finlândia e, inadvertidamente, tornou-se pioneiro de uma nova e prolífica vertente dentro do metal: o symphonic metal.

Tendo como ponto de partida a insatisfatória circunstância do lançamento do álbum de estreia, *Angels Fall First* (1996), a banda decidiu que não deixaria barato no segundo intento. Disse o tecladista e compositor Tuomas Holopainen: "Não era para ele ser lançado como um álbum. Aconteceu quase que como um acidente, então nós decidimos fazer de tudo para que *Oceanborn* fosse grandioso". De fato foi, tanto é que é considerado um álbum inovador ao combinar, de forma única, elementos do metal, orquestra e ópera.

Apesar dessa mistura soar como algo normal hoje em dia, naquela época seguir por esse caminho significou assumir riscos ao explorar um território desconhecido.

Como resultado, musicalmente o Nightwish apresentou um material mais pesado, épico e dramático. Finalmente, a visão de Holopainen fora devidamente contemplada, com o óbvio destaque para as hipnotizantes interpretações vocais da eterna Tarja Turunen.

A partir da ótima recepção a banda seguiu firme na mesma proposta e viu a sua popularidade aumentar a ponto de se tornarem um dos principais grupos musicais da Finlândia, além de um expoente do metal no mundo. Desde *Oceanborn* várias bandas surgiram e muitas tentaram imitar os finlandeses, mas todos falharam em reproduzir a espontânea sofisticação desse trabalho.

Guilherme Spiazzi

97

CONTROL DENIED *The Fragile Art Of Existence* (1999)

98

Chuck Schuldiner será eternamente lembrado como um pioneiro do death metal e como um dos guitarristas mais habilidosos de que se tem notícia, e ambas coisas apenas fazem justiça a quem ele de fato foi. Mas, além disso, Chuck foi um apaixonado por música, uma pessoa que tinha uma compreensão muito mais ampla do que o normal do que ela poderia representar, e que até por isso nunca conseguir impor limites às suas criações, sejam elas limitações estilísticas ou criativas. Assim, ninguém de fato estranhou quando começou a circular o burburinho de que ele trabalhava em um projeto que transitava longe do metal extremo, e que viria a se confirmar em 1999, com o lançamento deste *The Fragile Art Of Existence*.

Embora o primeiro e único álbum do Control Denied (o segundo, *When Man And Machine Collide* nunca foi terminado) seja para sempre lembrado pela circunstância triste que o cerca – ter sido o último suspiro criativo de Chuck, que faleceria dois anos depois – *The Fragile Art Of Existence* não pode ser subestimado. Seja pela performance absurda de Chuck e Shannon Hamm nas guitarras, pelo talento absurdo de Steve DiGiogio (baixo), o ataque preciso de Richard Christy (bateria) ou o alcance absurdo de Tim Aymar (voz), este álbum destaca ótimas composições, entre elas, uma das minhas favoritas de todos os tempos, o hino *Breaking The Broken*. Mais uma razão para odiar aquele dia em que Chuck nos deixou, tão prematuramente.

Valtemir Amler

NEVERMORE *Dreaming Neon Black* (1999)

Você ama uma pessoa e ela morre. Pior, o deixou para se juntar a um obscuro culto. Qual o impacto de uma situação extrema assim? Warrel Dane viveu isso, enfrentando os demônios da depressão gerada e transformou tudo em uma pérola da música pesada.

Depois do bom álbum homônimo, lançado em 1995, e do crescimento com o ótimo *Politics of Ecstasy* (1996), a banda liderada pelo vocalista americano consolidou-se no cenário com trabalho coeso e impactante, firmando um estilo próprio, que não era só thrash ou metal tradicional, não era apenas extremo ou acessível. E era tudo isso ao mesmo tempo. Era... Nevermore! Arranjos intrincados e técnicos, mas sem exageros, tudo guiado pelas letras elaboradas e quilômetros acima da média geral.

Definir quais são as melhores músicas? Não dá. Esta é daquelas obras que precisam ser apreciadas por inteiro, pois são 13 partes de um todo, ainda que *Ophidian*, *Dreaming Neon Black*, *Poison Godmachine*, *Beyond Within* e *The Lotus Eaters* sejam minhas preferidas. Jim Sheppard (baixo), Jeff Loomis e Tim Calvert (guitarras) e Van Williams (bateria) estavam perfeitos. Mas suas atuações ficam em segundo plano diante da força que Dane impôs tanto na parte lírica quanto na sua primorosa performance vocal. Os efeitos daquela experiência traumática que resultou nesta maravilhosa obra de arte infelizmente acompanharam o saudoso vocalista até o fatídico dia 13 de dezembro de 2017, em São Paulo, quando um ataque cardíaco encerrou sua brilhante carreira.

Alessandro Bonassoli

99

TESTAMENT *The Gathering* (1999)

100

Uma década que começou e se desenvolveu de modo cruel para a música pesada precisava ter algum ponto bem alto para compensar o estrago por ela provocado. *The Gathering*, oitavo álbum do Testament, certamente pode ser este destaque. Basta dizer que Chuck Billy (vocal), Eric Peterson (guitarra base) e James Murphy (guitarra solo) receberam nada mais nada menos do que o cultuado baterista Dave Lombardo (Slayer) e o excelente baixista Steve Di Giorgio (Sadus, Autopsy e Death) para formar um 'dream team' do thrash metal.

Coproduzido por Billy e Peterson, este foi o primeiro dos cinco álbuns que o Testament teria sob a direção do mago Andy Sneap na produção. O resultado é uma volta ao estilo que consagrou a banda na década anterior, com Billy retomando seu estilo clássico de cantar, mas mantendo uma discreta dose da agressividade que incorporou em *Low* (1994) e *Demonic* (1997).

A pesada *D.N.R. (Do Not Ressuscitate)*, a cadenciada *True Beliver*, a rapidíssima *Legions of the Dead* e *Riding The Snake*, que poderia ter feito parte do clássico *The New Order* (1988), deixaram o público boquiaberto. Mas ainda havia mais sete faixas de alto calibre completando um dos melhores capítulos na história do Testament, incluindo as ótimas *Down For Life*, *3 Days In Darkness*, *Fall of Sipledome* e *Allegiance*. Tenho certeza de que os acertos que a banda criaria em *The Formation of Damnation* (2008), *Dark Roots of Earth* (2012) e *Brotherhood of the Snake* (2016) devem muito a *The Gathering*.

Alessandro Bonassoli

OS ANOS DE OURO DO CD

Primeiro veio o download pirata, a versão então moderna do 'tape trader'; depois foi a vez de pagar para baixar álbuns que continuavam disponíveis ilegalmente, e a coleção continuava sendo armazenada num HD em vez de na estante; e, enfim, chegou o consumo de música em plataformas de streaming. Na era da internet, era uma vez o CD. Será mesmo? O disquinho pelo qual você ainda tem enorme carinho – ou para o qual já não liga mais – surgiu em 1982 e fez sua estreia com *52nd Street*, obra de Billy Joel que havia sido lançada em vinil e cassete quatro anos antes. Apesar de mais caro, o compact disc tinha portabilidade mais fácil e, olha a polêmica aí, trazia um áudio de qualidade superior. Ainda assim, o CD não emplacou de imediato, e os LPs continuavam vendendo como água... Por apenas mais alguns anos.

Em 1988, o CD superou a bolachona em vendas pela primeira vez mundialmente, entrando de sola nos anos 90: em 1991, de acordo com dados da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, sigla em inglês para International Federation of the Phonographic Industry), apenas nos Estados Unidos foram comercializados 14,8 milhões de vinis diante de 362,9 milhões de CDs. Naquele momento, muita gente se desfez de sua coleção de LPs para refazê-la apenas com CDs, uma vez que o disquinho prateado também serviu para reaquecer a indústria fonográfica na década anterior, com o relançamento de um sem-número de títulos de catálogo. Mais ou menos o que é feito atualmente com edições de luxo, de aniversário e por aí vai, apesar de um caminho que aparentemente não tem volta. E é aí que entra o MP3.

Ironicamente, o arquivo digital foi desenvolvido também no início da década de 80, mas só foi bagunçar a vida do produto físico em 1999, quando o Napster surgiu com o compartilhamento gratuito e ilegal de música. Dois anos depois, com o lançamento do iPod, a Apple deu a rasteira final. Será mesmo? O CD matou o vinil nos anos 90; o download ilegal matou o CD nos anos 2000; e iTunes, Deezer, Spotify e afins mataram o download ilegal nos anos 2010. Mas na virada para os anos 2020, o LP pode superar em vendas o CD pela primeira vez desde 1986, projeção feita pela Recording Industry Association of America (RIAA) caso o segundo semestre de 2019 confirme a tendência de alta do primeiro em comparação a 2018. No momento em que o vinil é a nova-velha menina dos olhos – e até a fita K7 reapareceu, mesmo que timidamente –, é fácil pensar que a nova geração em algum momento vai redescobrir o CD. Se você se arrependeu de ter vendido sua coleção de LPs (quem nunca?), segure os seus CDs. Os anos 2030 podem ser os novos anos 90.

Daniel Dutra

IGNITED
STEELBOUND
IGNITED
DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
Available on iTunes
DEEZER
GET IT ON Google Play
napster
@ignited_official
www.ignitedmetal.com
/ignitedofficialband

KORZUS
SE VOCÊ QUERIA UM LIVRO QUE CONTASSE TODA A HISTÓRIA DESSE LEGADO, AGORA É SUA HORA!
KORZUS
GUERREIROS DO METAL
MAURÍCIO PANZONE
KORZUS "GUERREIROS DO METAL" O LIVRO.
CELEBRANDO 36 ANOS DE ESTRADA.
A biografia desta incrível trajetória sob o olhar de Mauricio "Hominho" Panzone.
Adquira o seu no link: www.guerreirosdometal.loja2.com.br
SPY
Music Maker
EDIFIER
TECNIFORTE

A ERA DOS EXTREMOS

Como o death e o black metal mantiveram o metal forte na era das transformações no mundo da música

Por Valtemir Amler

O DEATH METAL NA FLÓRIDA E NA SUÉCIA

O death metal já tinha dado ótimos frutos na década de 1980. Considerado (acredito que com justiça) como uma variante mais extrema e agressiva do thrash metal, o death metal se esforçava para ser o gênero mais terrificante de que se tinha notícia. Dotado de linhas de guitarra afiadas e por vezes complexas, bateria veloz e recheada de "blast beats", e vocais urrados que remetiam a sentimentos como dor, agonia e fúria, não havia nenhuma outra forma de música sequer comparável em termo de brutalidade sonora. E ainda havia as letras. Via de regra, as bandas de death metal buscavam chocar os ouvintes mais incautos, e temas repletos de morte, violência e ataques a qualquer religião organizada eram parte do arsenal de terror das bandas pioneiras.

Mayhem

O fato é que todo esse sentimento de inconformismo e busca pelo conflito encontraram público cativo e, ainda na década de 80, gente como Death, Morbid Angel, Obituary e Autopsy já estavam com contratos assinados e lançando discos de estreia clássicos. Não demorou para que as pessoas percebessem que três das quatro bandas citadas vinham da Flórida, e ficou muito claro que tinha algo muito grande acontecendo por lá. Assim, além de possuir em suas fileiras alguns dos grandes pioneiros do death metal, a Flórida começou a receber cada vez mais garotos dispostos a tentar tudo em nome de uma carreira na música pesada, e o local se transformou numa espécie de 'berço' do death metal moderno. "A Flórida é um caldeirão de degenerados", declarou Glen Benton, líder do Deicide. "Eu costumava dizer que todos fomos sequestrados por nossos pais e levados para lá, o que criou uma camaradagem de garotos revoltados".

E, no epicentro deste turbilhão, estava a cidade de Tampa. "Tampa nunca chegou a receber os shows que a cidade de Nova York ou a Costa Oeste receberam, e isso criou uma verdadeira fome de boa música. Nós meio que tivemos que criar nossa própria cena", declarou Kelly Schaefer, do Atheist. A ideia de que Tampa tinha o cenário ideal para o fortalecimento de uma cena real, não vinha apenas pelo fato de Atheist, Morbid Angel, Obituary e Death terem conseguido um contrato de gravação. Um dos grandes atrativos da cidade é que ela dispunha de um estúdio de gravação que realmente parecia ideal para captar a sonoridade típica do estilo, o lendário Morrisound Recording, dos irmãos Tom e Jim Morris. "Meu irmão (Jim) e eu passamos muito tempo tentando descobrir como gravar bateria pesada", recordou Tom Morris. "Para o death metal, você precisa ter uma bateria que possa atravessar uma parede de guitarras. Por isso, era importante ter um bom espaço acústico e uma sólida técnica de engenharia. Por um tempo, estávamos fazendo sessões de death metal o tempo todo".

Ao lado dos contratos assinados e do Morrisound, havia ainda outro grande aliado, o produtor Scott Burns, um nome tão associado ao death metal quanto qualquer banda que você já tenha ouvido falar. "Tom e Jim me contrataram como engenheiro assistente", recorda Burns, sobre os seus primeiros dias. "Eu conheci o pessoal do Obituary, e comecei a fazer o som ao vivo para eles. Então, quando [o produtor] Rick Miller sofreu um acidente, eu terminei o disco do Obituary. Em algum momento do final de 1989, a Roadrunner precisava de alguém para fazer o álbum do Sepultura. Eles tentaram conseguir um grande produtor, mas ninguém sabia quem era o Sepultura, e ninguém dava a mínima para o death metal. Além disso, era época de Natal no Brasil. Então, a gravadora me pediu, e eu fui até lá e fiz o disco. O resto é história".

Frank White

Glen Benton (Deicide)

Tudo isto posto na mesa, o Cannibal Corpse não teve dúvida de que mudar de Buffalo para Tampa era uma ótima ideia, e eles chegaram para dar o impulso que talvez faltava para a cena. Se em 1989 ótimos discos de death metal tinham chegado às prateleiras, o pessoal da Flórida garantiu para 1990 um ano lendário, com *Eaten Back To Life* (Cannibal Corpse), *Cause Of Death* (Obituary), *Spiritual Healing* (Death), *The Key* (Nocturnus) e o álbum de estreia do Atheist (*Piece Of Time*), que finalmente teve seu lançamento mundial em 1990, com dois anos de atraso.

Em 1991, considerado como "o ano do death metal", Deicide, Malevolent Creation, Morbid Angel, Death, Cannibal Corpse e Massacre lançaram álbuns, provocando uma enxurrada de novos lançamentos de death metal em todo o mundo, e fazendo com que jovens antes considerados apenas como 'desajustados', conseguissem vender mais de cem mil cópias de seus discos, sem nunca aliviar no peso.

Claro que tudo o que acontecia na Flórida era observado com atenção, e muitos jovens em todo o mundo aprendiam e se inspiravam com o exemplo de Tampa. Cenas febris nasceram ao redor de todo o mundo, com destaque especial para o que acontecia na Inglaterra e na Holanda. Mas foi na Suécia que o death metal encontrou o seu novo ninho: "Nós costumeiramente escutávamos Metallica, Slayer, Celtic Frost, Kreator, Bathory, Sodom, Destruction, essas coisas. Então descobrimos o 'tape trading', e trocávamos fitas com bandas do mundo todo. Foi incrível descobrir coisas intensas como Morbid Angel, Oblivion, Sadus e Autopsy. Foi incrível por um tempo, uma vez que você recebia tantas cartas do mundo inteiro, até de lugares da América do Sul", disse Fredrik Karlén ex-baixista e um dos fundadores da banda sueca Merciless.

Morbid Angel

Darkthrone

De certa forma, os suecos tinham algo em comum com os garotos de Tampa, assim como com milhares de garotos do Brasil e da América do Sul, pessoas que amavam música e não tinham acesso a um circuito de shows tão prolífico quanto o de Londres, Berlin ou Nova York. Essas pessoas, se queriam ver um show, tinham que produzir o seu show, e assim nasceram tantas cenas importantes ao redor do mundo.

Cannibal Corpse

Isolada no norte da Europa, desconhecida dos olhos da grande mídia (exceto por um ou outro ataque do Abba), a única chance de uma cena sueca dar certo era se fortalecer internamente e apostar suas fichas no gigante esquema de trocas de fitas, um circuito gigantesco que envolvia milhares de pessoas em todo o mundo. Liderados por pioneiros como Sorcery, Merciless, Nihilist e Carnage, os suecos rapidamente demonstraram sua marca própria no death metal, seja pelo som inconfundível obtido pelo uso do pedal Boss HM-2, seja pelas linhas de guitarra intensas e melódicas, que logo depois culminariam em algo ainda mais melódico na própria Suécia, com o 'Gothenburg Sound'.

Do pioneirismo das bandas citadas, passando por Entombed, Dismember, Unleashed, Grave, Hypocrisy, At The Gates e Therion (sim, ouça os primeiros discos), e chegando em atos mais 'underground', como Evocation, Desultory, Eucharist, Seance, Luciferion e Infestdead, a Suécia se tornou sinônimo de metal, especialmente de death metal. E o legado permanece vivo ainda nos dias de hoje.

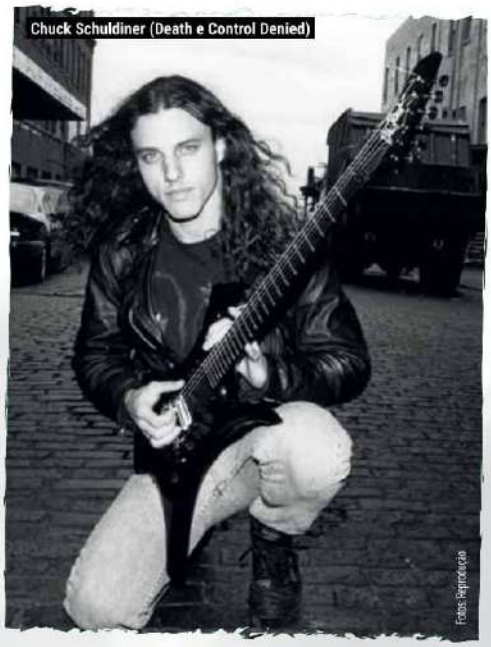
A NORUEGA E A SEGUNDA ONDA DO BLACK METAL

O Mayhem já tinha conseguido certo respaldo na década de 1980, graças especialmente ao saldo positivo de seu EP *Deathcrush* (1987). Porém, foi com a chegada dos anos 90 que a banda apareceu com todos os atributos que precisava para decolar de vez. Em primeiro lugar, havia a nova formação, que mantinha os fundadores Necrobutcher (baixo) e Euronymous (guitarra), e trazia o baterista Hellhammer, e o vocalista sueco Dead. Além da formação, o Mayhem também adotara toda uma nova postura, uma transformação filosófica e musical que se faria sentir sobre toda a cena metálica norueguesa.

Nascida graças a paixão de seus membros fundadores pelo metal extremo dos anos 80, o Mayhem encarava nos primeiros dias dos anos 90 um cenário completamente aterrador. Seus antigos ídolos, Venom, Mercyful Fate, Sodom, Kreator, Hellhammer, Celtic Frost, Coroner, todos haviam ou implodido ou mudado drasticamente a sua música no final dos anos 80. O Mayhem queria trazer de volta a simplicidade e a rispidez, em outras palavras, o perigo que a música extrema antes representava. Para tanto, tudo teria que mudar. Aquele som mais voltado ao death/thrash ouvido em *Deathcrush* seria totalmente transformado, as novas letras perdiam o acento 'gore' e apontavam para uma direção mais mística.

Quando guiadas pela mente gótica e depressiva de seu vocalista, Dead, as letras do Mayhem passavam a encarar a depressão e a morte, o pessimismo e o isolacionismo, uma total mudança de perspectiva. Já musicalmente, Euronymous trabalhou em uma nova abordagem da guitarra, onde a estrutura dos riffs soava confusa, resultado de um ataque da mão direita diferente, que fugia do padrão estabelecido antes pelo thrash metal. As notas deveriam se embaralhar, deveriam confundir, se atropelar.

Além de seus shows, o Mayhem tinha outros trunfos para mostrar a sua nova diretriz musical. Euronymous criou seu próprio selo, Deathlike Silence, para dar suporte às bandas que migrassem por esses caminhos, e a sua loja, a Helvete, era uma ferrenha divulgadora do metal extremo, um ponto de encontro onde os fãs de música extrema (em especial, black metal) costumavam se encontrar para conversar, ouvir música e dividir experiências. Dentre os clientes costumeiros, estava o pessoal do Inner Circle, digamos, o 'alto-escalão' do black metal norueguês, formado pela elite das principais bandas daquela geração.


Chuck Schuldiner (Death e Control Denied)

Fotos: Reprodução

Obituary

Com tudo devidamente paramentado, o black metal norueguês foi ganhando adeptos, primeiro advindos das fileiras do death metal. O Darkthrone, que já tinha contrato com a poderosa Peaceville, e até um ótimo álbum de estreia lançado (*Soulside Journey*, 1991), não pensou duas vezes antes de cair de cabeça no novo gênero. O Thou Shalt Suffer foi desativado, e seus membros formaram o Emperor. O mesmo aconteceu com o Molested, que veria seus líderes partindo para o Borknagar e o Gorgoroth, quase ao mesmo tempo que o Old Funeral sucumbia e assistia ao nascimento de Immortal e Burzum.

O black metal norueguês se espalhava como fogo, e foi com o fogo de igrejas queimadas por todo aquele país que o gênero ganhou projeção mundial. Mas você se engana se pensa que os incêndios, os assassinatos e crimes em geral foram a principal marca daquele movimento. Enquanto os líderes de algumas das principais bandas do cenário amargavam temporadas na cadeia, o gênero continuou crescendo e se reinventando.

O som primordial e abissal de bandas como Darkthrone, Burzum, Mayhem, Gorgoroth, Hades, Ragnarok, Örth, Mock, Carpathian Forest e Immortal foi elevado a outros patamares com Emperor, Ved Buens Ende, In The Woods, Dimmu Borgir e Arcturus. Mesmo bandas que nasceram de um som mais básico, como Borknagar, Enslaved e Dødheimsgard (pode incluir aí Gorgoroth, Mayhem e Darkthrone sem medo) partiram para discos tão desafiadores quanto inovadores. E, quando o cenário ameaça estagnar, toda uma nova leva nasce, seja pelos braços de Taake, Tsjuder, Arvas, Svarttjern, Koldbrann, Krypt, Ljå, Nodjevel, Isvind... E nós nem falamos sobre o brilhantismo medieval do Satyricon. Ou da aura thrash de Aura Noir e 1349. Tampouco tivemos a chance de louvar os cânticos das florestas nórdicas, tão bem expressados nos primeiros álbuns do Ulver.

Não se engane, o black metal norueguês não se trata apenas de crimes, igrejas incendiadas e mentes perturbadas, não se contente com o estereótipo. Do ponto de vista musical e cultural, o black metal norueguês foi a coisa mais importante que os anos 90 produziram, e sua influência permanece absoluta e abrangente mesmo hoje, mais de vinte anos depois. E restará assim para sempre.

Abbath (Immortal)

RELEASES

Rodrigo Sinos

BLIND GUARDIAN TWILIGHT ORCHESTRA

LEGACY OF THE DARK LANDS

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

O fã do Blind Guardian está mais do que acostumado ao som com pompa e circunstância da banda alemã, que começou a refinar o trabalho em *Somewhere Far Beyond* (1992) e terminou de construir sua identidade em *Nightfall in Middle-Earth* (1998). Daí para frente, o vocalista Hansi Kürsch e os guitarristas André Olbrich e Marcus Siepen sempre experimentaram dentro da própria proposta, a ponto de alguns fãs até torcerem o nariz para *A Night at the Opera* (2002). E talvez sejam estes mesmo fãs que irão fazer cara feia para *Legacy of the Dark Lands*, afinal, o grupo se despiu para dar vida ao sonho do trabalho orquestral. Ou orquestrado, porque o que temos aqui não é power metal com grandiosos arranjos de orquestra. São grandiosos arranjos de orquestra sem power metal.

Não à toa a grife ganhou a companhia de um "Twilight Orchestra", fazendo com que *Legacy of the Dark Lands* não seja simplesmente o 11º álbum de estúdio do grupo. Contando com a The Prague Filmharmonic Orchestra para musicar suas ideias, Kürsch e Olbrich escreveram a sequência de "Die Dunklen Lande" (o título original para "The Dark Lands"), obra do escritor compatriota Markus Heitz. E apesar de o livro ter sido lançado em março último, a dupla e o autor trabalharam os últimos cinco anos juntos na continuação da história, o que torna o trabalho ainda mais interessante, porque tudo cheira a novo – você confere mais detalhes em breve, num bate-papo com Kürsch que estará nas páginas da ROADIE CREW.

Fazendo uma simples analogia, *Legacy of the Dark Lands* causa o mesmo efeito do livro. Você lê este e ouve aquele enquanto idealiza cenários e personagens, mas o disco tem uma vantagem: a música transporta sua imaginação para a telona, uma vez que as 24 faixas são a trilha sonora de um longa-metragem que (talvez ainda) não foi filmado. Essa perspectiva é corroborada também pela participação dos atores britânicos Normal Eshley e Douglas Fielding, que haviam trabalhado com o Blind Guardian fazendo as narrações de *Nightfall in Middle-Earth* – infelizmente, Fielding faleceu no fim de junho –, mas são as canções que garantem a viagem.

Obviamente, as comparações com "O Senhor dos Anéis" são inevitáveis, mas é curioso que a relação mais próxima seja com a franquia "Harry Potter", uma vez que *1618 Overture* e *In the Underworld* têm melodias idênticas à do tema principal da saga do bruxo da literatura cinematográfica infantojuvenil. Nada que comprometa, porque o trabalho da orquestra tcheca – aliás, sacou o trocadilho no nome dela? – tem um adorno de luxo: a voz de Kürsch. Sem o peso de guitarra, baixo e bateria por trás, o vocalista abusa de uma performance formidável, e canções como *War Feeds War*, *Point of No Return*, *Nephilim*, *Dark Cloud's Rising* e *Harvester of Souls* são de arrepiar. Se *Legacy of the Dark Lands* pode até não cair nas graças do fã tradicional, tem tudo para agradar a quem não dá bola para o Blind Guardian.

Daniel Dutra

CRASHDÏET

RUST

FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Eis aqui o novo e quinto álbum do Crashdiet, que, para variar, está de vocalista novo. *Rust* apresenta o jovem Gabriel Keyes, quarto no posto que já pertenceu, respectivamente, ao saudoso Dave Lepard e também à H. Olliver Twisted e Simon Cruz, que foi o único a conseguir a proeza de gravar dois álbuns com a banda. Felizmente, mesmo com outra mudança de voz, o grupo sueco não perdeu a essência e com *Rust* tem tudo para agradar seus fãs, bem como os demais amantes de hard/sleaze. Keyes, Martin Sweet (guitarra), Peter London (baixo) e Eric Young (bateria) fizeram bonito nos carros-chefes *Rust*, *Reptile* e *Idiots* (minha favorita) e em outras faixas também altamente viciantes, como *Into the Wild*, *Parasite* e *Crazy*, que tem um refrão lindamente influenciado por Def Leppard. *In the Maze* e *Waiting for Your Love* também cumprem bem seu papel de baladas e mostram que Keyes realmente tem potencial para estar na banda. Agora é esperar para conferir ao vivo as músicas de *Rust*, já que em março o Crashdiet retornará ao Brasil, pela primeira vez com o Gabriel Keyes.

Leandro Nogueira Coppi

SODOM

OUT OF THE FRONTLINE TRENCH [EP]

STEAMHAMMER/SPV – IMP.

9,0

Depois de *Partisan* (2018) e *Chosen by the Grace of God* (2019), Tom Angelripper (vocal e baixo), Frank Blackfire e Yorck Segatz (guitarras) e Husky (bateria) fecham a trinca de EPs com *Out of the Frontline Trench*. O material abre com *Genesis 19*, uma pedrada que fala da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra sob uma visão menos religiosa e sim por um possível fenômeno natural. Ao mesmo tempo, há uma nova interpretação da história de Lot, habitante de Sodoma, que faz justiça à versão original da Bíblia. *Genesis 19* estará presente no próximo álbum do Sodom, que sairá em 2020, provavelmente com o mesmo título. Já a própria *Out of the Frontline Trench* e *Down on Your Knees* (lançada no EP anterior) falam dos horrores da Primeira Guerra Mundial, inspiradas em cartões postais e cartas que Angelripper leu de seu avô, além de documentários que assistiu na TV. Há ainda uma regravação de *Agent Orange*, em homenagem ao clássico álbum homônimo, que em 2019 completou 30 anos, e *Bombenhagel*, de *Persecution Mania* (1987), em versão ao vivo em 2018. Belo lançamento!

Leandro Nogueira Coppi

AIRBOURNE

BONESHAKER

SPINEFARM - IMP.

8,0

Ao vivo, Joel O'Keeffe (vocal e guitarra), Matt "Harri" Harrison (guitarra), Justin Street (baixo) e Ryan O'Keeffe (bateria) continuam entregando ao público um dos shows mais energéticos do rock'n'roll da atualidade. Em estúdio, a "fórmula AC/DC", que também serve para nomes como Krokus, Rose Tattoo, Rhino Bucket, Jackyl, Hardbone, Bullet, Dirty Looks, Million $ Reload, Dynamite, Adrenaline Factor, Bonafide, 77, The Driving Conditions, X-Sinner, Motorocker e Baranga, não foi alterada. Assim, *Boneshaker*, sucessor de *Breakin' Outta Hell* (2016), entrega o que os fãs, e eles mesmos, curtem: hard rock, rock'n'roll e boogie. Algumas faixas são mais aceleradas e com mais punch, como *Rock 'N' Roll For Life*, *Burnout the Nitro* e *Switchblade Angel*. Outras vêm mais cadenciadas, arrastadas e com andamento reto, como a própria faixa-título, *This Is Our City* e *Weapon of War*. Destaques ainda para *Sex to Go* e *Backseat Boogie*. É, você sabe: se curte AC/DC, gosta de Airbourne. Nada mudou... E nem irá!

Ricardo Batalha

STEEL PANTHER

HEAVY METAL RULES
STEEL PANTHER INC. - IMP

8,0

Quando lançou o clipe de *All I Wanna Do Is Fuck (Myself Tonight)* em julho, o Steel Panther prometeu um álbum que seria um misto de festa com manual de autoajuda. Essa é uma boa maneira de definir *Heavy Metal Rules*, novo trabalho da "maior banda da história", segundo a mãe do baixista Lexxi Foxx. Ainda que a fórmula de letras zoeiras inspiradas no modo de vida das 'hairbands' dos anos 80, a exemplo de *Lower the Bar* (2016), dê sinais de esgotamento, a diversão segue garantida em momentos como *Fuck Everybody* e sua atmosfera meio 'Um dia de Fúria'. Já *Gods of Pussy* é um lamento choroso sobre o "fardo" que é ser um "pegador", enquanto o citado primeiro single traz uma mensagem de "autoempoderamento" e veio a público turbinada com um vídeo inspirado em 'Se Beber, Não Case'. Musicalmente, o quarteto incorpora clichês de eficácia previamente comprovada – o riff de *Sneaky Little Bitch* é chupado de *Dancing Days*, do Led Zeppelin – à medida que, também, imprime sua assinatura nos *gang vocals* mais legais da atualidade. E ninguém pode negar que Satchel é um dos grandes guitarristas do hard rock: solos como o de *I'm Not Your Bitch* não deixam margem para dúvida.

Marcelo Vieira

BLAZING FIRE

SOUNDS OF THE WASTELAND
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Que bem faz aos ouvidos de qualquer headbanger que se preze o mais puro heavy metal tradicional, com a aura da NWOBHM! Se você também é desses que se delicia com bandas que trazem em seu âmago essa escola musical, então reserve um momento do seu dia para a estreia dos mineiros do Blazing Fire, *Sounds of the Wasteland*. As dez faixas do debut do grupo, nascido em Muriaé (MG) em 2016, reúne muitas características do gênero, sobretudo no andamento das músicas e nas guitarras de Arthur Felisberto e Sebastian Amaral (também vocalista), como fica explícito na faixa-título, *Blind Leading the Blind* e *Fight for Your Dreams*. Porém, nem por isso a banda deixa de evidenciar outras de suas influências, como fragmentos de power metal em *Rage of Ace*, e um passeio pelos anos 90/2000, enfatizado em *Roadkill* e *All Lies that Still Remains*, dona de um videoclipe. Pouco antes do lançamento, a dupla de guitarras passou a contar com o baixista Leandro Oliveira (baixo) e Kaio César (bateria). Aguardamos uma evolução para os próximos trabalhos agora que a formação está mais sólida e coesa. Recomendado para aqueles que curtem o mais puro heavy metal à la Saxon e Angel Witch e também a veia mais Manowar e HammerFall.

Thiago Prata

D-A-D

A PRAYER FOR THE LOUD
AFM - IMP.

9,0

Primeiro material inédito em oito anos, *A Prayer for the Loud* nos presenteia com aquele típico hard rock de uma das mais famosas (e veteranas) bandas da Dinamarca, a D-A-D. Isto significa canções ferozes e empolgantes que, muitas vezes, remetem às bolachas clássicas do grupo, como *No Fuel Left for the Pilgrims* (1989) e *Riskin 'It All* (1991). Composto nos últimos três anos em um ambiente familiar – no estúdio Grapehouse, em Copenhague, com os colaboradores de longa data Nick Foss e Rune Nissen Petersen –, *A Prayer for the Loud* teve seu repertório escolhido a partir de uma grande variedade de músicas. Segundo o baixista Stig Pedersen, as onze escolhidas são a "nata" do que foi composto. Por exemplo, *Burning Stars* funciona como um ótimo cartão de visitas, no qual o timbre metálico do baixo de Pedersen agrada. *No Doubt About* tem coros fantásticos, enquanto *Musical Chairs* vem com um andamento um pouco mais acelerado. A bonita balada *A Drug for the Heart* e a pegada AC/DC de *Time Is a Train* também merecem atenção especial. Na estrada desde 1982, a D-A-D finaliza, atualmente, uma pequena turnê por seu país. Ao fim dela, a ideia é viajar por grandes festivais de verão na Suécia, Noruega, Finlândia e Alemanha para divulgar o novo disco. Muito bom!

Matheus Vieira

BLOCK BUSTER

LOSING GRAVITY
FRONTIERS MUSIC - IMP.

5,0

"Quatro jovens tendo o melhor momento de suas vidas" é como a Frontiers descreve os finlandeses do Block Buster. O nome não é dos melhores - traz logo à mente a rede de locadoras extinta em 2013 -, mas o som, por sua vez, não é datado como o conceito de alugar filmes e games. Segundo a gravadora, o fio condutor de *Losing Gravity* é o hard rock, mas certos tratamentos denunciam tanto a idade dos integrantes, todos na casa dos vinte e poucos anos, quanto a influência do que eles chamam de "rock do século 21", mas que, para mim, poderia ser descrito como indie rock de boate. É como se à crueza e despretensão de um Hellacopters, capazes de originar momentos como o bom refrão de *Out in the City*, fossem acrescidos os mesmos ingredientes de procedência duvidosa ao qual Foo Fighters, Red Hot Chili Peppers e outros andaram submetendo seus trabalhos mais recentes. Porém, há tábuas de salvação em *Sweet Mary Jane*, um bom arremedo de hard contemporâneo e *Would You Do It Again*, que aposta na emotividade típica das baladas que batalhavam pelo topo do 'Total Request Live' no começo dos anos 2000. Recomendado na íntegra somente para 'millennials'.

Marcelo Vieira

ZIMERS
Rock Store
&
Instrumentos
Musicais
zimers.com.br
Caraguatatuba/SP

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

PHIL X
(BON JOVI, PHIL X AND THE DRILLS)

Van Halen - *Van Halen*
Cheap Trick - *Live At Budokan*
AC/DC - *Back In Black*
Judas Priest - *Unleashed In The East*
Black Sabbath - *Sabbath Bloody Sabbath*

M. PUNK
(SIEGRID INGRID)

Korzus - *Mass Illusion*
Ratos De Porão - *RDP Ao Vivo*
Vader - *The Empire*
Judas Priest - *Painkiller*
Slayer - *Decade Of Aggression*

MECHANIX
CDs
Compra, Venda e Troca.
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 252
CEP 01041-000 - Centro - São Paulo-SP
Tel. (011) 3223-8101
e-mail: robson.sevilha@terra.com.br
www.mechanixcds.cjb.net

RELEASES

DR. SIN

BACK HOME AGAIN
SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

9,0

Depois de uma longa espera, finalmente sai o novo disco do Dr. Sin, sintomaticamente intitulado *Back Home Again*, e que traz a estreia em estúdio do novo guitarrista, Thiago Melo. E de cara vale o aviso: Thiago Melo não é Edu Ardanuy. O que, cá entre nós, é ótimo! Porque, convenhamos, não há nada pior do que um músico tentando imitar outro. Personalidade própria é uma das maiores virtudes de um artista e Thiago mostra que tem isso de sobra. De resto, é um guitarrista excepcional, como tem que ser qualquer músico que se atreva a tocar ao lado de Andria (vocal e baixo) e Ivan Busic (bateria e backing vocals). Claramente você vai perceber aqui todas aquelas características que fizeram do Dr. Sin uma referência, mas vai perceber também algumas mudanças, como composições mais diretas e melodias mais grudentas. Andria está usando a voz um pouco mais rasgada, como vinha fazendo desde *Intactus*, o que caiu à perfeição em seu timbre. Além disso, dá pra identificar no disco uma variedade bem maior em termos de estilo. Ouça, por exemplo, *Best Friends* e perceba a influência de southern rock, com direito até a slide. Além disso, o groove impera em várias faixas, como na excelente *Face to Face*. E pra completar o Dr. Sin cravou aqui uma das melhores de sua carreira, a belíssima *What's Wrong*. E tudo isso, como de hábito, cercado por uma produção de primeira e uma execução que impressiona. *Back Home Again* não traz um novo Dr. Sin, mas um Dr. Sin renovado. Que essa nova fase dure no mínimo tanto quanto a anterior.

Antonio Carlos Monteiro

MICHAEL SWEET

TEN
SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

8,5

Seja com o Stryper, com o Sweet & Lynch, projeto junto ao guitarrista George Lynch (Dokken/Lynch Mob), ou em carreira solo, Michael Sweet não pára de lançar álbuns. E em *Ten*, seu novo trabalho solo, Sweet não fugiu das características que o consagraram: as raízes no hard rock e no heavy metal, muita melodia vocal e capricho nos riffs e solos de guitarra. Músicas como as viciantes *Lay it Down*, *Shine*, *When Love is Hated*, *Ricochet* e *With You Till the End*, a balada *Let it Be Love* e as pesadas *Better Part of Me*, que cairia bem em *Soldiers Under Command* (1985) do Stryper, e *Son of Man*, cantada em duo com Todd LaTorre (Queensrÿche), já podem figurar na galeria de grandes obras da carreira de Sweet. Como se não bastasse, *Ten* conta com mais convidados de peso, entre eles Jeff Loomis (Arch Enemy), Todd LaTorre (Queensrÿche), Joel Hoekstra (Whitesnake, TSO, Cher), Gus G (Firewind / Ozzy), Tracii Guns (L.A. Guns), Rich Ward (Fozzy), Howie Simon (Jeff Scott Soto), o brasileiro Mike Kerr e seu parceiro de FirstBourne Ian Raposa, entre outros. Grande fase de Michael Sweet!

Leandro Nogueira Coppi

RAGE IN MY EYES

ICE CELL
INDEPENDENTE – NAC

9,0

O que é mais importante quando você ouve uma nova banda de heavy metal? O apego aos valores tradicionais, ou o caráter inovador que garante uma cara própria? Não importa qual a sua resposta, a gaúcha Rage In My Eyes tem ambas para oferecer, e este é um ótimo ponto de partida para esta pequena análise. Por exemplo, ao ouvir as linhas de guitarra rápidas e melódicas que abrem *The Core*, fica fácil perceber que estamos diante de uma banda que se apoia sobre os moldes do power metal. Na mesma canção, as linhas vocais e o instrumental 'quebrado' remetem ao prog, até com certa verve thrash em algumas linhas de guitarra. Essa boa mistura de tradicionalismo com inovação é ainda mais evidente em *Hole In The Shell* que agrega a musicalidade típica da 'mazurca', uma das muitas manifestações que formam a face complexa e grandiosa daquilo que chamamos de 'música tradicionalista gaúcha'. Com o peso de thrash de *Burn My Throne!* e a beleza de *Soul Gatherer*, este é um álbum obrigatório. O tradicionalismo do Scelerata, ou a nova face do Rage In My Eyes? Escolha ambos em *Ice Cell*.

Valtemir Amler

TUBLUES

VINTE
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Criar uma banda para prestar tributo ao antigo blues rock perpetrado nas décadas de 60 e 70, por lendas como Stevie Ray Vaughan, Led Zeppelin e os brasileiros Casa das Máquinas e Made in Brazil, já é algo louvável. E, mas e quando a iniciativa vai além do cover e aterrissa no território da música autoral? Bem, aí, no mínimo, você precisa estar atento. Que bom, essa é exatamente a proposta do Tublues! Para começar, *Geração Mimimi* faz um sentido terrível ao momento atual que vivemos, especialmente nas mídias sociais, a terra de ninguém onde todos são especialistas em tudo. Com aquela pegada do rock clássico, *Palavras* é outra das que chamam atenção, e crava o seu posto ao lado do blues carregado de *Ambição Ardente* e *Blues das Onze*. Em uma época em que tantas bandas estão sendo veneradas por reviver a sonoridade clássica do passado, o Brasil também vem revelando bons nomes para a lista, e nomes que trazem aquele algo bem típico do rock nacional. Se é fã dos nomes citados, ou se simplesmente curte blues, rock e boas linhas de guitarra, aqui está mais uma boa opção.

Valtemir Amler

1349

THE INFERNAL PATHWAY
SEASON OF MIST - IMP.

9,0

Contando em sua formação com alguns dos maiores talentos da cena norueguesa do black metal, o 1349 sempre teve o material necessário para construir álbuns que extrapolam o padrão, e seguem por caminhos sempre diversos. A aposta da vez foi o thrash metal, que, aliado ao furioso black metal tradicional da banda, rendeu alguns ótimos momentos neste sétimo álbum completo dos noruegueses. A odisseia começa proveitosa com *Abyssos Antithesis*, e ganha tons ainda mais convincentes com *Through Eyes of Stone*, essa com pegada realmente voltada para o thrash, além de um breakdown memorável. Mas, se o álbum agrada em seus primeiros minutos, é no final que você encontrará as pérolas mais raras e valiosas: *Striding the Chasm* e a conhecida *Dødskamp* elevam o resultado final, justamente por serem as mais 'black metal' do disco, ríspidas, sujas, malditas. Mas, se você quiser uma rápida introdução do potencial verdadeiro desta formação, comece pela última, *Stand Tall In Fire*. Longa, sorumbática e multifacetada, ela encarna com perfeição o espírito do black metal.

Valtemir Amler

SASCHA PAETH'S MASTERS OF CEREMONY

SINGS OF WINGS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Quem conhece um pouco da cena power metal, com certeza já ouviu falar do músico e produtor alemão Sascha Paeth. Parceiro de icônicos nomes europeus como Avantasia,

Gamma Ray, Epica, Edguy, entre outros, ele também carrega uma certa relação com o Brasil trabalhando com o Angra e assinando a parceria com o saudoso Andre Matos no projeto Virgo. Não podemos esquecer da participação no DVD *Ritualive* (2003), do Shaman. Pois bem, eis que agora Paeth pede passagem com um novo projeto: Masters of Ceremony, que debuta no mundo com este *Signs of Wings*. Obviamente, o disco não apresenta surpresas: um melodic/power metal tradicional, que flerta com algumas passagens de hard rock, uma constante em sua carreira. Ao seu lado, um time extremamente competente: Adrienne Cowan (vocal, Seven Spires), Corvin Bahn (teclados), Felix Bohnke (bateria, Edguy) e André Neygenfind (baixo, Avantasia). Juntos, desfilam momentos legais, como em *Die Just a Little*, *Radar*, e a melhor, *Wide Awake*. "Finalmente, estou colocando minha energia em meu próprio projeto de metal. É a soma das minhas experiências ao longo dos anos e um pouco da renovação que eu estava fazendo no passado", comentou Sascha. E, realmente, *Signs of Wings* ficou bacana. Vale conferir!

Matheus Vieira

WORK OF ART

EXHIBITS

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

O que Lars Säfsund (vocal), Robert Säll (guitarra, W.E.T.) e Herman Furin (bateria) apresentam no novo álbum do Work of Art pode até ser encarado como uma coletânea de grandes "hits" de melodic rock/AOR. É, depois que foi divulgado o primeiro single/clipe, *Be The Believer*, os fãs tinham se animado, mas nem o mais otimista poderia esperar por tamanha destreza no sucessor de *Framework* (2014). Entre os destaques estão composições cativantes, muitas com aquela pegada rádio FM e trilhas de filmes dos anos 80, começando pela abertura com *Misguisded Love*. Para *Exhibits*, o trio contou com uma série de convidados para gravar as partes de baixo e teclados, entre eles Jonas Gröning, Jonas Öijvall, Vince DiCola, Andreas Passmark e Nalle Påhlsson. A arte de capa sem graça não transmite o que o repertório passa. Para comprovar, ouça *This Isn't Love*, *Come Home*, *Scars To Prove It* e *What You Want From Me*.

Ricardo Batalha

VOX IGNEA

NEM UM MINUTO A MAIS

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Se no EP *Em Chamas* (2017), o Vox Ignea bateu na trave esbarrando em alguns detalhes, no EP *Nem um Minuto a Mais* equilibrou o peso com os vocais doces de Raquel Lopes e soltou um material vencedor. Temos riffs pesados e variados, unidos a uma cozinha bem solta e uma atuação magistral de Raquel. Ouça a pesada *Ego de Rei* e a densa *Covil*, que saiu em clipe e é dona de uma letra forte, que fala de assédio. Porém, o ponto alto acaba sendo a intimista *Me Mostre*. Destaques ainda para a capa, assinada por Aurélio Lara, e para a qualidade sonora, a cargo de Henrique "Baboom" Canale.

João Messias Jr.

THE CROSS

STILL FALLING

VÁRIOS - NAC.

8,0

Quando ouvi *Flames of Deceit*, em 1993, foi como uma catarse! Ela trazia vocal rasgado, temática taciturna e cadências doom metal. Hoje, com a regravação dela e das outras da demo *The Fall*, o sentimento é reacendido, já que, mesmo depois de tanto tempo, o trabalho é impactante. A beleza das composições prova que o doom metal é atemporal e movido pelo sentimento. Além disso, temos participações de Lord Vlad (Malefactor), Sergio "Baloff" Borges (Headhunter D.C.) e Alex Habigzang (Dying Suffocation) e *Unto the Deep*, um belo exemplo da atual fase da banda, de bônus. Confira!

Ivanei Salgado

FRONT COVER

Por Marcelo Vasco*

JUDAS PRIEST

PAINKILLER

Décimo segundo álbum de estúdio de uma das mais consagradas bandas de heavy metal do planeta, Judas Priest, *Painkiller*, lançado 1990, foi o último registro com o vocalista Rob Halford na banda até o seu retorno, em 2005, com o ótimo *Angel of Retribution*. Trata-se também do álbum de estreia do baterista Scott Travis, ex-membro do Racer X, extinta banda do fantástico guitarrista Paul Gilbert (Mr. Big). Mas vamos falar de arte...

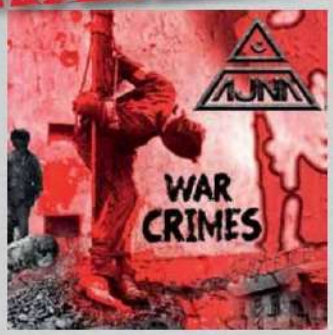
E essa em questão é emblemática, assinada pelo artista inglês Mark Wilkinson, conhecido pelo seu trabalho detalhado e surrealista para inúmeras bandas britânicas, revistas em quadrinhos e autor dos primeiros cartazes do famoso festival inglês Monsters of Rock. Ele se consagrou também por ser um mestre na técnica do airbrush, ilustrando capas para grupos como Marillion, Iron Maiden, Fish, The Darkness, além de outras diversas para o próprio Judas Priest, como *Ram it Down* (1988), *Metal Works '73-'93* (coletânea, 1993), *Jugulator* (1997), *Angel of Retribution* (2005), *Nostradamus* (2008) e *Redeemer of Souls* (2014), apenas para citar apenas algumas de suas obras de arte.

Porém, *Painkiller*, em minha opinião, é a arte mais expressiva e significativa no vasto portfólio de Wilkinson. O conceito original partiu da própria banda, que queria uma versão futurista do anjo caído presente na ilustração de *Sad Wings of Destiny* (1976), segundo dos ingleses. Wilkinson conseguiu sintetizar isso de maneira muito mais densa e agressiva, através de uma bela paleta de cores, super intensa, abordando tons quentes e frios. O seu "anjo caído" robótico veio todo de metal cromado, pilotando uma moto "híbrida" e, digamos, com cabeça e rabo de dragão, rodas de serras afiadas, pairando sobre um cenário pós-apocalíptico como plano de fundo.

Trata-se de uma linda ilustração que transmite toda veemência, peso e musicalidade desse verdadeiro clássico do heavy metal. Wilkinson está hoje com seus 67 anos de idade e parece continuar trabalhando ativamente. Seu último trabalho mais significativo foi nada mais nada menos que a capa do álbum *The Book of Souls* (2015), de outro gigante do metal: Iron Maiden.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

RELEASES



AJNA

WAR CRIMES
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Entre idas e vindas, o Ajna é um grupo que atua no cenário do metal desde a década de 1990, sempre contribuindo com shows intensos e música boa. Capitaneado pela vocalista Elizabeth "Tibet" Queiroz (ex-Made in Brazil), acompanhada hoje por Gustavo Manzan (guitarra), Lucas Pelarin (guitarra), Nando Simões (baixo) e Ivo Rocha (bateria), o Ajna apresenta em *War Crimes* um som pesado, moderno e que se destaca pelo peso, ótimos riffs e a variação das vozes. De fato, podemos dizer que se trata do melhor registro da cantora. As faixas são aquele convite para bater cabeça, as quais destaco *War Crimes* e *Killer God*, com solos de tirar o fôlego. Porém, o posto de número um do trabalho vai para a baladaça pesada *The Shadow of Cave*. Músicas boas que receberam uma excelente produção a cargo de Marcello Pompeu e Heros Trench (Korzus), do estúdio Mr. Som, que deixaram tudo bem pesado e nítido. O melhor do Ajna até aqui!

João Messias Jr.

BLOOD INCANTATION

HIDDEN HISTORY OF THE HUMAN RACE
MUTILATION - NAC.

9,0

Finalmente, um dos álbuns de death metal mais aguardados de 2019! E logo na abertura, com *Slave Species Of The Gods*, já percebemos o motivo: a insana mistura daqueles riffs inspirados no Morbid Angel do início dos anos 90, a bateria intensa 'na cola' do Immolation, e aquela aura doom/death típica do Incantation, mas tudo isso na levada brutal e insana do Krisiun! Embora as muitas referências possam fazer você pensar em algo pouco original e derivativo, o que faz o Blood Incantation a banda incrível que ela é mora justamente na forma como todos estes elementos são mesclados. Eles são unidos ainda a uma aura mística única, inspirada em temas alienígenas e de ficção científica, que você também recordará de Hypocrisy e Genocídio, mas com outra pegada. Confira nos elementos de música do Oriente Médio em *The Giza Power Plant*, ou ainda na incrível seção atmosférica em *Awakening from the Dream of Existence to the Multidimensional Nature of Our Reality (Mirror of the Soul)*. Expectativa alta, resultado melhor ainda!

Valtemir Amler

LUCAS RAY EXP

SPHINX
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Em um álbum orientado para as guitarras, até onde vai a paixão pela música, e a partir de que ponto começa o exibicionismo? A pergunta é relevante, há muito permeia a mente dos fãs de rock, e muito bem poderia ser um dos enigmas da esfinge, ou *sphinx*, como nossos colegas ingleses preferem dizer. Embora não exista uma resposta possível (exibicionismo e paixão não são conceitos incompatíveis), o que ouvimos neste EP de estreia do Lucas Ray Exp., intitulado justamente *Sphinx* – nos permite dizer que a paixão pela música foi o que motivou o guitarrista, vocalista e compositor maranhense, radicado em São Paulo. Com Neemias Teixeira (teclados), Alexandre Panta (baixo) e Bruno Valverde (bateria, Angra), o EP destaca composições fortes e sofisticadas, como *Run, Rabbit Run*, *Iceland* (movida basicamente por linhas acústicas), *Xibalba* (com linhas que lembram música latina) e *Reveries*, um prog rock emotivo e ricamente arranjado que abre o disco. Instrumental impecável, mas vale perceber que uma maior variação vocal pode melhorar o resultado final.

Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

METALLICA
BLACK ALBUM

Um divisor de águas, *Metallica*, mais conhecido como *Black Album*, conseguiu catapultar o Metallica ao 'mainstream', fazendo com que se tornasse um dos grandes nomes do metal nos anos 1990. Diferentemente de seu antecessor, o complexo *...And Justice For All* (1988), o produtor Bob Rock orientou que James Hetfield, Kirk Hammett, Jason Newsted e Lars Ulrich enxugasse suas composições, com estruturas mais simples e diretas, algumas delas, inclusive, mais leves e acessíveis. Além disso, o trabalho sonoro do canadense se tornou referência de produção, principalmente no que diz respeito ao som de bateria, timbre de guitarra e parâmetros de mixagem.

O sucesso veio através de faixas como *Enter Sandman*, *Sad But True* e *Wherever I May Roam*, além das baladas *Nothing Else Matters* e *The Unforgiven*. Estes cinco singles (e videoclipes) obtiveram altas colocações na Mainstream Rock Tracks e Billboard Hot 100. Assim, *Black Album* reinou soberano nas paradas mundiais, atingindo o tão disputado primeiro lugar no Top 200 da Billboard. Além dos hits, *Black Album*, que já vendeu quase 17 milhões de cópias somente nos Estados Unidos, destaca *My Friend of Misery*, *Of Wolf And Man*, *Holier Than Thou* e *Don't Tread On Me*.

Airton Diniz (editor): **9,0**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **10**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (colaborador): **8,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,5**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **10**
Heverton Souza (colaborador): **9,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **10**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **9,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **8,0**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,5**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **8,5**
Sergiomar Menezes (colaborador): **8,5**
Thiago Prata (colaborador): **9,5**
Valtemir Amler (colaborador): **8,5**

MÉDIA FINAL:

8,92

ELLENDE

LEBENSNEHMER
ART OF PROPAGANDA - IMP.

8,0

Três anos depois de surpreender o mundo com seu segundo álbum completo, *Todbringer*, o austríaco Ellende está de volta para mais uma rodada de surpreendente black metal. Ao colocar *Lebensnehmer* para tocar, não espere que o projeto de Lukas Gosch venha com uma sonoridade esmagadoramente rápida e furiosa. Na maior parte do tempo, a musicalidade do Ellende destaca elementos atmosféricos, que mergulham o ouvinte em uma dimensão diferente da usual, algo que não se apega nem ao black metal tradicional, e nem ao chamado 'depressive black metal'. Em músicas como *Augenblick* existe muito sentimento, mas ele é sempre mais contemplativo do que depressivo, o que ilustra bem as demais canções espalhadas pelos cinquenta minutos do repertório. Para uma jornada mais completa, não deixe de ouvir a excelente instrumental *Ein Stück Verzweiflung*, e nem as longas *Du wörst eine schöne Leiche* e *Atemzug*, que encerram a obra. Se é fã de black metal e de música contemplativa, eis uma ótima pedida.

Valtemir Amler

TANDRA

TIME AND ETERNITY
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Embora o nome do grupo e do álbum não deem pistas sobre a orientação musical, o Tandra é uma formação de folk metal, mas com referências musicais que vão do prog ao black metal. Certo, se a abrangência não tornou a coisa mais simples de imaginar, então, que tal começar a ouvir? Embora bonita, pule a 'intro' *The Summoning To The New Age* na primeira audição, pois ela acaba não sendo uma boa mostra do som dos curitibanos. Agora, ouça pelo menos três vezes a seguinte, *Thunder's Calling*. Legal, não? Sim, e tem muito mais para você admirar e adorar aqui. *Time And Eternity* já é bastante conhecida (e é ótima, por sinal); *Open the Bar* tem aquele clima folk festeiro que não aprecio muito, enquanto *The Forest Dance* mistura esse mesmo clima com algo da era viking do Bathory, e o resultado é muito bom. Ouça ainda *Winter Days* (death/black) e *Tears Of Sorrow* (calma e folk). Pronto, agora você já é fã!

Valtemir Amler

OPEN THE COFFIN

ONLY DEATH PREVAILS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Com seu nome ligado ao Expose Your Hate e ao Son Of A Witch, Claudio 'Slayer' Nascimento, a mente criativa deste novo Open The Coffin, não é um nome estranho aos fãs de metal extremo. E neste novo projeto, ele resolveu tomar as rédeas em suas mãos e criar algo totalmente voltado aos antigos moldes do death metal. Primeiro fruto desta jornada, o EP *Only Death Prevails* é um belíssimo cartão de visitas. Com uma sonoridade pútrida, que lembra os velhos clássicos do death sueco, o disco traz apenas quatro músicas, distribuídas em pouco mais de vinte minutos. A música que carrega o nome da banda é forte, direta, e tem aquelas linhas de guitarra típicas da sonoridade que nos cativou há décadas. Esse apego ao tradicional também se estende para as demais, mas *The Cemetery Void* é uma música que você nunca deixará de ouvir. Agora, é esperar que em breve tenhamos o primeiro álbum completo. Algo tão bom não pode parar por aqui.

Valtemir Amler

WHEELS OF FIRE

BEGIN AGAIN
ART OF MELODY MUSIC - IMP.

7,5

Sim, o nome da banda é o mesmo título de um clássico do Cream. Porém, a semelhança para por aí. Em seu terceiro álbum, os italianos do Wheels Of Fire seguem o que sabem fazer: hard rock. Davide Barbieri (vocal), Stefano Zeni (guitarra), Marcello Suzzani (baixo), Fabrizio Uccellini (bateria) e Federico De Biase (teclado) apresentam um hard consistente, com toques de Van Halen, Skid Row, Extreme, Danger Danger, Stryper e Cry Wolf, mas mantendo a veia melodic rock afiada, como em *Tonight Belongs To You*, *Another Step in the Dark* e nas baladas *For You* e *Call My Name* (mega melosa e que eu odiei, mas tudo bem). No entanto, as músicas são guiadas por bons riffs e licks criados por Zeni, como em *Lift Me Up*, *Done For The Day*, *Keep Me Close* e o bônus *Wheels of Fire*. Pode conferir sem medo!

Ricardo Batalha

THE METAL CLUB
Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.
www.themetalclub.com

VARGRAV

REIGN IN SUPREME DARKNESS
WEREWOLF - IMP.

8,0

Ao pegar o segundo álbum dos finlandeses do Vargrav, pule a introdução e vá até *The Glory of Eternal Night*. De cara, a impressão que tem é que está diante de uma banda que soube aproveitar a influência de Limbonic Art, Arcturus (fase *Constellations*), Lunar Aurora e Secrets Of The Moon. Ou seja, é black metal agressivo e feroz, mas repleto de camas de teclado que evocam uma aura de vazio, solidão e insignificância. Esta sensação de 'vazio estelar' é ainda maior em *Dark Space Dimension* e se torna esmagadora em *Arcane Stargazer*. Saudade do velho Arcturus? Confira o Vargrav.

Valtemir Amler

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
SLAYER	**DR. SIN**	**HELLOWEEN**	**ANGEL WITCH**	**NEW MODEL ARMY**
THE REPENTLESS KILLOGY	BACK HOME AGAIN	UNITED ALIVE IN MADRID	ANGEL OF LIGHT	FROM HERE

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

O CENÁRIO BRASILEIRO DE METAL

Se os anos 90 foram fartos e decisivos no que se refere a lançamentos internacionais e à realização por aqui de shows e festivais contando com a participação de grupos lá de fora, as bandas daqui não ficaram nem um pouco paradas naquele período. Olhando em retrospectiva, é possível garantir que a década de 90 foi de afirmação para muitos grupos brasileiros, não apenas nos palcos, já que vários deles ocuparam posições de destaque em festivais de renome, como também junto aos grandes selos.

Foi exatamente ali, entre o final dos anos 80 e o começo dos 90, que as gravadoras (daqui e de fora) descobriram que no Brasil se fazia rock pesado de qualidade e começaram a procurar bancas locais.

Listamos 20 desses discos que foram comentados por nossa equipe de redatores e colaboradores. Acompanhe nas próximas páginas!

Krisiun

Divulgação
Sepultura

Angra

Várias bandas brasileiras, novas e consagradas, lançaram discos definitivos na década de 90

WITCHHAMMER *Mirror, My Mirror* (1990)

Nas Minas Gerais de nomes brutais para o thrash e o death metal, tais como Sepultura, Sarcófago, Mutilator, Holocausto, Sextrash, Chakal, Overdose (a partir de *Circus of Death*, de 1992), Loucyfer e Cirrhosis, o Witchhammer se diferenciava pela criatividade e ousadia em adicionar elementos extras em seu thrash metal. E se no debut, *The First and the Last* (1988), Casito (baixo e vocal), Paulinho Caetano (guitarra e vocal), Leandro Miranda (guitarra) e Teddy (bateria) já flertavam com o blues, em *Mirror, My Mirror* eles foram ainda mais longe.

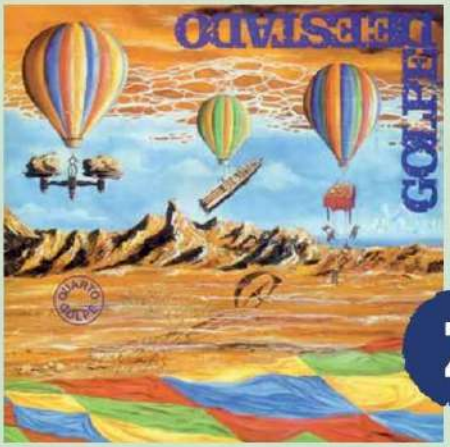
À ROADIE CREW, Casito definiu o álbum como "Hippie-Metal-Thrash-Ópera". Quando ele diz ópera, faz sentido, já que *Mirror, My Mirror* traz a cantora soprano Sylvia Klein na intro *Liberty*, na bluesy *The Lost Song* e em *A Party for the Sunrise*, abrilhantada também pela contralto Andréa Dário.

Em meio ao thrash criativo e variado da própria *Mirror, My Mirror*, *Underground Ways* e *A Party for the Sunrise* temos psicodelia em *From A Suicide Man to God*. Há dramaticidade na lisérgica *Mad Inspiration*, que começa acústica e descamba em um blues/rock com cara de Raul Seixas/Janis Joplin – ela ficou em 1° lugar em duas rádios europeias. Já a genialidade da 'non sense' e bilíngue *The Worm That Turned Into Man* remete ao poema O Bicho, de Manuel Bandeira, além de fazer referência a Jimi Hendrix. A divertida *Hair* menciona várias bandas e ícones do rock, assim como cenários de diversos gêneros musicais ligados ao estilo. Obra prima!

Leandro Nogueira Coppi

1

GOLPE DE ESTADO *Quarto Golpe* (1991)



2

O clima não era dos melhores no Golpe de Estado no início dos anos 90. A despeito do grande (e merecidíssimo) sucesso que havia alcançado com seus três discos anteriores, o ambiente interno andava meio pesado, pra dizer o mínimo. Os problemas do vocalista Catalau com drogas e álcool e alguns desentendimentos entre os integrantes começavam a minar a estrutura do quarteto. Porém, isso não interferiu em nada na capacidade criativa de Catalau, Hélcio Aguirra, Nelson Brito e Paulo Zinner.

Considerado por muitos o disco mais variado da banda em termos de estilo, *Quarto Golpe* chegou a ser tachado de "leve" por alguns. "Eu acho nossos discos sempre mais leves do que deveriam ser", disse Paulo a este repórter em entrevista à época do lançamento." Hélcio não concordou: "Isso se deve à diversificação das músicas, o que era nossa intenção", decretou.

De todo modo, isso pouco importou. O fato é que *Quarto Golpe* levou a banda aos principais programas de rádio e TV, além de ter videoclipe veiculado na MTV – da música *Caso Sério*, belíssima balada de autoria de Catalau. Ajudou o fato de o trabalho ter sido lançado pela gravadora Eldorado (assim como o anterior, *Nem Polícia Nem Bandido*, de 1989), o que significava um orçamento mais gordo.

E para quem porventura ainda reclame da suposta falta de peso, a faixa *Sanguessugas*, assinada por Paulo Zinner, compensa isso com folgas.

A formação clássica e original do Golpe ainda lançaria mais um disco, *Zumbi* (1994).

Antonio Carlos Monteiro

KORZUS *Mass Illusion* (1991)

Quando surgiu em disco, na coletânea *SP Metal II* (1985) com *Príncipe da Escuridão* e *Guerreiros do Metal*, o Korzus era o nosso Slayer. Na época havia isso, uma espécie de benchmark, em linguagem corporativa. Santuário era o Manowar, o Sepultura estava mais para Destruction, Kreator, e por aí vai. O primeiro disco cheio (sem contar o registro ao vivo) foi *Sonho Maníaco*, de 1987. E, dois anos depois, veio a mudança significativa e que segue até hoje – Marcello Pompeu passou a cantar em inglês em *Pay for Your Lies*.

O rompimento de status acontece em 1991, com *Mass Illusion*. A percepção mais consistente veio no trabalho de guitarras, de Marcello Nicastro e Silvio Golfetti, que não deixava a dever aos maiores do thrash metal, como o Exodus.

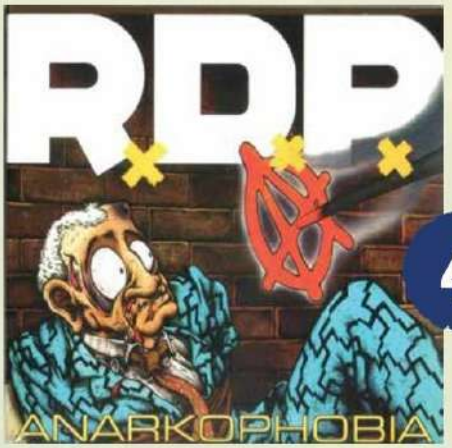
Dick Siebert e Betão Sileci seguravam a cozinha com competência e foi a receita para um clássico do gênero no país. Na mesma época, o Sepultura lançou *Arise* e dominou muito da atenção do metal extremo brasileiro, principalmente no exterior. Mas *Mass Illusion* foi o trabalho que levou o Korzus além das fronteiras, com excursão por Itália, França, Alemanha e Inglaterra.

Os 13 anos seguintes seriam menos férteis para a banda, que lançou *K.Z.S.* em 1995, um disco ao vivo em 2000 e voltaria aos trilhos em grande estilo em 2004, com *Ties of Blood*. Mas essa é uma história de outro milênio. Se o Korzus merece ser conhecido por sua obra no século 20, *Mass Illusion* é a carta mais valiosa do período.

Luiz Cesar Pimentel

3

RATOS DE PORÃO *Anarkophobia* (1991)



4

Exatos vinte anos separam *Anarkophobia* da criação do Ratos de Porão, que surgiu em 1981 e estreou na coletânea *Sub* em 1982. Dos tempos do auge do punk, com a presença no festival 'O Começo do Fim do Mundo' ao seu quinto disco de estúdio, muita coisa mudou, incluindo integrantes e a concepção musical.

Vindo dos cultuados *Cada Dia Mais Sujo e Agressivo* (1987) e *Brasil* (1989), *Anarkophobia* foi o ponto alto da mescla de hardcore, punk, crossover e thrash metal nas criações de João Gordo (vocal), Jão (guitarra), Jabá (baixo) e Spaghetti (bateria). Entre os destaques, além do cover para *Commando* (Ramones), estão *Contando os Mortos*, com riffs marcantes, alguns até na linha do Korzus. "Temos amizade eterna com o Korzus", disse João Gordo.

Já *Sofrer*, segundo Jão, foi feita para ser diferente do resto do repertório. "É mais reta, sem mudanças abruptas. Acho que tínhamos uma ideia mais 'comercial' para ela." Já sobre *Igreja Universal*, o guitarrista aponta que "partiu do riff inicial e foi virando uma bola de neve, não acabava nunca e tinha três solos, inclusive."

O disco, assim como *Dirty And Aggressive* e *Brasil*, teve versões em português e inglês, algo que João Gordo se arrepende. "Se soubesse falar bem inglês na época da Roadrunner, o caminho do Ratos teria sido muito diferente."

Após o lançamento, Spaghetti foi substituído por Maurício Boka, que participou, em novembro de 1991, do show comemorativo de dez anos de banda no extinto Aeroanta (SP).

Ricardo Batalha

SEPULTURA *Arise* (1991)

Se *Beneath the Remains* (1989) foi a porta de entrada para o Sepultura no resto do mundo, *Arise* foi a consagração. Em todos os aspectos os 'jungle boys' evoluíram. O instrumental estava mais encorpado, cheio de transições e atmosferas, num ambiente caótico e ao mesmo tempo orgânico e pantanoso. Max esbanjava sua melhor forma vocal até aquele momento. "Com *Arise*, o Sepultura deu outro salto gigantesco. *Arise* foi onde o Sepultura moderno de fato nasceu. *Beneath the Remains* ainda mostrava a banda tentando encontrar o seu som e se definir, mas *Arise* foi quando aquele som ganhou foco, e eles descobriram quem eram", disse Monte Conner, diretor de elenco e repertório da Roadrunner, no livro My Bloody Roots, de Max Cavalera.

Convidado para tocar na segunda edição do Rock in Rio, em 23 de janeiro de 1991, o Sepultura ainda não tinha finalizado as gravações de *Arise*. Porém, acreditando na força do álbum, soltou uma edição prévia do disco, ainda sem mixagem, para que o público conhecesse as novas músicas. Graças àquela apresentação, que estava sendo transmitida para vários países, o Sepultura estourou mundo afora.

Arise, *Dead Embryonic Cells*, *Desperate Cry* e *Orgasmatron*, cover do Motörhead que tocou incessantemente nas rádios, levaram o Sepultura a um sucesso jamais conquistado por outra banda brasileira. "A banda estava ficando mais popular: vimos o seu progresso do underground até se tornar um nome grande em todo o mundo", relembrou Max Cavalera em sua autobiografia.

Leandro Nogueira Coppi

5

THE MIST *The Hangman Tree* (1991)

6

Se *Phantasmagoria* (1989) representa uma das mais garbosas e implacáveis estreias do metal nacional, *The Hangman Tree* deu um passo além na proposta do The Mist, que, a partir de seu segundo álbum, já contava com o guitarrista Jairo Guedz (ex-Sepultura). "Foi um disco muito pensado, tanto na parte instrumental, quanto nas letras. Cello Dias (baixo) estava muito inspirado, e Jairo, integradíssimo na banda", recorda-se o vocalista Vladimir Korg (ex-Chakal) à ROADIE CREW.

Embora o thrash esteja enraizado, há elementos que fizeram *The Hangman Tree* invadir algumas fronteiras musicais. "O clima desse disco foi muito dark. Isso nos diferenciou um pouco dos nossos contemporâneos. Todos estavam querendo pegar a barca do Sepultura, e estávamos preocupados que nossa barca não afundasse", ressaltou Korg.

A formação que gravou as indefectíveis *God of Black and White Images*, *Scarecrow* e *Peter Pan Against the World* contava ainda com Chris Salles na bateria. "Muitos fãs chamam nosso disco de atemporal ou de vanguarda para a época. Acredito que a gente criou um ambiente 'The Mist', uma atmosfera própria da banda. Infelizmente não fomos assimilados por uma distribuidora que colocasse esse trabalho numa corrente profissional, e por muito tempo esse trabalho apenas esteve na memória de nossos fãs", disse o vocalista.

Três décadas depois de seu nascimento, o The Mist voltou aos palcos para executar seus clássicos, só que com Wesley Ribeiro (Hell's Punch, ex-Drowned) no lugar de Cello.

Thiago Prata

VIPER *Evolution* (1992)

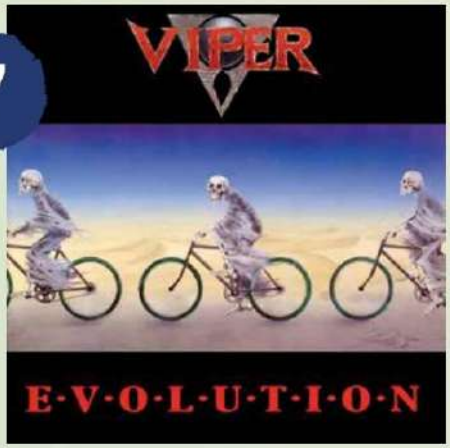
O apoio da MTV Brasil, criada em outubro de 1990, ajudou a popularizar o metal e o Viper se deu bem com os clipes de *Dead Light* e *Rebel Maniac*. Assim, estar na pista do estádio Palestra Itália (hoje, Allianz Parque) e ver todos ecoando o refrão de *Rebel Maniac*, cantando "Everybody, everybody...", na abertura para o Metallica em 1993, é uma conquista para poucos – veja o clipe de *Evolution*.

Porém, até chegar a isso, o grupo paulistano passou por momentos de turbulência ao substituir uma referência como o saudoso Andre Matos e fazer com que o compositor e baixista Pit Passarell se tornasse o "frontman". Além disso, o estilo musical foi alterado para a criação de *Evolution*, que destaca, além das citadas, faixas como *The Shelter*, *Coming From the Inside*, *Wasted*, *Dance of Madness*, *The Spreading Soul* e o cover para *We Will Rock You* (Queen).

Se o metal melódico deu espaço para composições pesadas e menos intrincadas, Pit Passarell (vocal e baixo), Yves Passarell e Felipe Machado (guitarras) e Renato Graccia (bateria) conseguiram êxito com o novo "estilo Viper". "Este álbum ficou faltando em minha discografia. *Evolution* é o único disco que não fiz, mas gostaria de ter gravado", declarou o saudoso Andre Matos, que chegou a cantar várias vezes *Rebel Maniac* quando retornou para a banda. "Pouca gente sabe, mas houve até uma história de ele (Andre Matos) voltar para gravar *Evolution* na Alemanha com a gente. Teria sido maravilhoso, mas não rolou", concluiu Felipe Machado.

Ricardo Batalha

7



AMEN CORNER *Fall, Ascension, Domination* (1993)

8

Profundamente marcado pelos passos iniciais de grandes lendas do metal extremo mundial – Venom, Bathory, Hellhammer e Celtic Frost à frente –, nasceu em 1992, em Curitiba (PR), um dos maiores nomes do metal negro nacional: o gigante Amen Corner. Com a cabeça recheada de ideias e trabalhando em alto ritmo, a banda já tinha lançado o compacto 7" *Agony Of Souls* (1992), via Hellion Records, quando assinou com a tradicional Cogumelo Records para o lançamento de seu debut, o lendário *Fall, Ascension, Domination*.

O vocalista Sucoth Benoth recordou a época em entrevista para a ROADIE CREW: "O 7" EP acabou se tornando um cartão de visitas, e eu conversei com o pessoal da banda e expressei a vontade de gravar com a Cogumelo. Bem, pegamos o disquinho e o endereço da Cogumelo e mandamos pelo correio, e passado uns tempos, recebemos a notícia deles expressando o desejo de fazer um contrato com a banda para o lançamento de um LP. Assim nasceu o *Fall, Ascension, Domination*. Entramos em estúdio e gravamos esse que com certeza é o nosso álbum mais 'cult' entre todos os outros. Foi um grande lançamento, um mês festejando (risos)."

Não apenas foi um grande lançamento, como celebrou o nascimento de uma lenda. Músicas como *On The Throne With Lucifer, Crowley, Master of Masters* e *The Infinite Empire of Satanas* se tornaram parte da tradição extrema nacional, e o álbum chegou a ficar em primeiro lugar em vendas, segundo a revista Bizz.

Valtemir Amler

RÖADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Lance seu álbum em todas as plataformas digitais pelo principal selo do Brasil!

Mais de 250 títulos liberados em todas as plataformas de Streaming.

Parceiro oficial da CD Baby Brasil.
Royalties agressivos voltados aos clientes.

Sua música sendo inclusa em Playlists oficiais de várias plataformas.

Escute a Playlist "Headbangers Brazil" com alguns de nossos clientes, disponível no SPotify, Deezer, Itunes, YouTube, Soundcloud e QoBuz.

DEEZER Spotify cdbaby iTunes TIDAL amazonmusic

Entre em contato pelo Email: gleison@roadie-metal.com
ou (62) 981047866

ANGRA *Angels Cry* (1993)

9

A cena do metal nacional efervescia no início dos anos 90 e a saída de Andre Matos do Viper após o lançamento do definitivo *Theatre of Fate* (1989) deixava uma incógnita no ar. Ela se dissipou com o surgimento do Angra, que juntava Matos, Kiko Loureiro, Rafael Bittencourt, Luis Mariutti e o baterista Marco Antunes. O power metal temperado com música clássica e ritmos brasileiros, além da competência de sues integrantes, logo colocou o Angra no centro das atenções. "Quando eu comecei a banda, queria fazer um heavy metal com características próprias", explicou Rafael Bittencourt em entrevista à ROADIE CREW (ed. #172). Assim, de cara a banda já conseguiu um contrato com a japonesa JVC para o lançamento de seu primeiro disco.

A gravação aconteceu na Alemanha e não foi fácil para a banda. "Foi um choque cultural muito grande. Nós éramos muito inexperientes, imaturos, despreparados, até. E o nível de exigência lá era altíssimo!", lembrou o guitarrista. E nesse processo Marco Antunes acabou sacado da banda – Alex Holdswarth acabou gravando o disco e, em seguida, Ricardo Confessori se juntou ao grupo.

Toda pressão valeu a pena. *Angels Cry* é um apanhado de temas repletos de personalidade, desde a até hoje saudada *Carry On*, passando pela ousada mistura de metal com música brasileira em *Never Understand* e desembocando na interpretação única de Andre para *Wuthering Heights*, de Kate Bush. Foi o primeiro passo de uma carreira que, não por acaso, permanece até hoje.

Antonio Carlos Monteiro

DR. SIN *Dr. Sin* (1993)

Os irmãos Ivan e Andria Busic já eram conhecidos e saudados por seu trabalho com Platina, Cherokee e Wander Taffo. Edu Ardanuy, por sua vez, também se firmava como o monstro da guitarra que se tornaria logo em seguida por conta de sua atuação em bandas como A Chave do Sol e Anjos da Noite. Mesmo assim, era preciso arriscar a apostar no próprio trabalho. Assim, os três juntaram um dinheiro e se aventuraram por conta própria pelos EUA para fazer show e tentar algo com uma gravadora.

"Em um dos shows que fizemos por lá, um diretor artístico da Warner estava presente", lembra Andria. "Foi um dos shows mais vazios, mas sempre tocávamos felizes por estarmos fazendo o que sempre sonhamos fazer. No outro dia, recebemos uma ligação e eu atendi com um sono violento. Ele dizia ser da Warner e como tínhamos muitos amigos por lá, já fui respondendo assim: 'OK e eu sou Jesus Cristo' e bati na cara dele! (risos). Graças a Deus ele ligou de novo e o Ivan atendeu. E, resumindo muito, foi assim que assinamos com eles."

10

Dr. Sin, o disco, teve excelente repercussão, tanto que muitos fãs o consideram o melhor da banda. A produção de primeira, as vocalizações perfeitas dos irmãos Busic, a guitarra fantástica de Edu e principalmente o repertório consistente levaram o Dr. Sin até a TV: a faixa de abertura, *Emotional Catastrophe*, foi trilha da novela "Confissões de Adolescente". Além disso, seu vídeo teve enorme exibição na MTV. Não por acaso, *Dr. Sin* foi lançado em nada menos que nove países.

Antonio Carlos Monteiro

HEADHUNTER D.C. *Punishment At Dawn* (1993)

11

O Brasil sempre foi muito celebrado nos altos circuitos do metal extremo, dada a quantidade de boas bandas que surgiram e agregaram novos aspectos à música pesada. E, quando o assunto é o death metal, um dos nossos principais representantes sempre deverá ser o poderoso Headhunter D.C. Surgida em Salvador (BA) nos saudosos anos 80, após a dissolução da banda Túmulo, a Headhunter D.C. passou ainda muito cedo a contar com o vocalista Sérgio "Baloff" Borges, desde então uma das personalidades mais intimamente ligadas ao metal da morte no cenário nacional.

Depois da estreia clássica com *Born... Suffer... Die* (1991), os baianos resolveram jogar ainda mais pesado em sua segunda oferta de estúdio, e foi assim que *Punishment At Dawn* nasceu. "Nos mudamos para Belo Horizonte no início de 1993, ficando assim mais próximos de nosso selo (Cogumelo), e gravamos o *Punishment*. Foi a partir daí que as coisas começaram a acontecer em maior escala", recordou Sérgio Baloff para a ROADIE CREW. "Finalmente estávamos tocando nos grandes centros de metal do país, e saindo cada vez mais em fanzines e revistas, enquanto que no exterior o álbum estava sendo distribuído na Europa pela Black Water da Holanda e nos EUA via Relapse, o que também rendeu excelentes resenhas em zines e revistas lá fora."

Muitas vezes citado como o melhor álbum do death metal brasileiro, *Punishment At Dawn* se tornou um dos grandes marcos da época clássica do gênero.

Valtemir Amler

12 OVERDOSE *Progress Of Decadence* (1993)

"O Overdose fica mais pesado nos anos 90 e se transforma em uma banda de thrash, introduzido no *Addicted to Reality* (1990) e consolidado no *Circus of Death* (1992). Em 1993, lança *Progress of Decadence*, um trabalho bem eclético, que reúne percussões de bateria de escolas de samba brasileiras e outros ritmos, como o tango argentino", resume o guitarrista da banda mineira Claudio David à ROADIE CREW sobre a fase mais agressiva e versátil do grupo.

A nova sonoridade, apresentada em *Progress*, veio seguida de novas conquistas. "O sucesso mundial de *Progress of Decadence* proporcionou diversas turnês nos EUA e em vários festivais na Europa", prossegue o guitarrista, que guarda boas lembranças da época da gravação. "O que mais recordo foi o prazer em ouvir o efeito das percussões. O mais difícil foi descobrir como fazer essas percussões no estúdio e, principalmente, ao vivo. Quem nos deu a solução foi nosso amigo Haroldo, baterista do Skank. Ele sugeriu que o Bozó (vocal) fizesse as percussões em um pad da Roland chamado SP-11", relata.

E se você está lendo este texto já imaginando que o Overdose copiou o Sepultura da fase *Chaos A.D.* (1993), veja o que Claudio tem a dizer: "*Progress of Decadence* foi lançado seis meses antes. Ademais, acho que as percussões do Overdose não têm nada a ver com as do Sepultura, que são mais tribais e menos samba." E conclui: "Acredito que *Progress* é uma obra singular que ainda é passível de ser explorada, um trabalho único e original."

Thiago Prata

13 SEPULTURA *Chaos A.D.* (1993)

"Muito mais do que os álbuns anteriores, *Chaos A.D.* é heavy metal brasileiro." A frase está destacada no encarte da edição expandida do quinto álbum do Sepultura, relançamento em CD duplo que chegou às lojas em 2017, e é tão simples quanto verdadeira. Depois e assinar com a Roadrunner, Max Cavaleira (vocal e guitarra), Andreas Kisser (guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Igor Cavalera (bateria) lançaram dois grandes trabalhos, *Beneath the Remains* (1989) e *Arise* (1991), mas sem sair do círculo do thrash metal. Foi só depois deles que o quarteto foi fundo nos experimentalismos, e o magistral *Chaos A.D.* é exatamente a transição para o que viria três anos depois com *Roots*. No entanto, exatamente por resguardar muito mais a agressividade do thrash, o favorito de muitos fãs.

A incursão na música regional, que faz de *Refuse/Resist* e *Kaiowas* os casos mais notórios, justifica o "heavy metal brasileiro", mas há também uma abordagem de problemas cotidianos e sociais nas letras que expõe o país. *Manifest* fala do Massacre no Carandiru, e *Kaiowas* homenageia a tribo indígena que cometeu suicídio coletivo em protesto contra o governo que queria expulsá-los da terra de seus antepassados. E não faltam assuntos para bugar o cérebro de muita gente em *Slave New World* (contra a censura), *Refuse/Resist* (violência policial), *Propaganda* (hoje soa como um alerta sobre fake news), *Nomad* (sabe os refugiados?)... Visionário, *Chaos A.D.* é um dos discos mais importantes do metal nacional.

Daniel Dutra

14 DORSAL ATLÂNTICA *Alea Jacta Est* (1994)

Se não fosse o Dorsal Atlântica não existiria o Sepultura. Não há novidade alguma nesta afirmação, já que os irmãos Cavalera sempre deixaram claro que foi em um show do grupo carioca, dos irmãos Carlos e Claudio Lopes, que veio a certeza do que queriam para o futuro. A banda mineira entrou para a história do metal mundial, rompendo até algumas barreiras do mainstream. A carioca, infelizmente, ficou no underground e não alcançou o status que merece.

Ainda na década de 80, Carlos Lopes e seus companheiros criaram clássicos como *Ultimatum* (1985), *Antes do Fim* (1986) e *Dividir & Conquistar* (1988). Nos anos 1990, passaram a cantar em inglês, com os bons *Searching For The Light* (1990), *Musical Guide From Stellium* (1992), o ótimo *Alea Jacta Est* (1994) e *Straight* (1997). O penúltimo desta fase é, sem dúvida, um clássico. Conceitual, traz a história de um Cristo negro, vivendo em uma favela. Musicalmente, é thrash metal pesado, técnico e agressivo, com Carlos Lopes criando riffs e solos acima da média.

Lançado pela Cogumelo Records, *Alea Jacta Est* rendeu o reconhecimento da imprensa especializada no exterior, além de trazer preciosidades como *Thy Kingdom Come e Take Time*, que ganharam clipes simples, mas eficientes, e faziam a alegria dos fãs quando rodavam na MTV. Além destas, *Raise The Dead*, *R.I.P. (Racism, Ignorance, Prejudice)* e *Straitgate* comprovam que estamos diante de um dos trabalhos mais subestimados da música pesada brasileira.

Alessandro Bonassoli

DARK AVENGER *Dark Avenger* (1995)

15

Quem acompanhou o metal brasileiro na década de 1990 logo viu um grande potencial na banda do vocalista fanático por Manowar, Mário Linhares. Figurando constantemente em revistas como Metalhead e Rock Brigade, meu interesse no Dark Avenger foi praticamente automático, e nunca me esqueço da primeira vez que ouvi a demo *Choose Your Side... Heaven or Hell...*, lançada em 1994. Que voz era aquela? Que som era esse? Outro fator que sempre me fascinou na banda foi buscar uma temática voltada a lenda do Rei Artur, que ganhou vida mais adiante, com as obras *Tales of Avalon*.

Dark Avenger, o álbum, apresenta onze peças voltadas ao heavy metal clássico, embaladas pela voz marcante de Linhares, que na clássica *Rebellion* mostra todo seu potencial com uma interpretação marcante, usando e abusando do vocal agudo. Músicas como *Who Dares to Care*, *Morgana* e a música que dá nome à banda são atemporais e são retratos de uma época de ouro para o metal brasileiro.

Ao lado de Linhares estavam os músicos Osiris de Castro e Leonel Valdez (guitarras), Gustavo Vieira (baixo), Luciano Toledo (bateria) e Rafael Galvão (teclados), time que se desintegrou antes mesmo de gravar o segundo álbum, *Tales of Avalon: The Terror* (2001).

E em meio ao caos absoluto do Metal Open Air (sim, o fatídico fiasco de 2012), lá estava Linhares, dando o melhor de si e arrancando aplausos da plateia. Que sorte a minha de ter percorrido o Brasil de ponta a ponta e poder assistir aquele show!

Maicon Leite

KRISIUN *Black Force Domain* (1995)

Prestes a completar 25 anos de seu lançamento, *Black Force Domain* continua sendo uma obra prima do metal brasileiro, motivo de extremo orgulho para o país. Se na década anterior coube ao Panic desbravar o metal extremo em terras gaúchas, agora seria a vez dos irmãos Kolesne abrirem novas possibilidades para a nova cena que se formava.

Até chegar ao Army Studios em São Paulo, em março de 1995, Alex Camargo (vocal e baixo), Moyses Kolesne (guitarra) e Max Kolesne (bateria) já haviam passado por poucas e boas. Mas foram exatamente as dificuldades que fortaleceram e moldaram o caráter do trio, que já havia conquistado certo respaldo com o lançamento de várias demos e o EP *Unmerciful Order*, em 1994. Já morando em São Paulo, era necessário um passo maior.

A fúria, crueza e extremidade de *Black Force Domain* atestam o feeling absurdo que os irmãos de sangue sempre carregaram, e com o auxílio do produtor Sergio Sakamoto e do manager Eric de Haas, o Krisiun concebia uma das obras mais aguerridas do death metal. A arte da capa, que hoje estampa camisetas de fãs pelo mundo inteiro, foi criada pelo artista gráfico Juliano Kaapora em cima de ideias do presidente do fã clube do Sepultura, Antônio Coelho, tornado-se símbolo máximo do Krisiun.

16

O lançamento original de *Black Force Domain* foi feito pelo selo Dynamo Records, sendo posteriormente relançado pela alemã Gun Records em 1997, seguido de uma turnê pelo velho continente, arrebatando uma legião de admiradores.

Maicon Leite

ANGRA *Holy Land* (1996)

17

Afirmo que foi justamente o fato de ser brasileiro que fez o Angra poder explorar horizontes do metal e produzir *Holy Land*, uma obra cuja preciosidade, se pudesse ser traduzida numa pintura, seria digna de exposição permanente no Museu Nacional de Belas Artes.

Ao pavimentar o caminho com *Angels Cry* (1993), a banda sabia do que era capaz e estava ciente de que o segundo disco era a oportunidade de se estabelecer no cenário internacional do metal. Assim, os músicos se isolaram num sítio e, desse ambiente de energia bucólica, surgiu um trabalho conceitual que, na visão do saudoso vocalista Andre Matos, "significa a imposição definitiva do que viria a ser a personalidade da banda."

Essa personalidade trouxe influências do metal, do erudito e da música brasileira sendo fundidos de forma natural – afinal, eram estilos que permeavam a vida dos músicos. Entretanto, por mais aceitável que isso fosse para o Angra, os fãs e a mídia chegaram a criticar a banda por fazer um disco tão heterodoxo. Mesmo assim, eles seguiram firmes e, consequentemente, se impuseram e fizeram muitos shows. Como resultado, cerca cinco meses depois do lançamento, *Holy Land* bateu as cem mil cópias vendidas.

Sucesso mundial, principalmente na França e Japão, o trabalho marcou a carreira do quinteto, além de inspirar muitas bandas que começaram por causa dele. Hoje uma unanimidade, *Holy Land* se destaca pela sua inimitabilidade. "É um disco que não pode ser copiado", sintetizou o guitarrista Rafael Bittencourt.

Guilherme Spiazzi

MYTHOLOGICAL COLD TOWERS *Sphere Of Nebaddon: The Dawn Of A Dying Tyffereth* (1996)

Nos anos 90, o doom metal vivia um período no mínimo curioso. Depois de décadas trilhando seu caminho solitário e depressivo em orgulhosa solidão, o doom começou a se mesclar com vários subgêneros, gerando uma cena tão interessante quanto sólida na Inglaterra. Nomes como Paradise Lost, My Dying Bride e Anathema conseguiram contratos e ótima exposição na mídia especializada com sua fusão death/doom, enquanto o Cathedral fazia a mesma coisa com sua aura stoner. Se a fria e úmida Inglaterra parecia o ambiente propício para o nascimento da nova cena doom, a Noruega se tornou rapidamente tradicional no formato 'beauty and the beast', e não demorou para que um certo país tropical resolvesse revelar as suas armas também neste setor.

Nascido em 1994, o Mythological Cold Towers estreou já em 1995, com uma aparição na coletânea *The Winds Of A New Millenium*. Logo depois a banda começou a trabalhar em seu álbum de estreia, justamente este que abordamos aqui. Desde o lançamento, o álbum causou ótima impressão, arrancando elogios no Brasil e no exterior, e bastava a audição dos primeiros minutos de *In The Forgotten Melancholic Waves Of The Eternal Sea* para entender a razão: mais do que simplesmente abusar da melancolia, o MCT criava todo um ambiente para a sua música, tão forte que gerava um cenário na cabeça do ouvinte. Ouça *Slaves in the Imaginary Abyssal Line* e *A Portal To My Dark Soul*. De nada.

Valtemir Amler

18

SEPULTURA *Roots* (1996)

19

Grande parte dos fãs tem *Chaos A.D.*, de 1993, como álbum preferido do Sepultura. E de certa forma, foi o auge do grupo conforme seu propósito inicial – ser a melhor banda possível de metal extremo. Mas o disco mais corajoso não só do grupo brasileiro, mas provavelmente da história do som pesado é *Roots* (1996).

O metal estava longe de viver seu melhor momento à época. Grunge e nu metal mantinham os pratos girando e bandas tradicionais meio que vendiam o almoço para comprarem o jantar. O Sepultura vinha de um início mais death metálico, com *Bestial Devastation* e *Morbid Visions*, fez história no thrash metal com *Schizophrenia*, *Beneath the Remains* e *Arise*, e ensaiou certo experimentalismo percussivo em *Chaos A.D.*

Como moravam fora do país, conseguiram um olhar estratégico para o Brasil e viram na raiz do país um caminho. "Antes do samba, antes dos negros, existiam os índios. Fomos atrás deles para o conceito de *Roots*", disse Max Cavalera.

O resultado foi o "álbum mais poderoso sonoramente que já tinha escutado na vida. Comparado com o peso de *Roots*, todo o resto soava como peido de pulga", afirmou Dave Grohl, do Foo Fighters.

A trinca de abertura do disco já apresenta o material mais denso, pesado em timbre e entonação que o grupo já registrara: *Roots Bloody Roots*, *Attitude* e *Cut-Throat*. Daí vem a indígena *Ratamahatta* e alongamento da descrição não fará justiça ao disco que chegou ao Top 10 na Inglaterra, Alemanha, França, Suécia, Austrália, Áustria e Holanda.

Luiz Cesar Pimentel

KRISIUN *Apocalyptic Revelation* (1998)

Muitas bandas de death metal surgiram nos anos 80, mas a maioria alcançou reconhecimento nos anos 90, com clássicos lançados por selos como Roadrunner (EUA), Earache (ING) e Nuclear Blast (ALE). No Brasil, Alex Camargo (vocal e baixo), Moyses Kolesne (guitarra) e Max Kolesne (bateria) formaram o Krisiun em 1990 e, com as demos *The Plague* (1992) e *Curse of the Evil One* (1990), pavimentaram a sua história até o EP *Unmerciful Order* (1994). Este preparou terreno a um dos primeiros e mais cultuados álbuns do que se convencionou chamar brutal death metal, *Black Force Domain* (1995).

Após gravarem o segundo álbum, *Apocalyptic Revelation*, no Da Tribo Studio, em São Paulo, rumaram à Alemanha para finalizá-lo no Music Lab Berlin, estúdio de Harris Johns, produtor de medalhões como Kreator, Tankard e Sodom. Porém, quem cuidou de tudo foi Simon Fuhrmann, que trabalhou em álbuns do Therion, Deformity, Postmortem e outros.

Para promover *Apocalyptic Revelation*, que foi lançado no Brasil em 1998 pela Dynamo Records e lá fora pela GUN Records, a banda saiu pela Europa com Cradle of Filth, Napalm Death e Borknagar. Depois disso, um passeio pela Alemanha rendeu ao Krisiun mais trinta shows com abertura de Soilwork. Tanta expressão resultou em turnê pelos Estados Unidos em 1999, na companhia de Angelcorpse e Incantation, com mais trinta shows. Daí em diante, o trio se tornou um dos maiores representantes brasileiros do metal extremo no mundo.

Leonardo M. Brauna

20

GRUNGE: A HERANÇA DE SEATTLE PARA O MUNDO

Por Valtemir Amler

Reza a lenda que chegou um momento em que o rock progressivo estava tão distanciado da realidade, tão preso em sua própria exuberância e técnica, que não havia outro resultado possível que o nascimento do punk rock. Era o inverso daquela moeda. Se foi assim, talvez seja certo também dizer que o nascimento da cena grunge, em Seattle, tenha alguma relação com a extravagância da cena glam metal de Los Angeles. Seja como for, no começo as coisas andavam muito mais próximas do que você poderia imaginar.

Fotos: Reprodução

No início, Seattle não era exatamente a cidade dos sonhos para um fã de rock. A cidade não abrigava um grande circuito de shows, e você podia contar nos dedos de uma das mãos as bandas que tinham surgido lá. Assim, o passatempo favorito dos jovens fãs de música pesada era se encontrar em uma garagem qualquer, ouvir um bocado de música, plugar os instrumentos e tocar aquilo que viesse na cabeça, uma atitude tão próxima do punk quanto possível. Seguidores convictos dessa postura, a banda The Melvins rapidamente se tornou a mais influente naquele cenário. Eles aliavam em sua mistura caótica a crueza do punk, a atitude do alternativo e o peso do metal, gerando uma fórmula energética e única, que rapidamente muitos passaram a copiar.

Quase em patamar de igualdade, o Green River era a outra grande atração da cidade. Criativamente aguçada, a banda era também instável, já que equilibrava em suas fileiras Jeff Ament, Bruce Fairweather e Stone Gossard (admiradores da cena hard de Los Angeles); e Mike Arm e Steve Turner, que eram sobretudo ligados ao punk. Quase ao mesmo tempo em que juntava fãs e seguidores, o Green River deixou de existir, e a 'ala hard' da banda se juntou no Mother Love Bone, enquanto a dupla punk fundou o Mudhoney.

Com Melvins, Mudhoney e Mother Love Bone aparecendo como futuros astros, bandas como Nirvana, Alice In Chains e Soundgarden foram nascendo lado a lado com Tad, Skin Yard, Hammerbox, Gruntruck e My Sister's Machine. O suporte para o nascimento e firmação de tantas bandas vinha do selo Sub Pop, fundado em meados da década de 80, por Bruce Pavitt. O cenário ia se encorpando e se tornando mais arrojado, e todos apostavam que o Mother Love Bone seria a primeira a estourar mundialmente. A estrada começou a ser pavimentada neste sentido com o lançamento de *Apple* (1990), o debut do Mother Love Bone. Graças ao rock pesado, com doses nada homeopáticas daquele conhecido som de Los Angeles, a banda rapidamente conquistou o público, mas infelizmente o estrelato nunca chegou. Poucos meses antes do lançamento oficial do álbum, o vocalista Andrew Wood havia morrido, por conta de uma overdose de heroína, a droga mais popular na região de Seattle.

Muitos contam que a morte de Wood foi a injeção de realidade que tirou do grunge o pouco de otimismo que ele tinha. Quase automaticamente bandas como Nirvana e Soundgarden (que já tinham álbuns lançados) se tornaram mais sombrias, com o pessimismo tomando conta das ações em letras negativas e intensas, que questionavam o mal do mundo e a natureza do homem com a mesma intensidade e vigor. Assim, os anos 1990 e 1991 mostraram grandes mudanças: a atitude pessimista e depressiva das grandes bandas de Seattle encontrou ressonância na alma de uma geração inteira, que se sentia excluída das belas festas de Los Angeles. A música grunge passou a ser a voz de um grupo cada vez maior de descontentes, de párias relegados ao ostracismo pela indústria musical. E ninguém assumiu melhor o papel de porta-voz daquela geração do que Kurt Cobain, líder do Nirvana. Com seu segundo álbum, *Nevermind* (1991), o Nirvana forçou o 'mainstream' a se curvar, derrubando Michael Jackson do topo das paradas. O Alice In Chains (com *Facelift* e *Dirt*) garantiu seu posto, o Soundgarden gerou um clássico com *Badmotorfinger*, e os membros remanescentes do Mother Love Bone renasceram para o mundo como Pearl Jam e seu clássico *Ten*. Por um tempo, o mundo era grunge, e qualquer banda de rock alternativo era automaticamente enquadrada sob o termo. A indústria musical e as bandas não sabiam o que fazer para enfrentar aquele momento, e o resultado você conhece. No fim das contas, com alguns de seus maiores ídolos mortos, discos multiplatinados, e um séquito tão grande de admiradores quanto de detratores, o grunge é hoje uma tórrida lembrança do que foi o cenário metálico nos anos 90. Uma época em que toda uma geração acreditou que o underground tinha enfim dominado a indústria fonográfica, apenas um pouco antes de perceber que tinha sido manipulada por ela.

A genealogia do movimento que colocou o mundo do rock de ponta-cabeça no início da década de 1990

A DÉCADA DO METAL MELÓDICO

Por Daniel Dutra

A rigor, o heavy metal mais melódico já tinha dado as caras no fim dos anos 70 e início dos anos 80, com bandas como Iron Maiden e Savatage, por exemplo, para ficarmos com representantes do metal oriundo da Inglaterra e dos Estados Unidos, respectivamente. No entanto, podemos dizer que uma banda da Alemanha é o marco zero do estilo: o Helloween definiu o conceito

justamente depois de estrear com um álbum, *Walls of Jericho* (1985), que é um dos pais do power metal, irmão mais velho do metal melódico, que mais tarde ganharia um irmão caçula, o metal sinfônico, e assim a família foi crescendo a ponto de você olhar para os subgêneros e perceber que eles apenas foram separados no nascimento.

Mas avancemos a fita para depois do lançamento dos aclamados *Keeper of the Seven Keys: Part I* (1987) e *Keeper of the Seven Keys: Part II* (1988), mais precisamente para a década de 90, quando houve a explosão de um estilo que foi uma febre altíssima no Brasil. E vale ressaltar que existe um grande culpado (as aspas ficam a critério do leitor): a gravadora e revista Rock Brigade, que colocou no mercado um sem-número de CDs nas lojas, em parceria com o selo Laser Company, e recheou suas páginas com entrevistas das bandas e resenhas que terminavam de ajudar a vender o peixe. Foi assim com o Stratovarius, um dos principais nomes – senão o principal – do estilo à época. A banda finlandesa soltou dois trabalhos definitivos, *Episode* (1996) e *Visions* (1997), fez shows concorridíssimos em duas turnês brasileiras, em 1997 e 1999, e deu crias como o compatriota Sonata Arctica, que fez de seu disco de estreia, *Ecliptica* (1999), outro marco do metal melódico – ironicamente, hoje a banda de Tony Kakko está cada vez mais distante do estilo.

Nos mesmos anos em que a ex-banda de Timo Tolkki passou pelo Brasil, os fãs também puderam ver de todos um de seus mestres: Kai Hansen, cujo Gamma Ray já havia lançado quatro trabalhos indispensáveis – *Heading for Tomorrow* (1990), *Insanity and Genius* (1993), *Land of the Free* (1995) e *Somewhere Out in Space* (1997). De fato, no momento em que o rock pesado estava em baixa mundo afora, diante de uma tendência ditada pelo mercado americano, no Brasil a situação era diferente, e os grupos aproveitaram. Pai de todos, o Helloween veio ao país pela primeira vez em 1996, quando participou da terceira edição do Monsters of Rock. O grupo voltaria na mesma década, em 1998, mesmo ano em que o Blind Guardian, um dos nomes mais queridos pelo público, debutou por aqui.

Àquela altura, Hansi Kürsch e companhia já eram mais melódicos (e cada vez mais sinfônicos) do que speed metal, o que levou álbuns como *Somewhere Far Beyond* (1992), *Imaginations from the Other Side* (1995) e *Nightfall in Middle-Earth* (1998) a se tornarem clássicos do gênero. Sim, o metal melódico já não era mais tão raiz, afinal, a inclusão de arranjos de orquestra levaram pompa e circunstância também ao rótulo, e o sinfônico então ganhou no Rhapsody mais um queridinho. Então liderada por Luca Turilli e Alex Staropoli, a banda italiana cravou dois discos no rol da fama, *Legendary Tales* (1997) e *Symphony of Enchanted Lands* (1998), e só deu as caras no Brasil nos anos 2000.

E por falar em queridinho, já que o passeio é pelos maiores nomes do power metal sinfônico melódico (alguém já registrou isso?), não é possível esquecer o fenômeno Nightwish, alçado pela mídia especializada brasileira ao posto de grande novidade do metal com *Oceanborn* (1998). Mas o grupo finlandês provou, principalmente a partir da primeira de suas várias turnês no Brasil, em 2000, que notas altas e capas de revista era apenas consequência do trabalho. A banda sobreviveu a uma mudança de formação emblemática, uma vez que Tarja Turunen é uma estrela de brilho próprio, e com seu sucesso abriu as portas para bandas como After Forever, Edenbridge, Epica, Within Temptation e várias outras. Depois de viver o apogeu nos anos 90, o metal melódico está nas bandas que adicionaram novos elementos (há o Kamelot, também) ou se reinventaram (como Sonata Arctica, citado anteriormente, e o Edguy). A rigor, hoje respira através do power metal, e a lista de bandas não tem fim.

Tem bumbo duplo e rápido? Tem vocal agudo e em tons altos? Tem sim, senhor! A ascensão do estilo que foi febre no Brasil

Foto: Reprodução

TRÊS GIGANTES E A ZONA DE CONFORTO

Por Daniel Dutra

"Vou vivendo meus dias de glória, que um passado ainda não enterrou." O trecho da letra de *Dias de Glória*, do *Quarto Golpe*, álbum lançado em 1991 pelo Golpe de Estado, pode resumir os anos 90 de três dos maiores vocalistas da história do heavy metal (e da música em geral): Bruce Dickinson, Rob Halford e Ronnie James Dio. Assim como para boa parte de seus pares, o período até começou bem, ainda como resquício dos anos definitivamente de glória que foram a década de 80. Mas como para a maioria de seus pares, o período foi ficando comercialmente ruim ou até mesmo inviável, resultando em algumas tentativas de reação que não deram lá muito certo. E as que foram bem-sucedidas tiveram como pilar exatamente os dias de glória.

Bruce Dickinson em *Tattooed Millionaire*

A começar por Dickinson, que resolveu experimentar vida própria fora do Iron Maiden. Ainda em 1989, compôs e gravou a canção *Bring Your Daughter... To the Slaughter* para a trilha sonora do filme "A Hora do Pesadelo 5: O Maior Horror de Freddy". O vocalista gostou de voar sozinho, e seu primeiro disco solo, *Tattooed Millionaire*, lançado em 1990, foi bem recebido por crítica e fãs, o que mexeu de vez com a cabeça do frontman. Meses depois, o Iron Maiden lançou *No Prayer for the Dying* sem o guitarrista Adrian Smith, substituído por Janick Gers, exatamente o braço-direito de Dickinson fora da banda – foi com Gers que o vocalista compôs oito das dez músicas do disco –, e com um afago no ego de Dickinson: Steve Harris gostou tanto da composição que embalou as matanças de Freddy Krueger que resolveu regravá-la com a Donzela. Mesmo assim, a matemática é simples: nem isso aquietou o vocalista, que anunciou sua saída depois da turnê de *Fear of the Dark*, mas não sem antes topar uma turnê de despedida que, apesar do clima pouco amistoso entre ele e o chefão Harris, resultou em dois discos ao vivo – *A Real Live One* e *A Real Dead One* – e um DVD, *Raising Hell*, gravado no seu último dia no Maiden: 28 de agosto de 1993.

Era hora de dar continuidade à carreira fora da banda que definitivamente o projetou, e *Balls to Picasso* (1994), em parceria com o guitarrista Roy Z, foi a primeira tentativa. O disco, que começou a ser trabalhado enquanto Dickinson ainda estava no Maiden, rendeu o seu maior hit como artista solo, *Tears of the Dragon*, mas causou menos barulho do que o esperado. E foi durante a turnê do álbum que o vocalista voltou ao Brasil, em 1995, com a banda que gravaria o álbum seguinte, o polêmico *Skunkworks* (1996). Produzido por Jack Endino (Nirvana, L7, Mudhoney e outros), o trabalho apresentou um rock alternativo flertando com o grunge e que, claro, desagradou aos fãs. No entanto, o início não desanimou o vocalista. Por quê? "Bem, por ter uma banda. Na verdade, por ter a banda", disse Dickinson ao The Moshville Times, em 1996. "A ideia desde sempre era formar uma banda, mas nunca houve o timing perfeito para isso. Na primeira oportunidade que tive para fazer algo sensível com algumas pessoas, surgiu o Skunkworks. E é melhor do que qualquer coisa que qualquer um de nós já fizemos. Milhões de vezes melhor. É algo realmente revigorante, totalmente novo, nada como o material antigo."

Sim, o lance era mais do que um disco. Skunkworks era o nome da banda, e as indiretas continuavam. "É algo mais ao vivo do que jamais foi. Parte do que fiz com o Iron Maiden foi mais uma pantomina, para ser honesto. Especialmente com cada vez mais monstros, cada vez mais... Coisas. O Skunkworks é mais intendo do que qualquer coisa que o Maiden já fez." Mas os fãs não viram dessa maneira, e 1996 foi a pá de cal antes de o cantor resolver reviver seus dias de glória: chamou Roy Z de volta, agora também para a produção, e convidou para empreitada nada menos que Adrian Smith, que também não vivia seus melhores momentos à época.

Dar um passo para trás e seguir em frente

Accident of Birth (1997) e *The Chemical Wedding* (1998) mostraram a combinação explosiva de Dickinson e Smith em dois discos cantados em prosa e verso por todos, afinal, mostraram aquilo que os dois sabem fazer melhor: heavy metal de alta qualidade. As duas turnês passaram pelo Brasil, e a última rendeu até mesmo o ao vivo *Scream for Me Brazil*, lançado em 1999, ano em que o vocalista e o guitarrista voltaram para o Iron Maiden, que não atravessava um bom momento com o contestado Blaze Bayley à frente do microfone – e dois álbuns que muitos fãs gostariam de apagar da discografia da banda. Foi bom para todo mundo, e o ciclo estava fechado, numa história relativamente parecida com a experimentada por Rob Halford. Depois de viver uma segunda metade dos anos 80 conturbada, musicalmente em virtude do subestimado *Turbo* (1986) e de *Ram it Down* (1988), o Judas Priest colhia os louros do aclamado *Painkiller* (1990), que trouxe a banda ao Brasil pela primeira vez, para um show antológico na segunda edição do Rock in Rio, em 1991. Mas o Metal God decidiu deixar tudo para trás no ano seguinte, quando anunciou que estava pulando fora.

Mas ao contrário do que aconteceu com Dickinson, o lançamento de *War of Words* empolgou os fãs de Halford, uma vez que o Fight, sua nova banda, deu sequência a *Painkiller* incorporando ainda mais peso ao

Bruce Dickinson, Rob Halford e Ronnie James Dio: altos e baixos na década de 90

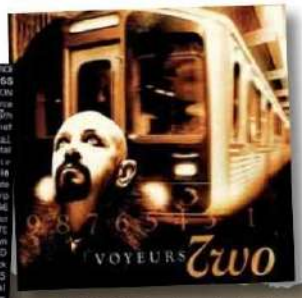
trazer, por exemplo, alguma influência de Pantera, grupo pelo qual o Metal God sempre teve admiração. "O Fight era muito característico, e era assim que a banda soava e tocava ao vivo. A música que criamos estava muito distante daquela que eu estava fazendo com o Judas Priest, e essa foi a razão por que eu decidi sair do Priest. Queria outra experiência, novas jornadas e aventuras com músicos, estilos, sonoridades e abordagens diferentes, porque não era isso que eu tinha com Glenn, KK, Scott e Ian", disse o vocalista ao site Metal Temple, em 2006.

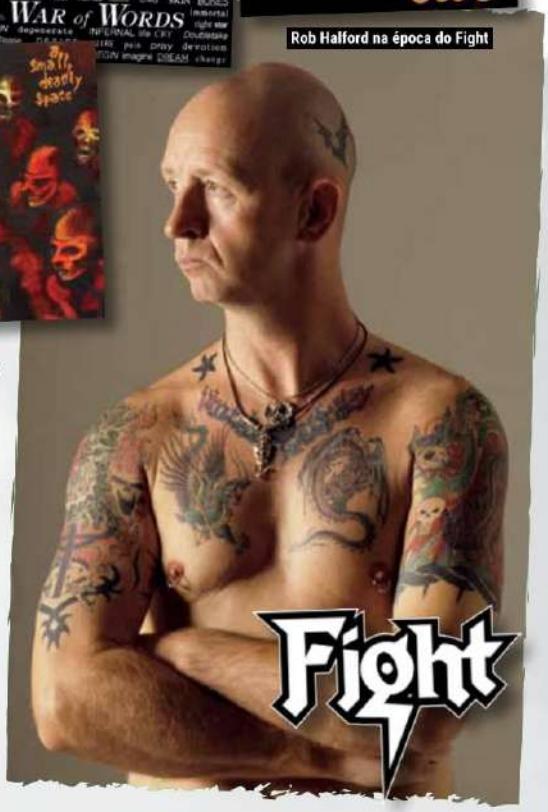
A turnê do primeiro álbum passou pelo Brasil em 1994, um ano antes de o Fight soltar seu segundo e último trabalho, *A Small Deadly Space*, porque as coisas começariam a desandar. Tudo bem que o momento não era dos melhores para quem tivesse alguma ligação com o metal, principalmente para aqueles já considerados veteranos, mas o disco foi uma ruptura com o som mais tradicional de *War of Words*, mostrando um lado mais antenado à música vigente. No entanto, mais uma vez ao contrário de Dickinson, que se voltou imediatamente ao passado, Halford preferiu arriscar mais uma vez.

E como se arriscou. A parceria com o guitarrista John 5 – que mais tarde tocaria com David Lee Roth, Marilyn Manson e Rob Zombie, com o qual está até hoje – e os produtores Bob Marlette (Alice Cooper, Rob Zombie, Sebastian Bach e vários outros) e Dave Ogilvie (Skinny Puppy) rendeu um projeto de industrial. A produção executiva do novo grupo, 2wo, ficou a cargo de Trent Reznor, e tudo que os fãs menos queriam ou esperavam era uma tentativa de soar como Nine Inch Nails, mas é isso que você encontra em *Voyeurs* (1998).

"Nós estávamos cobrindo tudo. Você tinha uma canção realmente pop como *Deep in the Ground*, algo muito emocional e temperamental como *Bed of Rust*, uma música eletrônica como *If* e outra mais orientada pela guitarra, como *Leave Me Alone*", lembrou Halford ao Chaos Control Digizine, em 1998. "O fato de estarmos indo em várias direções musicais foi uma surpresa atrás da outra, e isso era ótimo. Nunca tive problemas com isso, tipo 'não podemos ir até ali' ou 'talvez não devêssemos fazer isso'. Eu apenas falava 'Isso é ótimo, sinto-me bem, então vamos fazer'."

Mas o 2wo e *Voyeurs* foram um fracasso comercial e fizeram o vocalista abraçar novamente o gênero musical que deu a ele a alcunha de Deus: com a banda Halford, o Metal God deixou a segunda metade dos anos 90 para trás, lançou dois trabalhos tradicionais do estilo, *Resurrection* (2000) e *Crucible* (2002), e voltou para casa em seguida. Em 2003, estava de volta ao Judas Priest.



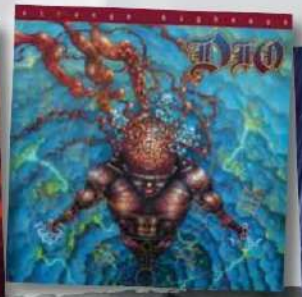


Rob Halford na época do Fight

E Deus não abandonou o heavy metal

A semelhança entre as trajetórias de Dickinson e Halford com a de Ronnie James Dio fica apenas nos altos e baixos impostos por aquela década, porque o saudoso vocalista nunca se afastou do metal. Mas o início com a própria banda passou ao largo dos seus melhores momentos na década anterior, uma vez que *Lock Up the Wolves* (1990), gravado com uma formação completamente diferente, não chegou a empolgar. Não que o disco seja ruim, mas a penúria comercial havia chegado mais cedo tanto ao Dio quanto ao Black Sabbath, então a hora era de união. Ou reunião. Ronnie voltou a trabalhar com Tony Iommi, Geezer Butler e Vinny Appice, e o quarteto lançou *Dehumanizer* (1992), cuja turnê começou exatamente no Brasil – era a estreia da banda e do próprio vocalista no país.

Apesar de o Sabbath ter voltado às paradas, internamente o clima continuou o mesmo de quando Ronnie saiu pela primeira vez, em 1982, e o saudoso baixinho pediu as contas ao se recusar a participar dos últimos shows da primeira turnê de despedida de Ozzy Osbourne. Logo de quem... "Fiquei sabendo no meio da turnê que abriríamos para o Ozzy em Los Angeles, e eu disse: 'Não. Lamento, mas tenho mais orgulho do que isso.' Muita coisa estava sendo dita de um lado e do outro, o que criou uma suspeita horrível. A banda aceitar aquilo soava, para mim, como uma reunião, e isso obviamente significava a maldição daquele projeto do Sabbath em particular", disse o vocalista, que acabou sendo substituído, veja você, por Rob Halford nas duas noites em Costa Mesa.



Black Sabbath na fase *Dehumanizer*

Sem perder tempo – e levando Appice com ele –, Ronnie reformou o Dio e fez, como ele mesmo revelou na época a Thomas S. Orwat Jr., do Rock Music Star, um "novo álbum para ser a extensão do *Dehumanizer*". *Strange Highways* (1993) não foi lá muito bem recebido, muito em parte por causa do guitarrista Tracy G, mas os anos reconheceram seu valor e deram ao disco status de cult. Os brasileiros puderam assistir à turnê do álbum em 1994, e dois anos depois o grupo repetiu a dose de peso com *Angry Machines* (1996), que ainda gera controvérsias apesar de ser uma sequência lógica do trabalho anterior. E foi por causa dele que Ronnie e banda retornaram ao Brasil em 1997, num festival que juntou Scorpions, Jason Bonham Band e, veja só, Bruce Dickinson com Adrian Smith. *Inferno: Last in Live* (1998) coroou essa fase e mostrou que Ronnie não largou a mão do heavy metal nem mesmo quando tudo era contra.

OUVIR METAL NA FM ERA NORMAL

Por Ricardo Batalha

Se alguns programas exclusivos ao heavy rock surgidos na década de 80 saíram do ar, os seus substitutos estavam firmes e fortes. Mais que isso, porque se você estivesse ouvindo rádio FM na década de 90 era normal ouvir o locutor falar algo como: "Você acabou de ouvir *Only*, do Anthrax; a antes rolamos *Livin' on the Edge*, com Aerosmith; e *Animate*, do novo álbum do Rush... Fique agora com *Caso Sério*, do Golpe de Estado; *Civil War*, com Guns N' Roses e *Keep the Faith*, do Bon Jovi". Sim, as pessoas ouviam coisas assim, e muito mais, na programação diária de rádios paulistas como 89 FM, Brasil 2000 e 97 Rock (até o final de 1994). Até as emissoras populares davam espaço ao rock, diferentemente do que se viu a partir de 2013, quando, pela primeira vez desde 2000, o rock saiu do top 30 de rádios do Brasil.

Só que nem tudo era motivo de comemoração. Grandes perdas ocorreram, como a mudança de foco da Fluminense FM (94.9), herdeira da FM 98,1 e da Eldo Pop, da Eldorado, que deixou de ser "A Maldita" e largou o rock em setembro de 1994. "Eu e Carlos Lopes, da Dorsal Atlântica, apresentamos o 'Shockwaves', que não durou muito porque a Fluminense FM começou a mudar e, aos poucos, foi perdendo aquele teor pioneiro", recordou Fernando Folena. "Tiveram outras encarnações do programa 'Guitarras', antes chamado 'Guitarras para o Povo', mas o original é o que teve a importância histórica. No início dos anos 90 eu e Alexandre Vilela, dono da loja Hard N' Heavy, onde trabalho, voltamos para a Fluminense com o 'Guitarras', mas também não durou muito", acrescentou.

Três meses depois, em dezembro de 1994, a 97 Rock mudou a programação rock pela música eletrônica, fazendo com que Vitão Bonesso migrasse, em janeiro de 1995, o programa "Backstage" para a Brasil 2000 FM, que viveu seu auge naquela década. "Em dezembro de 1994, tive que começar a dar sequência naquilo que estava rolando bem, em uma grande fase do Backstage. A rádio mudou o perfil e tive que dar sequência a essa fase boa numa outra rádio. Assim, um mês depois, eu estava na Brasil 2000", recordou Bonesso.

Quando o Metallica se tornou gigante, e músicas como *Enter Sandman* e *The Unforgiven* tocavam à exaustão nas rádios, naquele mesmo ano, o tradicional programa "Comando Metal" (89 FM), apresentado por Walcir Chalas, um dos que apresentou a banda americana ao público, saiu do ar. "Muita gente conheceu o Metallica no Comando Metal ou na Woodstock. Mas, em 1994, eu achava que tinha tocado praticamente tudo de melhor dos últimos 15 anos de rock pesado, que estava em decadência. Constatei isso em minha última viagem para a Inglaterra, em março de 1992, quando assisti Ozzy na 'No More Tours Tour' em um Brixton Academy vazio – tipo meia casa. Na semana seguinte, no mesmo lugar, Red Hot Chilli Peppers lotado. Pensei: 'fudeu mesmo'. Além disso, a Woodstock estava com vários problemas internos, que infelizmente constatei muito tarde. Então, juntando tudo isso, disse: 'Goodbye To Romance'... Mas não disse 'Goodbye to True Friends...

Fotos: Reprodução

A chegada da MTV levou a mudanças em algumas estações, mas rock se manteve forte nas rádios

Vitão Bonesso e Ricardo Batalha

Backstage Brasil 2000 FM

Osmar Santos Jr. na Brasil 2000 FM

Ricardo Batalha e Walcir Chalas

Sad But True. Bem, o que toquei no 'Comando Metal' toca até hoje por aí... Paaaauuuuu!!!"

No entanto, havia diversos outros programas dedicados à música pesada espalhados pelo Brasil, como "Arrasa Quarteirão" (Porto Alegre/RS, na Ipanema FM), "Ação 107" (Fortaleza/CE, na Universitária FM), "Black Incol" (Joinville/SC, na Rádio Floresta Negra), "Metal Pesado" (Belém/PA, na Rádio Cidade Morena FM), "Rock Now" (Blumenau/SC, na Atlântida FM), "Cidade 'n' Roll" (Brasília/DF, na Rádio Cidade FM), "Deixa o Rock Rolar" (Goiânia/GO, na Rádio Brasil Central) e "Cidade In Rock" (Salvador/BA, na Rádio Cidade). "O 'Cidade In Rock' tinha inspiração no Deep Purple, que era a trilha de abertura, e ficou no ar por cerca de seis anos. Um pouco antes de sair do ar, tive o 'I Wanna Rock', também especializado em metal, hard e classic rock, mas esse durou apenas um ano. Depois disso, continuei jornalista apenas nas redações de impressos", contou o jornalista Leonardo Leão, também vocalista da Drearylands.

Um músico que também acumulou funções foi Flávio Soares, vocalista e baixista do Leviaethan, que chegou a comandar o "Arrasa Quarteirão", criado por Cláudio Cunha e Alexandre Brasil. "No começo, em 1995, Cláudio produzia o programa e quem apresentava era Wander Wildner, ex-Replicantes. Ele ficou pouco tempo e depois Cláudio assumiu a locução e apresentação. Como eu tinha uma loja especializada em metal, comecei a patrocinar o programa e a coproduzi-lo. Com o tempo, Cláudio não quis mais apresentar e passou a bola para mim. A gente até chegou a apresentar juntos durante um tempinho, mas depois peguei as manhas de operação da mesa e o assumi, acho que por volta de 1998. Ele durou até meados de 2007/2008 na Rádio Ipanema FM", recordou Flávio Soares, que depois produziu o "Mundo Metal".

Outro personagem icônico, mas da capital mineira, é Adriano Falabella, que destilava aulas de rock/metal em programas como "O Rock que a Terra Não Esqueceu", da Terra FM, e do "Rock n' Roll Crazies" e "Enciclopédia do Rock", ambos da 107 FM. Este último se tornou um quadro do programa "Alto-Falante", comandado por Terence Machado, da Rede Minas, 'filial mineira' da TV Cultura, que exibiu na década anterior o "Som Pop". Já a Geraes FM fazia fãs mineiros de rock/metal se deleitarem durante sua programação. Muito disso graças a Carlos Ivan Antunes, o Zivan, diretor artístico da rádio por 15 anos (o início foi em 1991).

As bandas ainda podiam se apresentar ao vivo e conceder entrevistas no programa "Clip Independente", apresentado por Osmar Santos Jr., que segurou a bronca na Brasil 2000 FM até o encerramento das transmissões, em março de 2011. O radialista e o saudoso Kid Vinil ainda mantiveram, até 2016, a programação pelo site da emissora.

Hoje, na era da Internet, das plataformas de streaming e on demand, jovens dizem, segundo pesquisa Juventudes e Conexões, da Fundação Telefônica Vivo, realizada pela Rede Conhecimento Social em parceria com o Ibope Inteligência, que "só não estão online quando dormem, quando acabam a bateria e os créditos do celular ou, em alguns casos, quando estão estudando ou trabalhando."

Talvez por isso, o número e o interesse por podcasts tenha aumentado consideravelmente nos últimos tempos, inclusive com espaço para os destinados ao rock e metal, como poeiraCast, Wikimetal, Rock Add e Crazy Metal Mind. Ainda assim, a emoção de se ouvir ou, no caso de um músico, ter a sua música rolando em uma rádio permanece. "Eu sempre fui de ouvir muito rádio, desde criança, gravava em fita K7 os sons que amava e, também, os jogos do meu time. Ouvir um som meu tocar na rádio é algo surreal! Toda vez que toca, me emociono como da primeira vez, pois lembro desses tempos de moleque, onde era eu, meu rádio e minha imaginação, sempre uma experiência fantástica", concluiu Gabriel Martins, vocalista da Mattilha e que recentemente teve seu primeiro single solo, Tempo, antecipado no programa Autoral Brasil, da Kiss FM.

É, muitas vezes, a rádio ainda está em primeiro lugar.

Flávio Soares (Leviaethan)

Flávio Soares chegou a comandar o programa Arrasa Quarteirão

89 FM A RÁDIO ROCK
RÁDIO FLUMINENSE FM 94,9
MALDITA
A 1ª e única em Rock and Roll

UMA FEIRA DE EXTREMA IMPORTÂNCIA

Por Claudio Vicentin

Lá em 1992, eu tocava bateria e buscava me aprimorar com os melhores músicos de nossa cena. Por isso, primeiro fiz aula com Paulão Thomaz (ex-Centúrias e, na época, do Firebox) e com Ricardo Confessori, que era do Korzus e estava rumando para o Angra.

Ricardo Confessori e Claudio Vicentin

E, ao mesmo tempo, um dos momentos mais legais era anualmente frequentar a Expomusic para ver os bateristas que eu admirava como Ivan Busic, Cuca Teixeira, Paulo Zinner, Duda Neves, entre outros. Mas não somente os bateristas, porque poder ver de perto Andria Busic (Dr. Sin), Felipe Machado e Yves Passarell (Viper), Edu Ardanuy (ex-Dr. Sin), Simone Syang (P.U.S.), o saudoso Wander Taffo e o pessoal da banda Mr. Green de Santos, músicos de fora que vinham para a Expomusic, ver as guitarras expostas, as baterias... Era tudo muito emocionante. Até porque, muito além de uma feira de negócios, a Expomusic sempre foi o ponto de encontro para os fãs de música e os fãs de heavy metal sempre estiveram presentes em enorme quantidade.

Kiko Loureiro dando autógrafo...

...e no estande da Tagima

Um dos músicos que eu mais gostava de ver tocar era guitarrista Kiko Loureiro, atual Megadeth e ex-Angra. A primeira vez que o vi tocando foi em 1992. "A primeira vez que fui à Expomusic foi em 1992 e ainda era no Pavilhão de exposições no Ibirapuera em São Paulo. Fez parte da minha paixão pela música, aquele encontro anual era muito esperado. Eu fui pela Zoom (marca de pedais de guitarra) e eu tocava o dia inteiro ao lado do Edu Ardanuy que estava no Dr. Sin até recentemente. E,

Pepeu Gomes no estande da Roadie Crew

então, vários guitarristas chegavam para improvisar conosco como o Faíska, por exemplo. Foi legal também que nesse ano estava o Rudy Sarzo no estande da frente. Era uma forma de encontrar todos os músicos lembrando que não havia internet. Por isso, nosso encontro social era cara a cara, ao vivo", relembrou Kiko Loureiro.

Com a chegada da importação de instrumentos, a Expomusic foi crescendo junto e, durante muitos anos, permaneceu no Expo Center Norte (SP). Em 1993, além

Muito além de uma feira de negócios, a Expomusic sempre foi o ponto de encontro para os fãs de música e os fãs de heavy metal

de irmos ver os músicos, era um atrativo ver as guitarras, baterias, baixos e outros instrumentos e equipamentos que apenas conseguíamos ver por fotos em revistas. Lembro que me programava para chegar cedo na Expomusic para ver os instrumentos e depois acompanhar os músicos tocando.

"A importação no Brasil estava apenas começando e por isso o estouro da Expomusic chegou no ano seguinte, em 1993. Já com as marcas internacionais, mas também as nacionais crescendo como a Meteoro, Tagima e outras. Recordo de ter tocado com o Angra no estande da Meteoro e você já trabalhava conosco de roadie. Outro momento que não esqueço foi de uma tarde de autógrafos com o Angra que teve a presença de milhares de fãs e os bombeiros tiveram que abortar tudo. A Expomusic foi crescendo muito rápido e por isso não existia uma ótima organização naquela época", recordou Kiko Loureiro.

A Expomusic fortalecia uma parte do mercado. Nós temos as bandas, shows, gravadoras, mas temos também os instrumentos e equipamentos. Então, para quem tinha banda instrumental, artistas em começo de carreira, ali existiam palcos para músicos mostrarem seus trabalhos, além de fazer negócios. Isso aconteceu

Fotos: Divulgação

não somente nos anos 90, mas nos anos 2000 a Expomusic ainda foi um evento ótimo.

"Eu cheguei a ter estande meu próprio na Expomusic após 2010, mas aí comecei a viajar muito e desde 2012 eu já estou morando nos Estados Unidos. Eu frequento muito a NAMM que é a feira de música na Califórnia e já fui à Messe na Alemanha umas quatro vezes", comentou Kiko.

A ROADIE CREW esteve presente também com seu estande próprio durante muitos anos, recebendo os amigos, leitores de todo o país, fazendo seções de autógrafos com bandas, promoções e vendas de revistas, CDs e DVDs. Sempre foi um dos estandes mais concorridos até pela presença maciça dos fãs de heavy metal.

Com uma das maiores recessões que o Brasil entrou desde 2014, a Expomusic perdeu a sua força. As empresas de instrumentos nacionais e os importadores caíram no mesmo buraco. Esperamos que, em breve, tenhamos novamente uma feira de música do mesmo porte. É muito importante para o mundo da cultura e, consequentemente, da música de qualidade em geral e do heavy metal.

Rodrigo Oliveira (Armored Dawn e Korzus) e Alexandre Grunheidt (Ancesttral)

INFERNO

METAL FESTIVAL NORWAY

2020

20TH ANNIVERSARY

**PARTICIPE DA COMEMORAÇÃO DE 20 ANOS DO INFERNO METAL FESTIVAL NA PÁSCOA DE 2020!
O FESTIVAL DE METAL MAIS ANTIGO DA NORUEGA RECEBE PESSOAS DO MUNDO INTEIRO E É UM DOS PONTOS DE ENCONTRO MAIS IMPORTANTES PARA O MUSIC BUSINESS DO METAL.
OS INGRESSOS JÁ ESTÃO À VENDA E COSTUMAM ESGOTAR RAPIDAMENTE. NOSSA PROGRAMAÇÃO REÚNE DESDE AS MELHORES BANDAS NOVAS ATÉ OS MAIORES NOMES DO METAL.
BEM-VINDOS AO NOSSO ANIVERSÁRIO DE 20 ANOS!**

DE 9 A 12 DE ABRIL DE 2020

4 DIAS - E UMA PORRADA DE BANDAS! ENTRADA PERMITIDA PARA MAIORES DE 18 ANOS. INGRESSOS EM TICKETS.INFERNOFESTIVAL.NET

WWW.INFERNOFESTIVAL.NET

INFERNO MUSIC CONFERENCE

**INSPIRE-SE, APRENDA COM OS MELHORES E AMPLIE SUA REDE DE CONTATOS.
MESAS REDONDAS, KEYNOTE SPEAKERS, ENTREVISTAS AO VIVO, MASTERCLASSES E MUITO MAIS.**

DE 9 A 10 DE ABRIL DE 2020

O PRINCIPAL EVENTO INTERNACIONAL DE NETWORKING MUSICAL DO NORTE!

WWW.INFERNOMUSICCONFERENCE.COM

O IMPACTO DO PANTERA NA CENA

Grupo texano ignorou seus primeiros registros e se tornou gigante a partir de Cowboys From Hell (1990)

Por Thiago Prata

O ano de 1990 representou o começo da guinada de uma banda que, de mera figurante, passaria a ditar as regras do metal mundial e a influenciar hordas e gerações do segmento durante a década que se iniciava. O visual que beirava o glam e a veia mais hard rock dos primeiros discos – *Metal Magic* (1983), *Projects in the Jungle* (1984) e *I Am the Night* (1985) – ficaram enterrados no passado, e o Pantera passava agora a investir em uma musicalidade calcada num heavy metal mais encorpado, robusto e cheio de groove e referências thrash. O primeiro álbum contando com Phil Anselmo nos vocais, *Power Metal* (1988), ainda não reproduzia o som pretendido pelo grupo, completado pelos saudosos irmãos Diamond Darrell (guitarra; mais tarde 'rebatizado' como Dimebag Darrell) e Vinnie Paul (bateria) e o baixista Rex Brown. Mas o trabalho seguinte, *Cowboys from Hell* (1990), era o epílogo do 'verdadeiro Pantera'. O riff áspero da guitarra da faixa-título já dava indícios para a revolução musical que estava por vir: muito peso, groove, agressividade e vocais insanos, que iam dos agudos inspirados em Rob Halford (Judas Priest) até a rispidez da tradicional escola do thrash, agora revitalizada dentro dos parâmetros da, enfim, nova sensação do Texas.

"Rex, Vinnie e Dime tinham uma química incrível. Quando me adicionaram como um elemento daquela fórmula, consequentemente chegaram a um estilo determinado. Juntos, conseguimos desenvolvê-lo a tal ponto que, musicalmente, nada superou os formadores daquilo", definiu Anselmo à ROADIE CREW #115 (agosto de 2008).

O sucesso comercial era iminente, mas precisou de mais alguns anos para se concretizar: *Cowboys from Hell* foi certificado disco de ouro em setembro de 1993 (mais de 500 mil cópias vendidas) e platina em julho de 1997 (mais um de milhão). Nesse interim, o Pantera produziu mais algumas porradas sonoras, a enfatizar *Vulgar Display of Power* (1992), que era como um soco na cara. E a própria banda concordava, tanto que ilustrou isso em sua capa. Para muitos, o ápice da banda e daquela geração. "Acho que *Vulgar* foi o primeiro álbum em que o Pantera encontrou um estilo próprio e soube exatamente o que fazer com ele. Posteriormente, com o sucesso que alcançamos, só pensávamos em superar aquele disco em termos de intensidade, e foi o que buscamos com *Far Beyond Driven* (1994). Só diminuímos o ritmo em *The Great Southern Trendkill* (1996), um disco mais sombrio no qual mantivemos o peso, mas procuramos adicionar novos elementos à nossa música", recorda Anselmo.

Divulgação

Na primeira metade da década de 90, o impacto do Pantera já era sentido na cena, influenciando vários subgêneros e alcançando, inclusive, bandas brasileiras.

"Dimebag Darrell veio a este mundo com a missão de nos ensinar como tocar guitarra com emoção, peso, originalidade e uma técnica inovadora", descrevia o guitarrista Moyses Kolesne, do Krisiun, que soltaria seu debut em meados daquela década, *Black Force Domain* (1995), uma pedrada do death metal mais extremo.

Quem também se mostrava contagiado com a atmosfera vinda do Pantera era o Sepultura, que, aliás, passou a utilizar mais groove (mas à maneira brasileira) em discos como *Chaos A.D.* (1993) e *Roots* (1996). "No ano de 1994, tivemos a honra de tocar juntos numa tour americana e também no Castle Donington na Inglaterra. Foram dias inesquecíveis, acho que foi a melhor turnê da nossa história, um momento único do metal pesado", disse o guitarrista Andreas Kisser à ROADIE CREW #143 (dezembro de 2010).

Até quem era referência para o Pantera passou a ser influenciado pela banda. Caso do Slayer, de Kerry King, que elegeu *Becoming* (de *Far Beyond*) como sua faixa favorita do grupo texano. "Quando a ouvi pela primeira vez, pensei que estavam usando samples. Você sabe aquele guincho de guitarra que Dime conseguiu? Eu fiquei chateado: 'por que esses caras estão usando samples?' (risos) E mais tarde percebi que não. Dime está fazendo isso com os pés, com pedais de guitarra", ressaltava King.

Mas o real impacto, sem dúvida alguma, viria sobre bandas que visavam novas formas de se fazer metal. Instituições como Lamb of God (que chegou a ser rotulado como o 'novo Pantera') e Slipknot receberiam as inovações do Pantera de braços abertos para criar diferentes fórmulas – todas elas orientadas pelo peso e o groove – e gerando novas e novas gerações do estilo nas décadas posteriores. "O Mastodon é uma banda que talvez possa ficar por muito tempo na ativa e criar uma legião de seguidores. As bandas têm que procurar encantar a garotada. Como o Slipknot faz. Eles são o Kiss dessa geração", destacava Anselmo, também à ROADIE CREW em 2010.

Obviamente o desfecho da história do Pantera não foi feliz, e a série de polêmicas envolvendo seus integrantes – principalmente Phil Anselmo – ao longo dos anos ainda reverbera e está na boca do povo – e é objeto de debates e embates nas redes sociais. Mas o legado musical, este ninguém consegue apagar!

ROADIE CREW.COM

VISITE NOSSO SITE!

Você também pode conferir as notícias do mundo do rock e do metal atualizadas diariamente,

Onde VOCÊ estiver!

ROADIECREW.COM

ACESSE E FIQUE POR DENTRO DE TUDO QUE ACONTECE EM NOSSA CENA

Roadie Shop – Faça sua assinatura (física e digital), adquira as edições anteriores, adquira CDs e DVDs. Várias formas de pagamento

Newsletter - Assine e receba em seu e-mail todas as novidades

Compartilhamento - Compartilhe suas matérias favoritas com seus amigos

Nova Loja - Nossas edições, diversos produtos e diversas formas de pagamento

Novas Seções - Agora você pode divulgar os eventos de sua cidade, procurar por músicos, vender e trocar CDs, DVDs, Instrumentos Musicais e etc...

Site Multi-idiomas - Nosso novo site pode ser lido em diversos idiomas, basta você escolher nas opções a bandeira dos seu país e aproveitar todo nosso conteúdo.

Exclusivo em Nossa Loja

Se não estiver no Brasil você também pode adquirir nossos produtos em sua moeda local

vicweb
vicweb.com.br

DREAM THEATER O NOME DO PROG METAL

Por Guilherme Spiazzi

O Dream Theater despontou no cenário internacional na década de 1990 proporcionando uma fusão entre o rock progressivo e o metal, com uma pitada muito inteligente de acessibilidade sonora. Sua influência abriu as portas de um mercado e consolidou o prog metal, que surgiu de maneira incipiente ainda na década de 1970 e tomou forma a partir trabalhos lançados por bandas como Fates Warning e Queensrÿche na segunda metade da década de 1980. Mas havia outras.

Dream Theater, Awake, Brothers Grimm, Conception, Galactic Cowboys, Kong, Mastermind, Psychotic Waltz, Shadow Gallery, Shoggoth e Watchtower eram alguns dos que apostavam naquela fusão de estilos numa época em que a "Premier League" do mercado da música pesada estava em plena transformação.

De forma resumida, no início dos anos 1990 nomes como Alice in Chains, Pearl Jam e Soundgarden eram grandes promessas, o glam metal começava a perder relevância comercial e o Metallica e Nirvana se tornaram bandas multiplatinadas.

Em meio a esse cenário de mudanças, o Dream Theater lançou *Images and Words* (1992) e logo ganhou espaço com o hit *Pull me Under*, seu maior sucesso até hoje. Como resultado, o disco, segundo da discografia, transformou aquela banda local para uma atração internacional, abrindo caminho para quase 200 apresentações ao redor do mundo. Na sequência veio *Awake* em 1994, época em que o grunge estava no auge. Apesar disso, e do fato de não ter nenhuma faixa de apelo radiofônico, o grupo se firmou no cenário ao apresentar uma roupagem semelhante ao trabalho anterior, adicionada de densidade, peso e introspecção.

Como resultado da sua influência musical e a crescente legião de fãs sedentos por seu prog metal, a metade da década de 90 viu uma enxurrada de grupos buscando trilhar o mesmo caminho. Atentas a esse movimento, pequenas gravadoras independentes começaram a explorar o estilo. Claro que foram poucas as que souberam equilibrar a destreza instrumental a uma sonoridade palatável, sem perder a ousadia e a originalidade. Os que sobreviveram encontraram um mercado cheio de fãs de prog metal buscando por alternativas sonoras. Ayreon, Dreamscape, Elegy, Enchant, Evergrey, Pain of Salvation, Eldritch, Porcupine Tree, Poverty's No Crime, Symphony X, Tiles, Threshold e Vanden Plas são alguns exemplos de grupos que, em maior ou menor grau, se beneficiaram da crescente no prog metal daquela época.

Mike Portnoy, James LaBrie, John Petrucci, Kevin Moore e John Myung: a formação clássica que marcou o prog metal para sempre

Enquanto isso, apesar de comprovadamente influenciar o cenário, o Dream Theater ainda era pressionado por sua gravadora a produzir outro hit da magnitude de *Pull me Under*. O resultado da pressão foi *Falling into Infinity* (1997), álbum de produção truncada e que quase levou o grupo a uma cisão. Para desespero da gravadora, não agregou em nada comercialmente. A redenção veio com o conceitual *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory* (1999), que reforçou um padrão de qualidade seguido até hoje e fez com que a banda se tornasse 'top of mind' do prog metal.

"Eu fui imediatamente cativado pela liberdade nas estruturas das músicas em *Metropolis Pt. 2*. Até então, o heavy metal tendia a soar monótono e repetitivo. Conhecer uma banda que desafiava aquelas fórmulas abriu muitas portas, como ouvinte e compositor. Queensrÿche e Fates Warning começaram algo que o Dream Theater consolidou, dando origem a um estilo diverso, que segue crescendo e se transformando", analisou o guitarrista e vocalista Tiago Masseti (Daydream XI).

O crescimento e transformação do prog metal, além dos lançamentos e apoio da mídia especializada, também encontraram nas turnês uma boa fonte de energia. Se no início da carreira o Dream Theater teve a chance de tocar ao lado de ídolos como Marillion, Fates Warning, Deep Purple e ELP, depois de conquistar o sucesso puxou grupos como Between the Buried and Me, Opeth, Pain of Salvation, Porcupine Tree, Redemption, Riverside, Spock's Beard, Symphony X, Threshold, Vanden Plas, entre outros, para suas turnês.

No Brasil, país em que a banda encontra uma das maiores base de fãs, essa influência deixou marcas profundas. Prova disso são os lançamentos de nomes como Akashic, Caravellus, Daydream XI, Deventter, Henceforth, Ivory Gates, Jack the Joker, Karma, Khallice, Lince, Maestrick, MindFlow, Molitium, Sigma 5, Stormental, Thessera e Ynis Vitrin, apenas para citar alguns.

Completando trinta anos da estreia com *When Dream and Day Unite*, o Dream Theater coleciona quatorze lançamentos de estúdio, milhões de cópias vendidas ao redor do mundo e o legado mais importante: a irrefutável influência sobre toda uma geração. "O Dream Theater, com uma discografia espetacular, modernizou a música progressiva de forma admirável e autêntica. É uma das bandas mais influentes das últimas décadas, tanto é que a sua influência retumba em quase qualquer coisa que você ouve por aí", apontou o vocalista Danilo Herbert (MindFlow).

Grupo americano despontou na década de 1990, com sua fusão de rock progressivo e metal, e se tornou referência de um estilo musical

CELEBRANDO O TALENTO:

EM 1992, ESTRELAS DO ROCK E DO POP SE UNIRAM PARA HOMENAGEAR FREDDIE MERCURY

Por Antonio Carlos Monteiro

A primeira pista veio no vídeo de *I'm Going Slightly Mad*. Depois de um tempo longe dos holofotes, Freddie Mercury ressurgia diante das câmeras muito magro e claramente debilitado. O cantor negou até o fim que estivesse doente, mas em 23 de novembro de 1991 finalmente divulgou um comunicado confirmando que havia sido diagnosticado com o vírus HIV e desenvolvido AIDS. No dia seguinte, Freddie Mercury morreu, aos 45 anos. No mesmo dia, seus companheiros de Queen, Brian May, John Deacon e Roger Taylor, decidiram que iriam de alguma forma celebrar a vida e a arte do vocalista. Estava lançada a ideia do The Freddie Mercury Tribute Concert for AIDS Awareness, concerto que arrecadaria fundos para a Mercury Phoenix Trust, fundação criada na época para fomentar a pesquisa sobre a doença e difundir conscientização sobre sua prevenção – a fundação existe até hoje.

O concerto foi realizado no tradicionalíssimo Estádio de Wembley, em Londres, no dia 20 de abril de 1992, e reuniu uma verdadeira nata do rock e do pop, além de amigos de Freddie, como a atriz e cantora Liza Minelli, que se apresentaram diante de cerca de 72 mil pessoas – os ingressos se esgotaram em três horas, mesmo sem ter o cast ainda definido. A atriz Elizabeth Taylor também esteve presente e falou sobre a prevenção da AIDS.

Dentre os músicos que se apresentaram estavam Metallica, Extreme, Def Leppard, Guns N'Roses, Roger Daltrey, Robert Plant, Tony Iommi, Mick Ronson, Elton John (que era amigo próximo de Freddie), Seal, George Michael, Annie Lennox, David Bowie e uma infinidade de outros.

Um assumidamente nervoso Brian May apresentou o evento: "Boa noite, Wembley e mundo. Estamos aqui hoje para celebrar a vida, a obra e os sonhos de Freddie Mercury. Vamos dar a ele a maior despedida da história!" Em seguida tecve início o espetáculo, que foi dividido em duas partes. Na primeira, bandas como Metallica e Def Leppard tocaram músicas próprias e, em alguns casos, temas do Queen. O U2, que estava nos EUA, se apresentou via satélite. Na segunda parte, músicos se juntaram a May, Deacon e Taylor para interpretar músicas do Queen. A voz de Mercury surgiu em vários momentos através de bases pré-gravadas para delírio da audiência.

Houve vários destaques – positivos e negativos. A versão de *Bohemian Rhapsody* com Elton John cantando a primeira parte e Axl Rose interpretando a sequência após a sessão operística foi um dos pontos altos, assim como George Michael, que foi considerado o melhor intérprete de Freddie daquela noite em *Somebody to Love*, e James Hetfield, que cantou *Stone Cold Crazy* com garra.

Já Daltrey falhou em *I Want it All*, Plant teve problemas para lembrar a letra de *Innuendo* (ironia suprema, Freddie fez essa música inspirado em *Kashmir*, do Zeppelin) além de sua voz deixar a desejar em alguns momentos e Gary Cherone dedicou-se a uma performance exagerada e até certo ponto constrangedora, fazendo-o se esquecer da afinação em várias oportunidades.

Algumas outras passagens também foram marcantes, como a interação de Axl e Elton John ao final de *Bohemian Rhapsody* – o vocalista havia sido acusado de racismo por usar a palavra "faggot", considerada uma forma depreciativa de se referir aos homossexuais, na letra de *One in a Million*, do álbum *GN'R Lies* (1988). Os dois cantando abraçados a parte final da música colocou um ponto final na história.

Já David Bowie, no meio de sua apresentação, caiu de joelhos e começou a rezar o Pai Nosso. Ninguém entendeu nada e o cantor comentou posteriormente que se sentiu como se estivesse saindo de seu corpo...

O concerto foi transmitido ao vivo para 76 países para uma audiência estimada em um bilhão de pessoas. Tempos depois foi lançado um VHS duplo com praticamente a íntegra do show e, mais recentemente saiu um Blu-ray com a íntegra dos shows – ainda é possível encontrar esse vídeo para comprar.

E dessa noite saiu uma constatação que muitos já sabiam: de todos os vocalistas que se apresentaram, nenhum foi tão bom quanto Freddie Mercury era.

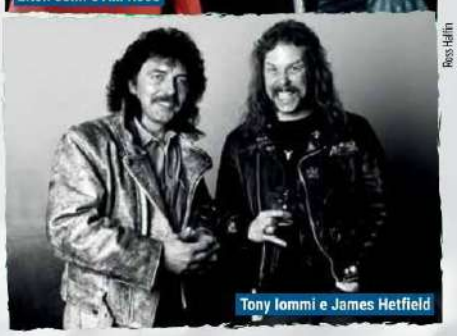
Robert Plant e Brian May

John Deacon e Brian May (Queen) com o Metallica

Ross Halfin

Cinco meses após sua morte, 72 mil pessoas se reuniram em Wembley para ouvir uma constelação de artistas saudar a vida e a arte de Freddie Mercury

Elton John e Axl Rose


Tony Iommi e James Hetfield

Ross Halfin

TUDO JUNTO E MISTURADO

Década do retorno de Andre Matos à música também marcou, para o bem e para o mal, o Viper

Por Daniel Dutra

Sim, os anos 80 foram a quintessência do heavy metal como um todo, mas a década seguinte foi de uma riqueza particular para o metal brasileiro. Houve o surgimento de grandes bandas (como Krisiun, Tuatha de Danann e Dr. Sin), enquanto outras atingiram alto nível com seus trabalhos (caso do Korzus), e as portas internacionais foram abertas pelo sucesso do Sepultura. E dois grupos souberam aproveitar o período, Viper (menos) e Angra (mais), dois grupos com um nome em comum: Andre Matos. Curiosamente, quis o destino que o início da trajetória do Viper sem o saudoso maestro se tornasse o seu período mais bem-sucedido comercialmente.

Viper

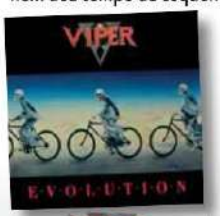
Com dois discos fundamentais – *Soldiers of Sunrise* (1987) e *Theatre of Fate* (1989) – para o power e o melódico nacional, o Viper se viu sem vocalista em 1990, ainda durante a turnê do segundo álbum. Matos havia decidido largar estúdios e palcos para estudar música, e a banda resolveu o problema com o baixista Pit Passarell assumindo também os vocais. Foi assim que o então quarteto compôs, gravou e lançou *Evolution* (1992), que alçou o grupo em seu próprio país – o Viper virou carta marcada em abertura de grandes shows, com destaque para as duas noites com o Metallica no Palestra Itália, em 1993 – e o levou a fazer sucesso na Europa e, principalmente, no Japão.

O cartaz do Viper na Terra do Sol Nascente era tão significativo que o mercado local ganhou um EP em primeira mão, *Vipera Sapiens* (1993), e viu a banda gravar em Kawasaki seu primeiro trabalho ao vivo, *Maniacs in Japan* (1993). Não tinha como dar errado, certo? Errado. A mudança de sonoridade em *Coma Rage* (1994), para algo mais cru, não foi bem recebida, e o lançamento de *Tem Pra Todo Mundo* (1996) terminou de jogar a última pedra no caixão. Não exatamente por causa das letras em português, mas pelo caminho pop que o quarteto resolveu trilhar dentro do chamado BRock – confira a entrevista com Felipe Machado na ed. #249 da ROADIE CREW para saber por quê.

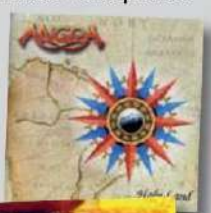
Angra

O retorno do menino prodígio

Enquanto o Viper começava a subir a ladeira sem ele, Andre Matos anunciava sua volta ao cenário. E nem deu tempo de esquentar o sofá da sala, pois a nova empreitada do vocalista, o Angra, veio ao mundo em 1991. E veio para, na esteira de sua ex-banda, se tornar um dos maiores expoentes do metal nacional no exterior. A demo *Reaching Horizons* (1992) mostrava uma banda já antenada com o estilo que explodiria na Europa, no Japão e no Brasil, e a despeito da pinta de grupo idealizado pelo empresário – Antonio Pirani, dono da Rock Brigade –, o que, ironicamente, lembrou a alcunha de Menudos do metal atribuída ao Viper, o Angra era muito mais do que isso.

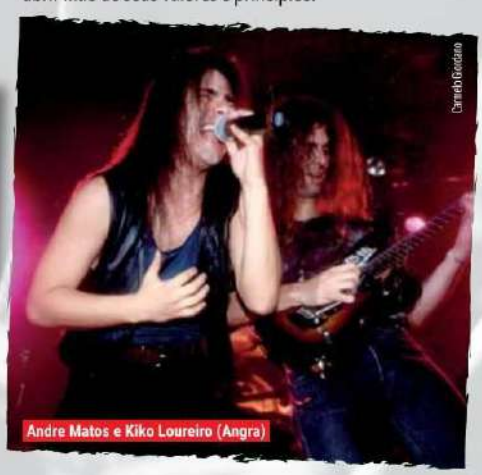


O álbum de estreia, *Angels Cry* (1993), chegou primeiramente às lojas do Japão, onde ganhou Disco de Ouro. O trabalho rendeu um dos hinos do metal nacional – *Carry on*, composta por Matos – e não precisou de muito para se tornar um dos principais títulos do que se convencionou chamar de metal melódico. Mas com um diferencial: a inclusão de ritmos regionais – *Never Understand* contém parte do arranjo de *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga – que ficariam muito mais fortes no trabalho seguinte. Talvez a grande obra-prima do Angra, *Holy Land* (1996) mergulhou nas raízes de ritmos brasileiros numa coincidência marcada pelo lançamento de *Roots*, do Sepultura, no mesmo ano.



Andre Matos
Frederico Batalha

O sucesso contínuo rendeu o EP *Holy Live*, gravado no Acquaboulevard, em Paris (FRA), mas internamente a relação entre músicos e empresariamento estava se deteriorando. Assim, *Fireworks* (1998) acabou sendo a despedida Matos, que carregou com ele Luis Mariutti (baixo) e Ricardo Confessori (bateria) para formar, em 2000, o Shaman. E o resto é uma história que hoje mostra o renascimento do Viper depois de uma bem-sucedida reunião com seu vocalista original nos anos 2010; e deixa a saudade de um dos maiores artistas da música brasileira. E Matos passou pelos anos 90 sem abrir mão de seus valores e princípios.


Andre Matos e Kiko Loureiro (Angra)
Daniela Giordano

SEPULTURA ORGULHO BRASILEIRO

Por Luiz Cesar Pimentel

O Sepultura pode se orgulhar de não apenas ser o principal grupo de metal da história brasileira, mas de outros dois feitos ainda maiores: é a principal manifestação sonora global nascida no Brasil e foi o principal conjunto de metal do mundo dos anos 1990. Tudo bem que você pode colocar o Pantera como rival na segunda conta, mas cabeça por cabeça, os três lançamentos do quarteto mineiro superam *Vulgar Display of Power* (1992), *Far Beyond*

Driven (1994) e *The Great Southern Trendkill* (1996).

Falo com a propriedade de quem viu o Sepultura nascer. Quando o primeiro lote do EP de estreia do grupo, *Bestial Devastation* (1985), chegou em São Paulo, eu estava na Baratos Afins no momento em que a caixa foi aberta e fui o comprador número um. Comprei pela capa.

Quando coloquei para rodar, passei a tratá-los como irmãos do Destruction – a introdução na voz gutural demoníaca de ambos os EPs seguida de uma paulada mais death do que thrash metal, split (do Sepultura, com Overdose; Destruction, com Sodom)...

Vi o Sepultura atingir a maturidade em sua primeira obra-prima, *Beneath the Remains* (89) e na virada dos 90 eles deixaram todo mundo para trás já em 1991, com *Arise*.

Até ali, o Slayer brigava com *Seasons in the Abyss* (1991), o Megadeth, com *Rust in Peace* (1990), mas na sequência não teve para mais ninguém.

Em 1993, o Sepultura abriu léguas de distância com *Chaos A.D.*, favorito de muitos fãs (eu, inclusive). No trabalho, eles se posicionaram não apenas e definitivamente na primeira divisão do metal mundial, mas com propriedade e assinatura.

O thrash pavimentava tudo e o quarteto não teve medo de fazer as primeiras experiências, principalmente percussivas. Para isso, quando digo que formam a mais importante manifestação sonora brasileira da história, justificam dispensando qualquer exotismo que serviu de atalho para a MPB/Bossa Nova fazer com que um gringo se sentisse de bermudas e chapéu panamá no calçadão de Ipanema.

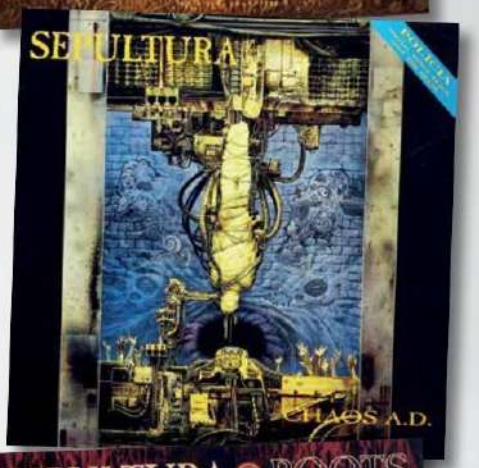
O Sepultura começava a usar o tribalismo nacional. Não aquele importado da África, mas dos originais donos de nossas terras, os índios. "Muita gente no Brasil conhece o Sepultura, mas não tem a mínima noção do que a gente fez por esse país. Você vai para fora do Brasil e o Sepultura é colocado ao lado de Carmem Miranda, Bossa Nova, Ayrton Senna e Pelé. É um elemento fortíssimo da cultura brasileira que é completamente ignorado em nosso país. O heavy metal é completamente ignorado no Brasil. É frustrante você ver um país que só tem olhos para o que está na mídia", esbravejou certa vez o guitarrista Andreas Kisser à ROADIE CREW.

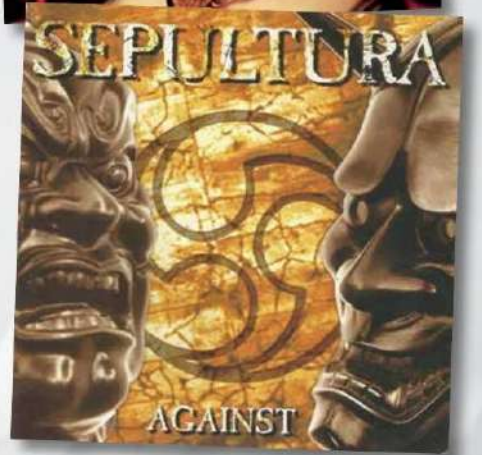
A receita foi depurada e explosiva globalmente em *Roots* (96). Nem estrangeiro nem brasileiro jamais tinham ouvido uma mistura de peso com sonoridade ancestral como eles conceberam na obra. Não era a fórmula de peso do nu metal de baixar a afinação para Si e usar um encordoamento 0.22. Era peso em estado bruto, em todos os componentes. Heavy somado à percussão que parecia uma voadora no peito alcançada anteriormente por bateristas que pregavam seus instrumentos no chão a cada música. "Eu toco com o pessoal do blues, da MPB, toquei com Margareth Meneses num trio no carnaval de Salvador. Porra, por que não? Fizemos *Ratamahatta*, que é super-respeitada, tocamos até hoje e o mundo inteiro conhece. O próprio Angra trouxe o Milton Nascimento pra fazer um som, o Claustrofobia fazendo música com escola de samba. O pessoal está abrindo a cabeça, mas mesmo assim é um público fechado que precisa participar um pouco mais para poder reivindicar, também", observou Kisser.

A impressionante explosão mundial do grupo mineiro na década de 1990

Na mesma década de 1990, a banda lançaria o mediano *Against* (1998), mas podemos extraí-lo da conta e esta ainda a coloca no topo do mundo metal de então. "*Against* foi algo completamente único, não pode ser comparado nem com o passado nem com o

futuro. Foi um momento de muita transição, que ficamos como um trio, depois o Derrick entrou e procurávamos um empresário. Foi um momento muito confuso, mas também foi um processo necessário para chegarmos onde estamos hoje", concluiu o guitarrista.





IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é jornalista, músico, mantém o site tonymonteirorock.blogspot.com.br e é redator da ROADIE CREW

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

Fernanda Lira, Luana Dametto e Prika Amaral tocaram recentemente no Palco Sunset no Rock in Rio

Divulgação

AS BOAS LEMBRANÇAS DOS ANOS 90

Não preciso fazer um grande exercício de memória para concluir que os anos 90 foram especiais para mim em termos de música. Fiz várias entrevistas, resenhas e coberturas de grandes shows e festivais, principalmente M2000 Summer Concerts e Monsters of Rock – meu texto sobre a edição de 1995 do festival chegou a ser publicado na revista japonesa Burrn!

Porém, dentre tantos eventos, o que marcou a década para mim foi finalmente poder assistir ao vivo minha banda favorita: Rolling Stones. Apesar de várias vezes terem surgido boatos da vinda do grupo ao Brasil, o fato é que demorou nada menos que três décadas para a banda desembarcar no Brasil.

Foram marcados quatro shows dos Stones no país: dois em São Paulo, no Estádio do Morumbi, e dois no Rio de Janeiro, no Maracanã. E os problemas não demoraram a surgir: deficiências na estrutura do estádio do Morumbi transformaram os dois shows lá em três no Pacaembu, estádio que comporta bem menos gente.

E lá estava eu no dia 27 de janeiro de 1995 para assistir (enfim!) aos Rolling Stones. Só que São Pedro resolveu participar. Já tinha ido a muitos shows open air com chuva, mas o que aconteceu naquele dia foi uma espécie de ensaio geral do dilúvio. Era uma chuva forte e que durou horas. Houve até o risco de o festival ser cancelado (ninguém lembra, mas esse show foi parte do Hollywood Rock de 1995), mas no fim acabou acontecendo. O Barão Vermelho sofreu com as condições, Rita Lee acabou cancelando sua apresentação e o Spin Doctors (quem convidou esses caras?) passou por lá. E aí vieram os Stones. Cada um dos que está lendo essas linhas tem sua banda favorita e certamente já teve oportunidade de vê-la ao vivo. Lembra da sua emoção? Multiplica por dez...

A água continuava descendo, mas nem banda nem público pareciam se importar. Afinal, nada podia atrapalhar o fato de estar vendo aqueles clássicos sendo interpretados ali, na minha frente: *Tumbling Dice*, *Satisfaction*, a longa e genial *Midnight Rambler*, a nova (na época) *Love Is Strong*, Keith Richards cantando *Before They Make Me Run*, *Sympathy for the Devil*, *Brown Sugar*, minha favorita *Start Me Up* e tantas outras fizeram muitos nem perceberem que ainda chovia – e muito!

Fui pra casa de alma lavada – literalmente! – e ainda voltaria para conferir o show do dia seguinte, mas o primeiro foi aquele que a gente nunca esquece.

O mais curioso nisso tudo é que o show aconteceu exatamente no dia do aniversário do meu casamento. Como disse alguém, não é todo mundo que tem Mick Jagger cantando na sua festa...

TOQUE COMO UMA GAROTA

O grupo que considero mais instigante atualmente é o trio Nervosa. Já chamava a atenção na demo *Masked Betrayer*. De lá para cá, só foram melhorando e aguardo ansioso o que mostrarão depois do excelente *Downfall of Mankind*, do ano passado. Comemorei felizão a escalação delas para o Wacken de 2020. (Fora que uma vitória pessoal é ter a primeira baterista e uma das fundadoras da banda, Fernanda Terra, como professora da minha filha Lola.)

Digo isso porque depois do Girlschool achei que nunca mais encontraria uma banda de garotas para chamar de minha. Temos ainda a Doro Pesch segurando a chama dos anos 80, mas demorou o momento em que um grupo como Nervosa marcasse território definitivamente.

Cocei a orelha ao considerar que embaixo dessa fumaça havia fogo e descobri uns grupos brasileiros de meninas excelentes, principalmente bebendo dos extremos anos 80 e 90 - Vocífera, Eskrota, Artaxe, Santa Muerte. (Se tiver dicas, sou todo ouvidos.)

Ao mergulhar um pouco mais na percepção, cheguei à conclusão de que a maior parte da melhor obra artística hoje é concebida por mulheres.

Quatro livros que li recentemente me despertaram após longo inverno aquela vontade de não largá-los enquanto não virasse a última página (como sou adepto do Kindle, até o último clique de flip). São eles: *O Pintassilgo*, de Donna Tartt, *O Adulto*, de Gillian Flynn, *Um Lugar Bem Longe Daqui*, de Delia Owens, e *Americanah*, de Chimamanda Ngazi Adichie. O primeiro ganhou o Pullitzer, inclusive, e virou filme recentemente.

Por falar em filme, a obra mais tocante a que assisti nos anos recentes foi o longa libanês *Cafarnaum*. É a história de miséria no país que leva à negociação de crianças como esposas ou seu aproveitamento como mão de obra no orçamento familiar. Até que uma criança grita "basta". É tão sensível que não me surpreendi nem um pouco quando soube que a direção era de uma mulher, Nadine Labaki. Não entendo como não levou o Oscar de filme estrangeiro.

Netflix? Você levou alguma porrada recente maior do que a série baseada em fatos reais *Olhos que Condenam*? Eu não. Cinco adolescentes negros condenados absurdamente por um estupro e tentativa de assassinato no Central Park. História verídica narrada magistralmente pela diretora Ava Duvernay.

Que siga assim. Pois em vez de entrar no debate feminista (extremamente importante e válido) e olhares machistas de desdém, quero continuar no conforto de desfrutar obras magistrais como essas.

A LOOK AT METAL

Por Claudio Vicentin

Claudio Vicentin É Editor Da Revista Roadie Crew

Tom Araya (Slayer) e Claudio Vicentin no Monsters of Rock de 1995

ANOS 90, MAS SEM MUITA NOSTALGIA

Quando me refiro ao heavy metal, a primeira metade dos anos 1990 foi muito marcante. Meu envolvimento com a música apenas crescia e pude concretizar projetos que jamais achei que iriam acontecer. Entre eles, ir ao Rock in Rio. Essa é uma das primeiras recordações que vem à mente, pois fomos ao Rock in Rio de 1991 em uma excursão saindo da Vila Mariana, em São Paulo. Para quem não esteve na primeira edição, em 1985, poder ver ao vivo o evento de 1991 era algo mágico. E mesmo sendo dentro de um estádio, o Maracanã, foi memorável.

Outras metas concretizadas foi ter uma banda, tocar ao vivo, conhecer mais pessoas do meio do metal naqueles tempos. E isso me levou a viajar o Brasil com o Angra.

Sempre fui muito fã de Metallica e de tantas outras bandas americanas. Então, tive a oportunidade de ir para os Estados Unidos, em 1995, e pude respirar o heavy metal naquele país. Eu estava na Filadélfia, não era uma Los Angeles, mas, mesmo assim, o metal estava em todos os lugares, sempre com muitos shows.

Ao retornar ao Brasil ainda trabalhei no Monsters of Rock de 1995 (nós havíamos lançado o fanzine ROADIE CREW no Monsters of Rock de 1994) e, então, após mais algumas edições como fanzine, ainda na década de 90, lançamos a ROADIE CREW nas bancas.

Junto com tudo isso lá estavam grandes acontecimentos, como a MTV, o Hollywood Rock e vários outros pontos importantes e marcantes que abordamos neste especial sobre a sensacional década de 90.

Todo mundo tem momentos da vida que lembra com carinho, como algumas que eu descrevi nos primeiros parágrafos. Um lugar que você ia, coisas que fazia, pessoas que já não convive mais... Tendemos a botar as coisas do passado num pedestal. "As músicas de antigamente eram muito melhores que esses lixos de hoje em dia"; "as coisas não são mais como eram antes", etc. Falamos e escutamos frases do tipo todos os dias. Reverenciamos o passado, esquecendo dos problemas da época e ressaltando apenas os momentos bons, as conquistas. Bem, eu gosto muito de lembrar dessa década, mas não ficar preso a ela. Até porque, esse momento que estou escrevendo essa coluna, é presente e, em breve, será passado. E, claro, no futuro vamos lembrar de momentos maravilhosos que tivemos entre os anos 2000 a 2020, por exemplo. Se vamos achar tão bom, aproveite agora. O importante é fazer cada momento valer, valorizar o que você tem agora. E tem muita coisa rolando em anos recentes e hoje que nos agrada demais no mundo do heavy metal e em todas as suas outras atividades.

CAMPO DE BATALHA

Por Ricardo Batalha

Ricardo Batalha É Redator-Chefe Da Revista Roadie Crew

EU FUI!

ROCK IN RIO 2: 23 DE JANEIRO DE 1991, MARACANÃ (RJ)

Depois de ter trabalhado na equipe do Sioux 66 na edição deste ano do Rock in Rio, lembrei-me da ida para a segunda, que ocorreu entre 18 e 26 de janeiro de 1991. Como todo mundo que eu andava junto queria ir, alugamos um ônibus e saímos, na madrugada de 22 de janeiro, da porta do Ipê Clube (SP). No caminho, fui ouvindo no walkman uma fita com *Empire*, o então novo álbum do Queensrÿche, que só o amigo Flavio Borges, funcionário da Mercury Concerts, tinha. Ele teve que gravar fitas K7 para todo mundo, mas fez com o maior prazer.

Antes da abertura dos portões, vimos uma reportagem da Rede Globo perto de onde estávamos. Depois, assistindo à gravação que meu irmão fez pela televisão, percebi que a reportagem confundiu os gritos dos fãs de "mosh" como se fosse "morte". Havia um sujeito em cima da roleta de entrada, e todo mundo que estava embaixo começou a gritar "mosh", como os brasileiros chamavam (ou ainda chamam) quem faz 'stage diving'.

Chegamos cedo e ficamos na pista, tomando um sol absurdo. Ainda hoje consigo lembrar a discotecagem que rolou até o início dos shows. Uma das músicas foi *Atomic Playboys*, de Steve Stevens. Naquele "Rock in Rio", curtimos os shows do Sepultura, Megadeth, Judas Priest e Guns N'Roses na pista. Claro, passamos apuros na hora das rodas durante o show do Sepultura e na treta que obrigou Lobão a deixar o palco.

Na apresentação do Priest, quando tocou a balada com o melhor solo já criado por Glenn Tipton, *Beyond the Realms of Death*, lembrei que, antes da viagem, tinha dito ao amigo Marcio Mainardi, do Ipê Clube, que esta seria difícil entrar no repertório. Como não existia o site setlist FM e muito menos internet, errei. Felizmente, diga-se.

O Queensrÿche também detonou, mas meus amigos cariocas me zoam sempre porque, em um jornal do Rio, o grupo era tido como o "Roupa Nova do metal". Ridículo... Uma pena que, na hora do Guns, a pilha acabou e vi parte do show sentado na numerada, após comer, comprar merchandising e ir ao banheiro, que parecia uma piscina de mijo.

Ninguém registrou em celulares, pois todos estavam lá somente para vibrar e deixar as melhores memórias no cérebro. Na volta, não havia condição física para festa. Porém, dentro do ônibus todos estavam contentes. Também pudera: Megadeth em turnê de *Rust in Peace*; Judas Priest promovendo *Painkiller*; Sepultura iniciando a divulgação de *Arise*; Queensrÿche com *Empire*; e o Guns, que seguiria conquistando o mundo com os *Use Your Illusion*. Ah, os anos 1990...

REVISTAS E PUBLICAÇÕES DOS ANOS 90

Por Ricardo Batalha

Quando a edição #00 do fanzine ROADIE CREW foi publicada, os fãs brasileiros comemoravam a realização do primeiro festival "Philips Monsters of Rock", em São Paulo (SP). Por sugestão de Cintia Diniz, o nome foi escolhido como uma homenagem aos roadies, já que o editor, Claudio Vicentin, baterista da banda Cicatrix, atuava como roadie de Ricardo Confessori no Angra e, tempos depois, cedeu o posto a mim. A adaptação do termo "road crew" faz referência ao profissional que tem um papel importante na equipe de uma banda, além de ser parte do título de um dos clássicos do Motörhead, *(We are) The Road Crew*, que foi composta em homenagem aos roadies da banda dos saudosos Lemmy Kilmister, "Fast" Eddie Clarke e Phil "Philthy Animal" Taylor.

Durante três anos, o fanzine ROADIE CREW sobreviveu com frequência irregular, até que, no final de 1997, surgiu a Roadie Crew Editora Ltda. e o lançamento do site roadiecrew.com. Assim, a edição #09, tendo na capa o Iron Maiden, foi a primeira a ter distribuição em todo o território nacional.

Àquela altura, quando se falava em publicação de metal no país, o primeiro nome era o da revista Rock Brigade, criada, também como fanzine, em fevereiro de 1982, após passar um tempo atuando como fã-clube de heavy metal. "Vivíamos a época boa da indústria fotográfica, do apogeu do CD, da indústria de instrumentos e equipamentos musicais, além de altas tiragens da revista e licenciamento de CDs ", resumiu Antonio Pirani. "Claro, a realização de shows internacionais, pois o Brasil estava começando a ser rota dos grandes artistas", acrescentou Pirani, que naquela década também empresariava bandas como Angra e Viper.

Como era costume sair de casa e ir a uma banca de jornal comprar a revista preferida, além de dar aquela conferida nas novidades e nos jornais, havia, junto a publicações específicas para instrumentos musicais e o mercado em geral, muitas outras à disposição no mercado editorial brasileiro de música. Entre elas, Bizz, Top Rock, Dynamite, Metalhead, Valhalla, Rock Press, Backstage, Showbizz, International Magazine, Planet Metal (com CD encartado) e Heavy Melody.

André "Pomba" Cagni, baixista do Vodu, diz que, no começo dos anos 90, "já estava em um processo de crise pessoal e mesmo musical, vendo o heavy metal ir muito para um lado radical." Pomba, então colaborador da Rock Brigade, recorda que "sofria um processo de desgaste com a diretoria da Rock Brigade que não via com bons olhos pautas que fugissem da área exclusivamente musical e do heavy metal." Como era um dos sócios do clube Dynamo, localizado no centro de São Paulo, resolveu criar um fanzine para promover o clube e, segundo ele, "colocar umas pautas mais "cabeça" e divertidas." Deixou a Rock Brigade no final de 1991 para lançar a revista Dynamite, no início de 1992. "Falávamos de vários estilos do rock, agregando temas comportamentais, políticos e de humor, o que, para mim, estava mais em sintonia com a própria época que vivíamos, do surgimento da cena do rock alternativo via movimento grunge", explicou.

O jornalista Sergio Martins realizou, pelas mãos de Otávio Rodrigues, seu sonho ao trabalhar, a partir do final de 1993, na revista Bizz. "Quando entrei na Bizz, a MTV já existia fazia três anos. Ou seja, a gente já perdia, em termos de concorrência. Primeiro, porque era uma televisão e, então, uma notícia que a gente segurava quase dois meses, a MTV dava no dia seguinte. Segundo, por ser uma televisão de alcance internacional, as entrevistas que a gente queria dar a MTV conseguia, porque era só pedir para a matriz", recordou. "A gente adotou a filosofia de dar as matérias com um 'approach' e um estilo de reportagem que a MTV jamais daria, porque televisão também tem isso e faz algo muito superficial. Então, a gente ia a fundo para fazer grandes entrevistas fazia e matérias que sabíamos que a televisão não ia dar", acrescentou.

Quando o hoje repórter de música da VEJA entrou na Bizz, o mercado editorial já tinha mudado. "Fala-se muito de uma capa da Bizz que vendeu 100 mil exemplares, mas quando entrei a realidade já era diferente, pois a média era de 15 mil. Isso se deve ao fato de que o rock não era mais um gênero hegemônico no Brasil e as bandas de rock também se distanciaram do grande público, deixaram de ir aos programas populares e só queriam ir à MTV, que dava traço (de audiência). E esses gêneros mais populares, como música sertaneja, axé e pagode, começaram a invadir as programações das rádios, os programas de TV e acabou caindo no gosto do público, diferentemente do rock, que se distanciou. Então, um grande desafio da Bizz na época, foi tentar achar certa relevância em meio a um gênero que as pessoas 'não queriam' mais ouvir", analisou Martins.

Eliton Tomasi, que editou a revista Valhalla de 1996 a 2007, não só elevou o nome da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, ao conhecimento dos leitores de todo o Brasil como também transformou seu sonho em realidade. "Com a chegada da MTV, em outubro de 1990, quando completei 13 anos de idade, o rock entrou de vez na minha vida (para nunca mais sair). Outro marco foi a segunda edição do Rock In Rio e o movimento grunge, a partir de 1991/1992. Na época, eu também acompanhava as revistas, especialmente Rock Brigade, Bizz e Metalhead. Foi com essas publicações que fui mais fundo no heavy metal, conheci as bandas do underground, inclusive as nacionais", contou o editor da revista, que inicialmente era um fanzine e tinha o nome Valhalla - Traditional Heavy Metal Fanzine. A revista foi, segundo Tomasi, "se desenvolvendo até chegar a ser uma publicação de rock com pautas plurais, que falavam sobre arte, cultura, filosofia, comportamento, política, etc. Se ajustou a seu próprio tempo e ao tempo das pessoas que pensavam como a revista deveria ser feita. Soube respeitar, inclusive, a meu ver, o tempo de parar."

"Não tem essa de que ninguém compra mais revistas impressas, como muitos querem fazer crer. Fazemos a ROADIE CREW com enorme dedicação, buscando a melhor qualidade possível, e nossos leitores captam isso", concluiu Claudio Vicentin, editor da ROADIE CREW.

ROADIE CREW surgiu, inicialmente como fanzine, e se destacou nos anos 90 com o aviso: "Heavy Metal Explícito"

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records
SOUND CITY RECORDS

anuncio: www.jduartedesign.com
foto Helloween: Fabio Augusto

HELLOWEEN
UNITED ALIVE

CD DIGIPACK TRIPLO

DVD TRIPLO

LIMITADO EM 1000 UNIDADES CADA
Versões BLU-RAY e LPs disponíveis em versões importadas

TAMBÉM DISPONÍVEL

Em 14 meses, a PUMPKINS UNITED fez 69 shows - incluindo 14 shows nos maiores festivais e como headliner - tocando para mais de um milhão de pessoas em 32 países e em três continentes. Esse tão esperado retorno recebeu calorosas recepções. Depois de shows nos EUA e shows adicionais na América Latina, a turnê terminou em dezembro de 2018 com um final altamente emocional em Hamburgo, onde tudo começou em 1984. O sonho continua com o lançamento de "United Alive" e "United Alive In Madrid" Uma experiência audiovisual de extrema qualidade!

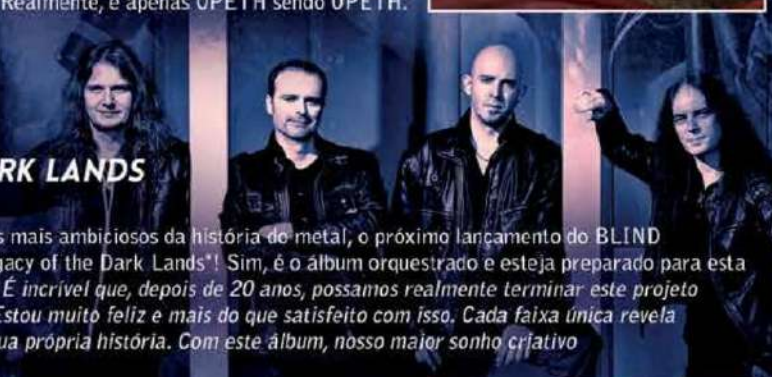
TAMBÉM DISPONÍVEL

Versão SIMPLES ACRÍLICO
e DUPLO DIGIPACK
LIMITADO EM 500 UNIDADES

OPETH
IN CAUDA VENENUM

Poucos discos na obra dos suecos são tão envolventes, delicados, panorâmicos, intensos e musicais quanto o décimo terceiro CD do OPETH. Uma capa inteligente de Travis Smith - repleta de piadas internas e uma homenagem ao KING DIAMOND - uma produção magistral do Park Studios (The Hellacopters, Graveyard), a musicalidade de cinco estrelas, engenhoso na sua capacidade de encantar com melodias acentuadas e melancólicas. Realmente, é apenas OPETH sendo OPETH.

BLIND GUARDIAN
LEGACY OF THE DARK LANDS



Prometendo ser um dos projetos mais ambiciosos da história do metal, o próximo lançamento do BLIND GUARDIAN valerá a pena. "Legacy of the Dark Lands"! Sim, é o álbum orquestrado e esteja preparado para esta experiência única em sua vida. "*É incrível que, depois de 20 anos, possamos realmente terminar este projeto emocionante*", afirma Kürsch. "*Estou muito feliz e mais do que satisfeito com isso. Cada faixa única revela mundos espetaculares e conta sua própria história. Com este álbum, nosso maior sonho criativo finalmente se torna realidade*".

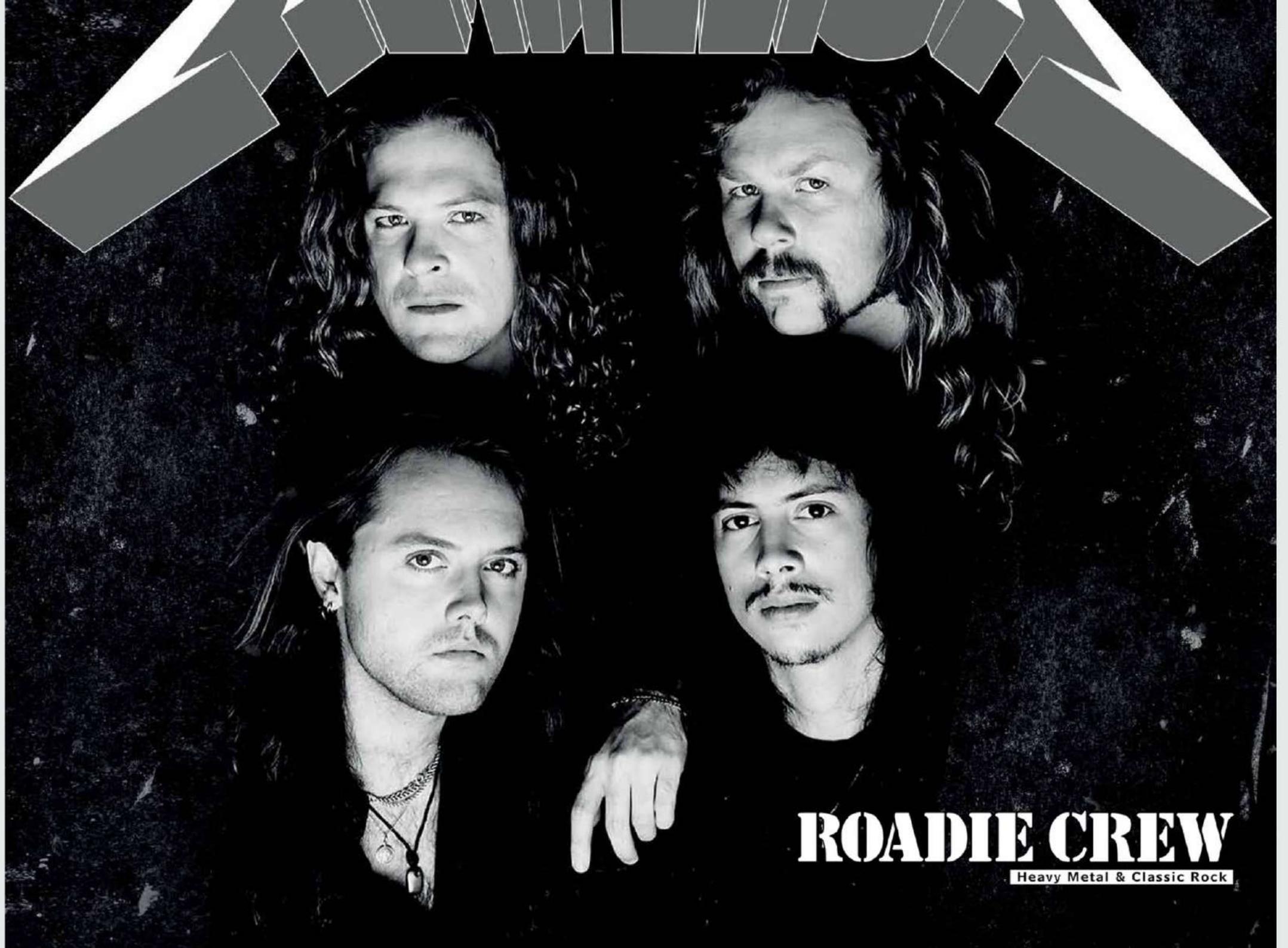
TAMBÉM DISPONÍVEL

KADAVAR
FOR THE DEAD TRAVEL FAST

Apropriadamente intitulado "For The Dead Travel Fast", em homenagem ao poeta gótico alemão Gottfried August Bürger, o quinto disco é uma perigosa jornada para a terra dos mortos, uma incursão nos cantos mais sombrios de nossas mentes. Cuidado, este é o KADAVAR que ficou negro como breu! "*Trilhas sonoras de terror antigas e 'Drácula' de Werner Herzog tiveram um grande impacto neste álbum*", afirma o maníaco Tiger. Pense no HAWKWIND com as velhas melodias do PINK FLOYD, misteriosamente cantadas para você do túmulo pelo guitarrista / vocalista Lupus.

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

METALLICA


METALLICA
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Divulgação/Frontiers

TAMA
PRETTY MAIDS
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

Versão dupla DIGIPACK.
As versões BLU-RAY e LPs disponíveis em versões importadas

SLAYER

THE REPENTLESS KILLOGY

A banda que personifica o espírito do thrash metal!
SLAYER apresenta os grandes clássicos do thrash metal: 'Raining Blood', 'Angel of Death', 'South of Heaven', 'War Ensemble', 'Mandatory Suicide', 'Dead Skin Mask'...

anúncio: www.jduartedesign.com

NILE

VILE NILOTIC RITES

Existe o death metal e então existe o NILE!
O criativo Karl Sanders e o baterista George Kollias mantêm a banda como uma das mais importantes da cena extrema!

ALCEST

SPIRITUAL INSTINCT

Após um longo e intenso período de trabalho no Drudenhaus Studio, a ALCEST pode finalmente anunciar que terminou as gravações do seu sexto álbum de estúdio. O primeiro CD via Nuclear Blast intitulado "Spiritual Instinct". Levando a banda a paisagens sonoras mais sombrias, porém ainda sonhadoras e espiritualmente profundas. Os pioneiros do Blackgaze!

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com